



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de sanção do Projeto de Lei de Gestão de Florestas Públicas**

**Palácio do Planalto, 02 de março de 2006**

Senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo,

Ministra Dilma Rousseff,

Senhor Carlos Guedes Pinto, ministro interino da Agricultura, Pecuária e  
Abastecimento,

Ivan Ramalho, ministro interino do Desenvolvimento, Indústria e  
Comércio Exterior,

Minha querida companheira Marina,

Meu caro Miguel Rossetto,

Meu caro Waldir Pires,

Meu caro Jaques Wagner,

Governadores Wellington Dias, do Piauí, e Jorge Viana, do Acre,

Senadores Eduardo Suplicy, Sibá Machado e Tião Viana,

Deputados Beto Albuquerque e Miguel de Souza,

Senhores representantes de organismos internacionais,

Meu caro Marcos Barros, presidente do Ibama,

Meu caro José Machado, presidente da ANA,

Meu caro Rolf, presidente do Incra,

Meu caro João Paulo Ribeiro Capobianco, secretário de Biodiversidade  
e Floresta do Ministério do Meio Ambiente,

Meu caro Langoni, secretário executivo do Ministério do Meio Ambiente,

Meu caro Roberto Waack, representante do setor empresarial,

Cíntia Leandro, representante das ONGs e Movimentos Sociais,

Meus amigos,

Minhas amigas,



Empresários,  
Trabalhadores,  
Ambientalistas,  
Amigos da imprensa,

Sancionar a Lei de Gestão de Florestas Públicas significa, para mim, muito mais do que a criação de um novo dispositivo que trata da questão ambiental. Significa, isto sim, a coroação de um processo que vem ocorrendo no Brasil nos últimos três anos e que mostra claramente a opção de nosso país pelo desenvolvimento ambientalmente sustentável e com inclusão social.

Digo isto porque a possibilidade de ordenar o uso das nossas florestas, criada por esta Lei, está chegando no mesmo momento em que nossa política ambiental está avançando – e gerando resultados concretos – em suas mais diferentes áreas.

Reduzimos em 31% a derrubada de florestas durante o ano de 2005, graças às ações do nosso Plano de Combate ao Desmatamento. Com isso, conseguimos reverter, pela primeira vez em nove anos, o crescimento na devastação de nossas matas.

Adotamos uma política firme e ousada de criação de unidades de conservação. As unidades criadas pelo nosso governo já atingem 15 milhões de hectares. Isso significa três vezes e meia a extensão do estado do Rio de Janeiro. E um terço da extensão de todas as unidades criadas em nossa história. Além disso, homologamos desde 2003 a demarcação de 55 Terras Indígenas, com a extensão de quase 10 milhões de hectares.

A questão do meio ambiente é hoje ponto central das ações de todos os Ministérios e órgãos do governo. Isto nos permite não apenas ser um dos pioneiros mundiais na produção do Biodiesel – combustível limpo e renovável – mas também planejar as grandes obras de infra-estrutura de forma mais racional.



Hoje, um projeto de rodovias ou de usinas hidrelétricas só é licitado e iniciado quando sua viabilidade ambiental e social é comprovada antecipadamente. Este é o caso do asfaltamento da BR-163, no sul do Pará, região onde historicamente a degradação ambiental e a violência agrária andavam de mãos dadas. Foi exatamente para essa região que criamos, na semana passada, o primeiro Distrito Florestal Sustentável do Brasil.

Graças a esta iniciativa, a estrada será asfaltada no mesmo momento em que vários dos nossos Ministérios estarão trabalhando para garantir a regularização fundiária, combater o desmatamento e a violência e levar os benefícios sociais básicos e o desenvolvimento a toda a população sofrida da região.

Minhas amigas e meus amigos,

A Lei de Gestão de Florestas Públicas reconhece no patrimônio natural um verdadeiro motor para o desenvolvimento brasileiro. Um desenvolvimento que pode ser atingido sem imediatismos e com a devida preservação ambiental.

Nossa maior riqueza natural, a Amazônia, será certamente a área que mais ganhará com a implementação desta lei. Como todos sabemos, a região amazônica tem, hoje, a maior cobertura florestal do planeta. Três quartos de sua porção brasileira são constituídos de florestas públicas. São áreas da União, de estados e de municípios que formam um patrimônio de todos os cidadãos brasileiros. Em resumo, eu poderia dizer que a nova lei garante, para hoje e para o futuro, que essas florestas públicas continuem a ser florestas. E que continuem a ser públicas, o que é muito importante.

Para que elas continuem a ser florestas, estabelecemos uma série de critérios ambientais necessários para que a expansão das atividades econômicas deixe de ser sinônimo de degradação ambiental. Definimos tipos de áreas que podem ser exploradas e outras que devem permanecer intocadas.



Onde a exploração passa a ser permitida, a lei fomenta o uso sustentado dos recursos da floresta. E cria uma série de regras quanto às atividades econômicas nestas áreas. Com isso, abrimos mão de uma expansão econômica rápida e desordenada que gera lucros a curto prazo mas que, em poucos anos, degrada o solo e os ecossistemas que a natureza levou milhares de anos para formar. E, em seu lugar, abraçamos uma política sólida e consistente de desenvolvimento que garantirá aos nossos filhos – e aos filhos de nossos filhos – a oportunidade de viver em um país com tantas riquezas naturais. Para que nossas florestas continuem a ser públicas, estamos revolucionando a forma de sua ocupação.

As terras da União, dos estados e dos municípios poderão ser exploradas por empresas privadas. Mas isto será feito dentro dos parâmetros da lei, através de concessões pagas e conquistadas a partir de licitações. Com isso, ganha o empresário, que poderá explorar legalmente as florestas públicas. Ganha o Estado, que receberá pela concessão e também poderá planejar melhor o uso do patrimônio público. E ganha o meio ambiente, pois o concessionário será obrigado a cumprir uma série de regras ambientais que hoje são desrespeitadas por aqueles que ocupam as florestas de forma ilegal. A justiça social também ganha com esta lei.

Da mesma forma que algumas áreas serão destinadas ao uso comercial por meio de concessões, outras áreas serão destinadas a projetos de manejo comunitário e familiar, tais como assentamentos florestais, reservas extrativistas e projetos de desenvolvimento sustentável. Tais iniciativas beneficiam, em especial, as famílias de extrativistas e de pequenos agricultores da floresta que ainda sofrem com os conflitos agrários e com a violência decorrente da falta de regularização fundiária. E são os melhores exemplos de como a floresta pode sim ajudar a reduzir a desigualdade social.

Meus amigos e minhas amigas,



A criação do Serviço Florestal Brasileiro, parte integrante da lei que sancionamos hoje, dá à sociedade brasileira a capacidade de planejar e gerenciar o uso das florestas e atende a uma reivindicação de mais de 30 anos das entidades envolvidas com o setor. Cabe a este novo órgão gerir e fiscalizar as concessões de florestas públicas no Brasil. A previsão é de que, em dez anos, 13 milhões de hectares de matas, o equivalente a 3% da Amazônia, sejam explorados por meio deste modelo. O Serviço também será responsável por fomentar as atividades de manejo sustentável das florestas e gerir o Fundo Nacional de Desenvolvimento Florestal, outro dispositivo criado pela Lei e que será constituído a partir dos valores pagos pelos concessionários das áreas públicas. Tenho a certeza de que, ao estabelecer a criação destes dois órgãos, a Lei de Gestão de Florestas Públicas já nasce com os mecanismos necessários para a sua rápida implementação. E é com isso que poderemos continuar a cumprir as metas estabelecidas pelo Programa Nacional de Florestas.

Quando elaboramos o programa, em 2003, tínhamos à frente um desafio que já foi citado pelo meu companheiro Capobianco, mostrando que é plenamente possível, na medida em que nós tiramos, pura e simplesmente, a palavra “proibir” e passamos a colocar a palavra “como fazer”, nós conseguimos encontrar o caminho do meio que permite que trabalhadores, que empresários e que outros companheiros que vivem da floresta possam trabalhar da forma mais pacífica, mais tranqüila, sem que ninguém perturbe a paz de ninguém.

Uma característica importante dessa expansão do reflorestamento é a de levar cada vez mais renda e emprego aos pequenos produtores. Em 2005, os pequenos produtores foram responsáveis por 23% das plantações. Quando o programa foi elaborado, eles eram responsáveis por apenas 7% do plantio anual. Avançamos também no manejo sustentado das áreas naturais, elevando de 300 mil para 1 milhão e 300 mil hectares as áreas exploradas desta forma.



Estou certo de que, com os dispositivos criados pela Lei de Gestão de Florestas Públicas, vamos fazer o possível para atingir a meta de 15 milhões de hectares prevista para 2007. Assim, uniremos ainda mais a preservação do meio ambiente a uma vida digna para as inúmeras comunidades que fazem da floresta o seu ganha-pão.

Minhas senhoras e meus senhores,

Já disse em outras oportunidades que estamos conseguindo mudar o Brasil porque o econômico e o social estão andando juntos, produzindo resultados concretos em benefício do nosso povo. Quero dizer hoje que, além do econômico e do social, a política ambiental está de braços dados com o desenvolvimento brasileiro. A maior prova disso é a Lei de Gestão de Florestas Públicas que acabamos de sancionar. Ela amplia a capacidade do Brasil de criar, no presente, oportunidades de uma vida melhor para o nosso povo. E preserva, para as próximas gerações, uma riqueza que nos diferencia da maioria dos países do mundo: nosso inestimável patrimônio natural.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu penso que, em um ato como este, nós precisamos fazer justiça a quem verdadeiramente trabalhou para que essas coisas saíssem do jeito que saíram. Temos vetos na Lei, a Marina vai conversar com a imprensa daqui a pouco, mas o dado concreto e objetivo é que eu vivi um período de Constituinte neste país em que a discussão sobre a questão ambiental era simplesmente a política do 8 ou 80. Não existia diálogo, não existia meio termo, era uma guerra: ou você destrói tudo ou você não destrói nada; ou você transforma a Amazônia em um santuário da humanidade ou você a destrói de forma totalmente descontrolada.

O que a nossa querida companheira Marina fez junto com os seus companheiros do Ministério, junto com o Ibama, junto com os empresários, junto com ONGs, foi provar o quê? Foi provar que quando há a disposição política de governo de encontrar uma solução para um problema que de um



lado era conflituoso, que colocava trabalhadores e empresários sempre brigando, e de outro lado colocava empresários como se fossem empresários praticando atos ilegais todo santo dia, com denúncia pela imprensa. Coloca-se toda essa gente que vivia em conflito em uma mesa de negociação e cria-se um instrumento legal que permite que, como na “Ceia Santa”, a gente possa sentar em paz e com tranqüilidade e começar a decidir como utilizar corretamente esse patrimônio que Deus nos deu de presente e que, muitas vezes, por falta de informação ou por má-fé foi, uma parte dele, dizimada, eu diria até, de forma irresponsável. E muitas vezes irresponsável, não por má-fé, irresponsável por falta do conhecimento, achando que era simplesmente desmatar e plantar outra coisa, que ia dar, sem levar em conta as particularidades e as peculiaridades da própria Amazônia.

Eu acho que hoje todos nós temos mais conhecimento sobre o assunto. Os ambientalistas são mais ambientalistas hoje do que eram há 20 anos; os anti-ambientalistas são menos anti-ambientalistas do que eram há 20 anos; os empresários estão compreendendo melhor; o governo está compreendendo melhor; os trabalhadores compreendem melhor. Não há nenhuma disposição do governo de facilitar as coisas sem nenhum controle, mas também de não proibir sem nenhum controle. Há de se levar a sério cada discussão, e sabem os companheiros que terão a responsabilidade de fazer cumprir esta Lei, que não basta ter a lei porque, no Brasil, tem muitas leis que “pegaram” e outras que “não pegaram”. Portanto, a lei é apenas um instrumento para que os nossos companheiros de ONGs, do Ibama, do Ministério, da ANA, todos os brasileiros se preocupem em acompanhar para que a lei seja definitivamente cumprida e para que ninguém cometa nenhum ato de ilegalidade, seja pequeno, médio ou grande.

Isso não seria possível se nós não tivéssemos uma ministra da qualidade da Marina. Não seria, porque a Marina, ela é a síntese, ela é a mistura da prática com a teoria. Tem muita gente que conhece o meio



ambiente pela teoria, tem muita gente que conhece a prática, porque vive lá. A Marina teve a bênção de Deus de conhecer os dois: nasceu no meio da floresta, aos 16 anos foi para a escola, se formou, e hoje é tanto teórica quanto prática. Ela tem a mesma competência para discutir com um seringueiro do Acre como tem para discutir com um geógrafo ou um geólogo, ou qualquer outro intelectual das nossas universidades. E isso permitiu que ela construísse uma política de trânsito junto aos senadores, junto aos deputados, junto aos empresários, junto às entidades representativas da sociedade civil, e pudesse construir esse projeto.

Certamente, esta Lei não é a ideal. Certamente vai ter gente achando que ela poderia ter um artigo a mais, um parágrafo a menos, ou coisa parecida. E, certamente, vai ter gente que acha que ela é ótima. O que importa não é se ela atingiu totalmente as intenções do governo ou se ela atingiu totalmente as intenções dos empresários ou dos ambientalistas. O que importa é que esta Lei é a demonstração mais viva da competência de fazer a arte do possível que teve a nossa querida companheira Marina.

Eu acho, Marina, que aqui, desta tribuna, eu já elogiei muitos ministros, já fiz rasgados elogios a vários companheiros. E eu acho que hoje é o dia de dizer a todos vocês, e dizer à Marina, porque ela disse que talvez ela termine o governo não tão popular. Para mim, está cada vez mais popular. Para mim, se for candidata a alguma coisa me avise, que eu transfiro meu título para o Acre, só para provar a minha vontade, e como você está popular no meu meio.

Mas eu acho, Marina, que a gente deveria dizer em alto e bom som: eu tenho vários ministros, tenho aqui um grupo de companheiros extraordinários, você conhece todos quanto eu conheço, há 10, 15, 20 anos, alguns há 30 anos. Tem pessoas fantásticas. Agora, Marina, eu acho que todos os brasileiros, os que gostam de você e os que não gostam de você, os que não gostam e nem desgostam de você, eu acho que todos nós sabemos que o Brasil tem como Ministra do Meio Ambiente alguém muito especial.



Eu não sei se, no mundo inteiro, outro país tem uma ministra da qualidade da Marina. Mas eu posso dizer: no Brasil nunca houve, nesta área, alguém com a competência, com a disposição de briga, com a disposição de negociar, com o conhecimento, com a meiguice e com a ternura da nossa companheira Marina.

Meus parabéns pela aprovação do Projeto, Marina.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Recursos Hídricos**

**Palácio do Planalto, 03 de março de 2006**

Senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo,  
Minha querida companheira ministra Marina Silva, nossa ministra do  
Meio Ambiente,

Embaixador Almir Barbuda, ministro interino das Relações Exteriores,

Nelson Hubner, ministro interino de Minas e Energia,

Meu caro companheiro Agnelo Queiroz, ministro do Esporte,

Meu caro Rodrigues Figueiredo, ministro interino das Cidades,

Deputada Marinha Raupp,

Senhores representantes de organismos internacionais,

Meu caro João Bosco, secretário de Recursos Hídricos do Ministério do  
Meio Ambiente,

Meu caro José Machado, presidente da Agência Nacional de Águas, a  
ANA,

Senhor Gerson Kelman, presidente da Agência Nacional de Energia  
Elétrica – ANEEL,

Senhor – não está aqui presente – o Rolf, presidente do Incra,

Senhor Maurício Mendonça Jorge, representante dos usuários dos  
recursos hídricos,

Senhor Francisco de Assis Souza Filho, representante da sociedade  
civil, ONGs e movimentos sociais,

Meus amigos do Ministério do Meio Ambiente, da ANA,

Meus companheiros do governo,

Empresários,

Mulheres e homens comprometidos com a defesa do meio ambiente,



Jornalistas presentes,

Bom, antes, dizer a vocês que ontem nós tivemos um dia gratificante, porque ontem nós sancionamos a Lei de Florestas, uma necessidade extraordinária para um país que tem, ainda, as reservas florestais que nós temos. E fazer uma lei que cuide das nossas florestas, dando cidadania às pessoas que delas quiserem fazer uso para o desenvolvimento do Brasil, não é pouca coisa e, quem sabe, seja um ensinamento a outros países que ainda têm florestas, senão iguais às nossas, pelo menos próximas às que nós temos. Dá cidadania, porque permite que os empresários que queiram trabalhar com madeira, neste país, não precisem viver na clandestinidade, não precisem viver sendo procurados cotidianamente pela Polícia Federal, pelo Ibama, pelo Ministério como um todo, mas terão certificado o seu trabalho e garantida a sua função empresarial, da mesma forma que os trabalhadores que quiserem fazer uso da floresta.

E hoje nós estamos cuidando, aqui, dos recursos hídricos. E amanhã, como disse a Marina, vamos cuidar do total da nossa biodiversidade com a Conferência que se inicia na cidade de Curitiba.

Eu penso que o que foi feito por você, Marina, envolvendo todos os organismos do Ministério do Meio Ambiente e os outros Ministérios envolvidos diretamente nesses assuntos, ou seja, eu penso que será percebido com muito mais força daqui a alguns anos, porque nós estamos constituindo todo um marco regulatório, dando os artigos necessários para que a sociedade tenha maior poder de controle. Agora, todos nós sabemos que tudo isso precisa, agora, ter uma dimensão maior de participação da sociedade para que essas coisas aprovadas sejam colocadas em prática.

Eu penso que o trabalho de vocês é um trabalho extraordinário. Vocês estão lembrados que quando nós tomamos posse, a gente dizia que primeiro a gente iria fazer o possível, depois a gente iria fazer o necessário e, depois, a gente iria fazer até o impossível. E eu acho que o que vocês conseguiram



provar é que não existe nada impossível de ser feito. O impossível, na verdade, é apenas um pouco mais difícil.

Enquanto no âmbito da burocracia governamental, que envolve vários ministros, essa coisa parece impossível de ser feita, a solução, que não é mágica, é uma solução que nós trazemos na nossa experiência de vida, é convidar a sociedade para ensinar o governo como fazer da forma mais democrática possível. E aí o Ministério conseguiu gerir este projeto e essas políticas todas que estamos apresentando.

Eu quero começar, então, dando os parabéns a todos que trabalharam, que tiveram paciência para ouvir. O exercício da democracia muitas vezes parece mais difícil, mas não tem nada melhor do que ele para que a gente possa tomar as decisões e co-responsabilizar não apenas um Ministro, um governo, mas a sociedade pelo filho que nós conseguimos colocar no mundo.

Portanto, começo te dando os parabéns, Marina, e a todo o pessoal que junto contigo, da ANA, dos Recursos Hídricos e de outros Ministérios que tão bem te ajudou a trabalhar isso.

Depois, eu quero falar da participação popular. Na verdade, no nosso governo a participação tem sido a viga mestra das principais decisões que nós temos tomado. Nós já tivemos 17 conferências nacionais. Eu, pessoalmente, já participei de 11 e, certamente, teremos tantas quantas forem necessárias, porque se tem uma coisa que nós não temos que ter preocupação é juntar o povo e perguntar para o povo como fazer as coisas direito neste país. E isso foi a razão do sucesso do que estamos lançando hoje, aqui. O Plano Nacional de Recursos Hídricos é um exemplo dessa conduta. O que temos aqui é o desfecho de um processo que envolveu, ao longo de três anos, cerca de sete mil pessoas em debates e consultas realizados em todo o território nacional, nas três esferas da federação: cidades, estados e a União.

Trata-se, portanto, de uma busca de consenso para gerir e preservar recursos que são vitais para a vida humana, o ambiente e o desenvolvimento. Um método, na verdade, muito superior a qualquer decisão burocrática que



pudéssemos tomar. Se destaco esse processo de elaboração é porque tenho a convicção de que na história o “como fazer” é tão importante quanto o “que fazer”.

Para nosso governo, a escolha entre congelar o presente ou saquear o futuro é uma falsa escolha, que não serve à natureza, não serve à economia e não serve à sociedade. O Brasil precisa crescer e preservar a natureza ao mesmo tempo e com igual intensidade. Para harmonizar esses objetivos só há uma alternativa – esta que a ministra Marina Silva tem valorizado e que o nosso governo adotou como método. Trata-se de fortalecer o papel desbravador da democracia participativa na busca de novos caminhos e consensos para o desenvolvimento brasileiro.

Minhas amigas e meus amigos,

O Plano Nacional de Recursos Hídricos é mais um tijolo nessa arquitetura de um país em construção. Com ele, o Brasil dá um passo adicional para proteger e usar com responsabilidade o patrimônio valioso que a natureza guardou em nossas fronteiras. O novo plano vai orientar a gestão das águas nacionais e, ao mesmo tempo, fortalecer nossa caminhada rumo ao cumprimento de um dos Objetivos do Milênio. Estou falando da meta que prevê aumentar o acesso ao saneamento e à água potável, reduzindo pela metade a população que ainda não conta com este benefício. Sabemos que a precariedade do saneamento básico e da oferta de água potável é uma das principais causas da mortalidade infantil, além de contribuir para a degradação acelerada dos recursos hídricos.

Desde o primeiro ano do nosso governo, lutamos para retomar os investimentos numa área gravemente negligenciada nos anos 90. Em 2003, atendemos a uma reivindicação histórica dos municípios e permitimos a captação direta de recursos pelas administrações locais para investir em saneamento básico. Nos últimos três anos aplicamos mais de R\$ 7 bilhões de reais nesse setor e para 2006 asseguramos mais R\$ 3 bilhões de reais com a mesma finalidade. Devemos, porém, aumentar ainda mais esses investimentos



com a aprovação da nova Política de Saneamento, enviada à Câmara dos Deputados em maio do ano passado pelo nosso governo. Tenho a certeza de que a saúde da população e a preservação das nossas águas terão no Poder Legislativo a urgência cívica que merecem, sem o atropelo de interesses particularistas ou eleitorais.

A Lei de Gestão de Florestas Públicas, sancionada ontem após a sua aprovação pelo Congresso Nacional, é um exemplo de que é possível construir um consenso em torno de um futuro melhor. Com ela, a sociedade deu um basta à ação predatória que avançava no rastro da omissão pública na Amazônia – e com isso também avançou na defesa de nossos recursos hídricos, que mantêm uma profunda interdependência com a floresta. Graças às ações de governo, entre 2004 e 2005, o ritmo das derrubadas na Amazônia brasileira caiu 31%. Esta é a primeira grande vitória dos últimos nove anos contra a devastação na grande reserva de água doce do planeta. Desde 2003, criamos ainda 15 milhões de hectares de Unidades de Conservação na Amazônia. Significa dizer que 33% de tudo o que o Estado brasileiro preservou na floresta foi iniciativa do nosso governo.

Meus amigos e minhas amigas,

O Brasil tem hoje uma política ambiental à altura da sua responsabilidade planetária e condizente com as urgências sociais do seu povo. Somos a quinta maior população do globo e a grande reserva de biodiversidade do planeta. Esse diferencial nos credencia a buscar um projeto de desenvolvimento justo e inovador no século XXI. A liderança brasileira na reciclagem da matriz energética mundial é um pedaço desse caminho, que estamos pavimentando como prioridade estratégica. Cerca de 40% da nossa demanda já é atendida por fontes renováveis de energia. No resto do mundo, a média é inferior a 15% e não chega a 7% no caso das nações mais ricas do mundo.

Com o etanol e o biodiesel, o Brasil tem condições de dar um passo à frente, tornando-se o maior fornecedor de energia renovável do planeta Terra.



É com o olhar voltado para esse horizonte que devemos avaliar o papel do novo Plano Nacional de Recursos Hídricos. Ele representa mais um arco de sustentação na grande ponte que elevará o Brasil à condição de primeira grande potência energética e ambiental da nossa história. Não se trata de reduzir nossa economia a uma base exportadora de matéria-prima barata, baseada na fartura das nossas águas, na generosidade do sol tropical ou na extensão de um imenso território. Trata-se, isto sim, de plantar e processar em solo brasileiro o petróleo do século XXI. E, principalmente, de consolidar em nossa terra uma nova relação entre desenvolvimento e natureza, numa parceria sustentável que gere empregos e equilíbrio ambiental, soberania estratégica e justiça social.

Minha querida Marina, meus queridos companheiros,

Ontem eu terminei a minha fala, ao sancionar a Lei, elogiando a Marina. Pasmem! Para minha surpresa, alguém disse que é porque a Marina era candidata a governadora do Acre. Eu, se tivesse que elogiar a Marina para ela ser candidata a governadora do Acre, eu iria para o Acre elogiá-la, e não aqui em Brasília, onde as pessoas não votam no Acre. Segundo, se elogiei a Marina do jeito que eu elogiei, certamente é porque, se tem uma pessoa que, pela sua dedicação, pela sua compreensão, pela sua – eu diria – vontade que as coisas aconteçam, numa área difícil, porque hoje está fácil falar de meio ambiente, hoje está ficando fácil ser ambientalista. Mas eu me lembro que há 20 anos atrás, num debate, a questão do meio ambiente era tão pouco divulgada, no Brasil, que um amigo meu, ao se defender de um ambientalista que dizia que era preciso preservar o meio ambiente, fez um discurso veemente dizendo: o teu partido não está com nada. Porque o meu partido defende o ambiente. Porque nós não queremos saber de meio ambiente, nós queremos é defender o ambiente inteiro.

Bem, a verdade é que as palavras biodiversidade, ecossistema e outras que eu já aprendi no governo, nas reuniões com o Ministério da Marina, estão ficando palavras fáceis de ser pronunciadas por crianças, por jovens, estão



aprendendo na escola, estão ensinando aos pais, estão aprendendo nas fábricas, nos escritórios, na televisão, no rádio, na imprensa. Então, aquilo que era difícil, na década de 80, começa a ficar fácil e mais maduro na década de 2000. E isso se deve à compreensão dos companheiros que assumiram o Ministério.

Eu me lembro – e faço questão de dizer aqui – que quando eu indiquei a Marina para ser ministra, e ela montou o Ministério, me disseram: “Presidente Lula, aquilo não é um Ministério, aquilo é uma ONG”. Ora, e o que aconteceu de verdade? O que aconteceu de verdade é que o governo inteiro e a sociedade avançaram para compreender o papel do Ministério do Meio Ambiente, e no meio ambiente as pessoas aprenderam para compatibilizar as necessidades do desenvolvimento do Brasil com a política de preservação ambiental, sem que isso parecesse coisas antagônicas. Ou seja, com a maior naturalidade, sem nenhuma dor. Esses dias eu fui convencido de que a gente não precisaria fazer a hidrelétrica de Ipueiras. Por quê? Porque ela iria alagar uma área de mil e 63 quilômetros quadrados de cerrado virgem para produzir apenas 400 megawatts de energia. E nós tínhamos, no Brasil, um monumento à insanidade que era Balbina, que alagou praticamente três mil quilômetros para produzir apenas 270 megawatts de energia. Então, para que fazer isso se a gente pode tentar encontrar outros meios? Há quem não goste, há quem nos critique. Mas isso só é possível pela prevalência do bom senso nas nossas conversas. Ou seja, ninguém quer ganhar de ninguém, não tem tese sobre tese. Tem uma única coisa: é pensar que das nossas divergências e das nossas convergências, quem deve ganhar é o Brasil. E quem deve ganhar, sobretudo, são os que virão depois de nós, aqueles que nós responsabilmente colocamos no mundo, que os nossos filhos e que os nossos netos irão reproduzi-los, eles é que um dia irão julgar, possivelmente, a nossa passagem pela vida, diferentemente do que julgamos hoje. Alguns estados brasileiros, alguns modelos de desenvolvimento, se tivessem sido pensado corretamente a gente não estava com cidades inteiras deterioradas, com rios totalmente



irrecuperáveis no curto prazo. Não porque não seja recuperável, porque não tem dinheiro para recuperá-lo no curto prazo.

Então, no Brasil, o Ministério do Meio Ambiente, as pessoas que cuidam disso, o Ministério Público, que muitas vezes nós reclamamos, mas temos que reconhecer: são esses instrumentos que nós temos para não permitir que façamos no século XXI as loucuras que fizemos no século XX ou no século XIX. Nós já aprendemos. Se nós estamos vendo países inteiros da Europa recuperando os rios que passaram séculos poluídos, por que nós vamos poluir aqueles que ainda não estão poluídos para as nossas futuras gerações gastarem recursos recuperando o que nós estragamos? Vamos ter bom senso, fica mais barato não estragá-los do que estragá-los para depois recuperá-los. Fica mais fácil utilizar o bom senso neste momento.

Então, eu quero dizer para vocês que termino a minha semana – a semana de Carnaval, obviamente – mas uma quarta, quinta e sexta ambientalmente correta e produtiva para o nosso país.

E eu queria dizer, Marina, sem que você seja candidata, obviamente, eu queria dizer o seguinte: por que a Marina age assim? Por que alguém age assim? Por que alguém tem a paciência... A Marina já participou de reunião em que, praticamente, com 10 ministros, 9 ministros, eu presente e a totalidade está contra a tese da Marina e uma semana depois, duas semanas depois, na mesma reunião, com as mesmas pessoas, a gente começa a convencer as pessoas, porque a Marina, como brasileira que é, e seringueira, não desiste nunca, ela fica perseverando, fica ali. Quando ela percebe que vai perder, ela pega a Bíblia, pensa, lê e vai levando.

Então, como ontem, eu queria dizer isso só para dizer, Marina, o seguinte: só é possível uma pessoa chegar ao nível de comportamento, de poder de decisão que a Marina tem depois de muito sofrimento, depois de muito aprendizado, depois de muita coisa que lhe aconteceu na vida.

E qual é a vantagem que a Marina tem sobre os demais, sobre os seres mortais comuns como nós? É que a Marina tem o conhecimento prático das



coisas nas suas veias, no sangue, porque ela veio de lá. Segundo, porque ela tem o conhecimento teórico, no cérebro, porque não se contentou com os conhecimentos práticos, ela combinou as duas coisas. E, terceiro, uma coisa que todo ser humano precisa aprender a ter: é que a Marina tem sensibilidade política no coração para ajudar a decidir as coisas.

Com esses três quesitos – prática, teoria e sensibilidade – nós só poderíamos estar aqui, hoje, dando os parabéns à nossa companheira Marina e aos que junto com ela trabalharam, para que a gente pudesse produzir uma das peças mais brilhantes que o mundo já produziu, na defesa das nossas questões hídricas, das nossas florestas.

Mais uma vez, querida, meus parabéns. Parabéns a todos que trabalharam com você. Parabéns à ANA, parabéns ao Recursos Hídricos, parabéns ao Langoni, parabéns ao Capobianco, parabéns à sociedade civil, aos empresários, à sociedade civil representante dos usuários.

Eu quero dizer o seguinte: vocês fizeram um gesto hoje. Qual é o gesto? O governo não precisa saber tudo, o governo não precisa compreender tudo, o governo tem apenas que ter a sensibilidade de deixar que as pessoas digam ao país o que é melhor para o próprio país. Foi isso que aconteceu.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, na abertura da Conferência Internacional sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural**

**Porto Alegre – RS, 06 de março de 2006**

Excelentíssimo senhor Antônio Carlos Hohlfeldt, ilustre governador em exercício do Rio Grande do Sul,

Excelentíssimo senhor Jaques Diouf, ilustre diretor -geral da FAO,

Excelentíssimo senhor embaixador, Samuel Pinheiro Guimarães, ministro de Estado interino das Relações Exteriores,

Excelentíssimo senhor Miguel Rossetto, ministro de Estado do Desenvolvimento Agrário,

Excelentíssimo senhor Patrus Ananias, ministro de Estado do Desenvolvimento Social,

Excelentíssimo senhor José Graziano, assessor especial da Presidência da República,

Excelentíssimo senhor Joaquim Clotet, magnífico reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,

Excelentíssimo senhor José Fogaça, senador José Fogaça, meu colega no Senado, prefeito de Porto Alegre, em nome de quem saúdo todas as autoridades municipais aqui presentes, da capital e do interior, prefeitos, vereadores,

Excelentíssimo senhor Henri Saragih, representante da sociedade civil internacional,

Excelentíssimo senhor Lennart Bage, presidente do Fundo Internacional para o Desenvolvimento da Agricultura das Nações Unidas,



Excelentíssimo senhor embaixador Flávio Perri, representante permanente do Brasil junto à FAO, em nome de quem saúdo todos os diplomatas aqui presentes,

Excelentíssimo senhor deputado federal Orlando Desconsi, em nome de quem saúdo todos os parlamentares federais aqui presentes,

Quero cumprimentar também os deputados estaduais aqui presentes, na pessoa do Frei Sérgio, com quem estive há poucos minutos,

Quero cumprimentar também a todos os senhores chefes de delegações governamentais e demais participantes desta Conferência,

Excelentíssimas autoridades do estado do Rio Grande do Sul,

Excelentíssimas autoridades do Poder Judiciário, militares aqui presentes, autoridades eclesiásticas, representantes da sociedade civil, senhoras e senhores,

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva estaria aqui hoje. Era de sua vontade, mas uma viagem já programada há mais tempo o levou hoje ao Reino Unido. Saiu às sete e meia da manhã e me pediu que aqui estivesse para representá-lo nesta Conferência e é o que faço aqui hoje.

É com muita honra e também com grande satisfação que o nosso país dá boas vindas à Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, FAO, e a todos os participantes da 2ª Conferência Internacional sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural. Nós, brasileiros, temos muito orgulho de participar daquela que sempre foi a bandeira principal desse Organismo, a luta contra a fome e a pobreza. Ainda em 2004, os chefes de Estado e de Governo do Brasil, da França, Chile e Espanha realizaram, durante a Assembléia-Geral da ONU, reunião de alto nível para promover a ação internacional contra a fome e a pobreza.

Na reunião, mandatários de 60 países e mais de 100 delegações responderam positivamente a essa iniciativa que conta agora com a adesão da Alemanha e Argélia ao grupo técnico inicial. Desde então, propusemos



mecanismos inovadores de financiamento internacional para os fundos de combate à fome e à pobreza. Sua melhor forma de implementação está sendo agora debatida na Comunidade das Nações.

Queremos, com esses fundos, permitir aos países em desenvolvimento os recursos para dois tipos de ações: o combate emergencial à fome e a adoção de medidas estruturantes para que suas populações mais sofridas conquistem uma vida mais digna. Ações, aliás, que nos empenhamos em conciliar aqui no Brasil desde o primeiro dia do nosso governo e que, graças a Deus, vêm dando resultados concretos. Estou falando da adoção simultânea de programas emergenciais de amplo alcance e de mudanças estruturais que vão possibilitando cada vez mais o surgimento de novas oportunidades de emprego e geração de renda para milhões de cidadãos.

Hoje, mais de 8 milhões e 700 mil famílias, 77% da população que vive abaixo da linha da pobreza no Brasil, recebem o Bolsa Família, que é o principal instrumento de ação do programa denominado Fome Zero. Trata-se de um programa de transferência de renda em que as famílias beneficiadas, em contrapartida, mantêm seus filhos na escola e cuidam regularmente da saúde. Com a renda do Bolsa Família, cerca de 40 milhões de brasileiros e brasileiras, antes praticamente esquecidos pelo poder público, podem, hoje, ter três refeições por dia e voltar a acreditar no próprio futuro.

Além disso, a injeção dos recursos, por meio desse e de outros programas, movimenta as economias locais, fortalece a agricultura e gera empregos nas mais diversas regiões de nosso território, criando aquilo que chamamos de “porta de saída de condição de miséria”. Duas das mais efetivas e definitivas dessas portas de saída, porém, são a reforma agrária de qualidade e o desenvolvimento rural.

Como bem disse o ministro Miguel Rossetto, os resultados que acumulamos desde 2003 nessas duas áreas mostram que hoje a vida dos homens e das mulheres do campo já é melhor. E isso vai muito além dos



benefícios emergenciais e do acesso a terra. Nossos assentamentos ganharam em quantidade e qualidade. A oferta dos serviços básicos de saúde, de educação, assistência técnica rural e de infra-estrutura estão sendo para nós a prática que acompanha a regularização das terras. E isso ocorre no mesmo momento em que o crédito para a agricultura familiar e para trabalhadores rurais assentados passa por uma elevação sem precedentes em nossa história. A reforma agrária e o desenvolvimento rural estão sendo, portanto, passos imprescindíveis na caminhada que já transforma o Brasil em uma Nação justa e com melhor distribuição de renda.

Temos nos esforçado muito no sentido de promover um desenvolvimento que se caracteriza também pela sustentabilidade ambiental. Está conosco, aqui, hoje, participando desta abertura da Conferência, a ilustre ministra Marina Silva, que é a responsável hoje por essa questão ambiental no Brasil. E vocês que estão aqui, de vários países do mundo, acompanhem o trabalho da ministra Marina Silva, admirável na preservação ambiental do nosso país, especialmente no que diz respeito à preservação da Amazônia, região de onde ela vem. De modo que é muito bom que tenhamos aqui hoje presentes, além do ministro Miguel Rossetto, que é o responsável direto pela questão aqui tratada nesta Conferência, há também a ministra Marina Silva e o ministro Patrus Ananias. Todo aquele programa de que falei, antes ligado ao Bolsa Família e que hoje contempla cerca de 40 milhões de brasileiros que, direta e indiretamente estão participando desse programa, que além de ser de assistência é também educativo, no sentido de que o cidadão possa encontrar condições de se manter através do trabalho, através da produção, através da participação em programas dessa natureza.

O Brasil, como os senhores sabem, é um país de oito e meio milhões de quilômetros quadrados, um país que possui água abundantemente. Nós temos, alguns falam em 15% das águas doce do Planeta; outros falam em 12%. Seja lá como for, é muita água. Temos sol, a fotossíntese aqui é muito forte. Então,



o Brasil tem terra, água, sol e tem um povo laborioso, trabalhador, um povo dedicado. E nós podemos realizar um trabalho excepcional no campo da produção agrícola, hoje moderna, porque não há mais como deixar de lado a questão ligada à competitividade de que falou o nosso diretor-geral da FAO, porque uma família assentada precisa ser competitiva em relação a uma agricultura mecanizada.

Então, é preciso que nós também pensemos em realizar ou multiplicar as realizações de grandes centros, grandes núcleos residenciais, cada família com a sua terra, porém, vivendo em um verdadeiro sistema cooperativo, para que tenha a orientação precisa, não só do ponto de vista técnico, como também mercadológico, além de um núcleo residencial, em que possa haver educação para as crianças e também uma assistência de saúde, que é absolutamente indispensável.

Eu, hoje, trouxe comigo a resposta de uma carta que me foi dirigida por companheiros que estão preocupados com o sistema de reforma agrária no Brasil e essa resposta é a informação de que há 28 mil hectares, no estado de Rondônia, que estão disponíveis para ser objeto de um assentamento. Mas um assentamento lá, naquela distância, ainda que as terras sejam boas, é preciso que seja um assentamento capaz de acolher as famílias em condições de viver, de educar os filhos, de dar saúde e de dar, também, condições técnicas para que a produção ali se faça de forma mecanizada, em conjunto, por todos aqueles proprietários que lá estarão. Porque, do contrário, dificilmente nós encontraremos condições de competitividade na área, por exemplo, na produção de grãos, em que o Brasil é um país até forte hoje.

Então, tudo isso eu estou dizendo para trazer para vocês que estão aqui, empenhados numa questão da mais alta relevância, não só para o Brasil como para todo o mundo, trazer alguma informação das preocupações que residem na preocupação diária, diuturna do governo, instalado a partir das eleições de 2002. Esse governo comprometido com a questão de distribuição da renda,



com condições que deixem os brasileiros capazes de levantar a cabeça e com dignidade participar da cidadania nacional.

Temos obtido importantes avanços no que concerne à inserção da variável ambiental no Programa do Planejamento das Políticas Setoriais de Desenvolvimento, como por exemplo, o estabelecimento de novo modelo para o setor elétrico; o estabelecimento de uma nova abordagem para os projetos de infra-estrutura na Amazônia, como é o caso da pavimentação da BR-163, que liga Cuiabá a Santarém, onde se priorizou a formulação de um plano de desenvolvimento para a região de influência da rodovia, com ampla participação da sociedade e que, dentre outros aspectos, definiu a regularização e o ordenamento fundiário como passos anteriores à pavimentação da estrada.

Um outro ponto, a criação do plano de combate ao desmatamento da Amazônia, que em seu primeiro ano de implementação conseguiu reduzir a taxa de desmatamento anual da região em 31%, sendo esta a primeira redução verificada nos últimos nove anos. A formulação do plano nacional de recursos hídricos, atendendo a uma das Metas do Milênio das Nações Unidas, coloca o Brasil como primeiro país latino-americano a alcançar este resultado.

Também outro ponto: a criação da Lei de Gestão de Florestas Públicas que, além de outros aspectos, assegura às populações tradicionais da Amazônia, que são os índios, os ribeirinhos, os seringueiros, a prioridade na destinação de terras públicas da Amazônia e cria vários instrumentos de apoio para o desenvolvimento de uma economia baseada no uso sustentável das florestas.

Estamos trabalhando atualmente na formulação de um programa para apoiar o desenvolvimento sustentável das populações tradicionais do Brasil, para que essas populações tenham o apoio de políticas públicas de desenvolvimento específicos, que respeitem suas especificidades culturais. Não precisa ficar triste não, porque está quase acabando.



Senhoras e senhores,

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem afirmado que a marca instintiva de nosso governo é que agora o econômico e o social caminham de braços dados e um dos melhores exemplos para ilustrar esse momento virtuoso em que vivemos é a reforma agrária. Isso por quê? Para avançar na reconstrução de nosso país e prolongar por um longo ciclo o nosso desenvolvimento é imprescindível que tenhamos uma economia nacional cada vez mais forte. Para tanto, precisamos aumentar o mercado interno, precisamos também elevar a capacidade produtiva e reduzir cada vez mais as desigualdades, sejam elas entre as regiões do país, sejam elas entre nossos cidadãos.

A experiência internacional nos mostra que a ocupação equilibrada, a redução do abismo social e o fortalecimento da produção e da economia são os resultados de uma reforma agrária bem conduzida. Uma reforma agrária inteligente e responsável, sem prejuízo nunca das empresas que estejam produzindo e ganhando mercados internacionais. Ao contrário, temos que estar preparados para produzir ao lado delas, mas com espaço suficiente para que todos os brasileiros possam trabalhar e viver dignamente.

Conduzir uma reforma agrária de qualidade é, portanto, uma oportunidade histórica para qualquer país que busque o pleno desenvolvimento de seu potencial humano e de seu potencial econômico. Estamos felizes, conseguindo fazer essa condução de maneira pacífica e justa. Possibilitamos à nossa população mais sofrida o direito de tirar da terra o sustento e o futuro de suas famílias e criamos as bases para que o Brasil possa, cada vez mais, avançar no desenvolvimento sustentado e na redução das desigualdades sociais.

Senhoras e senhores,

Agora está acabando mesmo, ninguém precisa ficar triste, só tem uma página e meia de letra grande.



Realizar esta Conferência aqui, no Campus da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, palco das três primeiras edições do Fórum Social Mundial, significa mais do que uma feliz coincidência, significa, isto sim, que voltamos a nos encontrar para pensar o futuro da sociedade de todas as partes do Planeta. Porto Alegre tem sido o testemunho privilegiado dessa busca por um mundo justo, um mundo menos desigual no qual todos possam se beneficiar com o crescimento econômico, um mundo do qual certamente a reforma agrária e o desenvolvimento rural fazem parte.

Saúdo, portanto, os organizadores desta Conferência, pela feliz iniciativa de oferecê-la à memória do grande brasileiro que foi Josué de Castro, que dedicou sua vida a essas mesmas bandeiras. Todos que conhecem Josué de Castro sabem que uma de suas obras mais importantes foi a geografia da fome e nós, naquele tempo... Eu tenho três filhos, duas meninas e um menino, um menino de 42 anos, eu sou casado há 48. Muita gente pensa que eu tenho 48 anos de idade mas não é não, é de casado. Esse meu menino se chama Josué e foi em homenagem ao Josué de Castro, pela admiração, pelo respeito que nós sempre tivemos por ele.

Quero dar meus parabéns ao senhor Jaques Diouf, à FAO, ao nosso querido ministro Miguel Rossetto e a todas as organizações da sociedade civil e movimentos populares que ajudaram na organização deste evento e que estão hoje aqui presentes. Nossa parceria, simbolizada nesta Conferência, já está concretizada nos inúmeros projetos conjuntos que beneficiam a vida de milhões de brasileiros. Devemos prosseguir nessa caminhada, pois juntos, tenho certeza disso, poderemos avançar ainda mais na garantia de uma vida digna para aqueles que vivem da terra, que trabalham a terra e cujas famílias merecem todo o nosso apreço, todo o nosso apoio e tudo aquilo que a sociedade possa fazer para que eles cresçam juntos com o desenvolvimento do Brasil.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do Banquete de Estado oferecido pela Rainha Elizabeth II**

**Londres-Inglaterra, 07 de março de 2006**

Muito obrigado, Majestade, pela acolhida e pelas palavras generosas dirigidas a mim e ao povo brasileiro. Estou seguro de que elas expressam um sentimento profundo. Esta visita de Estado inicia novo capítulo das relações entre nossos governos e sociedades.

A hospitalidade britânica sempre atraiu para o Reino Unido muitos brasileiros. Trabalhadores e estudantes, intelectuais e artistas – como o nosso Ministro da Cultura aqui presente – encontraram aqui abrigo para explorar oportunidades, aprofundar conhecimentos, demonstrar criatividade, realizar aspirações. Com dedicação, profissionalismo e sacrifício pessoal, todos eles estão também ajudando a construir o futuro deste país.

Majestade,

As afinidades e o caráter empreendedor de nossos povos vêm impulsionando uma relação de grande fecundidade, cujo potencial apenas começamos a realizar. O excepcional momento que vivem nossas economias oferece amplas oportunidades. Temos hoje a possibilidade de unir esforços para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo em diferentes áreas.

Em ciência e tecnologia, o Plano de Ação que será adotado durante minha visita é o roteiro para a renovação de nossa agenda de trabalho. O aprofundamento da cooperação bilateral em biotecnologia e mudança do clima, em particular, confere nova dimensão a nosso relacionamento.

No Brasil, estamos convencidos de que não haverá desenvolvimento sem respeito ao meio ambiente. Nosso trabalho na Amazônia é prova desse compromisso. A redução de mais de 30% da taxa de desmatamento em 2005 é o melhor resultado nos últimos 9 anos: renova nosso otimismo e encoraja-nos



a redobrar nossa vigilância e nosso empenho.

Acabamos de aprovar uma lei que define as regras de gestão de 60% de uma das maiores áreas florestais do mundo. Seu aspecto mais inovador é o fato de permitir a combinação, por meio de concessões, da gestão privada e sustentável das florestas com o monitoramento e controle públicos.

A água é outro patrimônio que merece nossa proteção. O Plano Nacional de Recursos Hídricos, construído por meio de amplo processo de consultas à sociedade brasileira, norteará a gestão e conservação desse recurso estratégico.

No campo das energias limpas, o Brasil está pronto para compartilhar sua experiência na área de biocombustíveis, em particular o etanol e o biodiesel. Por meio de um trabalho conjunto, poderemos “plantar o petróleo” do futuro, abrindo caminho para a utilização de combustíveis renováveis e não-poluentes em escala global. Penso, por exemplo, em uma cooperação triangular para gerar energia e empregos em outros países em desenvolvimento, em particular da África. Queremos, também, intensificar nossa cooperação com o Reino Unido no âmbito do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo do Protocolo de Quioto.

Majestade,

São boas as recordações de sua visita a nosso país em 1968. O Brasil ficaria honrado em recebê-la novamente, para que possa conhecer as importantes conquistas nos campos político, econômico e social.

Recuperamos e aprofundamos a democracia. Desenvolvemos uma economia dinâmica e competitiva. Estamos construindo uma sociedade mais justa, em que a distribuição de riqueza não é o resultado, mas o motor de um projeto nacional de desenvolvimento; um país em que ajustes macroeconômicos não são um fim, mas um instrumento de crescimento, geração de empregos e diminuição das desigualdades sociais; uma nação em que a solidariedade e as políticas afirmativas ajudam a superar a indiferença e a discriminação.



Percebo, no Reino Unido, o mesmo espírito de renovação, tanto no plano interno, como no internacional. Confiamos em que a liderança do Reino Unido na Europa, no G-8 e no cenário multilateral contribuirá decisivamente para que avancemos em temas de interesse mútuo.

O Primeiro-Ministro Blair e eu estamos empenhados em desbloquear as negociações multilaterais de comércio. A conclusão exitosa da Rodada de Doha, com a realização dos altos propósitos de uma genuína Agenda para o Desenvolvimento, é prioritária para os governos do Brasil e do Reino Unido.

Nossos países têm laços e responsabilidades especiais em relação à África. Precisamos desenvolver mecanismos de cooperação trilateral que permitam que todo o potencial de nossas experiências seja utilizado em benefício dos países africanos, em particular os mais pobres.

Juntamos esforços, igualmente, no combate ao terrorismo, ao narcotráfico e aos crimes transnacionais. Para enfrentarmos com mais eficiência e legitimidade essas novas ameaças, coincidimos em que são essenciais o respeito aos direitos humanos e a reforma do sistema multilateral, em especial das Nações Unidas. O apoio do Reino Unido – que muito agradeço – à aspiração brasileira a um assento permanente em um Conselho de Segurança reformado é prova dessa visão comum.

É firme nosso compromisso com o Haiti. O êxito do processo de pacificação daquele país não depende somente das tropas da ONU, que o Brasil comanda. A chegada dos recursos prometidos pela comunidade internacional é fundamental para a tarefa de reconstrução. Sabemos que contamos com o empenho britânico nessa tarefa.

Majestade,

O Brasil e o Reino Unido partilham ideais universais, como a defesa da democracia e a promoção e proteção dos direitos humanos. Entendem que o futuro depende também do êxito do combate às desigualdades sociais e à eliminação da fome e da pobreza.

Há poucos dias, um grupo de países decidiu implementar contribuição



solidária sobre passagens aéreas internacionais com o fim de arrecadar recursos para esses objetivos. Dentro do mesmo espírito, tenho o prazer de anunciar que o Brasil vai associar-se ao projeto britânico de um Mecanismo Financeiro Internacional para a Imunização. Vamos aportar 20 milhões de dólares, ao longo de 20 anos.

Esse mesmo espírito de cooperação solidária se estende a nossas relações bilaterais. Identificamos vários campos promissores para novas associações: além da ciência e tecnologia, das energias alternativas e do desenvolvimento sustentável, importantes progressos foram iniciados nas áreas da educação e da saúde, essenciais ao crescimento de nossas economias e do bem-estar de nossos povos.

Majestade,

Se me permitir uma imagem cara a nossos dois povos, nossa cooperação deve-se inspirar no exemplo do futebol. Podemos aliar a experiência britânica à criatividade brasileira para atingir os melhores resultados. Foi isso que o inglês Charles Miller fez ao trazer esse esporte para o Brasil, no final do século XIX. Como torcedor, no entanto, sinto-me aliviado em saber que não há hipótese de que o Brasil venha a enfrentar a Inglaterra antes da semifinal da próxima Copa do Mundo.

É com o pensamento nesta amizade de raízes históricas, mas que agora se reforça, ao abrir novas perspectivas de cooperação em benefício de nossos povos, que proponho, a todos, um brinde à saúde e à felicidade pessoal de Sua Majestade, a Rainha Elizabeth II, e de Sua Alteza Real, o Duque de Edimburgo.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião de banquete no Guildhall  
Londres-Inglaterra, 08 de março de 2006**

Agradeço ao Prefeito a oportunidade de poder falar nesta Casa de tanta tradição, centro de decisões financeiras, símbolo da pujança econômica desta nação, que se confunde com a própria história do Reino Unido.

A mensagem que trago à comunidade econômica e financeira britânica é simples. Estão dadas as condições para que Brasil e Reino Unido abram um novo capítulo de seu relacionamento político e econômico.

Nossos países partilham os mesmos valores: a defesa da liberdade, o apego à democracia e ao Estado de direito, o respeito aos direitos humanos e ao meio ambiente, o compromisso com a justiça social.

Essa convergência permite diversificar e ampliar iniciativas de cooperação e aumentar a sintonia sobre temas centrais da agenda internacional. Brasil e Reino Unido são hoje parceiros na busca de soluções para os mais graves problemas de nosso tempo. Estamos determinados a adequar os organismos multilaterais, em particular as Nações Unidas e a OMC, às exigências do século XXI.

Meus amigos e minhas amigas,

A economia brasileira vive hoje momento extraordinário, que abre novas possibilidades para os empresários britânicos. Transmitem, há pouco, essa mensagem de confiança no seminário empresarial Brasil-Reino Unido.

Após décadas de instabilidade macroeconômica, recessão ou crescimento medíocre, a sociedade brasileira escolheu o caminho do desenvolvimento, com distribuição de renda, responsabilidade fiscal e diminuição da vulnerabilidade externa.

Estamos colhendo os frutos das decisões que tomamos em meu governo. Hoje, temos uma situação macroeconômica sob controle que nos



permite pensar no longo prazo e afirmar que o país entrou em um ciclo de crescimento sustentado. Em 2006, a inflação não deve ultrapassar 4,5%. Avançamos muito na questão fiscal, com a queda da relação dívida pública/PIB.

Consolidamos nossas contas externas, o que nos permitiu prescindir do acordo com o FMI e saldar todas nossas dívidas com essa instituição. Aumentou a segurança institucional e jurídica. Essa pujança se reflete num comércio exterior que quebra recordes de exportação e de saldos comerciais. Aumentamos nossa competitividade e diversificamos nossos mercados. O resultado foi uma redução drástica de nossa vulnerabilidade externa. Caiu – e continua a cair - o risco-país, o que torna menos oneroso financiar a dívida, hoje sob controle.

Esse conjunto de fatores fortalece a posição do Brasil como um dos principais destinos de investimentos estrangeiros diretos. As perspectivas de forte crescimento estão embasadas em uma ampla e ambiciosa renovação da infra-estrutura física e produtiva do país. Aprovamos o arcabouço legal para a realização de Parcerias Público-Privadas em grandes empreendimentos, o que abre oportunidades inéditas de inversões e negócios.

Não tenho dúvida, no entanto, de que o fator crucial para tornar sustentável esse crescimento é uma forte política de inclusão social e distribuição de renda que alarga o mercado interno. Políticas macroeconômicas responsáveis são indispensáveis. Mas sozinhas não asseguram a geração de empregos e renda necessários para eliminar a exclusão social e a pobreza.

A distribuição de renda é o motor do crescimento. Programas de transferência, na forma do Fome Zero, por exemplo, estão revertendo os índices vergonhosos de pobreza e de concentração de renda no país. Criam as condições para consolidarmos aquilo que foi o sentido de toda minha vida política: a constituição de uma sociedade mais justa e solidária.



Por isso, adotamos políticas públicas integradoras e participativas de grande impacto no dia-a-dia de mais de 30 milhões de homens, mulheres e crianças. Há hoje no Brasil forte expansão do emprego. A massa salarial dos trabalhadores dá claro sinal de recuperação.

A grande transformação pela qual está passando o país é lastreada por uma democracia madura, dotada de instituições sólidas, que o Brasil soube consolidar. Por isso vejo com tranqüilidade e naturalidade este ano de eleições gerais no país. O Brasil ingressou, em definitivo, na trilha do crescimento. A vontade dos brasileiros, que se expressará nas urnas, em outubro deste ano, obrigará os governantes eleitos a dar prosseguimento às reformas necessárias para garantir o crescimento com inclusão social e estabilidade macroeconômica.

Tenho certeza de que continuaremos encontrando no Reino Unido um parceiro econômico e político estratégico do Brasil. Queremos explorar novas parcerias em setores inovadores e promover ainda mais o comércio e os investimentos entre nossos países.

Acabamos de aprovar um Plano de Ação em Ciência e Tecnologia que prevê a cooperação em áreas de vanguarda, como a tecnologia agrícola e alimentar, a nanotecnologia, a pesquisa farmacêutica e a mudança climática.

Exemplo excepcional do potencial de cooperação é o setor energético. O Brasil é hoje referência mundial em matéria de biocombustíveis, em particular na produção do etanol e do biodiesel.

Possuímos uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo, com 65% de fontes renováveis. O Reino Unido pode ser aliado privilegiado na difusão da utilização de energias limpas em escala global, em benefício do clima e da segurança energética mundial.

Essa parceria vem se beneficiando dos crescentes contatos da iniciativa privada, das instituições acadêmicas e de ensino e das organizações sociais dos dois países. Temos uma valiosa comunidade brasileira no Reino Unido que



ajuda a construir a riqueza e a prosperidade deste país.

Quero deixar, portanto, uma mensagem de confiança e otimismo a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, deste lado do Atlântico, têm contribuído para estreitar os vínculos entre o Reino Unido e o Brasil.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da cerimônia de encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Reino Unido**

**Londres-Inglaterra, 08 de março de 2006**

Minhas primeiras palavras são de saudação a esta reunião de empresários britânicos e brasileiros. Os empresários são importantes atores no processo de geração de riqueza e dos empregos no Brasil. Tenho confiança e otimismo nas perspectivas da economia brasileira e na parceria entre o Brasil e o Reino Unido. Meu otimismo se explica. Nunca se reuniram no Brasil condições tão favoráveis – internas e externas - para darmos um salto qualitativo nos fluxos de comércio e de investimentos entre nossos dois países.

O Brasil está ingressando em um novo ciclo de vigoroso desenvolvimento econômico e social. Esse processo veio para ficar. Meu Governo tem demonstrado compromisso inequívoco com a estabilidade macroeconômica e a responsabilidade fiscal. Reduzimos a inflação para os menores níveis desde 1998. Diminuímos a relação dívida pública/PIB e recuperamos nossas reservas internacionais. Reduzimos substancialmente nossa vulnerabilidade externa e geramos um superávit sustentado de nossa conta corrente, levando o risco-país à taxa mais baixa de nossa história. Coroamos esse processo com o pagamento antecipado de nossa dívida com o FMI. Não mais necessitamos renovar o acordo com o Fundo. O país encontrou o caminho do desenvolvimento autônomo e auto-sustentado, sem tutelas e sem condicionalidades.

Mas a estabilidade e o crescimento não são objetivos em si mesmos. São apenas instrumentos – mesmo que indispensáveis – para viabilizar políticas de longo prazo voltadas para nossa promessa de lutar pela melhoria das condições de vida do povo brasileiro. Já estamos vendo os resultados:



crescimento econômico sustentado significa geração de empregos e efetiva distribuição de renda.

Os números confirmam o que a população já sente no dia-a-dia. Foram criados mais de três milhões e setecentos mil postos de trabalho nos últimos três anos. São empregos formais, de qualidade e duráveis. Implementamos o maior programa de transferência de renda já feito no Brasil, beneficiando 8 milhões e setecentas mil famílias. Mais trabalho significa maior poder de compra dos brasileiros, crescimento da poupança interna e expansão vigorosa do mercado interno. Estamos vendo um círculo virtuoso de aumento das oportunidades para todos, especialmente para vocês, empresários.

Não esquecemos, em todo esse esforço, a necessidade de aprimorar o ambiente de negócios no Brasil e diminuir o custo do capital, inclusive para o investidor estrangeiro, que hoje vê suas aplicações no Brasil desoneradas. Aprovamos novo modelo de Parcerias Público-Privadas, que abre possibilidades de investimentos em grandes obras de infra-estrutura, física e energética. Muito resta por fazer e por isso seguiremos impulsionando as reformas necessárias para diminuir o “custo Brasil”, com prioridade para a reforma fiscal.

O resultado desse esforço é que, pela primeira vez em muitas décadas, o Brasil não está “atrapalhando” o Brasil. No passado, quando a economia doméstica dava sinais de dinamismo, com aumento do consumo e geração de empregos, faltavam produtos para exportar e o déficit comercial obrigava a reduzir a atividade interna. Quando as condições eram favoráveis para a exportação, a falta de produtos no mercado interno gerava pressões inflacionárias que obrigavam as autoridades financeiras a conter o consumo.

Hoje, ao contrário, o mercado externo e a economia doméstica se reforçam mutuamente. As amplas reservas externas permitem exportar sem prejudicar o consumo e o crescimento .

Ao mesmo tempo, o aumento da produção não inibe as exportações para atender à demanda doméstica. O crescimento das exportações gera



empregos domésticos, enquanto o aumento da renda interna estimula investimentos externos para ampliar nosso parque produtivo.

Minhas amigas e meus amigos,

Todas essas condições explicam porque o nosso comércio exterior dobrou nesses 3 últimos anos e passou de 13% do PIB, nos anos 90, para cerca de 26% hoje. Em 2005, exportações e importações alcançaram o nível histórico de 192 bilhões de dólares. Tivemos um superávit de quase 45 bilhões de dólares. Junto com os ministros Furlan e Amorim, tenho me dedicado a promover os produtos e serviços brasileiros no exterior.

O Brasil tornou-se um dos líderes mundiais no comércio de bens de alto valor tecnológico agregado. Detemos o parque industrial mais moderno e diversificado da América Latina, responsável pela produção de aviões, eletrônicos, automóveis e bens de capital que compõem mais da metade de nossa pauta exportadora. As exportações de carne, soja, café, açúcar, suco de laranja e álcool embutem avanços científicos e tecnológicos notáveis que fazem do Brasil um celeiro do mundo e fonte de muitas das energias renováveis do futuro.

Esse quadro reflete a crescente competitividade das empresas brasileiras, que ganharam melhor presença internacional e rentabilidade. Esses fatores estão refletidos no crescimento significativo de nosso mercado de capitais nesses últimos anos.

A confiança do empresariado internacional no Brasil é clara: 400 das 500 maiores multinacionais do planeta possuem investimentos hoje no país. As oportunidades de negócio que oferecemos não param em nossas fronteiras. Um conjunto ambicioso de projetos de integração da infra-estrutura física está consolidando um espaço econômico unificado na América do Sul. O Brasil torna-se plataforma privilegiada para acesso a um mercado regional de mais de 300 milhões de habitantes, com um PIB superior a 1 trilhão de dólares. E as oportunidades de investimento também estão aqui, no Reino Unido, que pode ser sócio privilegiado para as empresas brasileiras em sua estratégia de



expansão internacional.

Caros amigos e amigas,

As trocas comerciais entre o Brasil e o Reino Unido fecharam 2005 no seu nível mais alto, com um crescimento de 14% em relação ao ano anterior. Precisamos, no entanto, com criatividade e ousadia, abrir novas frentes. Na área das fontes de energia renováveis, por exemplo, o Brasil detém hoje a matriz energética mais sustentável do Planeta e é referência na pesquisa e produção de biocombustíveis - e no desenvolvimento de motores “flex” fuel.

Tanto o etanol quanto o biodiesel representam alternativas seguras do ponto de vista energético e ambiental e viáveis economicamente. Devemos trabalhar juntos para promover a utilização dos biocombustíveis em escala global. Podemos ajudar países da África, por exemplo, a utilizar essa tecnologia para superar sua dependência energética e, ao mesmo tempo, gerar empregos e renda.

Essas potencialidades ressaltam a importância de aprofundar nossa parceria em ciência e tecnologia. Investindo em conhecimento, manteremos nossa competitividade e agregaremos valor à nossa produção. O Plano de Ação conjunto que estamos aprovando nesse setor permitirá aproveitar o potencial de nossos institutos de investigação em setores-chave, como nanotecnologia, pesquisa farmacêutica, tecnologia de alimentos e mudança climática.

Senhoras e senhores empresários,

O aproveitamento de todo esse potencial requer avanços nos regimes internacionais que afetam os fluxos de comércio e investimentos. Por isso, o primeiro-ministro Tony Blair e eu estamos pessoalmente empenhados no êxito da Rodada de Doha da OMC. Queremos contribuir para um consenso que destrave as negociações e permita eliminar distorções que afetam a produção e a exportação agrícola dos países mais pobres.

Brasil e Reino Unido também estão empenhados em buscar a pronta conclusão do acordo de associação entre o Mercosul e a União Européia.



Estou seguro de que, com vontade política e flexibilidade dos dois lados, poderemos chegar a um acordo mutuamente vantajoso. Em ambas as negociações, nossos empresários podem contribuir para a formação de posições equilibradas. Vocês são importante motor de nossa relação econômica e comercial. Os governos podem preparar o terreno, atuar como facilitadores. Mas quem fecha os contratos são vocês.

Deixo aqui o compromisso de meu governo de continuar trabalhando pelo aperfeiçoamento do ambiente de negócios no Brasil. Deixo também uma mensagem de otimismo e confiança com relação aos rumos políticos e econômicos do país. O Brasil goza hoje de uma solidez institucional que nos permite encarar com tranquilidade um ano como este, marcado por eleições gerais no país. É a sociedade brasileira, mais do que ninguém, que exige de seus governantes crescimento, justiça social, estabilidade e previsibilidade.

A vocês, cabe a tarefa de aproveitar este momento extremamente favorável desencadeando ações concretas que contribuam para a prosperidade do Reino Unido e do Brasil.

Boa sorte e bons negócios!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita ao Festival Tropicália, no Barbican Center**

**Londres-Inglaterra, 08 de março de 2006**

Participar de uma festa da cultura brasileira fora do país é sempre uma experiência especial. Nos sentimos mais brasileiros, mais identificados com nossa pátria, com nossas raízes.

Foi com esse sentimento que visitei o Pavilhão projetado por Oscar Niemeyer aqui em Londres, durante a minha primeira viagem presidencial a este país.

Aqui no Barbican, a cultura brasileira está presente em suas mais diversas formas. O movimento tropicalista coincidiu com um período de agudos enfrentamentos políticos e culturais no Brasil. Foi uma expressão de resistência, de inconformismo. Uma forma de enfrentar o clima de repressão e de intolerância que dominava o país. Olhando retrospectivamente, vejo que cada um resistiu à sua maneira. Eu dava meus primeiros passos na luta sindical. Muitos que hoje integram meu governo resistiam na clandestinidade. Os tropicalistas, questionando costumes, regras e valores artísticos.

Este Festival Tropicália consegue agora reunir várias expressões daquele movimento. Na música, na dança, no teatro, no cinema, enfim, em todas essas manifestações vemos a força e a natureza criativa da arte brasileira.

A Tropicália evoluiu e hoje continua a influenciar novas gerações. Não é um movimento parado no tempo. Ao contrário, conseguiu transmitir a sua mensagem para esses rapazes e essas moças que hoje formam o AfroReggae.

O AfroReggae é uma experiência bem sucedida nas artes e também da conscientização social. Com o José Junior à frente, contagia as pessoas que dele participam e inspira diversos projetos de caráter cultural e social. Seus



integrantes venceram uma vida difícil, usando a arte como instrumento de mobilização, de transformação, de inclusão. Essa é uma das funções da arte: construir identidades, criar cidadania, dar a homens e mulheres uma visão superior sobre seu mundo e seu tempo.

O Festival Tropicália mostra que estavam certos os artistas daquela época, não apenas Gil, Caetano, Tom Zé, Gal Costa, mas também Hélio Oiticica, Joaquim Pedro de Andrade e tantos outros. Estavam certos em pesquisar, questionar e redescobrir o Brasil. Buscar as raízes profundas do país, investigar cada aspecto do brasileiro, os seus ritmos, os seus gostos, a sua forma de ser.

Por tudo isso, quero manifestar meu reconhecimento ao Reino Unido e à cidade de Londres por terem sempre apoiado a cultura brasileira. Hoje, ao recepcionar o Festival. No passado, quando deram abrigo àqueles artistas que não se conformavam com a censura e que aqui puderam cantar um Brasil mais livre.

O Festival Tropicália, no Barbican, representa uma nova mensagem de hospitalidade e de generosidade da cidade de Londres. Este é um Festival não apenas de arte, mas de solidariedade.

O ministro Gilberto Gil me falou dos anos em que passou nesta cidade, que agora o recebe como patrono das artes do Festival Tropicália. Ele volta à sua Londres como ministro, mas também como artista que é. Vem assistir a consagração internacional do movimento do qual fez parte.

Coube à Embaixada do Brasil em Londres papel importante neste evento pelo apoio que deu à sua organização.

Encerro com um agradecimento e homenagem especiais a toda a equipe do Barbican Center por ter nos proporcionado este momento privilegiado de celebração da arte do Brasil num ambiente de encontro das duas culturas.

Muito obrigado.



Presidência da República  
Secretaria de Imprensa e Porta-Voz  
**Discurso do Presidente da República**

---



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita ao Parlamento Britânico**

**Londres-Inglaterra, 08 de março de 2006**

É uma grande honra poder dirigir-me aos integrantes desta Casa. A história do Parlamento Britânico se confunde com a história de democracia no mundo, com a luta secular de gerações pelo direito de se fazer ouvir e de fazer seus direitos respeitados.

Esta instituição é símbolo do respeito ao Estado de Direito e às liberdades civis. Ela constitui-se em bastião permanente contra a força das armas e o arbítrio dos poderosos.

Aqui ainda ecoam os discursos de governo e oposição que nos anos 40 expressaram a disposição do povo inglês de resistir à tirania e à opressão, quando a Europa esteve sob a mais grave ameaça totalitária que o mundo conheceu.

Como ex-deputado, sinto-me, aqui, entre companheiros. Em minha vida parlamentar, tive a honra de participar da elaboração da última Constituição brasileira, a Carta que deu forma à democracia reconquistada pelos brasileiros nos anos 80.

Como Presidente da República, continuo lutando pelos mesmos objetivos que me moveram como parlamentar e como dirigente sindical: a justiça social e a construção de um país para todos os brasileiros.

Buscamos consolidar instituições e práticas democráticas que consagrem direitos políticos formais, mas também assegurem empregos, salários dignos, educação e saúde.

Já no século 18, os revolucionários ingleses nos ensinaram que não se pode falar em cidadania plena quando persistem a desigualdade gritante, a fome e a pobreza extrema.



O cidadão precisa sentir a realidade da democracia no seu dia-a-dia, no aumento de seu bem-estar e na participação das conquistas econômicas e sociais de seu país. Nessa tarefa, sei que conto com a contribuição decisiva do Poder Legislativo, enquanto expressão maior da vontade da sociedade brasileira.

Lord Chancellor,  
Senhor Presidente,  
Senhores Parlamentares,

Nossos parlamentos têm como tarefa maior a expressão da vontade geral, o respeito à soberania popular e a consolidação de instituições e valores que garantem o Estado de Direito.

Nós, brasileiros, admiramos o papel independente e moderador que este Parlamento sempre desempenhou. De forma serena e equilibrada, tem dado resposta aos grandes desafios do mundo contemporâneo, procurando combinar a preservação da segurança coletiva com o respeito aos direitos humanos.

Num mundo cada vez mais globalizado, onde a crescente interdependência convive com cada vez mais desigualdade, precisamos de parlamentos fortes e representativos. Sem garantias de pleno exercício da soberania popular não se pode falar em soberania nacional.

Mas as respostas coletivas que buscamos em nossos países e no mundo passam necessariamente por uma democratização dos processos decisórios que afetam a ricos e pobres, a fortes e fracos.

Vemos assim, com satisfação, o compromisso do Reino Unido para fazer com que as instituições multilaterais possam escutar novas vozes, considerar novos interesses.

Foi assim que entendemos o convite do governo britânico para que o Brasil participasse, no ano passado, em Gleneagles, do diálogo entre o G-8 e grupo representativo de países em desenvolvimento.

A comunidade internacional só será verdadeiramente democrática e



representativa quando os países em desenvolvimento puderem conduzir seu próprio destino e incidir sobre as questões internacionais, como o comércio justo, a garantia da paz, a eliminação da fome e da pobreza e a promoção do desenvolvimento sustentável.

No âmbito da OMC, quero ressaltar o empenho do governo britânico para assegurar que os países mais pobres também possam beneficiar-se da notável expansão em curso do comércio internacional, em particular em matéria agrícola. É de fundamental importância que a Rodada de Doha permita mudanças no comércio mundial que garantam aos países pobres condições mais equilibradas de competitividade.

Sem um acordo internacional generoso, que os países desenvolvidos e em desenvolvimento podem patrocinar, assistiremos ao agravamento da situação social em muitas partes do mundo. A fome pode ser efetivamente combatida com um comércio mais justo e equilibrado.

Por meio do G-20 e do G-90, estamos nos pronunciando em favor daqueles que nunca tiveram voz, dos milhões de pequenos produtores que pedem apenas o direito de viver dignamente do seu trabalho.

Essa convergência de posições entre Brasil e Reino Unido funda-se em uma preocupação comum em estender, para a esfera internacional, nosso compromisso doméstico com a justiça social e a equidade. Daí nosso engajamento conjunto nas iniciativas internacionais de combate à fome e à pobreza e de preservação do meio ambiente. O Brasil tem encontrado no Reino Unido um parceiro solidário nas discussões sobre mecanismos financeiros inovadores para o desenvolvimento, que começam a render frutos concretos.

Lord Chancellor,  
Senhor Presidente,  
Senhores Parlamentares,

O apoio público do Reino Unido ao pleito do Brasil de tornar-se membro permanente do Conselho de Segurança da ONU é a mais eloqüente



demonstração de nossa parceria pela renovação das instituições internacionais.

Entendemos o endosso do governo do primeiro-ministro Blair como gesto de confiança em meu país. Ele anima meu governo a perseverar na busca de um mundo de paz, mais justo, fundado num multilateralismo renovado.

Minha visita a Westminster é uma homenagem a todos aqueles que se dedicam a salvaguardar a vontade popular e traduzi-la em resultados concretos que beneficiem a comunidade.

Estou certo de que nesta Casa, em particular no Grupo Inter-Parlamentar Britânico-Brasileiro, se encontram reunidas as lideranças políticas capazes de assimilar o momento especial das relações entre o Reino Unido e o Brasil. Um momento marcado pela determinação de forjar uma parceria que traduzirá nossa rica cooperação bilateral em ganhos para brasileiros e britânicos, mas também para nossos irmãos e irmãs mais necessitados ao redor do mundo.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de entrega de chaves a moradores do Conjunto Residencial  
Casarão do Cordeiro**

**Recife-PE, 10 de março de 2006**

Primeiro, eu queria agradecer ao companheiro Prefeito de Recife, porque a minha vinda hoje, aqui... vocês sabem que eu estou voltando de uma viagem de três dias ao Reino Unido e cheguei ontem, aqui, à meia-noite. Eu resolvi passar aqui porque tem uma Olimpíada do Conhecimento feita pelo Sesi e pelo Senai. E eu vou participar porque, como eu sou estudante do Senai, toda vez que eu posso participar de um evento para valorizar a formação profissional, eu participo. Então, eu estou vindo para isso, e daqui a pouco nós vamos para o evento junto com os companheiros do Senai.

O João Paulo me pediu, se não seria possível, estando em Recife, vir aqui, na Vila Cordeiro, no Bairro Cordeiro, porque aqui estão sendo construídas as primeiras casas das mulheres e dos homens que moravam em Brasília Teimosa, naquelas palafitas. Então, eu quero cumprimentar o João Paulo por esta oportunidade, era para ser apenas uma visita.

Quero apresentar a vocês o nosso vice-prefeito Luciano,

Quero apresentar a vocês o nosso ministro da Indústria e Comércio, Luiz Furlan,

Quero apresentar o nosso ministro da Educação, o nosso querido Fernando Haddad,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho,

O Márcio Fortes que já falou aqui,

A minha companheira Marisa vocês já conhecem há muito tempo,

Quero cumprimentar o ex-ministro e deputado Eduardo Campos,



Quero cumprimentar o deputado federal Fernando Ferro, o deputado federal Rubens Santiago,

Quero cumprimentar a nossa querida Luciana, prefeita de Olinda,

Cumprimentar a Alexandra Reschke, secretária de Patrimônio da União,

E quero cumprimentar o companheiro Humberto, ex-ministro da Saúde do meu governo, que está presente aqui,

Os vereadores,

Eu queria ser muito breve para dizer o seguinte: na casa da Erinalda, que eu tive o prazer de visitar hoje de manhã, eu imaginei que ela ia estar alegre e ela só me abraçou chorando, chorando. Aí eu descobri que a gente também chora de alegria, chora de emoção. Eu estou feliz, obviamente que poderia estar mais feliz se a gente tivesse feito todas as casas.

Mas o João Paulo disse uma coisa muito séria. O terreno é complicado, precisou fazer toda uma estrutura de recuperação do terreno para que nós pudéssemos assentar as casas. Mas ele também afirmou que até junho o restante das pessoas que ainda não têm casa, vai ter as suas casas prontas e, se Deus quiser, ali onde eram as palafitas, a gente vai poder ter uma orla marítima muito bonita. Já tem, bonita e maravilhosa, porque se Brasília Teimosa ganhou esse nome porque desde 1957 vocês resistiram, tombavam e vocês voltavam, logo, logo, não vai ser mais Brasília Teimosa, mas Brasília Formosa, porque vai estar muito bonita a região.

A segunda coisa é o que o Márcio falou, quando o Márcio falou tinha muita gente falando, uma no pé do ouvido da outra, eu vou repetir um dado aqui. Para este ano, a Caixa Econômica Federal tem – o nosso presidente Jorge Mattoso não está aqui por problema de avião – 18 bilhões e 700 milhões de reais. É a maior quantidade de dinheiro, dos últimos 12 anos, para fazer investimento em habitação. Desses 18 bilhões e 700 milhões, 10 bilhões serão utilizados para construir casas das pessoas que ganham, no máximo, cinco



salários mínimos. E 8 bilhões e 700 milhões serão para construir casas para setores médios da sociedade, a classe média, que também precisa de casa. Então, vocês percebem que nós aumentamos, e muito, a quantidade de dinheiro para financiamento de casas das pessoas que ganham até 5 salários mínimos.

Mas a coisa mais importante que aconteceu este ano é que o Congresso Nacional aprovou um Projeto de Lei de iniciativa popular, do Movimento dos Sem Teto no Brasil – foi a primeira iniciativa de Projeto de Lei dada a cabo pelo pessoal, que arrecadou mais de 1 milhão de assinaturas – e esse Projeto demorou 13 anos para ser votado no Congresso. Ele foi votado no Congresso Nacional, eu sancionei e destinamos agora... esse projeto criava o Fundo de Habitação Social.

Para este ano, o nosso ministro Márcio tem 1 bilhão de reais para que a gente construa casas para aquelas pessoas que não podem pagar absolutamente nada, aquelas que se precisar pagar 10 reais, não têm como pagar.

A orientação e a determinação que eu dei ao ministro Márcio Fortes é que, numa escala de prioridade, a gente utilize esse 1 bilhão para ver se conseguimos tirar 100 mil famílias que moram em palafitas nas principais cidades brasileiras. Vamos começar pelas palafitas, depois pegamos outros trechos, mas a palafita é o processo mais degradante de moradia popular neste país, alguém só vai morar numa palafita porque não tem condições de morar em outro lugar. Então, nós temos que atacar as palafitas de Pernambuco, as palafitas da Bahia, as palafitas do Maranhão, as palafitas de Santos, em São Paulo, e tirar essas famílias mais pobres de uma situação de moradia degradante, que coloca o ser humano num patamar de dignidade muito baixo.

A segunda coisa importante, eu estava conversando agora há pouco com a Alexandra, que cuida do Patrimônio Nacional, e com o ministro Márcio Fortes. Eu perguntava aos dois por que nós temos até agora, regularizados



173 mil lotes e temos, praticamente, 900 mil terrenos para serem legalizados neste país, 900 mil para serem legalizados. Um monte de gente que mora em favelas, que mora no pé de morro, que mora na encosta, que está lá morando num barraco, não coloca um tijolo porque ninguém é tonto de colocar um tijolo num terreno que não é seu. As pessoas estão esperando a escritura definitiva do terreno.

Eu perguntei ao Márcio e à Alexandra, por que estava demorando muito? Porque uma parte é da União, outra parte é do município, outra parte é do estado e outra parte é da iniciativa privada. São terrenos privados que têm que ir para a Justiça. E quando chega na Justiça, ninguém pode saber o tempo que vai demorar porque a Justiça tem vida própria, não tem interferência do Poder Executivo nem do Poder Legislativo.

Eu disse ao Márcio que para a semana que vem, ele e a Alexandra vão ter que se sentar e colocar no papel quais as mudanças que nós temos que fazer na legislação para garantir que as pessoas que moram em um terreno considerado clandestino tenham a posse definitiva desse terreno.

Qual é a realidade do Brasil? A realidade do Brasil é que quando um homem ou uma mulher pega o título da sua terra e sabe que aqueles 100 m<sup>2</sup>, ou 200 m<sup>2</sup> é dele, ele vira mais cidadão, ele pode até comprar material financiado para construir sua casa. Todo mundo sabe que o cidadão pode morar no lugar mais degradante possível mas, se ele tiver a escritura, ele vai começar a comprar um tijolinho, vai começar a comprar um saco de cimento, vai começar a comprar alguma coisa e vai construir a sua casa. E como é que pobre constrói a casa? Primeiro, faz um quartinho, uma cozinha, um banheiro; às vezes faz só um quarto e um banheiro, depois faz a cozinha. Não precisa nem rebocar, a gente entra dentro, leva a família para dentro. E depois que a gente está dentro, a gente vai aumentando e a gente vai acabando. É assim que a maioria do povo brasileiro constrói a sua casa. Não é financiamento da Caixa, não são as construtoras, não são as empreiteiras: 60% das casas



construídas no Brasil são casas construídas pela alma, pela consciência e pelo coração do povo brasileiro.

Para isso, há 15 dias atrás fizemos uma reunião: o ministro Furlan, eu, o ministro Márcio Fortes, o ministro Palocci, a ministra Dilma, e decidimos reduzir impostos de 38 produtos da construção civil. Aqueles produtos que tinham impostos até 15%, a gente reduziu para 5%. Es que tinham 5%, a gente reduziu para zero. É azulejo, é cimento. Cimento nós reduzimos à alíquota zero e, inclusive, para exportação. É todo o material de construção, quando vocês forem nos depósitos, podem começar a cobrar: escuta aqui, o governo reduziu o imposto, por que não está mais barato, aqui, o azulejo, a lajota, tudo que pode ser mais barato? E por que nós fizemos isso? Nós fizemos isso para incentivar as pessoas que às vezes têm uma casinha apertada, pequena, e quer construir um quartinho, quer construir uma garagem, quer colocar um telhado a mais, quer fazer um banheiro novo, quer colocar um quarto para o seu filho que já está atingindo a idade de adulto e precisa ter mais tranquilidade e mais conforto.

Então, a nossa tomada de posição foi para garantir que as pessoas possam aumentar o seu pedacinho de casa, aumentar construindo com material mais barato. Tudo isso não tira a responsabilidade do que nós fizemos, aqui, hoje.

Vocês sabem que foi assinado um documento, aqui, hoje, que vai regularizar o título de terra de Brasília Teimosa. São mais de quatro mil famílias beneficiadas. E, se Deus quiser, a saúde permitir e o João Paulo me convidar, em junho eu estarei aqui para inaugurar o restante das casas que faltam ser inauguradas aqui.

Eu quero portanto, João Paulo, dizer que foi extraordinário ir à Inglaterra, foi extraordinário estar com a Rainha, que tratou a mim e à Marisa com uma fineza extraordinária. Foi muito importante o trato que recebi dos empresários ingleses, foi muito importante o trato que eu recebi do primeiro-ministro Tony



Blair. Tudo foi maravilhoso. Acho que nunca fomos tão bem tratados, mas nada paga eu retornar, depois de uma visita à Rainha, e encontrar com o meu povo brasileiro, o povo deste nosso país, este povo extraordinário que tem compreendido tanto o que temos feito no Brasil.

Por isso, meus queridos companheiros, minhas queridas companheiras, minha querida Erinalda. Cadê a Erinalda? Erinalda! Eu quero dizer para vocês o seguinte: nós vamos continuar a fazer aquilo que precisa ser feito no Brasil. Eu sei que tem muita gente que se queixa, tem muita gente que não gostaria que eu estivesse andando pelo Brasil afora, mas eu vou contar para vocês, eu fui eleito para governar este país, fui eleito. Eu visitei a casa desta mulher, dia 10 de janeiro de 2003, não era casa, era um trapiche em cima de estaca, tinha uma cama, tinha um fogãozinho e tinha um buraco onde fazia as necessidades fisiológicas que caia lá naquela praia. Eu voltei para casa dizendo: um dia eu vou visitar essa mulher numa casa de chão firme, e hoje, eu estou aqui. Certamente querida Erinalda, certamente você e essas pessoas que estão aqui merecem muito mais do que nós fizemos até agora, certamente essas pessoas merecem muito mais e você merece muito mais.

Agora, o Brasil existe há 500 anos, nós só temos três anos e dois meses de governo, portanto, nós ainda temos tempo para fazer muito mais coisa para este querido país e vamos fazer.

Marisa depois vai ter uma conversa com ela. Gente, olha, João Paulo, eu quero dizer para você João Paulo, que tudo isso não aconteceria se não houvesse uma parceria e uma vontade extraordinária de trabalhar como fez o nosso querido João Paulo. Eu quero, do fundo do coração, agradecer a cada mulher, a cada criança, a cada homem que está aqui e dizer para vocês: gente, vamos continuar trabalhando, vamos continuar trabalhando porque nós sabemos a vida que leva o pobre neste país e nós sabemos como resolver essa situação.



Às vezes demora mais do que a gente queria, mas na vida é sempre assim, eu demorei tanto para encontrar a Marisa, mas encontrei, então, eu acho que o sonho que vocês acalentaram, como a Erinalda, podem ficar certos que nós vamos ajudar a cumprir esse sonho, porque é nossa obrigação.

Fernando, ela tem uma filha que não se inscreveu no Enem, portanto, ela perdeu a oportunidade do ProUni, é preciso cuidar porque tem muita gente aqui que não pode fazer a universidade porque não pode pagar. Então, é preciso, quando for ter outra inscrição, pedir para o Prefeito fazer uma propaganda na Brasília Teimosa para as pessoas se inscreverem, porque o ProUni é, sobretudo, para ajudar as pessoas pobres da periferia, esse primeiro de janeiro do ano passado e deste ano, 203 mil jovens foram para a universidade com bolsas, pessoas da periferia que não podiam pagar. E desses 203 mil, 30% são meninas e meninos negros que, normalmente, são marginalizados duplamente, e nós estamos recuperando o direito de igualdade neste país, ou seja, todos somos iguais perante a lei e todos precisamos ter as mesmas oportunidades.

Muito obrigado, que Deus abençoe a todos vocês, muito obrigado João Paulo, obrigado Márcio e obrigado Alexandra.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de visita à IV Olimpíada do Conhecimento**

**Recife-PE, 10 de março de 2006**

Meu caro Armando Monteiro Neto, presidente da CNI e deputado federal,

Meu caro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu caro Luiz Marinho, ministro do Trabalho,

Meu caro Furlan, ministro da Indústria e Comércio,

Meu caro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu caro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Minha querida esposa Marisa,

Meu caro Jair Manegueli, presidente do Conselho Nacional do Sesi,

Meu caro Carlos Eduardo Moreira Ferreira, vice-presidente da CNI,

Meu caro João Paulo, prefeito de Recife,

Luciana Santos, prefeita de Olinda,

Senhora Alexandra Reschke, secretária de Patrimônio da União,

Presidente do Sebrae, Paulo Okamoto,

Professor José Manuel de Aguiar Martins, diretor-geral do Senai,

Senhores presidentes das federações das indústrias dos estados brasileiros aqui presentes,

Senhores membros do Sistema S e organizadores da Olimpíada,

Alunos e alunas que participam da IV Olimpíada do Conhecimento,

Eu vou ser breve, porque eu achei que aí embaixo estava quente, mas aqui está muito mais quente do que aí embaixo.

Eu queria, meu querido Armando, prestar um depoimento para esses jovens que estão no Senai tentando encontrar uma segurança maior para o seu



futuro. Eu, cada vez que vou numa olimpíada ou cada vez que visito um Senai, eu me sinto como se estivesse em 1961, chegando ao Senai pela primeira vez para começar a fazer um curso do torneiro mecânico. Eu, possivelmente, como a maioria dos jovens que estão começando no Senai, eu não tinha dimensão do que aquilo poderia representar no meu futuro e na minha vida. Não tinha. Confesso a vocês que eu achava que era mais um curso, que era uma coisa que eu não sabia se ia dar resultado ou não.

Eu queria dizer para as meninas e para os meninos que estão aqui, meninas de 17 anos, 16 anos, meninos de 17, 18, 19 anos que estão começando, outros que já estão se preparando para ir para as olimpíadas, representar o Brasil no Japão. Eu queria dizer para vocês o seguinte: eu sou o filho caçula de uma família de oito irmãos. E por conta de um curso que eu fiz no Senai, de torneiro mecânico, desses meus oito irmãos, eu fui o primeiro a ganhar um salário melhor, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter uma casa própria, eu fui o primeiro a ter um carro, e eu fui o primeiro a ter o direito de pedir demissão de uma empresa e procurar em outra empresa, porque eu tinha orgulho, porque na minha carteira profissional estava assinada a profissão de torneiro mecânico.

Hoje eu sei que tem profissões muito mais sofisticadas. Até o próprio torno se modernizou tanto que se eu fosse trabalhar num desses tornos modernos, eu talvez não soubesse apertar metade dos botões que tem que apertar para ele trabalhar sozinho.

Mas a verdade também, meu caro Armando e meu caro Menegueli, é que naquele tempo a gente era mais artesão. Um torneiro mecânico, um fresador ou um mandrilhador, naquele tempo, não era um mandrilhador, um torneiro ou um fresador, ele era um artista, porque a maioria das coisas que hoje a gente faz em máquinas programadas, a gente fazia na mão, a gente fazia com o equilíbrio dos nossos dedos e com a inteligência na nossa cabeça.



Vocês, hoje, estão aprendendo algo muito mais sofisticado, muito mais moderno, porque o mundo se modernizou, porque a indústria se modernizou, porque as profissões estão cada vez mais a exigir do profissional maior conhecimento, maior nível de escolaridade, portanto, mais conhecimento, mais dinamismo na economia brasileira, mais valor agregado nos nossos produtos e mais competitividade para o nosso país no exterior.

Então, eu quero dizer aos jovens, porque possivelmente ainda tenha um jovem que não compreendeu o significado dessa formação que ele está tendo, mas hoje, não sendo mais o jovem que eu era em 1961, e sendo pai, eu posso compreender o que representa para a mãe de vocês, o que representa para o pai de vocês, vocês estarem fazendo um curso.

Eu tenho noção da confiança depositada nas costas de vocês pelos pais de vocês que estão na esperança de que se formem, aprendam uma profissão, arrumem um emprego e possam construir a vida baseada na capacidade profissional de vocês, porque um jovem com diploma na mão, uma profissão na carteira quando for procurar emprego, ele não vai ouvir 10% dos “não” que a gente recebe quando a gente não tem profissão.

A coisa mais comum de um trabalhador que não tem profissão ou de um jovem que está fazendo o segundo grau e não tem profissão, é que ele procura um emprego e quando o empregador pergunta: o que você sabe fazer? Ele fala: “nada”. Aí, entra no primeiro ano da faculdade e pergunta: eu quero trabalhar para ajudar a minha mãe. O que você sabe fazer? Nada. Estou estudando. Mas se ele tiver uma profissão e alguém perguntar o que você sabe fazer, e ele disser: eu tenho um curso técnico que eu fiz no Senai, vai ter pelo menos uma dúvida na cabeça de quem está contratando: será que eu vou dizer não ou vou pegar os documentos dele e vou fazer uma ficha para chamá-lo amanhã, quando a empresa estiver precisando?

Por isso eu quero dizer para vocês: o melhor tempo da minha vida foi o tempo do Senai. Eu quero pedir para vocês, meninos e meninas: aproveitem



essa oportunidade que vocês estão tendo, não meçam esforço para vocês estudarem, se não souberem, perguntem para o instrutor, se não souberem perguntem outra vez, não voltem nunca para casa sem saber uma coisa que o professor ensinou e que vocês não aprenderam. Perguntem, porque dessa pergunta vai depender o grau de conhecimento que vocês vão ter quando tiverem que procurar emprego neste país. E o mais importante, Armando, é que 81% das crianças, dos adolescentes que saem do Senai, arrumam emprego imediatamente e outros 53% voltam a estudar.

Fazer um curso no Senai, fazer um curso para aprender uma profissão não significa que está se fazendo uma opção para não fazer universidade, pelo contrário, vocês estão solidificando esse caminho para que vocês possam, amanhã, tendo uma profissão, cursar uma universidade. Se ela não for pública e tiverem que pagar, pelo menos vocês terão um salário para pagar.

Então, não esmoreçam, não afinem nesse momento da vida de vocês, estudem, estudem porque vocês sabem a alegria do pai e da mãe de vocês quando vocês conseguiram ser aprovados para fazer no Senai. Eu sei que tem muita gente aqui pensando em ir para o Japão, ninguém vai para o Japão por ser mais bonito, ninguém vai para o Japão por ser o maior contador de piada não, vocês irão para o Japão se aqui vocês tiverem competência. Este é um teste da vida de vocês. E nem sempre o que vai é melhor do que o que fica, apenas naquele momento alguém teve mais oportunidades. E vocês não podem desistir porque não foram. Não podem desistir.

E aí eu quero dar o meu exemplo, eu perdi três eleições, e tinha gente que falava: “desista, não dá certo, desista.” Eu não desisti e virei presidente da República. O Ronaldinho, quando machucou a perna jogando no Internacional, de Milão, diziam para Ronaldinho: “acabou para o futebol, não vai dar mais nada, pára Ronaldo, pára.” Ele se sacrificou, voltou e foi artilheiro da Seleção Brasileira em 2002.



Eu estou dizendo isso porque quando vocês estiverem preocupados, quando vocês estiverem com algum problema em casa, quando vocês estiverem pensando em desanimar, olhem para o céu, agradeçam a Deus a oportunidade que vocês tiveram e venham para a aula mais animados do que qualquer outro dia que vocês freqüentaram a escola, porque é isso que vai fazer o Brasil crescer.

Hoje eu estou aqui falando com vocês como presidente da República. Quem sabe se daqui a 15 ou 20 anos não será um de vocês que estará aqui e eu já estarei com 80 e poucos anos olhando vocês falarem, fazendo um teste de reciclagem para a terceira idade. Quem sabe? Quem sabe, daqui a alguns anos, não estarão ministros? O Marinho é metalúrgico da Volkswagen, o Meneguelli era metalúrgico da Ford. Esses companheiros não tiveram oportunidade de se formar numa universidade – agora o Marinho já se formou – não tiveram. Mas foram à luta e saíram de dentro de uma fábrica e cresceram na vida. É esse o sonho e o desejo que eu tenho para vocês, que façam desta oportunidade a certeza de um Brasil melhor, porque o mundo está mais exigente, o mundo está cada vez mais competitivo. E quanto mais formação de mão-de-obra, quanto mais gente qualificada, quanto mais jovem na universidade, quanto melhor a qualidade da escola, mais o Brasil vai ser respeitado no mundo inteiro, mais o Brasil vai crescer, mais o Brasil vai exportar, mais o Brasil vai produzir e mais o Brasil vai gerar empregos.

É por isso que eu estou feliz de estar aqui, na minha terra natal. Para os jovens que não sabem, eu sou da cidade de Garanhuns, nasci lá em 1945, e sabem vocês que eu tenho como lema o desenvolvimento do país. E dentro do país, o desenvolvimento do Nordeste. O Nordeste não pode mais passar o século XXI como atravessou o século XX, sendo a parte pobre deste país, a parte esquecida deste país, a parte marginalizada deste país. Nós precisamos desenvolver o país como um todo, mas o Nordeste merece uma atenção especial.



E é por isso que é importante a formação profissional, é por isso que a refinaria da Petrobras veio para cá, é por isso que vamos fazer a Transnordestina, é por isso que vamos fazer a siderúrgica, em Fortaleza, é por isso que estamos fazendo o biodiesel para a parte mais pobre do Brasil, porque nós temos certeza que daqui a alguns dias, a aprovação do Fundeb, Fundo Nacional de Educação Básica vai permitir mais 4 bilhões e 300 milhões de reais na educação. Quem vai ganhar com isso é o Nordeste brasileiro, para que a gente possa ter um equilíbrio na formação profissional, na formação de doutores, porque antes quase todo o dinheiro ia apenas para uma parte do país. E nós queremos que o país seja tratado em igualdade de condições de Norte a Sul, de Leste a Oeste.

Por isso, meus filhos, meus queridos companheiros, se posso chamá-los companheiros e companheiras, estudantes do Senai, no meu tempo não tinha olimpíada, portanto, eu não participei de nenhuma. Se participasse também não sei se ganharia. Mas a minha vida é uma vida de disputa e na disputa você perde, você ganha. O que é importante é que a gente tenha na mente da gente que o fato de não ter conseguido alguma coisa naquele momento não significa que no dia seguinte a gente não conquiste a realização daquele sonho e daquele desejo.

Eu deposito em vocês, cada menino e cada menina que está aqui, deposito em vocês a certeza de que daqui a 10, 15 ou 20 anos, com vocês dirigindo os destinos da produção deste país, possivelmente com vocês dirigindo os destinos da política deste país, eu quero estar vivo para que o meu neto possa dizer orgulhosamente para mim: “vô, graças ao aprendizado profissional do povo brasileiro, graças a escolas como o Senai, graças a cursos de universidades como o ProUni, graças às universidades federais que estamos fazendo no Brasil, graças às escolas técnicas que estamos fazendo no Brasil, nós estamos vivendo hoje num país muito melhor do que aquele de quando nós nascemos”. É este o sonho que eu tenho para mim, para vocês e



para o meu neto, e tenho certeza, cada um de vocês que aprender uma profissão, estará engrandecendo o país. Vocês estarão engrandecendo a família de vocês e estarão engrandecendo a biografia dos trabalhadores deste país.

Muito obrigado, que Deus abençoe a todos os diretores do Senai, do Sesi, aos estudantes e a todos aqueles que se dedicam. Eu sei que a meninada do Senai se comporta porque está ali um monte de instrutores, avaliadores, para mantê-los mais ou menos no equilíbrio, porque um garoto junto é uma coisa, dois é outra, três já vira uma guerra, então, eu quero que vocês, por favor, não joguem fora essa chance que Deus deu a vocês. Certamente Deus deu à família de vocês. Aprendam, aprendam e aprendam, porque isso será a garantia de que este país deixará de ser um país eternamente emergente e passará a ser um país altamente desenvolvido; de que este país deixará de ser um país com exportação de muitas matérias-primas e produtos manufaturados para ser um país ainda mais exportador de produtos manufaturados mas, sobretudo, um país exportador de valor agregado da inteligência da nação brasileira.

Muito obrigado e boa sorte para vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em nome dos demais convidados, após palavras da Presidente Michelle Bachelet**

**Viña del Mar-Chile, 11 de março de 2006**

Tomo a palavra para saudar, em nome dos que aqui estão, à nova Presidente do Chile. Ao felicitá-la, estou realizando o desejo de muitos cidadãos do mundo, certamente de todos os latino-americanos.

Sua eleição, prezada Michelle, é um momento de enorme importância para o povo chileno, para a democracia e para o desenvolvimento de seu País, mais que isso, ultrapassa as fronteiras do nosso querido Chile, atingindo a América Latina e a comunidade internacional.

Consagra a trajetória política de uma mulher, que simboliza a vontade, a força, e o compromisso de participação cidadã de milhões de mulheres do nosso continente e de todo o mundo.

Homenageia a história de milhares de homens e mulheres do Chile da América Latina que resistiram à tirania e lutaram com persistência pela paz, pela democracia e pela justiça social em nossa região.

As dores do exílio e as perdas sofridas não produziram em Você amargura ou rancor. Ao contrário, alicerçaram sua convicção de que somente na solidariedade e na tolerância estavam as bases, as condições essenciais para se buscar a reconciliação em nossos Países.

Sabemos que nos últimos anos a sociedade chilena sofreu importantes transformações. Sua liderança nesse processo foi fundamental, não só como Ministra da Saúde e Ministra da Defesa, mas como protagonista do processo de ampliação da cidadania de todas as mulheres chilenas.

Aí estão algumas das razões que fizeram de Você Presidente do Chile. Aí estão, como já disse, algumas das razões porque sua posse está sendo celebrada em toda a América Latina.



De uma América Latina que sabe ser um ator importante nas grandes decisões mundiais.

Estou feliz de que esteja aqui também o Presidente eleito do Haiti, que iniciará uma nova etapa de democracia em um país castigado, mas sempre ativo e lutador.

No Haiti – que Você conheceu como Ministra da Defesa – provamos, Chile, Uruguai, Argentina, Peru, Brasil e tantos outros países, que o mundo será melhor se trilharmos os caminhos da paz, dos direitos humanos e do respeito ao direito internacional. Sei que Você é e continuará sendo uma forte defensora do multilateralismo.

Aqui – se me permite – não posso deixar de dizer uma palavra sobre este grande Presidente, que foi Ricardo Lagos. Um líder, um inspirador, como tenho certeza você também será.

Estamos felizes em participar com você desta festa da democracia chilena e da democracia em nosso continente.

Sua eleição é uma afirmação do valor da mulher latino-americana, que, sob a sua inspiração, terá ainda mais presença e força em nossas vidas.

Michelle Bachelet, você não foi eleita por ser mulher, mas por seus atributos, que aos olhos da maioria do povo chileno – homens e mulheres – lhe conferem as melhores condições para governar o Chile.

Mas, felizmente, para a sociedade chilena, Você não deixou de ser eleita por ser mulher.

Durante sua campanha eleitoral você disse a cada chileno "estoy contigo".

Cabe agora, a teus colegas Presidentes, dizer a Você: Michelle, estamos contigo!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do Presidente da Guatemala, Oscar Berger**

**Palácio Itamaraty, 13 de março de 2006**

Excelentíssimo senhor Oscar Berger, presidente da República da Guatemala,

Senhora Beatriz de León Reyes, presidente da Corte Suprema de Justiça e Organismo Judicial da Guatemala,

Senhores ministros de Estado e integrantes das comitivas da Guatemala e do Brasil,

Nossa querida companheira Rigoberta Menchú, prêmio Nobel da Paz e embaixadora da Boa-Vontade e dos Acordos de Paz,

Meus amigos e minhas amigas,

Quero dar as boas vindas ao presidente da Guatemala, Oscar Berger, e à sua comitiva, que nos honram com sua visita ao Brasil.

Esta visita ao Brasil – a primeira de um presidente guatemalteco ao nosso País - e minha ida ao seu país – também a primeira visita de um presidente brasileiro à Guatemala - expressam uma vontade de reforçar os vínculos bilaterais e de trabalhar em conjunto na construção de agendas de interesses comuns.

A Guatemala está implementando programas semelhantes aos brasileiros, por isso estamos prontos a estudar as experiências de nossos parceiros e a colaborar para seus êxitos. Exemplo desse intercâmbio é a cooperação bilateral com os programas Bolsa Escola e Alfabetização Solidária. Essas são provas do que podemos fazer quando assumimos nossas responsabilidades.



Em setembro de 2005, durante minha visita à Guatemala, compareci à conferência regional sobre a fome. A iniciativa dessa conferência foi importante contribuição do presidente Berger para esse esforço coletivo de procura do desenvolvimento de nossas nações. Pude também participar da reunião entre os países do Sistema de Integração Centro-Americano (SICA) e o Brasil, quando tratamos das perspectivas de integração entre o SICA e o Mercosul.

Temos de nos unir em grandes blocos para enfrentar os desafios nas negociações comerciais da OMC. Nessas negociações, Guatemala e Brasil trabalham juntos no G-20 para mudar o panorama para suas exportações agrícolas nos mercados dos países ricos.

Estamos numa encruzilhada do processo negociador, mas temos que garantir que a Rodada de Doha não acabe num impasse. E, por isso, este é um momento de decisões políticas. Sei que podemos contar com o empenho pessoal do presidente Berger e a ajuda da Guatemala para garantir impulso às negociações. Aqui é importante lembrar, presidente Berger, que em maio, na cidade de Viena, haverá a Cúpula América Latina/União Européia. Eu conversei com o primeiro ministro Tony Blair – o meu ministro Celso Amorim está hoje conversando com a chanceler alemã – para que a gente possa fazer dessa cúpula uma reunião verdadeiramente de cúpula, que todos os presidentes e primeiros-ministros de todos os países compareçam.

Porque, a impressão que eu tenho e a compreensão que eu tenho é de que a rodada de Doha, o acordo da OMC para o fim dos subsídios agrícolas dos países ricos, não depende mais de uma reunião técnica, depende agora de decisões políticas, e decisões políticas somos nós, os presidentes da República, que temos que tomar. Por isso, o nosso ministro Celso Amorim está, neste momento, tendo uma audiência com a chanceler para que a gente possa ter parceiros, para convenceremos os países da União Européia a comparecerem com os seus representantes máximos, da América Latina



também, com seus representantes máximos, para que a gente possa tomar uma decisão política e favorecer os países que dependem mais da agricultura.

Eu tenho dito em todos os cantos do mundo a que eu vou, que a agricultura é muito importante para todos os países, mas para os países menores e pobres ela tem uma importância maior. Porque na França, a agricultura ocupa apenas 1% da força de trabalho, na Inglaterra, a agricultura ocupa apenas 2,8% da força de trabalho. Mas no Brasil ocupa 25%, na Guatemala deve ocupar acima de 50%, em Camarões ocupa 70%, e na União Européia toda, apenas 4,8% da força de trabalho está na agricultura. Portanto, não tem sentido o subsídio agrícola impedir os países mais pobres de serem mais competitivos.

O importante é que o intercâmbio comercial entre a Guatemala e o Brasil cresceu muito. Nós, este ano, batemos o recorde: chegamos a 335 milhões de dólares, que é recorde na história das relações comerciais Guatemala-Brasil. As exportações da Guatemala para o Brasil quadruplicaram e, segundo o presidente Berger e eu ouvimos do ministro Furlan, no mês de fevereiro e de janeiro, praticamente aumentaram 300% as exportações da Guatemala para o Brasil. Eu sei que ainda é muito pequeno, eu sei que ainda tem uma vantagem na balança comercial favorável ao Brasil, mas eu quero que o presidente Berger compreenda que, para o meu governo, a relação comercial boa é aquela que é uma via de duas mãos, em que a gente possa vender, mas que a gente possa comprar para tornar o comércio uma coisa mais equilibrada e mais substancial para os dois países.

Por isso, assumimos um compromisso hoje de que o ministro Furlan, talvez ainda este mês ou, o mais tardar, no começo do próximo mês, estará indo à Guatemala com uma delegação de empresários. O governo da Guatemala vai mandar para o Brasil representantes dos setores em que a Guatemala gostaria de fazer parceria com empresários brasileiros e nós vamos levar esses empresários para que a gente possa produzir alguma coisa em



parceria com empresários da Guatemala e exportar para os Estados Unidos, já que a Guatemala tem isenção total para exportar para os Estados Unidos. E nós sabemos o que representa, para a Guatemala, o etanol, nós sabemos o que representa, para a Guatemala, a experiência que eu não tive oportunidade de conversar com o presidente Berger sobre o biodiesel, porque o biodiesel é, na verdade, aquilo que eu digo ao presidente que, no século XXI, nós não vamos fazer prospecção de petróleo, apenas; nós vamos plantar petróleo e eu posso lhe dizer que o biodiesel pode ser a grande alternativa para os países pobres do mundo, sobretudo para a América Latina e África.

Bem, eu queria dizer ao presidente Berger que a política externa brasileira é uma política que prevê a inclusão dos nossos parceiros da América do Sul, da América Latina, da África e dos países que, tradicionalmente, estavam afastados do Brasil, e também porque o Brasil estava afastado desses países. Quero lhe dizer que, quando fui convidado para ir à Guatemala no ano passado, eu fui com a certeza de que estava se abrindo, na América Central uma grande possibilidade de o Brasil estabelecer parcerias, do ponto de vista do aumento do nosso comércio, mas, sobretudo, com a implantação de projetos industriais entre o Brasil e a Guatemala, entre o Brasil e outros países.

O presidente Berger mandou aqui, no mês passado, em uma reunião com os países da América Central, um ministro para que pudesse conhecer a questão do etanol mais profundamente, para discutir investimentos e, sobretudo, para conhecer – não sei se visitaram a indústria automobilística – mas também para conhecer o flex-fuel, que é um carro que pode dar uma certa independência na área de combustível a todos os países que precisam e dependem, única e exclusivamente, do petróleo.

Eu quero lhe dizer, meu caro Presidente, que esta sua visita aqui vai melhorar ainda mais o patamar das relações entre Brasil e Guatemala. Nós sabemos das afinidades, sabemos do seu compromisso com a Reforma das Nações Unidas, sabemos do seu compromisso com o G-20, sabemos do seu



compromisso na instituição de organismos multilaterais mais democráticos, mais representativos, e sabemos, também, do seu compromisso de desenvolver, não apenas a Guatemala, mas desenvolver, praticamente toda a América Central, já que vocês tomaram a decisão de que praticamente a América Central será uma zona de livre comércio e de que não haverá a proibição de trânsito, nem de produto, nem de gente. Isso significa um comércio maior e uma possibilidade maior para acordos com o Brasil e outros parceiros do Mercosul.

Quero, especialmente, agradecer ao presidente Berger o envio de soldados para o Haiti, que participam da Força de Paz. Quero lhe comunicar que viajei com o presidente do Haiti para o Chile, e que ele é muito agradecido ao comportamento que nós tivemos e, mais ainda, ele só vai tomar posse em maio e acha que a Força de Paz só deveria sair de lá quando eles conseguirem constituir uma polícia que possa fazer a segurança de todo o Haiti. E ele pediu para que eu transmitisse, a todos os países que estão mandando soldados para lá, os agradecimentos, porque ele acha que nós fizemos a diferença no processo de paz e no processo eleitoral no Haiti. E, certamente, isso demonstrou que a América Latina tem condições de cumprir tarefas como essa que a ONU nos designou e concluir essas tarefas com mais competência do que habitualmente é feito no mundo.

E quero terminar dizendo que a Guatemala é um país, não apenas rico pela sua história de luta, pelas suas riquezas minerais, pela existência de tantas nações indígenas que construíram um Prêmio Nobel da Paz, mas também a Guatemala viveu momentos muito difíceis de conflitos. Houve momentos em que, daqui do Brasil, não como presidente da República, como militante político, eu imaginava que aqueles conflitos não teriam fim. O povo da Guatemala foi competente o suficiente, não apenas para instituir a paz na Guatemala, mas foi competente para compreender que, somente através do regime democrático, somente através da democracia, a gente pode garantir a



paz, e somente com a democracia e com a paz, a gente pode garantir o desenvolvimento tão sonhado pelo povo da Guatemala.

Por isso eu quero, de coração, agradecer a sua presença no Brasil e lhe dizer: fique certo que, daqui para frente, a relação entre Guatemala e Brasil tende a melhorar cada vez mais. Só não pude atender a um pedido do presidente Berger: ele quer que eu mande para lá um punhado de jogadores para ver se classifica a Guatemala para a Copa do Mundo. Eu não posso, antes da Copa do Mundo. Quem sabe, no futuro, a gente possa fazer um acordo de esporte para que o Brasil receba aquilo que vocês podem nos ensinar e nós possamos ajudar vocês naquilo que vocês precisam aprender.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de implantação do Projeto de Expansão das Universidades Federais no estado de Sergipe**

**Itabaiana-SE, 15 de março de 2006**

Meus queridos cidadãos e cidadãs de Itabaiana, no estado de Sergipe,  
Meus queridos companheiros e companheiras do sertão do Sergipe, que vieram aqui com as suas faixas,

Eu vou pedir permissão aos meus companheiros para não precisar repetir aqui o nome de cada autoridade, porque todos já foram citados pelo menos três vezes, e se eu citar mais uma vez eles vão ficar mais conhecidos do que eu.

Eu queria agradecer. Tem um companheiro que não foi citado, porque no Brasil é assim, quando você é autoridade, você é lembrado, quando você não é, você não é mais lembrado. Eu digo sempre que político sem mandato nem vento bate nas costas. Mas eu tenho certeza de que a classe política de Sergipe concorda comigo de que o nosso companheiro José Eduardo Dutra, quando esteve no Senado, e o nosso companheiro Valadares é testemunha, o companheiro José Eduardo dignificou, e muito, o nome, não de Sergipe, mas da política nacional. E como presidente da Petrobras, ele demonstrou uma competência extraordinária, porque quando ele entrou a Petrobras tinha um valor patrimonial, me parece que de 14 ou 17 bilhões de dólares. E hoje a Petrobras está com um valor patrimonial de 74 bilhões de dólares. E agora, no dia 21 de abril, nós vamos atingir a nossa auto-suficiência.

Eu, aqui, queria fazer uma explicação porque de vez em quando, no Brasil, as pessoas transformam a grandeza da política numa coisa pequena. Muita gente, eu já li jornais daqui que criticaram o José Eduardo dizendo que



ele era presidente da Petrobras e a refinaria não veio para cá. Primeiro, porque a refinaria não dependia da Petrobras, a refinaria dependia de uma parceria com outro país, que ia colocar 50% do dinheiro da refinaria, porque a Petrobras sozinha não tinha o recurso para fazer e a gente teve que modernizar a refinaria de Campinas, a refinaria do Rio de Janeiro, a refinaria do Paraná e a refinaria do Rio Grande do Sul. São 4 bilhões de investimentos nessas quatro. E aí a PDVSA, uma empresa venezuelana, resolveu fazer uma parceria com a Petrobras e fazer um consórcio para construir uma refinaria.

E qual era a condição que a Venezuela colocava para nós? É que eles gostariam de fazer a refinaria em Pernambuco, porque o general Abreu e Lima tinha sido amigo do general Bolívar e, portanto, ele queria prestar uma homenagem a um general brasileiro que tinha sido herói na Bolívia, construindo uma refinaria e dando o nome de Abreu e Lima.

Eu quero dizer que esta obra, ela vai ser uma obra demorada, é uma obra de vulto. Ela vai demorar alguns anos. E, obviamente, se dependesse do Valadares, ela vinha para Sergipe; se dependesse do José Eduardo, ela vinha para Sergipe; se dependesse de um deputado de São Paulo, ela ia para São Paulo; se dependesse de um deputado do Rio de Janeiro, ia para o Rio de Janeiro, e ela foi para Pernambuco, não só porque Pernambuco tem a estrutura e tem o Porto de Suape, mas porque havia uma disposição nossa de atender a um pleito de um sócio nosso que queria levá-la para lá. Mas eu quero dizer que o José Eduardo foi um grande companheiro na Petrobras e eu acho que os futuros dirigentes haverão de lembrar dele.

Eu quero agradecer à nossa bancada, eu quero agradecer à bancada de deputados federais e ao nosso senador porque vocês sabem que eu fui eleito Presidente da República... de 81 senadores eu só tenho 14, eu preciso fazer aliança com outros. De 513 deputados eu tinha, o meu partido, apenas 90; era preciso fazer alianças com outros partidos políticos. Eu quero aqui, de público, agradecer a esta bancada que está aqui, de vários partidos políticos, que em



nenhum momento deixou de contribuir para que nós aprovássemos as coisas necessárias ao Brasil no Congresso Nacional.

Quero agradecer aos prefeitos aqui presentes. Eu estou sabendo, Prefeito de Glória, prefeitos de outros... que nós, certamente... seria deselegante de minha parte dizer aqui que eu agora vou levar uma extensão universitária para qualquer cidade e para todas que reivindicaram.

Eu sei da importância de Glória, sei da importância de Lagarto, sei da importância de outras cidades. Agora, só este ano estamos fazendo 42 extensões. Primeiro nós vamos ter que acabar esta, colocar os nossos jovens na escola, a nossa juventude, para depois a gente começar outra “leva” para o ano que vem. A idéia fundamental é levar a extensão universitária para todo o interior do Brasil, para que a nossa juventude não tenha que sair da sua cidade do interior e ir para a capital ou ir para São Paulo, para o Rio, para Belo Horizonte, para Salvador, para Recife, para Aracajú. Não, é preciso que ao invés de o estudante ficar percorrendo o Brasil atrás da universidade, a universidade é que tem que ir onde está a necessidade, onde estão as pessoas com vontade de estudar.

Então, prefeitos, fiquem tranquilos, que nós vamos fazer. Agora vai ter o vestibular, vão começar as aulas. A idéia, Fernando Haddad, se eu não me engano, é que quando estiver tudo concluído nós tenhamos 2 mil alunos estudando aqui, o que passa a ser uma coisa extraordinária. Por que é importante uma extensão universitária? Na hora que chega à universidade, vem junto com ela parte da inteligência do Brasil, os nossos doutores, os nossos professores. Junto com ela vem um grupo de funcionários, vêm os alunos e aí a cidade começa a crescer. Algum investidor, na hora que começar a pensar em investir no estado de Sergipe, vai pensar: onde é que tem mão-de-obra qualificada? Onde é que tem gente estudando? Onde é que tem os cursos que eu necessito? E aí, os investidores dessas empresas vão procurar ou a cidade, ou a localidade próxima para que os investimentos comecem a



acontecer. Portanto, essa universidade de Itabaiana significa aumentar o potencial de desenvolvimento desta cidade, aumentar a geração de riqueza e de emprego nesta região. Mas não é apenas isso.

Eu quero aproveitar o nosso querido Magnífico Reitor aqui desta cidade, professor Josué, para dizer o seguinte: no Brasil, presidente da República não recebia reitor, Valadares – você que é um político experimentado – presidente da República não recebiam reitor. Reitor parecia uma coisa ruim que os presidentes que recebessem, recebiam individualmente. Um era difícil, dois era impossível, três nem pensar. Receber todos juntos era humanamente impossível. Não tem nos anais do Palácio do Planalto nenhum momento da história em que o presidente da República recebeu todos os reitores.

Pois bem, eu recebi todos em 2003, recebi todos em 2004, recebi todos em 2005, vou receber todos em 2006 e não falta nenhum pedaço. Este dedo que eu perdi não foram os reitores, isso foi numa metalúrgica, em 1963. E o que nós estamos construindo juntos? Nós estamos construindo juntos a nova lógica da reforma universitária, que não é um projeto do governo federal, não é um projeto do Presidente ou do Ministro da Educação, é um projeto da sociedade brasileira.

Eu vi aqui um menino com a bandeira da UNE. A UNE teve uma participação extraordinária na construção da proposta, junto com os reitores, junto com a Andifes, junto com todas as entidades de professores deste país, porque o projeto que vai para o Congresso não é um projeto meu, é um projeto que a sociedade brasileira universitária organizou e agora vamos depositar nas mãos dos deputados e dos senadores para que eles possam votar e aprovar para dar autonomia para as universidades. Eu não tenho dúvida nenhuma de que será um avanço extraordinário.

Mas não estamos pensando apenas no ensino universitário. Nós temos, no Congresso Nacional – já foi votado na Câmara, falta ser votado no Senado – o Fundeb, Fundo Nacional da Educação Básica, onde nós vamos aportar, a



partir de 2008, 4 bilhões e 300 milhões de reais a mais na educação, para que a gente possa dar oportunidade ao Norte e ao Nordeste do país de terem a mesma oportunidade que a região Sul e Sudeste do nosso país.

Eu sou nordestino, mas tudo que eu tenho na minha vida eu devo ao Sul do país, a São Paulo. Foi lá que eu me casei, foi lá que eu tive meus filhos, foi lá que eu aprendi uma profissão, tudo o mais. Agora, não é porque eu tive sorte lá que eu vou me esquecer de onde eu vim, como é que vive o meu povo e como é que vive a minha gente. Portanto, a cada investimento que nós fizermos no Nordeste brasileiro, nós não estaremos fazendo favor, nós apenas estaremos resgatando uma dívida histórica de muito dinheiro que foi aplicado em outras regiões. O Nordeste foi ficando para trás e agora não tem jeito. Eu tenho consciência que, como nordestino, ou nós arrumamos o Nordeste ou outras pessoas não vão querer arrumar o Nordeste brasileiro.

E mais, não é apenas o Fundeb. Em 2004, nós tivemos problemas em vários estados do Nordeste, e se nós não tivéssemos criado um Fundebinho e colocado, entre 2004 e 2005, 400 milhões de reais, as crianças não teriam se formado no 1º grau e não teriam condições de fazer o 2º grau. Nós criamos o Fundebinho, demos dinheiro para nove estados do Nordeste brasileiro, conseguimos alavancar o 2º grau e, agora, nós queremos definir um padrão de educação de qualidade.

Por isso, também, pensamos nas crianças. Este ano eu sancionei uma lei, que foi aprovada pelo Congresso, aumentando de oito para nove anos a permanência das crianças nas escolas, para que as crianças possam aprender mais. Como é que era no Brasil, antigamente? Uma criança que tinha um poder aquisitivo razoável, que a mãe tinha um poder aquisitivo, ou tinha uma prefeitura em que tinha uma boa educação, essa criança podia fazer uma pré-escola com seis anos de idade. E outra criança pobre, que não tinha condições, não podia. Acontece que quando uma criança entrava na escola com sete anos, já com um ano de escolaridade e a outra entrava com sete



anos, sem nenhum dia de escolaridade, logicamente que você ia ter uma criança mais adiantada e uma criança mais atrasada. Ora, o que nós estamos fazendo? Nós estamos querendo dar oportunidade para tornar iguais o filho do pobre e o filho do rico. Todos entrarão na escola aos seis anos de idade e todos vão aprender em igualdade, porque Paulo Freire dizia: “não tem ninguém burro no mundo, não tem ninguém que não seja inteligente, é dar comida e oportunidade que todo mundo vai em frente e vence na vida”. Mas também não é apenas isso que nós estamos fazendo.

O ensino técnico, vocês sabem que no Brasil, desde 1998, não se investia em escola técnica, porque entendia o governo que escola técnica e curso profissionalizante, deveria ser feito sob a coordenação das prefeituras ou do estado e, portanto, o governo federal não ia fazer. Era preciso fazer convênio. Ora! Nós temos como responsabilidade da União o ensino técnico, então, nós não podemos abrir mão. Nós estamos fazendo nesse momento, nós começamos fazendo 32 escolas técnicas, já passou para 42 e, até junho, há uma expectativa de inaugurarmos 25 novas escolas técnicas neste país e aqui, no estado de Sergipe, como disse o nosso Ministro da Educação, duas.

Para quê? Para que o nosso jovem... eu estou vendo aqui os companheiros trabalhadores rurais, com o seu chapeuzinho na cabeça. É preciso que a gente tenha não apenas curso de desenho, de engenharia, curso técnico num monte de coisa, mas cursos técnicos na área da agricultura para que a gente possa dinamizar ainda mais a produção da agricultura familiar neste país. E nós vamos assumir a responsabilidade. Queremos partilhar como o governo do estado, com prefeitos, com a comunidade, por que sabe o que acontece? Eu já aprendi também, em três anos de governo, aliás eu já tinha aprendido na vida: você vê uma criança feia na rua, ninguém quer ser pai; se é bonitinha, tem 500 pais.

Programa de governo quando dá certo, todo mundo é o criador, quando dá errado ninguém assume a responsabilidade. Eu, na minha vida, criei cinco



filhos sem negar a responsabilidade em nenhum momento e, como presidente da República, aquilo que a gente fizer de bom a gente assume e aquilo que a gente não fizer a gente tem que ter coragem de assumir também. Então, esta extensão universitária nós agradecemos: olha, isto aqui foi uma coisa feita pelo Collor. E muitos lugares não foram utilizados, mas nós vamos reformular para que possam atender corretamente à população, afinal de contas, isso aqui foi construído com dinheiro do trabalhador brasileiro, então nós precisamos utilizar corretamente.

Então, a Prefeita nos cedeu isso para que a gente pudesse fazer. O governador nos deu o terreno aí do lado, maravilha. Eu, como Presidente da República, não quero saber para que time torce o governador, o prefeito, de que partido são, de que religião são. Eu quero saber que entre a divergência minha e de um prefeito, ou minha e de um governador, tem o povo brasileiro que quer de nós o melhor, ele não quer saber de quem é, ele quer saber se a gente está cuidando do Brasil corretamente, se está cuidando da cidade corretamente, se está cuidando do estado corretamente. Vocês nunca me viram, nesses 36 meses, falar mal de um prefeito ou de um governador. Nunca. Eu duvido que tenha uma nota num jornal, eu falando mal de um governador ou de um prefeito. E não vou falar. Eu não fui eleito para falar mal deles, eu fui eleito para provar que os trabalhadores têm condições de governar este país.

Então veja, eu venho aqui e vejo a alegria de vocês, a alegria da Prefeita, a alegria da Governadora, é isso que o Brasil precisa. O Brasil precisa que os governantes façam aquilo que precisa ser feito, deixem de divergências, deixem de xingatórios, deixem de acusações falsas, que depois não se prova nada. O povo quer saber o que as pessoas estão fazendo, o povo quer saber se a carne está mais barata, se o arroz está mais barato, o povo quer saber se o aluguel está mais barato. É isso que o povo quer saber. E é isso que nós temos que fazer.

Eu tenho mais nove meses de mandato. Eu tenho dito o seguinte: eu só



quero ser julgado quando eu tiver terminando o meu mandato. Eu quero que meçam o que eu fiz por este país e o que os outros que vieram antes de mim fizeram, para a gente ver quem fez o quê neste país.

Quero dizer aos companheiros de Jacaré e Curitiba, que eu já anotei e vou chegar lá, falar com o ministro Ciro Gomes, e ver o que está acontecendo nessa área, para a gente tentar resolver esse problema porque também no Brasil, muitas vezes, é um empurra-empurra que a gente não agüenta mais. É um empurra-empurra. Então, é preciso que a gente dê um fim nisso, é preciso. Cada um de nós foi eleito deputado, senador, presidente da República, prefeito, nós fomos eleitos para fazer as coisas, temos que fazer.

E eu quero dizer para vocês: eu sempre disse que educação era uma prioridade. E era uma prioridade porque, possivelmente, eu não tive a oportunidade de fazer uma universidade. Não pensem que eu tenho orgulho disso, não. Eu não tenho orgulho de não ter universidade. Eu gostaria de ter feito uma universidade. E eu quero que vocês tenham, hoje, a oportunidade que eu não tive 20 anos atrás. Por isso nós criamos o ProUni, que em apenas 12 meses colocou 203 mil jovens da periferia na universidade, dos quais 30% negros. As pessoas não acreditavam.

Hoje, eu fui com o ministro Alfredo inaugurar, fomos visitar as obras do contorno da 101, uma obra que estava prometida neste estado há mais de oito anos. E eu tive o prazer e a alegria de abraçar um menino e ele me dizer: “Presidente, eu sou um felizardo do ProUni, se não fosse o ProUni eu não tinha entrado na universidade brasileira”. Na cidade de Maruim, está me dizendo o Déda, aqui.

Então, gente, eu saio daqui mais feliz do que cheguei, saio daqui com a camisa do pentacampeão do estado de Sergipe, saio daqui com a gratificação de ter ganho o bonezinho azul da Universidade Federal de Sergipe, saio daqui com a alegria de ver estampado no rosto dessas mulheres, no rosto desses homens, no rosto dos nossos estudantes essa alegria, esse prazer de perceber



que um sonho está se tornando realidade. Saio daqui com o prazer de ter encontrado os companheiros do movimento social, do Movimento Sem-Terra, que a gente não nega que, em muitos anos de batalhas, muitas vezes nós temos pontos de vista diferentes, mas nas nossas divergências a gente sabe diferenciar quem é o adversário comum, quem é que nós queremos vencer e o que nós queremos construir.

Quero agradecer de coração aos companheiros da UNE, porque os nossos jovens da UNE têm dado um trabalho extraordinário de colaboração e, sobretudo, num projeto extraordinário que é o Projeto Rondon, de jovens brasileiros que estão percorrendo o Brasil para aprender e para ensinar.

Quero dizer a vocês que tenho orgulho cada vez que eu fico sabendo da notícia de que uma dona de casa, no interior deste país, acendeu um bico de luz. Mulher que estava vivendo há anos sem ter um bico de luz. E o programa Luz para Todos é um programa que o governo federal pensou, porque quando chega... eu vivi na base do candeeiro até os sete anos idade, eu vi a minha mãe... e era uma candeeiro feito de uma latinha com um paviozinho daquele vagabundo, feito de corda. Eu sei o que é o trabalho de uma mulher cuidar das crianças, cuidar da janta com candeeiro. Então, nós vamos levar, até 2008, luz para todos os brasileiros que não têm luz neste país. Chega a luz e, logo, logo chega uma geladeirazinha, uma casa de farinha, uma coisinha aqui, uma coisinha ali. É o progresso chegando na vida das pessoas mais pobres.

Quero dizer aos companheiros trabalhadores rurais do meu orgulho. Quando ganhamos o governo, o Pronaf... os gerentes do Banco do Brasil tinham desaprendido a atender pobre. Não era nem maldade, era falta de orientação. Veja, eu tomei posse em janeiro, eu só fui descobrir isso em outubro de 2003. Pois bem, fizemos um processo de curso de formação e, hoje, o Pronaf que tinha 900 mil contratos, nós vamos terminar este ano com 2 milhões de contratos neste país. O Pronaf, que era uma coisa basicamente para o Sul do país, hoje é para o Norte e para o Nordeste brasileiro. Eu não



tenho os números aqui, mas eu duvido que em algum momento da história de Sergipe teve tanto trabalhador rural fazendo contrato do Pronaf como está agora, duvido, sem conhecer os números.

Quero dizer para vocês, o projeto Bolsa Família, e esse dado é muito importante, mas por ser importante não deve estar aqui na minha papelada. Esse dado que eu vou dizer para vocês é muito importante. Eu vou dar o número aqui, César Alvarez, o Bolsa Família aqui, são 154 mil pessoas. Em Aracaju são 24 mil e 700 pessoas que recebem o Bolsa Família e aqui, em Itabaiana, 8 mil e 200. O Bolsa Família não é a salvação da lavoura, eu nunca disse isso. Eu disse que o Bolsa Família é aquele primeiro estender de mãos que a gente dá para um companheiro mais necessitado. Mas o ideal é a gente gerar emprego, é a gente concluir a reforma agrária, é a gente fazer com que as pessoas possam viver às custas do seu trabalho.

Por isso, meus companheiros, eu saio daqui agora... o Zé do Rádio está aqui. O Zé do Rádio não pode me ver que fica pedindo uma coisa a mais. Ele passou 8 meses na porta do Palácio do Planalto querendo a anistia dele. Foi dada a anistia para ele e para mais 600. Só do Correio, nós anistiamos mais de 2 mil trabalhadores que tinham sido mandados embora na greve do Correios há muitos anos. Hoje, vamos anunciar, ou amanhã de manhã, a recuperação dos mata-mosquito, aqueles que em 1998 foram mandados embora também.

Nós estamos, com o tempo, recuperando. Já contratamos 60 mil novos servidores públicos, estamos acabando com a terceirização em vários lugares, para a gente dotar a máquina pública, uma máquina pública profissional, que seja do PT, do PFL, do PMDB, do PSDB, de qualquer partido político. A máquina pública tem que funcionar, e ela tem que funcionar para atender ao povo.

Finalmente chegou o número exato. Aqui no estado de Sergipe, são 154 mil e 800 famílias que recebem o Bolsa Família. Ou seja, nós passamos, por ano para o estado, 120 milhões de reais para cuidar do pobre deste estado.



Quero me despedir de vocês dizendo seguinte: eu tenho 60 anos, aqui eu estou vendo muita gente de 18, 19, eu quero que vocês sintam, e vocês vão ser testemunhas do significado desse ato de hoje daqui a dez anos. Daqui a dez anos todos vocês estarão com 30, 35, 28, eu já estarei com a chuteira pendurada, torcendo por vocês. Mas eu não tenho dúvida nenhuma de que cada tijolo que a gente colocar para erguer uma escola, seja no ensino fundamental, seja numa universidade ou numa escola técnica, cada tijolo que a gente colocar numa escola, será um tijolo a menos que nós vamos colocar numa cadeia. Cada tijolo a mais que nós colocarmos numa escola estaremos dizendo ao cidadão do Brasil que ele vai poder ganhar um pouco mais porque vai ter uma profissão e ele vai valorizar. Cada tijolo que a gente colocar a mais numa escola, seja fundamental ou na universidade, nós estaremos dizendo ao mundo: Esperem. Durante muito tempo o Brasil não se respeitou; durante muito tempo o Brasil foi exportador de matéria-prima ou de grãos mas, a partir de agora, nós estamos nos preparando para exportar a coisa mais sagrada que um país pode exportar, que é a sua inteligência, o seu conhecimento, esse é o maior valor agregado que um país pode exportar.

E isso eu quero deixar claro, esta escola, esta universidade em que estamos aqui não é obra só do Presidente, da Prefeita, do Governador, do Déda, dos deputados. Esta obra é, sobretudo, a capacidade de vocês, desses companheiros de Glória que vieram aqui com uma faixa: “Glória também precisa.” É isso que eu quero que vocês façam. Eu nunca pedi, e eu duvido que alguém possa dizer que eu já reclamei de alguém reivindicando, nunca, porque eu nasci na vida aprendendo a reivindicar. Não vou reclamar nunca. Agora, o que eu quero é que vocês reivindiquem porque governante, neste país, pode ser bom, mas ele será muito melhor se o povo estiver no calcanhar dele cobrando para ele ser melhor ainda.

Muito obrigado, que Deus abençoe a todos vocês e boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na inauguração do conjunto residencial Sérgio Vieira de Mello – Programa de Arrendamento Residencial - PAR**

**Aracaju-SE, 15 de março de 2006**

Bem, meus queridos companheiros e companheiras do estado de Sergipe e da cidade de Aracaju,

Meu querido companheiro, Marcelo Déda, prefeito desta cidade,

Meu querido ministro Márcio Fortes,

Meu querido companheiro Alfredo Nascimento, ministro dos Transportes,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Antônio Carlos Valadares,

Meus queridos companheiros deputados federais: Patrus Heleno Silva, Jacques Barreto e Jorge Alberto,

Meu querido Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu caro André Oliveira, o nosso querido sobrinho e afilhado do Sérgio Vieira de Mello,

Meus queridos deputados estaduais,

Prefeitos,

Vereadores,

Meu querido companheiro, ex-senador e ex-presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra,

Quero, aqui, fazer uma censura ao nosso chefe do cerimonial, que ao apresentar a dona Creusantina de Lima e Silva, que recebeu a casa, a gente nunca pode falar a idade de uma mulher depois que ela completa 20 anos de idade. Falar que ela era viúva estava ótimo. Mas, minha querida Creusantina, que Deus te abençoe, que tenha sorte.



Senhores arrendatários e companheiros futuros moradores deste conjunto habitacional PAR. Primeiro, quero dizer para vocês da alegria imensa de poder visitar um conjunto habitacional como este e ver a qualidade da casa, ver a qualidade do espaço que existe entre as casas, vê a qualidade da área livre que vocês vão ter para transitar aqui com a família de vocês, lugar para os filhos de vocês brincarem. Eu estou dizendo isso porque eu entrei numa casa.

Eu quero dizer para vocês que, em 1976, quando eu comprei a minha primeira casinha da Caixa Econômica Federal, ela tinha 33 metros quadrados. Vinte metros a menos do que esta. E lá moramos eu, Marisa, e lá nasceram todos os meus filhos. O quarto era 3X3, e a gente nunca reclamou. Esperei praticamente cinco anos para começar uma reforma na casa. Esta casa que eu visitei aqui, além da qualidade da construção, eu quero parabenizar os arquitetos que fizeram, os trabalhadores que trabalharam, a empresa que administrou, porque é um conjunto de qualidades muito impressionante. Impressionante a qualidade, o arejamento, o espaço. Vocês viram que tem espaço para jardim, tem espaço para as crianças brincarem, quando alguém quiser comer um caranguejo, é só pular aquele muro devagar, sem manchar o muro, pegar o caranguejo, trazer, comer, mas com muito cuidado porque o Ibama vai estar aí, fiscalizando vocês... Eu acho que é tipo de casa assim que a gente sonha que um dia todo o povo brasileiro possa ter.

Mas eu não vim aqui só para isso hoje. Eu vim aqui... hoje nós começamos o dia no contorno da BR-101, uma obra que estava paralisada há oito anos e que nós retomamos, e ainda este ano, nós vamos entregar, até setembro ou agosto, 14 quilômetros da BR-101, desafogando aquela área que é responsável pela morte de 43% das pessoas que morrem vítimas do trânsito, aqui no estado de Sergipe.

Depois nós fomos para Itabaiana anunciar e começar a inaugurar a chamada extensão da Universidade Federal de Sergipe para Itabaiana, levando 10 cursos para Itabaiana, garantido que, quando tiver concluído – o



vestibular se dará em junho e as aulas começarão em agosto, nós teremos, quando estiver tudo pronto, dois mil alunos fazendo universidade em Itabaiana.

Mas nós já recebemos outra reivindicação de levar uma extensão universitária para Glória, levar uma para Lagarto, ou seja, cada vez que a gente inaugura uma – está ali gritando São Cristóvão... Nós vamos ter – não dá para fazer uma em cada cidade – vamos ter que atender de acordo com o tamanho da cidade, a população da cidade. Depois nós fomos a Coroa do Meio, ver o que se chama revolução urbana. Dá para resolver o problema dos pobres sem afugentar os pobres, recuperar o mangue sem afugentar as pessoas que moram lá. O que eu vi ali, Déda, não foi um projeto habitacional. O que eu vi ali em Coroa do Meio foi um chamado projeto de cidadania, projeto de respeito à sociedade de Aracaju.

E agora estou aqui. Estou vendo muito jovem aí, já me deram uma camisa do ProJovem. O ProJovem é um programa que tem, hoje em Aracaju, praticamente dois mil jovens. Esse Programa foi criado para a gente pegar jovens de 18 a 24 anos, que tinham desistido de estudar, que não tinham terminado o ensino fundamental. Nós estamos chamando esse jovem de volta, estamos fazendo parceria com a prefeitura, que é quem cadastra esse jovem. Esse jovem volta a estudar, aprende uma profissão e nós pagamos 100 reais por mês para ele poder aprender essa profissão e voltar ao mercado de trabalho. Tem gente que fala assim para mim: “Presidente, esse jovem tem a obrigação de vir estudar de graça. Não pode dar dinheiro para ele”. Eu quero dizer para vocês que é muito mais barato a gente dar 100 reais para incentivar o jovem a voltar a estudar que cuidar desse jovem, se ele cair na bandidagem e for preso, e a gente tiver que cuidar dele dentro da cadeia. Um preso custa muito mais caro do que pagar 100 reais para o jovem.

Mas eu estou aqui também com o meu ministro das Cidades. Nós decidimos agora 1 bilhão de reais para o Fundo Social de Habitação e a gente quer construir casas, de preferência, para as pessoas que moram em regiões



degradantes como as palafitas, por exemplo. E está aqui o ministro da Educação, que está fazendo uma revolução na área da educação. Veja, nós estamos fazendo quatro universidades federais novas no Brasil, nós estamos transformando seis faculdades em universidades, estamos fazendo 42 extensões universitárias pelo país.

Este ano, até junho, vamos inaugurar 25 escolas técnicas e, ao mesmo tempo, nós estamos fazendo 42 no Brasil. Tudo isso nós estamos fazendo para que a gente possa recuperar um tempo perdido que a sociedade brasileira teve, neste país, na questão da educação porque, se não tiver educação, a gente não vai conseguir disputar com os países mais ricos; se não tiver educação, a gente não vai ter avançado do ponto de vista tecnológico; se não tiver educação, a gente não vai ter mão-de-obra qualificada; se não tiver mão-de-obra qualificada, a gente não vai trazer indústria para cá; não trazendo indústria, não tem emprego. Então, nós estamos querendo fazer uma revolução na educação.

Uma outra coisa importante. Eu estou vendo o pessoal gritar “passe livre” ali, eu confesso que não sei o que é, porque veja, é um problema que nós vamos ter que discutir, porque se der passe livre para todo mundo, ninguém vai querer colocar empresa de ônibus. É um problema que nós vamos ter que ver, ou o trabalhador vai ter que pagar, alguém vai ter que pagar, porque não vai ter empresa de ônibus. É importante, mesmo no meio dos estudantes, nós temos que ver qual é o estudante que precisa porque, daqui a pouco, está a filha do Déda querendo transporte... andar de graça. Não, isso tem que ser para as pessoas pobres. Das pessoas pobres nós temos que cuidar, porque senão, veja, você quer... Essas coisas você não pode ficar prometendo para as pessoas, para agradar, porque está perto de eleição, que vai ter. Comigo não tem isso.

Eu acho que nós temos que ter coragem de garantir um barateamento do transporte coletivo... Eu estou vendo... tem um tipo de gente no Brasil que é



assim: eu estou vendo umas pessoas buzinares ali e apitarem. Essas pessoas, na verdade, fazem parte daquele grupo de brasileiros que não querem construir. A gente passa 400 anos para construir uma coisa. Você constrói um prédio, leva 10 anos; para destruir, você coloca uma dinamite e destrói. São pessoas que falam “o Lula quer fazer a transposição das águas, vai acabar com o rio São Francisco”. Só que, durante todos esses anos, muitos prefeitos queimaram todo o cerrado, jogaram esgoto, e eu não os vi fazendo protesto. Eu não vi.

E, graças a um projeto, a uma PEC apresentada pelo governador Valadares, nós aprovamos que, durante 20 anos, vai ter dinheiro para recuperar a margem do rio São Francisco, as matas ciliares, fazer tratamento de esgoto. E eu duvido... Eu ouvi dizer que tinha um deputado aí, fazendo passeata contra. Esse deputado abre a geladeira dele, que ele vai ter água Perrier para beber, água francesa, porque o salário de deputado é bom. Ele vai ter. Ele não sabe o que é carregar uma lata d'água de 20 litros na cabeça durante seis léguas, ele não sabe o que é ver a cabritinha que dá leite para os filhos morrer de sede. Não sabe. Aí “eu sou contra, sou contra”. Chega na salinha dele, ar condicionado, água de côco, água gelada. E ainda vai no supermercado, e ele quer comprar todas as verduras, que não sabe quem planta. Quem planta colocou água ali.

Então, eu duvido que tenha uma mulher ou um homem de Sergipe, a não ser meia dúzia, que deve estar apitando porque está com a barriga cheia d'água, porque se estivesse com sede, não estaria apitando. Eu quero ver qual é a mulher e o homem de Sergipe que se nega a que a gente possa recuperar o rio São Francisco e tirar 1% da água para levar para 12 milhões de famílias de nordestinos que vivem no semi-árido deste país.

Agora, todo mundo se sente dono do rio. Para jogar fezes lá dentro e esgoto, ninguém cuidou do rio; para deixar contaminar, para tirar um cerrado e



assorear, ninguém. Então, meus filhos, a idade é boa por isso. Quando a gente chega a ter 60 anos de idade, a gente atinge a maturidade. E quando a gente governa o Brasil, a gente tem seriedade, a gente não pode ficar entendendo que pode chegar um grupinho de pessoas e falar “eu quero cinema de graça, eu quero teatro de graça, eu quero ônibus de graça”. Eu também quero tudo de graça, mas eu tenho que trabalhar. Alguém tem que trabalhar, alguém precisa trabalhar. É o trabalho que dignifica as pessoas, ora, meu Deus do céu. Não tem facilidade. O trabalhador que trabalha, que ganha 300 reais, levanta de manhã, tem que pagar o transporte ou vai a pé. Aí, vêm aqui os filhos de alguém mais rico: “ah, eu quero de graça”. Não tem, não tem.

Eu quero dizer para vocês: eu andava do bairro do Ipiranga em São Paulo até São Caetano, quase 14 quilômetros a pé. Eu trabalhava em uma fábrica, a minha noiva em outra. Ela trabalhava um ponto depois de mim. Eu ia para casa, às vezes, a pé, porque não tinha uma moeda. E me escondia pelos campos para minha noiva não me ver. Agora, me desculpem, companheiros, esses ouvidos aqui e os ouvidos desse povo aí, a nossa massa encefálica é mais inteligente do que vocês pensam, sabemos mais do que vocês pensam.

Então, meus companheiros e companheiras, eu quero dizer para vocês que só em saneamento básico, para cuidar de água e esgoto, nós investimos 7 bilhões de reais até agora. Sete bilhões de reais, até agora, de dinheiro que é colocado embaixo da terra, que muitos governantes não gostam de colocar, e nós colocamos, porque saneamento básico significa saúde, significa melhoria de qualidade de vida para as pessoas.

Então, meus companheiros de Aracaju, minhas companheiras, homens e mulheres do meu querido país, eu não sairia daqui satisfeito se não pudesse dizer o que eu disse, se não pudesse até responder algumas coisas que precisavam ser respondidas. Mas, de qualquer forma, eu quero, Déda, dar os parabéns. O Déda está deixando a prefeitura agora, dia 31 de março, porque a lei obriga, e no lugar dele está assumindo o Edvaldo Nogueira. O Edvaldo



Nogueira, que é um companheiro, que é vice do Déda todo esse tempo... Eu não tenho dúvida nenhuma de que o Edvaldo Nogueira tem a mesma competência, vai fazer o que ele puder fazer de melhor para dar continuidade a esta administração. Eu não posso falar de política aqui, nem é bom falar de política, mas como Deus escreve certo por linhas tortas, e o Marcelo Déda fez uma administração extraordinária em Aracaju, certamente o povo de Sergipe vai ser solidário a um salto de qualidade que ele quer dar na política do estado.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês, e até outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao projeto de reurbanização do bairro Coroa do Meio**

**Aracaju-SE, 15 de março de 2006**

Quando o prefeito estava falando, o sol estava batendo na minha cara ali, e eu fiquei pedindo a Deus para chegar logo a minha vez de falar, para vir num lugar que não tinha sol. Eu vim, o sol andou e está pegando, possivelmente, porque eu não seja tão alto quanto ele e então, está pegando aqui.

Eu não vou falar mais de Coroa do Meio, porque o nosso companheiro Marcelo Déda... Tem um garotinho aqui que, desde que eu cheguei, ele está gritando Lula. Eu já fui lá, já dei um beijo, um abraço, mas ele continua ali gritando Lula. Eu acho que vou levá-lo embora para Brasília.

Para quem já viveu situações como essas, ao longo de muitos anos, chegar numa palafita, eu acho a palafita a situação mais degradante de moradia de um ser humano. Eu conheço as palafitas de Pernambuco, conheço as palafitas de São Luis do Maranhão, conheço os alagados da Bahia, conheço as palafitas de Aracaju, conheço as palafitas de Santos. E de todos os lugares que eu visito e que eu conheço, nada é mais degradante que uma palafita, porque a palafita não permite, primeiro, que a gente se sinta em solo firme, que não aconteça nada nem conosco e nem com as nossas famílias. Segundo, porque não tem rua, você não tem como transitar, às vezes é um trapiche em que você é obrigado a andar. Eu já tive oportunidade de ver, numa visita que fiz, em 1993, à Bahia, uma mulher grávida que caiu e enfiou a barriga numa tora de mangue. Eu venho sonhando que a gente possa acabar com as palafitas no Brasil e, essas coisas, é mais fácil a gente falar do que a gente fazer.



O Marcelo Déda estava dizendo: cinco anos de sofrimento, de muito trabalho, às vezes recebendo críticas. Às vezes pessoas que nunca passaram por uma palafita escrevem artigos contra, achando que é jogar dinheiro fora, que é gastar dinheiro, que não é coisa necessária. Na verdade, meu querido Marcelo Déda, administrar – e essa é a grande coisa de você estar no Poder Executivo – é você plantar e colher. Porque quando você põe uma semente embaixo da terra, não falta quem passe ali e diga: “não está plantando nada, não vai dar, essa semente não presta, a terra é ruim, não sei das quantas”. Aí vem um brotinho, aí já fala: “é, vai dar, mas vai ser fraquinha, vai dar, mas não vai ser boa”. Aí ela cresce: “ah, vai dar, mas não vai dar fruto”. Aí, quando começa a dar os frutos, aquele mesmo avarento que nunca gostou daquela coisa, quer ser o primeiro a chupar da fruta que nós plantamos.

Bem, foi com base nessa preocupação de acabar com as palafitas que o Congresso Nacional... E eu quero agradecer aos senadores e aos deputados, que aprovaram uma lei de iniciativa popular, a primeira lei de iniciativa popular feita no Brasil, que demorou 13 anos para ser aprovada. Ela foi aprovada, criando o Fundo Social de Habitação. E foi aprovada no ano passado, eu sancionei a lei e, este ano, nós colocamos 1 bilhão de reais no Fundo Social. Esse 1 bilhão de reais, é possível construir, no mínimo, umas 100 mil casas pequenas, é verdade. E eu disse ao ministro das Cidades, disse em uma reunião ministerial, que esse 1 bilhão nós vamos dar prioridade para acabar com as palafitas em todos os lugares do Brasil onde tiver palafita.

A verdade é que as coisas também não são fáceis, Marcelo, porque precisa fazer projeto, tem licença ambiental, às vezes você faz o projeto e um processo de licitação demora quatro, cinco meses, a coisa é mais complicada. Então eu disse ao ministro Márcio Fortes: eu não quero saber se o prefeito é do PFL, do PMDB, do PSDB, do PSB, do PT, eu não quero saber. Eu não quero saber se ele é branco, alto, preto ou baixinho, se ele é corintiano ou torce aqui



para o Sergipe Futebol Clube, eu não quero saber. Eu quero saber o seguinte: se tiver projeto feito e aprovado, nós vamos tirar as palafitas de lá.

E nós temos que fazer isso rápido porque, lamentavelmente, no Brasil, a eleição, que é uma coisa boa, a eleição significa democracia. Na verdade, eu não sei se você percebeu, Marcelo Déda, que em um mandato de quatro anos, você, na verdade, governa três, porque, por exemplo: eu ganhei a Presidência em 2002, tomei posse em 2003. Em 2004 já teve eleição para prefeito. A partir de junho você já não pode fazer mais nenhum convênio com nenhuma prefeitura. Você não pode fazer convênio para repassar dinheiro para nenhuma prefeitura. Então, de junho, praticamente, à eleição, você não pode fazer nada. Aí termina uma eleição em 2004, vem 2005, aí você não tem problema. Chega em 2006 tem eleição, e a partir de junho, tudo o que for convênio que a gente não fizer, não faz mais. Então, eu fico pensando que a eleição deveria ajudar a gente a fazer mais coisas. No Brasil as administrações ficam truncadas porque não pode fazer convênio nem para repassar dinheiro. Nem para repassar dinheiro para uma prefeitura, a gente pode mais. Essa é a situação.

Mas o que é mais importante é que nós colocamos, este ano, só na Caixa Econômica Federal, 18 bilhões e 700 milhões de reais para financiar casas. Dezoito bilhões e 700 milhões de reais. É o maior financiamento de casas, pelo menos dos últimos 12 ou 15 anos. Qual é a diferença que nós estamos dando? É que, desses 18 bilhões e 700 – prefeito, senador e deputado – 10 bilhões nós estamos colocando para financiar casa de quem ganha até 5 salários mínimos. E 8 bilhões e 700, a gente está colocando para financiar casa de setores médios da sociedade, pois também tem muita gente de classe média que não tem casa e tem direito de ter uma casa também.

O que nós estamos dando afinal? Nós governamos para todos, mas eu aprendi com a minha mãe: se a gente tem cinco filhos e tem quatro com saúde e um mais fraquinho, é para aquele mais fraquinho que a gente dedica mais carinho, mais amizade, é aquele que a gente vai cuidar melhor. E é por isso



que nós estamos cuidando da parte mais pobre da população, sem esquecer que nós não somos apenas governantes dos mais pobres, nós somos governantes de 180 milhões de brasileiros e precisamos olhar para todo mundo. Mas as palafitas são um desejo meu, de a gente acabar com elas no Brasil daqui a alguns anos, e quando eu venho aqui em Coroa do Meio, e vejo esta avenida... Essas casinhas aqui... O povo, Déda, é mais esperto e mais inteligente do que a gente imagina. Olhe, nós insetamos agora – o ministro Márcio disse – nós insetamos 38 materiais de construção, 38 produtos de construção. Aquele “vitrô” de alumínio, nós insetamos tomada, insetamos azulejo, lajota, vaso sanitário, insetamos tudo, tinta. Sabe por quê? Porque daqui a alguns meses, Déda, você vai vir aqui, e o cidadão já fez o muro da sua casa; você vai naquela parte de trás, ele já puxou mais um quarto, porque o casal quer dormir mais sossegado, quer colocar o filho no cantinho dele, e ele quer ficar no seu cantinho. Afinal de contas, aqui, em Aracaju, também tem lua cheia, as pessoas gostam de ter mais sossego para namorar, pois ninguém é de ferro.

Pois bem, então daqui a pouco você vai vir aqui, Déda, todas essas casas vão estar com uma construçãozinha a mais, um puxadinho a mais, uma pia, um tanque, um banheiro, alguma coisa vai ter. Porque na hora que você passa a escritura para um homem ou para uma mulher pobre, ele passa a ser tomado de uma garantia tão grande, porque enquanto não tem escritura, todos nós vamos dormir achando que alguém vai tirar a gente. Não é isso? A gente vai deitar toda noite achando: será que vão tirar a gente? Não é nossa esta terra, será que vão vir aqui pegar? Mas, quando a gente tem a escritura, a gente sabe: agora é nossa, ninguém tasca mais e vamos então aumentar.

E é por isso também, Déda, que além do material de construção, nós, está aqui o Ministro das Cidades – não veio a Alexandra do Ministério do Planejamento, que cuida do Patrimônio da União – nós estamos trabalhando intensamente para regularizar 900 mil títulos de terra para as pessoas que



estão morando em terrenos que não estão legalizados. Esses terrenos, às vezes, são mais difíceis, porque uma parte a gente passa para a prefeitura, outra parte é da própria prefeitura, outra parte é do Estado, tem uma parte da União e a outra, às vezes, é terra privada, que aí a gente desapropria, a pessoa entra com um processo e demora anos. Mas essas dos municípios, dos estados e da União, nós estamos trabalhando, intensamente, para que a gente possa garantir que milhares e milhares de seres humanos possam deitar a cabeça no travesseiro e dormir um sono justo, sem a preocupação que vai vir alguém da prefeitura, com uma ordem judicial, dizer que essa pessoa tem que sair. Isso nós vamos garantir para vocês, é uma questão de honra.

Até porque a União não precisa ter terreno, a União não precisa ter prédio, tem muitos prédios, Déda, espalhados por este país afora, que nós precisamos nos desfazer disso. Se tiver um prédio do governo em Aracaju e que dê para fazer residência – ali já tem água encanada, ali já está a escola, ali já tem a luz elétrica, ali já tem o asfalto, ali já tem as praças – fica muito mais barato que todo um trabalho de urbanização que a gente tem que fazer. Por isso, eu posso dizer para vocês: vir aqui, hoje, alguns dias antes da inauguração, porque o gostoso é que a festa vai ser no dia 30, aniversário desta cidade. É importante levar o Daniel lá onde morava o pessoal, para ele conhecer. O Daniel é um bom menino, além de bom cantor, é um bom menino, boa cabeça, é importante ele ter noção de onde essas pessoas moravam, para ele saber o valor dessa obra que você fez aqui, companheiro Déda. É importante saber, porque obras como estas não é qualquer governante que quer fazer.

O Déda disse bem: quando se faz uma coisa num lugar para beneficiar os mais ricos, eles falam que é investimento. Quando se faz uma coisa para atender os mais pobres, eles falam que é gasto. Déda, nunca utilize a palavra eu gastei para fazer isso para o pobre, nunca. Porque isso aqui é um investimento inestimável, não tem valor o que foi feito aqui e não tem preço o



sorriso daquelas mulheres que nós fomos visitar nas palafitas e que, algumas delas, amanhã, já estarão aqui.

Portanto, o Fernando Haddad sabe, em uma reunião que nós tivemos para discutir a expansão universitária, toda hora em que a gente discute, as pessoas falam: “porque vai gastar 1 bilhão, porque vai gastar 2 bilhões, porque vai gastar 3 bilhões”. Aí, quando é para emprestar dinheiro para um grande grupo multinacional, “é um grande investimento para a grande empresa vir aqui”. Bem, então eu determinei o seguinte: dinheiro colocado em educação não pode ser gasto, tem que ser investimento porque é o maior investimento que uma nação pode fazer é educar o seu povo.

Bem, mudando de assunto, eu estou vendo ali um companheiro com a roupa da Petrobras, todo orgulhoso ali, estou vendo aqui o nosso José Eduardo, ex-presidente da Petrobras, e eu queria dizer para vocês o seguinte: está cheio de gente pedindo para vir falar do ProJovem. Espera aí. Vocês sabem que abrimos concurso, anistiamos mais de 653 companheiros que tinham sido mandados embora na greve de 1995, anistiamos 653 companheiros, acabamos de anistiar 2 mil companheiros dos Correios que tinham sido mandados embora há mais de 10 anos.

Bem, mas eu estou vendo o companheiro da Petrobras ali, e estou me lembrando do seguinte: dia 21 de abril, Déda, vai ser uma festa extraordinária. A Petrobras, no dia em que a gente comemora o dia de Tiradentes, que é a imagem da nossa Independência, a Petrobras vai oficializar a auto-suficiência de petróleo no Brasil. Então, vai ser uma festa muito bonita, vai ter material na escola para as crianças lerem, material didático para as crianças saberem o que é a Petrobrás, na escola; vai ter uma comemoração. E o que é mais importante, Zé, não sei se você já foi informado, a Petrobrás, pela primeira vez na vida, teve superávit na sua balança comercial: 3 bilhões de dólares nós exportamos de petróleo. E agora, com o biodiesel e com o etanol, então... Eu



estou dizendo que a gente não vai mais fazer prospecção de petróleo: vamos plantar petróleo, agora. Vamos plantar. Mas essa é uma outra história para um outro ato que nós vamos participar.

Aqui, o nosso ProJovem. Déda, o ProJovem é um programa que nós fizemos para atender adolescentes de 18 a 24 anos que não tinham terminado o ensino fundamental e que nós queremos que terminem o ensino fundamental, que aprendam uma profissão e, ao mesmo tempo, prestem um trabalho comunitário. Nós estamos com 93, 95 mil jovens estudantes. Aqui em Aracaju, não sei se o número certo é este. Nós tínhamos 3 mil vagas, tem quase 2 mil adolescentes. O que é importante é a gente procurar, porque nós pagamos 100 reais para que esse jovem volte a estudar, aprenda uma profissão e trabalhe. Quando a gente fala “nós estamos dando 100 reais para o jovem voltar a estudar”, tem muita gente que já estudou, que fala “para que gastar dinheiro com pobre? Então vá gastar”. É que, se a gente não der 100 reais para um adolescente voltar a estudar, daqui a pouco a gente vai gastar 2 mil reais por mês para cuidar dele, preso na cadeia, ou para colocar policial para tomar conta dele.

Então, nós queremos cuidar dele antes de ele cair do outro lado da navalha, por isso que nós temos o programa ProJovem, por isso que nós temos o programa Consórcio da Juventude, por isso que nós temos o programa Escola de Fábrica, já com 500 fábricas, e o Fernando Haddad me disse que vai ter mais 1000 fábricas, são jovens estudando dentro da escola. É por isso que nós temos o ProUni aqui, que teve, em 2005, só 239 vagas, mas em 2006 já teve mais 452 jovens da periferia. Pobres que jamais poderiam pagar universidade, agora estão ganhando bolsa para estudar e vai ter muito mais a cada ano.

Isso tudo, Déda, sem contar o Bolsa Família aqui no estado de Sergipe. Aqui no estado de Sergipe, o Bolsa Família... Primeiro eu quero dizer uma



coisa para vocês. Eu quero que você guardem este número na cabeça, porque, possivelmente, você vai precisar utilizar este número em algum momento. Eu vou lhe dar o número aqui, Déda. O orçamento do estado, Déda, a receita estadual é de praticamente 2 bilhões e 854 milhões de reais. Só o governo federal passa para o estado de Sergipe, das verbas obrigatórias, aquelas que são legais, que a gente tem que devolver, nós passamos 59% de tudo o que o estado arrecada: 1 bilhão e 679 milhões de transferência da União para estados e municípios daqui.

Mas não é apenas isso, não. Tem outras coisas que não são obrigatórias, mas que nós passamos. Só o estado de Sergipe recebe, de verbas não obrigatórias, de programas sociais do governo vinculados à educação também – porque tem Bolsa Família e outros programas – nós passamos, por ano, 834 milhões de reais para este estado aqui. Aí você soma 29% mais 59%, vai dar quanto? Vai dar 88% de dinheiro que a gente passa aqui para o estado de Sergipe. E passamos com orgulho, porque não passamos para o Déda, não passamos para o governador, não passamos para o vereador, não passamos para o deputado, nós passamos o dinheiro, no caso do Bolsa Família, diretamente para o povo que, com o seu cartão, recebe o dinheiro. Só aqui em Aracaju, nós temos 24 mil e 700 famílias que recebem, e no estado de Sergipe, são 154 mil e 80 famílias que recebem. Nós estamos passando para Aracaju 16 milhões e 800 mil reais por ano, e estamos passando para o estado 120 milhões por ano, para cuidar dos pobres.

Estou dizendo isso, sabe por quê? Porque muitas vezes, no Brasil – e não é comigo, não, deve ter sido com JK, deve ter sido com Café Filho, deve ter sido com Getúlio – muitas vezes, no Brasil é assim: as pessoas recebem o dinheiro do governo federal, fazem a obra e depois falam que é deles. Eu não quero que ninguém fale bem de mim, eu só quero que coloquem uma “placona” deste tamanho, do prefeito e do governador, mas coloquem um pedacinho do lado, do governo federal. Um pedacinho pequeno, porque até o programa Luz



para Todos, que nós criamos no Brasil para tirar uma parcela dos pobres deste país das trevas, porque só sabe o que é morar em uma casa sem luz elétrica quem já viveu na base do candeeiro, como muitos de vocês viveram, como eu vivi. Só uma mãe de família sabe o que é cuidar de filho doente à noite com candeeiro, costurar com candeeiro. E nós detectamos, Marcelo Déda, 12 milhões de brasileiros que não têm luz elétrica e assumimos o compromisso de, até 2008, atender toda essa gente, para que todo mundo tenha o direito de acender um bico de luz, ter uma televisão, ter uma geladeira, para as pessoas poderem viver melhor, porque esse negócio de achar que pobre não gosta de coisa boa, é puro engano. Se pobre pudesse, só tinha coisa boa e extraordinária.

Então, Déda, eu quero dizer para vocês que estou aqui... Eu não estou aqui visitando apenas o prefeito de Aracaju, eu estou aqui visitando um companheiro que, além de companheiro, é meu compadre. Se alguém pensa que vai fazer intriga entre mim e Déda, “tire o cavalo da chuva”, porque... Sabe o que acontece? Irmão a gente não escolhe, pai a gente não escolhe, mãe a gente não escolhe, agora companheiro, a gente escolhe. E quando a gente escolhe uma pessoa para ser companheiro, eu digo sempre o seguinte: nem todo irmão é um companheiro, agora, todo companheiro é um irmão extraordinário para nós.

Então, Déda, quero que você saiba que você vai deixar a prefeitura agora, vai passar o bastão para o nosso companheiro Edivaldo Nogueira, companheiro que está junto com vocês, junto conosco nessa empreitada há muitos anos. Eu não tenho dúvida nenhuma de que, nesses dois anos e pouco que falta de administração do companheiro Edivaldo, ele vai dar seqüência a tudo que é extraordinário que está sendo feito aqui. Certamente ele tem outra cabeça e pode ter coisas mais bonitas para fazer, e vai fazer. E eu quero que você saiba, Edivaldo, que você vai contar com o meu apoio, igual o Marcelo Deda contou com o meu apoio.



E dizer para vocês que, no dia 30, quando vocês estiverem aqui dançando e festejando, numa bela festa que o Marcelo Déda falou que vai ter aqui, lembrem que eu estou lá, em Brasília, pensando em vocês.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura dos decretos de inclusão do trabalhador nos conselhos do Sesi, Senai, Sesc e Senac**

**Salão de eventos da CNI, 16 de março de 2006**

Eu queria cumprimentar o Armando Monteiro,

O Antônio Oliveira,

O Meneguelli,

Minha esposa Marisa,

Fernando Haddad,

O Marinho,

O Paulinho,

O Alemãozinho – permita-me chamar de Alemãozinho, ou quer que eu fale Enilson Simões de Moura, presidente da Social Democracia Sindical?

Antônio Carlos dos Reis Salim, presidente da Central Geral dos Trabalhadores,

O nosso companheiro Antônio Neto, presidente da Confederação-Geral dos Trabalhadores,

Olha, eu penso que não é necessário discurso. Eu acho que cada companheiro que disse aqui sintetizou corretamente o que nós estamos vivendo nesta noite. Obviamente que sempre há espaço para a gente querer mais, isso faz parte da vida humana; há sempre espaço para a gente querer avançar um pouco mais, há sempre espaço para a gente querer ganhar um pouco mais, há sempre espaço para tudo um pouco mais. Mas, a verdade é que mesmo que a gente tenha a vontade de fazer uma grande caminhada, ela começa sempre pelo primeiro passo.

E o que nós estamos dando, aqui, não é um primeiro passo, é um pulo



extraordinário, como aquele que o João do Pulo deu nas Olimpíadas que ganhou medalha de ouro. Não é um pequeno passo, é um avanço extraordinário.

Eu há muitos e muitos anos vivi no movimento sindical. E durante muitos e muitos anos eu imaginei que era impossível viver o momento que nós estamos vivendo, porque vivi momentos em que companheiros de todas as tendências ideológicas – dentro do Congresso Nacional, mesmo na Constituinte, reivindicavam o fim dos “S”. A pretexto de que tinha corrupção, era preciso acabar. E a pretexto desse discurso, nós acabamos com muita coisa no Brasil, nós acabamos com o IBC, com o Basa, com a Sudene, com o Instituto do Álcool, que hoje todo mundo está percebendo que precisa ter uma certa regulação, com o BNH, e fomos acabando com tudo sem colocar nada no lugar. E como eu devo parte do que eu sou ao curso que eu fiz no Senai, porque foi dali que eu pude entrar numa empresa maior, ganhar um salário melhor, eu nunca concordei, mesmo com os meus companheiros quando diziam: precisamos acabar com o Sistema S.

O que vocês estão fazendo, hoje, aqui? Vocês estão dizendo: nós não precisamos destruir o que está feito. Nós precisamos consertar, aprimorar, restaurar, aperfeiçoar, dar uma cara nova, com gente nova, com representação mais democrática, para que a gente possa construir, participando lá dentro daquilo que, muitas vezes, do lado de fora, nós achamos que deveria ser feito. Não serão poucos, serão aproximadamente 300 dirigentes sindicais que estão por este país afora, em algum momento, em algum lugar, em alguma cidade, tentando aperfeiçoar, divergindo, concordando. Porque muitas vezes a aprovação de uma coisa não se dá pela simples maioria, a questão política não é numérica, é questão da relação humana, é o estabelecimento da confiança entre os seres humanos. Todos nós, muitas vezes, não percebemos que nós temos uma química. E, às vezes, nos entendemos por um olhar, por uma conversa, por um aperto de mão, por um gesto. E muitas vezes são esses



gestos, esses apertos de mão, essa franqueza na conversa, que permite que a gente possa construir os “S” do jeito mais extraordinário que a gente quiser, partindo de um patamar muito bom para um patamar muito melhor.

Daqui a dez anos, ou quinze anos, haverá outros jovens no nosso lugar aqui – veja o meu otimismo – se queixando do que nós fizemos, achando que o Decreto não foi tão importante e dizendo que os sindicalistas que participaram poderiam ter feito muito mais. Nunca ninguém vai vir aqui dizer: “os sindicalistas que estiveram, fizeram tudo que era preciso ser feito”. Isso não é permitido pela natureza humana. Sempre alguém vai dizer.

Como na minha vida tudo o que conquistei foi passinho por passinho, sofrendo muitas derrotas antes de conquistar, eu posso dizer para vocês que há uma conquista extraordinária. Muitas vezes a gente esquece da vitória do nosso time por 1X0, para ficar comentando a vitória do time adversário, de 4X0. Vamos olhar o passo que nós demos. E só foi possível porque houve uma evolução democrática neste país, houve uma evolução do lado dos trabalhadores, sim, e houve uma evolução do lado dos empregadores, sim. Nós sabemos, muitas vezes, que estamos de lados diferentes, pensando contrariamente em muitas coisas, mas nós sabemos que precisamos um do outro para sobreviver, é como se fosse unha e carne. Precisamos e o que estamos fazendo? Aparando a unha, deixando ela bem feitinha, cortadinha, rente à carne para passar a conviver com muita tranquilidade.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que daqui a poucos dias, a gente vai estar reunido, e já vai ter tido avanço substancial nesta relação. E também a relação que nós fizemos, com o acordo feito com o Ministério da Educação. É importante que o Sistema S aproveite, na medida em que vai formar profissionalmente alguém, possa também permitir que ele tenha acesso à escolaridade que não teve para que possa sair melhor formado e melhor informado. Formado profissionalmente e informado do ponto de vista cultural, político e eu acho que isso foi um passo extraordinário.



Eu quero dizer para vocês que já vim nesta Casa, possivelmente, mais do que a média dos últimos 30 presidentes que passaram por este país afora. Quero dizer para vocês que já fui, também, na Sede do Antônio muitas vezes. E por quê? Porque desde o começo que nós trabalhamos em parceria. Desde o começo. Nunca nos recusamos a conversar. Nunca, mesmo quando for para a gente discordar. Essa é a grande lógica da construção democrática que nós queremos fazer para o nosso país. Essa é a grande lógica. Sabe uma coisa, Paulinho, que nós estamos acabando? Alemão, Juruna, uma coisa que nós estamos acabando – e o Armando é mais testemunha porque é deputado e porque é presidente da CNI, porque a gente conversa mais... Neste país ainda se fala que a gente gasta dinheiro quando a gente investe no ser humano, quando a gente investe nas pessoas, quando a gente faz política social. Nós queremos mudar, nós queremos tratar... o investimento é feito quando a gente financia um grande empreendimento empresarial que vai gerar empregos, é um grande investimento. Mas investimento, também, é quando a gente diz que vai aumentar o salário mínimo para um pouco mais do que ele é.

Eu, um dia desses, em uma reunião ministerial proibi de utilizar a palavra gasto para educação. Não é possível que um ser humano diga: “eu vou gastar tanto em educação”. Você não vai gastar, você vai investir, porque todos nós, quando queremos colocar o nosso filho na escola, nós não falamos gasto. Estamos investindo em nosso filho, porque nós queremos ele bem formado, nós queremos que ele ganhe mais do que nós, tenha uma profissão melhor do que a nossa, seja mais bem-sucedido do que nós. O que vocês estão fazendo hoje, é dizendo para a geração que virá depois... O legado que vocês estão deixando hoje é dizendo o seguinte: “nós abrimos uma porta. Escancaramos a nossa casa. Por favor, ajudem a arrumá-la, a mantê-la limpa, a fazê-la como se fosse um coração de mãe, porque destruir é mais fácil, construir é sempre mais difícil.

Por isso, eu queria terminar dizendo que feliz do país que tem sindicato



de trabalhadores e sindicato de empresários dispostos a atravessar a fronteira do corporativismo e pensar um pouco em um país para todos.

Muito obrigado e boa sorte.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do Presidente do Uruguai, Tabaré Vasquez**

**Palácio do Planalto, 16 de março de 2006**

Excelentíssimo senhor Tabaré Vasquez, presidente da República Oriental do Uruguai,

Senhores Ministros de Estado,

Senhores membros das Delegações do Uruguai e do Brasil,

Senhoras e senhores,

É uma alegria poder receber novamente em Brasília o meu amigo e companheiro, presidente Tabaré Vasquez.

Em abril do ano passado, o Brasil foi o destino de sua primeira viagem como Presidente do Uruguai, o que comprovou nossas afinidades e a intensidade das relações entre nossos países. Esta sua segunda vinda ao Brasil é igualmente significativa e oportuna. Este é o momento de passarmos em revista os compromissos que assumimos no ano passado e darmos um impulso definitivo a nossos projetos comuns.

Temos feito avanços importantes na agenda de trabalho que acordamos em 2005. Estabelecemos novos instrumentos de coordenação política entre as Chancelarias, aumentando nossa sintonia nos principais temas da agenda bilateral, regional e internacional.

O Mecanismo de Monitoramento do Comércio que criamos já se reuniu três vezes e tem contribuído para reverter o desequilíbrio de nosso intercâmbio. As exportações uruguaias para o Brasil, nos primeiros meses deste ano, cresceram três vezes mais do que as exportações brasileiras para o Uruguai.

Nos últimos doze meses, aumentaram significativamente os investimentos brasileiros no Uruguai, em setores chave como distribuição de



gás e transporte aéreo ou ainda nas indústrias frigorífica, metalúrgica e de vestuário. Consolidou-se a presença da Petrobrás no Uruguai. Para este ano, a empresa planeja novas inversões de 80 milhões de dólares no país, inclusive na área de prospecção, além de estar engajada em projetos de alcance social e cultural. Está assim contribuindo para enriquecer nosso relacionamento em todas as esferas, além de apontar para o aprofundamento da integração energética regional.

Estamos concluindo a transferência de um helicóptero para a Armada do Uruguai, em resposta ao empenho do presidente Tabaré em aparelhar e modernizar suas Forças Armadas.

Amigo Presidente,

Esses resultados são apenas um bom começo. As profundas afinidades entre nossos dois países e governos exigem que avancemos nos grandes projetos de integração física e produtiva de modo a garantir o desenvolvimento solidário de nossos povos. Para cumprir esse objetivo determinei a realização de reuniões em nível ministerial, para tratar de todos os aspectos das relações com o Uruguai.

Estamos assinando hoje dois instrumentos fundamentais para nossa interconexão energética. Eles prevêm a construção de linha de transmissão elétrica que permitirá assegurar o pleno abastecimento do Uruguai. Nossa associação nessa área já é tradicional. Temos cooperado na conservação energética e na operação de usinas elétricas emergenciais.

Determinamos também a rápida conclusão dos trabalhos preparatórios para a edificação de uma segunda ponte sobre o rio Jaguarão e a reforma da Ponte Barão de Mauá.

Instruí o BNDES a examinar a possibilidade de financiar a participação brasileira na construção de um terminal graneleiro e outro multimodal no porto de Nova Palmira. Vamos também criar um grupo de trabalho para estudar a viabilidade econômica da recuperação da ferrovia Montevidéu–Rivera.



Queremos ainda explorar as potencialidades dos biocombustíveis, em especial o álcool e o biodiesel, como fontes estratégicas de energia para o futuro.

Todas essas iniciativas apontam para novas oportunidades para os homens de negócio brasileiros que investirem no Uruguai.

Para aprofundar essas possibilidades, vamos realizar conjuntamente, em setembro próximo, em São Paulo, seminário sobre investimentos no Uruguai. Essa será a oportunidade de aprofundarmos a integração produtiva de nossos países.

Seguimos empenhados em reforçar a cooperação na zona de fronteira Uruguai-Brasil, consolidando experiência de sucesso nas áreas de saúde, educação, meio ambiente, cooperação judicial e policial.

Meu caro companheiro Tabaré,

Tudo o que estamos fazendo no âmbito bilateral é parte de um projeto mais amplo e ambicioso. Sei do compromisso de primeira hora de seu governo com o Mercosul e com a integração sul-americana. Esses mesmos objetivos animam o meu governo. Por isso, posso entender o sentido de urgência do governo uruguaio em ver realizado todo o potencial de nosso bloco regional.

Compartilho com o presidente Tabaré o desejo de ver um Mercosul forte, coeso e participativo. Tenho insistido, igualmente, em que Montevideu se afirme como a capital de nosso bloco, “nossa Bruxelas”, cidade de referência para a integração sul-americana.

O Brasil tem consciência de suas responsabilidades no seio do Mercosul. Como maior economia do bloco, estamos decididos a promover políticas concretas de distribuição equilibrada dos benefícios resultantes da integração regional.

Foi com esse espírito que promovemos a constituição do Fundo de Convergência Estrutural e que reconhecemos a necessidade de equacionar as assimetrias dentro do Mercosul.

As negociações para a eliminação da dupla cobrança da Tarifa Externa



Comum também fazem parte desse esforço. Continuamos dispostos a examinar mecanismos que facilitem a atração de investimentos pelas economias menores, seja com financiamentos, seja por meio do aprofundamento de flexibilidades pontuais nas regras de origem. Tudo no pressuposto de um Mercosul unido, apto a falar com uma voz única nas negociações comerciais internacionais.

Estamos buscando possibilidades concretas de integração produtiva em vários setores, em particular nas indústrias naval, aeronáutica e bélica.

Na reunião que tive com o presidente Tabaré, manifestei a disposição brasileira de realizar um grande esforço para identificar setores da economia uruguaia que possam ganhar competitividade, escala e mercados no Brasil. Queremos também ampliar a participação uruguaia nas compras governamentais brasileiras.

O Mercosul tem de beneficiar todos os seus sócios. Somos um bloco de países soberanos e nossa grande virtude tem sido a de forjar uma união em que todos estão em pé de igualdade. Este “Mercosul de todos” só estará completo se soubermos fortalecer e aperfeiçoar suas instituições. A criação do Parlamento regional e o necessário reforço da Secretaria Técnica é, seguramente, um marco nesse caminho. Estamos tornando uma realidade concreta o ideal de livre circulação de pessoas, e não apenas de bens e serviços.

No âmbito bilateral, vamos colocar em prática o Acordo de Residência do Mercosul. Estamos facilitando de forma imediata os trâmites para a residência de uruguaianos no Brasil e vice-versa.

Meu caro Presidente,

No Brasil, temos acompanhado com grande interesse e entusiasmo as realizações de seu governo. A retomada vigorosa do crescimento econômico com justiça social é também o alvo maior de meu governo.

O Plano de Emergência Social e os importantes avanços na área de



direitos humanos dão prova do compromisso do governo uruguaio com os valores históricos que iluminaram o socialismo progressista uruguaio. Um movimento que sempre buscou unir crescimento com equidade, avanço econômico com preservação do meio ambiente.

Isso me permite também acreditar que eventuais diferenças entre países da região possam resolver-se pelo diálogo franco e pelo entendimento dos seus dirigentes.

Amigo Tabaré,

A franqueza e o espírito construtivo com que conversamos, os entendimentos a que chegamos, me dão uma certeza. Esta sua visita ao Brasil marcará uma nova fase no diálogo entre nossos países e na realização do potencial de cooperação entre nossos dois povos.

Além da histórica relação que une nossos países, nos aproximam, no plano pessoal, convicções comuns, esperanças compartilhadas e o compromisso com a democracia, com a inclusão social, com o progresso e a soberania.

O Mercosul é uma família e como em toda família temos, por vezes, nossos problemas, mas tenho a convicção de que saberemos resolvê-los pela via do diálogo e do entendimento. Nossos inimigos, como disse José Artigas, são apenas aqueles que se opõem a felicidade de todos.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da cerimônia alusiva à reforma e à ampliação do Terminal Pesqueiro Público de Laguna**

**Laguna - SC, 17 de março de 2006**

Boa tarde!

Eu queria chamar o companheiro Abadia, aqui.

Nós estamos inaugurando um terminal pesqueiro, algumas coisas boas aqui que estão sendo feitas. Já falou o prefeito, já falou o governador, já falou o Fritsch. Agora, vamos ouvir o significado desta obra, aqui, para quem foi presidente da Colônia, 14 anos, para quem tem 79 anos e, pelo ou menos, pesca desde os 20 anos de idade. Eu estava dizendo para ele que pela cara dele, pelo físico dele, pode ficar certo que vai chegar aos 110, 115, 120 anos.

Abadia, antes de eu falar, diga você para o povo, você que a vida inteira brigou por isto aqui, o que significa isto na alma do povo que vive da pesca, aqui na cidade de Laguna.

Eu quero cumprimentar o nosso querido governador Luiz Henrique,

Cumprimentar o meu companheiro José Fritsch,

A nossa querida senadora Ideli Salvatti,

A deputada federal Luci, que faz aniversário hoje,

Os deputados federais: Odílio, Edinho Bez, João Pizzolatti, Jorge Boeira, Mauro Passos e o deputado Vignatti,

Meu caro Milton Mendes, presidente da Eletrosul,

Deputado Altair Guidi,

Genésio de Souza Goulart,



Joares Ponticelli,  
José Paulo Serafim,  
Manoel Mota,  
Odete de Jesus,  
Deputado Valmir Comin,  
Prefeitos aqui da região, não sei se estão todos também, mas vou citar o  
prefeito Célio Antonio, de Laguna,

O nosso companheiro Adroaldo Tiscoski, do Balneário Gaivota,  
Alex Sandro Pereira, de São João do Sul,  
Amilton Ascari, de Grão Pará,  
Anísio Anatólio Soares, de Governador Celso Ramos,  
Braz Guterro, de Imaruí,  
Carlos José Stupp, de Tubarão,  
Douglas Gleen, de Siderópolis,  
Gabriel Bianchet, de Armazém,  
Ivens Antonio Scherer, de Antônio Carlos,  
João José de Matos, de Praia Grande,  
José Schotten, de São Martinho,  
Luiz Carlos da Silva, de Garopaba,  
Mariano Mazzuco Neto, de Araranguá,  
Moacir Rabelo da Silva, de Capivari de Baixo,  
Nestor Spricigo, de Lauro Muller,  
Newton Bitencourt da Silva, de Passo de Torres,  
Ronério, de Palhoça,  
Sérgio Murilo Costa, de Angelina,  
Valcir Huguen, de Rancho Queimado,  
Senhor Júlio César, presidente da Câmara Municipal,  
O nosso querido Mescolotto, presidente do BESC,  
Walter Tavares, superintendente do Porto de Laguna,



Ivo Silva, presidente da Confederação Nacional dos Pescadores.

Bem, depois de ler todos os nomes, todo mundo pode se candidatar a vereador na próxima, já está todo mundo muito conhecido.

Mas eu vou ser rápido aqui, porque desta vez quem montou o palanque foi muito inteligente. Normalmente, o palanque é montado com os políticos na sombra e o povo no sol. Agora, colocaram vocês de costas para o sol, e nós de cara para o sol, portanto, nós vamos ter que sair daqui rapidinho.

Eu me recordo que foi um filho desta terra, o nosso querido Abadia, que falou em nome dos pescadores em um encontro que participei em Itajaí, em 2002, ainda na época da campanha, quando me foi apresentada a reivindicação para que fosse criada a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca. Hoje, tenho a certeza de que acolher aquela sugestão foi uma decisão acertada. A Secretaria da Pesca, em pouco mais de 38 meses de existência, vem transformando a realidade do setor pesqueiro no Brasil, um setor que, no passado, não tinha recebido a atenção e os cuidados devidos por parte dos governantes.

Por falta de recursos e de prioridade política, por exemplo, as obras de reforma e ampliação do terminal Pesqueiro de Laguna, que estamos entregando hoje, vinham se arrastando há mais de 30 anos. O governo federal, por meio da Secretaria da Pesca do Ministério dos Transportes, está investindo, até o final do ano, mais de 34 milhões de reais neste terminal pesqueiro e, na retificação dos molhes, cerca de três vezes mais do que foi investido em mais de uma década.

As melhorias na recepção, armazenamento e processamento do pescado vão aumentar as condições de geração de empregos e renda para a população da região. Além disso, os pescadores de Laguna ganham em termos de agregação de valor aos seus produtos. A ampliação proporcionará, também, o desenvolvimento da pesca de pequena, média e grande escala na



região Sul, por tratar-se do único terminal pesqueiro ao longo do trecho compreendido entre Itajaí, em Santa Catarina, e a cidade gaúcha de Rio Grande.

Os pescadores de Laguna, que há gerações contam com extraordinária ajuda dos (inaudível) das lagoas, da cidade, na pesca da tainha, podem ter certeza de que têm, também, ao seu lado, eu diria, a Secretaria da Pesca, o governo federal e o povo brasileiro precisa aprender que quando a gente come um peixe é porque alguém foi para o mar pescar.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Santa Catarina é uma referência para o Brasil na pesca artesanal, na pesca industrial e na maricultura. Pois saibam que nos dois últimos anos, três mil e quinhentos pescadores e produtores deste estado receberam 22 milhões de reais em crédito para o investimento em suas atividades, para garantir assistência técnica. Em pesquisa e extensão pesqueira, nos últimos três anos, foram investidos 19 milhões e 400 mil reais, em 61 convênios com municípios de todas as regiões de Santa Catarina.

Já o programa de subsídio ao óleo diesel garantiu à pescadores e armadores da pesca outros sete milhões de reais, atendendo a 480 embarcações.

Além do Terminal de Laguna, outras obras estão sendo feitas em todo o estado, como as unidades de processamento de pescados que foram construídas em Jaraguá do Sul e Concórdia. Em Abelardo Luz, está em obras um novo frigorífico.

O programa de construção de grandes embarcações para a pesca industrial, o Profrota, vai liberar oito milhões de reais para Santa Catarina, possibilitando a construção de quatro barcos com capacidade de 150 toneladas cada um. Aliás, estou vindo agora mesmo de Itajaí, onde participei do batismo do primeiro navio pesqueiro financiado pelo Profrota, o navio Paulo Cantídio. E



no Brasil, temos outros nove navios em construção.

Um programa fundamental é o recadastramento dos pescadores que aqui, em Santa Catarina, já está em fase final. Até agora foram recadastrados 18 mil profissionais que terão Carteira de Pescador Profissional impressa na Casa da Moeda. Esse documento garante acesso a todas as linhas de crédito, ao Seguro-Defeso e aos direitos da Previdência.

Para combater o analfabetismo entre os profissionais do setor, por exemplo, criamos o Programa Pescando Letras que, só em 2005, alfabetizou 60 mil pescadores no Brasil. E, neste ano, chegaremos a 100 mil pescadores alfabetizados.

Eu queria aproveitar a ocasião para compartilhar com vocês outras informações. Em Santa Catarina, 137 mil, 421 famílias já recebem o Bolsa Família, que é a primeira atitude para acabar com a extrema pobreza no Brasil. Aqui em Laguna são 1.759 famílias que recebem. São brasileiros e brasileiras muito pobres, que passam a enxergar uma porta de entrada para uma vida digna e deixam para trás a privação quase absoluta.

Temos também investido todos os nossos esforços para melhorar a vida dos jovens de baixa renda em nosso país. O acesso à educação de qualidade, por exemplo, é uma prioridade. Só no estado de Santa Catarina, em 2005, 1.900 jovens vindos da Escola Pública foram beneficiados pelo ProUni e receberam a oportunidade de estudar em faculdades privadas, com bolsas totais ou parciais, oferecidas pelo governo. E só no primeiro semestre deste ano nós teremos, além das 1.900 pessoas que entraram nas universidades no ano passado, por conta do ProUni, este ano entrarão mais 2.005 meninos e meninas catarinenses que foram contemplados com a bolsa do ProUni. Portanto, nós teremos, aqui, praticamente, 4 mil novos jovens da periferia, da escola pública que não tinham condições de pagar uma universidade, que



agora vão ter o direito de se formar em doutor, virar profissionais qualificados e prestar serviço a este país.

Muitos outros jovens em Santa Catarina, entre 18 e 24 anos, que não tinham a oportunidade de concluir o ensino fundamental, vão poder terminar seus estudos e aprender uma profissão graças ao programa ProJovem. E temos, também, a Escola de Fábrica que, desde setembro de 2005, beneficia alunos em todo o Brasil e aqui em Santa Catarina. São jovens de baixa renda que recebem curso de iniciação profissional no próprio ambiente das empresas para ingressarem no mercado de trabalho.

Foram abertos, aqui em Santa Catarina, 42 cursos em 26 municípios. Entre os cursos oferecidos estão o curso de informática, construção civil, movelaria, metalurgia, serviço de costura, industrialização e comercialização de produtos da agricultura familiar.

Meus queridos companheiros e companheiras desta região extraordinária de Laguna. Quero dizer para vocês que o governo tem consciência das coisas que precisam ser feitas, tem consciência dos avanços dos pescadores no Brasil pois, se Deus quiser, ainda este ano talvez concluiremos o cadastramento de todos os pescadores do Brasil para que eles tenham o direito de receber um salário-desemprego quando não tiver a época boa para pescar, para que possam ter o direito à Previdência Social, para que eles possam ser tratados como cidadãos, porque no Brasil muitas vezes as pessoas não lembram que, para a gente comer o feijão e o arroz, alguém teve que cavucar a terra e plantar, para a gente poder comer. Quando a gente está comendo um peixe, a gente tem que lembrar que alguém saiu no sol desde a madrugada, passou dias e dias passando necessidade para trazer uma misturazinha para a gente colocar na mesa e comer. Então, se a gente sente o prazer de comer essas coisas, nós temos, também, enquanto sociedade brasileira e enquanto governo, sentir prazer de que nós estamos retribuindo, com o benefício do Estado brasileiro, do poder público, condições para que



essas pessoas possam viver de forma melhor, com mais qualidade, com mais esperança e com mais prazer.

Quero dizer, para terminar, que eu vim 50 minutos de helicóptero, de Itajaí até aqui. Eu pensei que conhecesse Santa Catarina. Sabe aquele negócio de gente que mora em São Paulo, que vem, desce no aeroporto de Floripa, vai em uma prainha ali, fica dois dias, três dias, ou desce em uma cidade, vai fazer um comércio, desce do avião, pega um carro, vai para o palanque, do palanque volta, eu pensei que eu conhecesse Santa Catarina. Hoje, andando 50 minutos de helicóptero, é o que eu posso te dizer, meu caro Governador, que eu acho que tem poucos lugares do mundo mais bonitos do que o estado de Santa Catarina.

Eu, às vezes, vejo as pessoas querendo viajar para ir não sei para onde – nós tivemos até um presidente que ganhou as eleições e correu para as ilhas Seychelles, do outro lado... Seria tão mais fácil ele ter escolhido uma praia, uma ilha em qualquer lugar de Santa Catarina, mas poderia ter vindo aqui para Laguna, porque eu acho que o que este estado ainda vai significar para o Brasil na área do turismo, possivelmente nenhum de nós tenha condições de prever o que pode acontecer daqui a 15 ou 20 anos com esta região.

Porque não é apenas argentino ou gaúcho, não é apenas paulista ou paranaense, não. É que a diferença da beleza aqui é a combinação entre a montanha e o mar, entre uma parte... É uma coisa que não tem em outros lugares do Brasil a não ser na região Norte de São Paulo até o Rio de Janeiro, no Espírito Santo, mas eu acho, Governador... Uma sugestão: eu sei que custa caro, mas eu acho que o seu secretário de Turismo poderia se juntar com o meu Ministro do Turismo e pensar que Santa Catarina precisa ser melhor divulgada nacionalmente, porque eu acho... Vou falar com o ministro Walfrido para entrar em contato com o teu secretário de Turismo, porque eu acho que o Brasil precisa conhecer... Muitas vezes a gente vê muita propaganda de Acapulco... maravilhoso, é importante o povo poder conhecer qualquer lugar do



mundo. Mas eu penso que este estado, que foi abençoado por Deus, ainda não é... Sabe que uma parte nossa do Nordeste, uma parte do Brasil, quando a gente fala “vamos na praia de Santa Catarina?” Eles falam: “não, lá faz muito frio”. Eu, pelo menos estou aqui com mais calor do que eu estava no Nordeste, na semana passada. Estou suando aqui, que vocês não imaginam...

Então, eu queria dizer para vocês que hoje eu passei um dia feliz aqui. Eu fui a Itajaí, onde nós fomos mais? Nós fomos em São Francisco do Sul, agora estamos aqui em Laguna, fomos em um negócio dos portos nas três cidades. E sabe que um governante – aqui tem muitos prefeitos, tem o Luiz Henrique, nosso Governador – para um governante o que interessa, na verdade, é o resultado da colheita, ou seja, a gente planta, planta, planta, quando é um belo dia, as coisas começam a aparecer. O Abadia falou para mim: “Presidente, eu não tinha esperança que isto aqui fosse feito”. Hoje ele está vivo, bonito, elegante, parece um jovem e está vendo este porto se profissionalizar, se modernizar para dar um pouco de decência ao trabalho das pessoas que vivem da pesca.

Muita coisa, gente, vai acontecer no Brasil ainda. Eu sei da quantidade de coisas que nós temos que fazer no Brasil e vocês também sabem. Acontece que ninguém pode consertar, em quatro anos, alguma coisa que vinha sendo deteriorada em 500 anos. Agora, o que é importante, gente, é que este ano, meu caro Governador, nós estamos colocando, em políticas sociais no Brasil, 22 bilhões de reais. Eu já ouvi críticas, porque tem gente que fala: “ah, o presidente Lula fica gastando dinheiro com pobre, esse negócio, se não gastasse com pobre daria para fazer isso, para fazer aquilo”. Veja, primeiro, que eu não estou gastando com pobres, eu estou investindo em homens, mulheres, crianças, em seres humanos que precisam do Estado brasileiro para sobreviver.

Eu sei que tem gente que gostaria desse dinheiro para outra coisa. Mas, nós saímos de um Pronaf de dois bilhões e quatrocentos, para um Pronaf de



nove bilhões de reais. Nós saímos de sete bilhões, em políticas sociais, para 22 bilhões. Além disso, nós temos consciência do que ainda precisa ser feito. Mas, para ser feito, é preciso que a gente dê sustentabilidade à economia brasileira. Este país um dia vai ter que ser tratado com respeito aqui e no mundo. Este país, durante muitos e muitos anos... eu fui presidente de sindicato de trabalhadores e, modéstia parte, fui um grande dirigente sindical neste país. Como dirigente sindical, vim a primeira vez a Santa Catarina, a convite do Luiz Henrique, então prefeito de Joinvile, em 1978, falar de direitos humanos, eu e dom Paulo Evaristo Arns, ali na Matriz, acho, de Joinvile. Bem, então eu sei o que é reivindicar. Fiz as greves mais importantes deste país e sei que nada vale 10% de aumento de salário, num ano, se a inflação comer, num dia, o que a gente teve de aumento de salário. É por isso que tem muita gente que fala: “se tivesse um pouco de inflação seria melhor para a própria União, seria melhor para os municípios, que aplicariam o dinheiro e teria um pouco mais de dinheiro”. Mas não seria melhor para a mãe de família, que vai comprar comida para os seus filhos todo santo dia. Não seria melhor para o trabalhador, que se levanta às seis da manhã e volta para casa às oito e vive com o seu salário. Garantir que a inflação fique sob controle é condição fundamental para que o salário do trabalhador possa valer alguma coisa. Tem gente que acha que um pouco de inflação não faria mal, mas o orgulho de uma mulher, quando entra no supermercado e compra um saco de cinco quilos de arroz a quatro e pouco...

Esses dias eu vi, na televisão, um trabalhador mostrando para os jornalistas um filé mignon e dizendo: “eu nunca comi filé mignon na minha vida, hoje eu estou comendo filé mignon”. Esses dias eu vi um trabalhador dizendo: “presidente Lula, eu comecei a construir minha casa no Guará, lá em Brasília. Eu pagava 23 reais pelo saco de cimento, agora estou pagando 9 reais e 50 centavos pelo saco de cimento.

Essas coisas, na verdade, é que calam fundo na alma de quem vive com



pouco neste país. Essas coisas é que dizem como valorizar o salário do povo trabalhador, porque muitas vezes aqui, nós já tivemos 300 planos, vocês estão lembrados. Uma quantidade enorme de planos que nós tivemos. Cada ministro da Fazenda inventava um plano. É o plano A, é o plano B, é o plano C. Todo mundo acreditava. Três meses depois, o plano quebrava a cara e a desgraça ficava por conta do povo trabalhador deste país, do povo pobre que não recebia. Eu me lembro deste país com inflação a 80% ao mês. Eu me lembro deste país com inflação a 40% ao mês. Hoje ela está 4,5% e vai baixar, se Deus quiser. Ao ano, não é ao mês, não. Ao ano. E vai baixar.

E agora começaram uma guerra contra o Palocci. Eu quero dizer para vocês uma coisa: parte das coisas que deram solidez à economia brasileira, nós devemos ao companheiro Palocci. Tem gente que critica mas, obviamente, que as críticas são tão importantes quanto os aplausos. Não tem problema. Mas a verdade é que nós vivemos um momento de uma combinação de coisas que podem me garantir o direito de dizer para vocês: o Brasil, finalmente, encontrou o seu caminho. Nós não faremos mágica e nem iremos prometer alguma coisa que não poderemos cumprir porque, aos 60 anos, com a barba branca, eu quero tratar o povo brasileiro como eu trato o meu filho, eu prefiro dizer não do que dizer que eu vou atender depois. Não tem brincadeira quando se trata da relação Estado e povo brasileiro.

Portanto, eu quero dizer para vocês que nós vamos continuar no rumo que nós estamos. Vamos continuar, porque acreditamos que o Brasil não voltará atrás. Este país vai entrar em um círculo virtuoso de crescimento, vai crescer durante muitos anos seguidos para que a gente possa deixar aquele estágio eterno de ser um país emergente. Nós queremos chegar ao padrão dos países do primeiro mundo. Para isso, nós precisamos saber que dependemos de algumas coisas: seriedade do governo, qualificação profissional e muita escola de qualidade para o nosso povo. E, ao mesmo tempo, nós precisamos da qualificação profissional, de resolver o problema da infra-estrutura deste



país.

Por isso, viemos aos Portos. Estamos consertando 11 portos brasileiros porque é pelos portos que sai e entra parte da riqueza que a gente compra e parte da riqueza que a gente vende. E vim aqui a Laguna inaugurar este terminal pesqueiro, que está sendo arranjado. Ainda falta fazer muita coisa. Mas encontrar o meu companheiro Abadia e ver a cara de um homem que, aos 79 anos de idade, mantém o sorriso de adolescente que tem esperança de que as coisas vão melhorar, me faz sair de Laguna com a certeza de que, quem estiver desesperançado, venha receber esta brisa gostosa de Laguna, que vai sair daqui com muito entusiasmo e acreditando cada vez mais no povo de Laguna, no povo de Santa Catarina e no povo brasileiro.

Portanto, minhas companheiras, vocês que estão levantando a faixa aí. Tem um monte de mulher ali: “Presidente, não tire Palocci”. Podem ficar certos de que o Palocci é o meu ministro da Fazenda e continuará sendo o meu ministro da Fazenda.

Muito obrigado, governador do estado, muito obrigado Fritsch, muito obrigado Ideli, muito obrigado companheiros deputados de todos os partidos que estão aqui, vereadores e prefeitos, muito obrigado aos homens e mulheres de Laguna. Eu vou descer para dar um beijo nessas crianças aí. Vou descer. Ninguém pode dizer que isso é eleição, porque aquelas crianças não têm título de eleitor, vão demorar pelo menos uns 10 anos, e quando eles puderem votar, eu nem sei se estou mais aqui.

Um grande abraço a todos vocês e muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia alusiva às obras de ampliação e melhoramento da infraestrutura portuária de Itajaí**

**Itajaí-SC, 17 de março de 2006**

Meus companheiros, minhas companheiras de Itajaí, de Santa Catarina,  
Meu caro companheiro governador do estado, Luiz Henrique,  
Meu caro companheiro Fritsch, secretário especial de Pesca,  
Minha querida Ideli Salvatti, senadora da República,  
Meus caros deputados federais, Carlito Meres, Jorge Boeira, Mauro Passos,  
Deputado Vignatti,  
Meu querido companheiro prefeito desta cidade Volnei José Morastoni,  
Meu querido companheiro Décio Lima, superintendente do Porto de Itajaí,  
Nossos companheiros deputados federais,  
Prefeitos e prefeitas aqui presentes,  
Vereadores e vereadoras aqui da região,  
Meus amigos, minhas amigas,

Eu penso que o companheiro Volnei tem muito a cara de tudo aquilo que está sendo feito neste Porto de Itajaí. Eu ainda não era o presidente da República, não tinha eleição para a Presidência da República, mas para prefeito desta cidade – antes dele ser eleito, porque ele perdeu a primeira eleição – e, cada vez que se encontrava comigo, sendo deputado estadual, ele falava desse Porto como se estivesse falando de uma coisa que ele amava profundamente. E hoje quis Deus que ele, sendo prefeito da cidade, e eu presidente da República, a gente possa estar aqui, junto com o governador,



comemorando o maior investimento neste Porto, desde que este Porto existe. Um investimento que não é mérito do presidente da República, do governador do estado ou do prefeito, individualmente, é mérito do povo brasileiro que trabalhou, perseverou, perseguiu e, hoje, o Brasil virou um país muito grande na área de exportação. Nós já exportamos, já temos uma balança comercial, entre exportação e importação, de praticamente 195 bilhões de dólares, e só de exportação, em 12 meses, já chegamos a 120 bilhões de dólares. Era quase impossível acreditar.

A gente, quando governa, vai aprendendo que não tem nada impossível. O impossível é apenas um pouco mais difícil, mas se a gente perseverar, a gente consegue conquistar.

Eu, de vez em quando, fico vendo as pessoas quererem e eu sei que o Volnei sente isso na carne, o Luiz Henrique, o Fritsch sentiu quando foi prefeito de Chapecó; o Décio, quando foi prefeito de Blumenau, porque muitas vezes as pessoas têm muita pressa que as coisas aconteçam, é como se a gente ficasse inquieto, a gente planta um pé de laranja e não espera ele brotar, a gente já quer chupar a laranja. Primeiro, nós temos que regar, brotar, ter paciência, capinar, tirar os carrapichos que estão nascendo do lado dele, para depois ver a primeira laranja e chupar essa laranja. Ser administrador é exatamente isso. Tem todo um processo.

E quantos e quantos anos vocês esperaram, quantos e quantos anos vocês esperaram para que este Porto tivesse um investimento. E agora está acontecendo, este Porto vai duplicar a sua capacidade de embarque de carga, conseqüentemente vai duplicar a sua capacidade de receber carga.

Eu queria só dar um intervalo aqui, porque quando esse menino veio aqui gritar, o que ele queria era exatamente isso, era chamar a atenção para que imprensa pudesse... Mas é assim no Brasil inteiro, o que nós precisamos compreender apenas é que democracia é isso. Poderia ser mais civilizada, mas democracia é isso. Mas, de qualquer forma, eu fico sempre imaginando que se Jesus Cristo, que era Jesus Cristo, em uma mesa de 12 pessoas teve um



traidor, vocês imaginem um governante.

Então, vamos apenas dizer que este Porto aqui já foi responsável por 4% do superávit da balança comercial brasileira. É, também, o primeiro porto brasileiro em movimentação de carga com valor agregado. Veja, enquanto no Brasil, possivelmente cada quilo de carga exportada custa um pouco... 40 ou 50 centavos de dólar, aqui cada quilo custa um dólar e seis centavos.

E, por incrível que pareça, apesar de sua importância para o nosso país, este Porto não recebia uma obra importante desde 1950, portanto, há 56 anos. Trata-se de mais um exemplo da maneira pela qual a infra-estrutura foi tratada no Brasil, ao longo do tempo. O “apagão” do setor elétrico, de triste memória para todos nós brasileiros, não foi o único preço que o Brasil e os brasileiros foram obrigados a pagar pela falta de planejamento e de investimento. Não foi, e vocês sabem que não.

Por isso, nós criamos um grupo de trabalho interministerial que, em 1994, visitou todos os portos brasileiros e decidimos reconstruir, praticamente, 11 dos principais portos brasileiros que são responsáveis por 93% de tudo o que entra no Brasil e tudo o que sai do Brasil, via navios. E, com isso, começamos a corrigir o problema desses portos.

Nesses três anos de governo, nós estamos recuperando o papel dos portos como indutores do nosso desenvolvimento. Multiplicamos por mais de três o volume de recursos destinados à infra-estrutura. Da previsão orçamentária de 198 milhões de reais, em 2003, saltamos para 670 milhões de reais previstos para este ano, e temos, ainda, sabemos que temos, muito a fazer. Encontramos os portos brasileiros sucateados e as dificuldades enfrentadas para superar esse estado de coisas não foram poucas. Mesmo assim estamos realizando obras de recuperação e de melhoramento em 17 portos públicos, como o de Itajaí, São Francisco do Sul, Rio Grande, Santos, Sepetiba, Rio de Janeiro, Vitória, Salvador, Aratu e Itaqui. Todos esses portos estão recebendo obras e investimentos em dragagem, recuperação de molhes, derrocamento, construção de instalações para inspeções fitossanitárias,



modernização de sinalização náutica e melhoria dos acessos portuários entre outros.

A notável evolução da produtividade dos portos brasileiros confirma o acerto da nossa decisão de investir na recuperação da infra-estrutura portuária. Entre 2003 e 2005, houve um crescimento de 18,21% na movimentação geral de cargas, incluindo granéis sólidos, líquidos e carga geral. Crescimento ainda mais notável, de 44%, foi alcançado na movimentação de unidades de contêineres, passando de 2 milhões e 700 mil unidades em 2003, para 3 milhões e 900 mil unidades em 2005.

Itajaí, segundo maior porto brasileiro em movimentação de contêineres de longo curso, o Porto de Itajaí movimentou cerca de 650 mil unidades no ano passado. Com as obras que estamos atualmente realizando, deverá mais que dobrar sua capacidade, passando para mais de 1 milhão e meio de unidades. Isso significa o quê? Significa que se a gente dobrar a capacidade de exportação desse porto, a gente vai ter mais empregos, a gente vai ter mais salários, o prefeito vai receber mais imposto, o governo vai receber mais imposto, a cidade vai melhorar, o estado vai melhorar e a vida das pessoas vai melhorar neste país.

Itajaí tem razões de sobra para se orgulhar. Não foi em vão a luta do povo pela municipalização de seu porto. Luta que o companheiro Volnei também assumiu com unhas e dentes, e muitos achavam que era loucura, naquela época, conquistar a municipalização. Mas se é motivo de orgulho e fonte de geração de empregos, com 15 mil postos de trabalho diretos e indiretos, o Porto de Itajaí também gera a circulação de 2 mil carretas por dia pela cidade. Um transtorno que, felizmente, tem data para terminar também. A construção de 6 quilômetros e meio de via portuária, ligando a BR-101 ao porto, vai aliviar os moradores de Itajaí desse tráfego pesado, melhorando, assim, a sua qualidade de vida.

Minhas amigas e meus amigos,



Terminada esta cerimônia, vou participar do batismo do navio pesqueiro Paulo Cantídio, que vai operar aqui no Porto de Itajaí, com capacidade de armazenar 180 toneladas de pescado. Este é o primeiro navio a receber recursos do ProFrota, o Programa Nacional de Financiamento da Ampliação e Modernização da Frota Pesqueira Nacional.

O ProFrota, criado pelo nosso governo e coordenado pela Secretaria Nacional de Aqüicultura e Pesca, vai ser implementado durante quatro anos, resultando em investimentos de 1 bilhão e 200 milhões de reais. Outros nove grandes navios estão em fase de construção, em vários estados, além de vinte outros projetos que já foram selecionados e em breve serão realizados.

Afinal, é difícil entender porque havia financiamento disponível para comprar um carro ou um caminhão, mas não para construir um barco ou um navio, e gerar emprego para os pescadores e portuários do Brasil. Vocês percebem que qualquer pessoa pode, tendo dinheiro, comprar um carro e financiar em 36 meses, 48 meses, 60 meses. Agora, um pescador que quer trocar o seu barco não tinha financiamento. Então, nós resolvemos esse problema com o ProFrota e agora da mesma forma que um cara pode entrar numa loja e comprar uma motocicleta ele vai poder financiar um barco e vai poder facilitar a sua vida enquanto trabalhador da pesca.

Quero terminar dizendo que o ProFrota e as obras do Porto de Itajaí são exemplos do desenvolvimento que nós queremos para o nosso país. Assim, fazemos com que o crescimento econômico ande de braços dados com os programas sociais, gerando empregos, distribuindo renda e melhorando cada vez mais a vida do trabalhador brasileiro.

Aqui eu quero dizer para vocês uma coisa que eu considero extremamente importante. O estado de Santa Catarina, eu sempre digo que Santa Catarina é um estado privilegiado se comparado a outros estados brasileiros que eu conheço pela qualidade de vida que o povo deste estado conquistou, pela beleza das praias e por tantas coisas que tem aqui.



É importante a gente perceber o que aconteceu neste estado em dois anos. Governador, o ProUni, que foi uma engenharia de inteligência extraordinária do nosso ministro da Educação, Fernando Haddad e do ex-ministro Tarso Genro, em que fizemos um convênio com as faculdades particulares, fizemos inversão de impostos e transformamos a diferença em bolsas de estudo. Só aqui, no estado de Santa Catarina, no ano passado, no primeiro semestre, foram 1.900 alunos que ganharam bolsa e, no primeiro semestre de 2006, serão 2.005 estudantes, totalizando praticamente 4.000 jovens que não tinham direito à universidade porque não podiam pagar, que vão conseguir estudar agora, sem precisar pagar.

Uma outra coisa importante que nós fizemos neste estado e, lamentavelmente, a gente não pode fazer para as cidades, só para as capitais, é o ProJovem. O ProJovem é um programa para cuidar de jovens de 18 a 24 anos de idade que tinham desistido do ensino fundamental, não tinham completado. Nós estamos chamando esses jovens, via prefeituras das capitais, e só nas capitais por enquanto estamos fazendo, e estamos chamando esses jovens, estamos dando 100 reais para eles, com o compromisso de voltarem a estudar, aprender uma profissão e prestar um trabalho comunitário.

Tem muita gente que acha que a gente não deveria dar dinheiro para o jovem estudar, que era obrigação ele voltar a estudar. Eu quero dizer para vocês que o dinheiro que a gente tiver medo de gastar com educação, a gente vai ter que gastar depois com o presidiário. Portanto, é melhor gastar antes que a gente possa...

Um outro programa interessante, aqui em Itajaí deve ter menos do que em outro lugar do Brasil, é o programa Luz para Todos, ou seja, é um programa para tirar os brasileiros das trevas. Só sabe o que é o programa Luz para Todos quem já viveu numa casa à luz de candeeiro, à luz de lamparina, como se chamava. Então, nós, até 2008 iremos levar energia elétrica para todas as residências do Brasil que não tiverem. Pode ser na “conchichina”,



dentro do Brasil. Se não tiver energia elétrica vai ter um bico de luz para a pessoa poder ter uma geladeira, ter uma televisão, ter um liquidificador, para a pessoa poder fazer as coisas que todo mundo gostaria de fazer, tendo acesso a alguns benefícios.

Outro programa interessante, e esse aqui é o meu xodó, é o Bolsa Família, que é um dos braços do programa Fome Zero. No estado de Santa Catarina, 137 mil e 400 pessoas recebem o Bolsa Família, o governo federal passa para o estado, através da Caixa Econômica Federal, 91 milhões e 200 mil por ano para cuidar dessa parte mais pobre da população, porque o Bolsa Família não vai resolver definitivamente o problema da pessoa. Apenas está dando a mão para tirá-la de uma situação periclitante e dar a ela a possibilidade de arrumar um emprego e ganhar a sua vida dignamente.

Mas uma coisa interessante é o Pronaf, eu estou aqui num porto e me desculpem, eu vou falar do Pronaf. Não deveria estar falando, mas vou falar do Pronaf. O Pronaf de Santa Catarina, na safra 2001/2002, tinha 108 mil contratos. Hoje, na safra do ano passado que terminou em julho, ele tinha 154 mil contratos. Em 2002, gastou-se 274 milhões de reais, hoje há 739 milhões para o Pronaf, o que é uma coisa extraordinária, um crescimento de 169%. E, para a safra de 2005/2006, que vai terminar em julho deste ano, já tem 191 mil e 725 contratos com o gasto de... gasto, não, com o investimento e financiamento para o trabalhador de 1 bilhão de reais.

Então, vocês imaginem que, na agricultura familiar, este estado aqui possivelmente seja uma revolução, não só porque já tinha uma cultura extraordinária do povo deste estado com a pequena propriedade, mas porque o Banco do Brasil voltou a aprender a lidar com o povo pobre. Ao invés de receber um só e dar todo o dinheiro para aquele um só, é melhor receber 191 mil e dar um pouco para cada um, porque assim a gente faz mais justiça e a gente pode permitir...

Na questão da habitação, eu estou vendo ali uma propaganda da Caixa



Econômica no estado, em todos os projetos da Caixa Econômica no estado aqui, créditos e tudo, a Caixa Econômica está fazendo investimentos extraordinários. Na área de habitação, o acumulado entre 2003 e 2005 foi de 579 milhões e 700 mil reais.

Eu acredito, meus companheiros e companheiras, que tudo isso explica porque eu sou um brasileiro otimista. Eu estou convencido de que o Brasil, finalmente, está afirmando ao mundo que nós não vamos viver mais na base dos milagres momentâneos, aquele milagre em que a gente dorme uma noite feliz porque está tudo maravilhoso e, no dia seguinte, aparece a conta para a gente pagar. Temos uma política econômica que ainda precisa de muito ajuste, mas uma política econômica sólida, que está permitindo que as pessoas confiem no país.

Eu, sinceramente, duvido que, em algum momento da nossa história, o Brasil teve tanta confiabilidade externa como tem agora. E precisamos fazer mais, porque quanto mais sérios nós formos, mais as pessoas passam a confiar em nós. Se nós quisermos atrair investimentos para o Brasil, nós temos que mostrar que somos cumpridores dos nossos contratos, que nós somos sérios, porque assim as pessoas passam a ter confiança e a colocar parte do seu dinheiro aqui. E quando as pessoas souberem que a gente vai ter um porto bonito como este, dobrada a sua capacidade de exportação, aumentando o calado dos navios que vão poder entrar aqui, obviamente que Itajaí vai crescer mais e, junto com o crescimento de Itajaí, vão crescer as cidades vizinhas e, crescendo as cidades vizinhas, vai crescer o estado, e aí este estado vai poder melhorar ainda mais a qualidade de vida de todos vocês.

Meu querido Volnei, eu sei que você é a cara de tudo isto que está acontecendo aqui. Obviamente que a cidade teve muitos outros prefeitos que trabalharam, que lutaram, mas eu digo que você é a cara porque, antes de ser prefeito, você já era um militante em defesa do Porto de Itajaí. Como ninguém, você venceu. E o governador Luiz Henrique, que teve a coragem de municipalizar o Porto, quando muita gente fazia críticas.



Para terminar, gente – eu sei que vocês estão aí reclamando “puxa, esse Lula fala, fala, e nós estamos aqui” – eu queria dizer para vocês que só falta eu conhecer uma coisa aqui em Santa Catarina: é o Beto Carrero me convidar para ir lá naquele centro maravilhoso de diversão. Ele fala, de vez em quando encontra comigo, fala, fala, mas nunca convidou de verdade. O dia em que me convidar de verdade... Eu acho que ele quer... Eu acho que ele é daqueles caras assim “mão fechada”, ele está pensando que eu vou e não vou pagar, por isso ele não está querendo me convidar. Olha aqui, uma promoção: disse que mulheres e homens de Santa Catarina pagam a metade.

Mas eu queria te dizer, Beto... O Beto é daquelas pessoas que saem do nada, crescem, despertam muita inveja e depois viram patrimônio nacional. O Beto é, hoje, um patrimônio do povo brasileiro. Meus parabéns, Beto, e tudo de bom, querido.

Meus parabéns a todos vocês, que Deus abençoe a cada um de vocês, gente. Eu espero vir aqui quando as obras estiverem totalmente concluídas. O Volnei disse que vai ter uma sala, que os navios vão parar, vão hastear a bandeira, vai tocar o Hino Nacional, e a gente vai saber o que o navio vai fazer. Quando esse momento chegar, Volnei, eu voltarei aqui para que a gente possa participar disso.

Que Deus abençoe. Muito obrigado, gente.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia alusiva às obra de recuperação e modernização do Porto de  
São Francisco do Sul**

**São Francisco do Sul-SC, 17 de março de 2006**

Meu caro governador do estado de Santa Catarina, Luiz Henrique da  
Silveira,

Meu caro companheiro José Fritsch, secretário especial de Aqüicultura e  
Pesca,

Nossa querida companheira senadora Ideli Salvatti,

Meus caros deputados federais Carlito Merss, Jorge Boeira, Mauro  
Passos e Cláudio Vignatti,

Meu caro Odilon Ferreira de Oliveira, prefeito de São Francisco do Sul,  
em nome do qual saúdo os demais prefeitos da região,

Vereador Rid Garcia dos Santos, presidente da Câmara Municipal,

Dra. Hildemar Meneguzzi, juíza de direito da 1ª Vara de São Francisco  
do Sul,

Meu caro Fernando Camacho, presidente da Administração do Porto de  
São Francisco do Sul,

Nosso querido companheiro Mescolotto, presidente do Banco de Santa  
Catarina,

Deputados estaduais,

Demais vereadores,

Mulheres, homens, crianças,

Trabalhadores da obra do porto,

Soldados do Exército brasileiro, que nunca faltaram no cumprimento do  
seu dever. Todas as vezes que precisamos, em caráter de emergência ou não  
de emergência, o Exército brasileiro e as Forças Armadas estão sempre



prontos. E o que é importante é que eles não perguntam para quê e por quê, eles fazem o que tem que ser feito. E eu não tenho dúvida nenhuma que essa obra será bem construída, com construção de qualidade, porque o nosso pessoal não brinca em serviço,

Meus amigos, minhas amigas,

Esta é a primeira visita a um porto este ano. Hoje nós vamos visitar São Francisco do Sul, Itajaí e Laguna. Depois eu vou visitar o porto de Vitória, depois vou visitar outros portos espalhados pelo Brasil, porque em 2004 nós tomamos uma decisão extremamente importante, que era fazer com que os portos brasileiros dessem vazão à saída dos produtos que nós produzimos, aqui, com maior rapidez, da forma mais barata possível. E, para isso, era preciso modernizar a estrutura portuária.

É importante apenas dizer para vocês que, entre a gente decidir uma coisa e ela acontecer, leva tempo. Leva tempo, porque o cumprimento das coisas que temos que fazer, às vezes, é mais prolongado do que a gente imagina. Entretanto, da mesma forma que nós vemos o porto brasileiro como portão de entrada e de saída da riqueza que a gente produz, dos produtos que a gente compra de fora, a gente vê os aeroportos, nós administramos 66 aeroportos no Brasil. Quem viaja pelo Brasil percebe que raramente nós chegamos num lugar e encontramos um porto brasileiro que não esteja passando por uma reforma profunda para que a gente possa duplicar o número de passageiros, como fizemos aqui em Navegantes. Transformando Navegantes num aeroporto internacional, como estamos fazendo no aeroporto de Florianópolis e fazendo no Brasil inteiro.

Por quê? Porque da mesma forma que um passarinho, quando nasce, adota como pai ou mãe a primeira cara que ele vê, ou seja, um estrangeiro que visita o Brasil, quando ele descer no aeroporto, a visão do aeroporto e a cara das pessoas têm que estar bem para ele levar uma boa imagem do nosso país,



e no porto é a mesma coisa. Quanto mais eficaz for a administração de um porto, quanto mais rápido, quanto mais ágil, quanto menos tempo um navio ficar parado, atracado a alguns metros de distância, melhor para nós. E é isso que nós estamos fazendo e todo mundo sabe que este porto, não é Camacho, você não falou mas eu vou falar, vem registrando recordes e mais recordes nas exportações.

Em 2003, foram 6 milhões de toneladas, em 2004, 7 milhões de toneladas; em 2005, 8 milhões de toneladas e, em 2006, se Deus quiser, mais. Veja, 8 milhões de toneladas. Eu perguntei para o Camacho: depois que a gente tirar essa pedra que você disse que tem aí no fundo do mar, o que vai acontecer? Ele falou: “o nosso calado vai ficar com 13 metros, vai poder entrar navio de grande porte aqui, e simplesmente a gente vai poder duplicar as cargas que hoje...” então nós sairíamos, teoricamente, de 8 milhões de toneladas, para 16 milhões de toneladas.

Isso significa, olha o sorriso do Prefeito! Isso significa mais dinheiro para a prefeitura, isso significa mais emprego para o povo que trabalha no porto, tanto os trabalhadores diretos quanto os indiretos, isso significa mais dinheiro para a cidade, mais emprego e mais salário, significa melhoria na qualidade de vida do povo de São Francisco do Sul e da região.

Bem, isso, eu diria, é muito bom, é extraordinário, porque a gente percebe que o sonho está se concretizando, ou seja, duro é quando a gente sonha um sonho bem gostoso, a gente acorda e, ou esquece do sonho ou a gente descobre que a realidade não é tão boa quanto a gente está vendo. Aqui não, aqui a gente teve um sonho de melhorar o porto de São Francisco do Sul e ele está sendo melhorado. Vocês hoje podem ver não apenas as obras, mas ver os trabalhadores que estão fazendo a transformação nesse porto.

Isso vai acontecer em todos os portos brasileiros, porque é importante que não foi apenas aqui que dobrou, não é Camacho? É importante a gente lembrar que o Brasil demorou 500 anos para exportar 60 bilhões de dólares e



nós, em apenas 36 meses, chegamos a mais 60 bilhões de dólares, passando para 120 bilhões as exportações brasileiras.

Vejam, nós estamos disponibilizando, para recuperar o porto, um investimento da ordem de 56 milhões de reais, 43 milhões do governo federal, 13 milhões do governo estadual. Os investimentos públicos programados estão voltados para as obras que o Camacho já falou aqui, mas eu vou repeti-las: recuperação estrutural dos berços 102 e 103, eu nem sabia o que era berço, falou em berço eu pensei que era coisa para dormir, para criança dormir, aí eu fiquei sabendo que é aquela coisa... do berço 102 e 103 do cais existente numa extensão de 330 metros; construção de viadutos no acesso ao porto, no entroncamento da BR-280 com a Via Férrea; recuperação e modernização do sistema de distribuição de energia elétrica na área do porto, incluindo novas subestações de redimensionamento das redes de distribuição; derrocamento da laje da cruz, isso é, a pedra que eu falei e que o Camacho falou. Com a remoção desse rochedo submerso, o calado, junto ao berço de atracação 101, vai aumentar para 13 metros de profundidade, podendo passar navios muito maiores. É isso Camacho?

Quanto aos investimentos da iniciativa privada, destaco, é importante lembrar que também tem dinheiro da iniciativa privada, a integração do corredor de exportação com duplicação da capacidade de embarque para três mil toneladas/hora, através de berço 101; implantação e operação do berço 401 por meio de arrendamento – você vai balançando com a cabeça, sim ou não, viu Camacho? Implantação de terminais de granéis líquidos; implantação do berço 302 no terminal de Babitonga. É isso? Falta metade do discurso aqui, perderam o discurso no meio do caminho. Bem, César Alvarez, o discurso está pela metade. De qualquer forma eu não ia ler mais, porque eu quero olhar cara a de vocês.

O Brasil está vivendo, eu diria, um momento, senão excepcional, o Brasil está vivendo um momento muito bom. E quando eu digo muito bom é porque,



em nenhum momento da história econômica deste país, nós tivemos um conjunto de fatores combinando entre si, que permita ao Brasil ter, aos olhos do mundo, uma segurança que nós nunca tivemos.

O risco-Brasil é quando as pessoas desconfiam do Brasil. Era 1.400 pontos no dia em que eu tomei posse, era 2.400. Hoje, está 220. Nós, há muitos anos, não conhecíamos superávit de conta corrente, nós, há muitos anos, passamos quase oito anos tendo déficit na nossa balança comercial. O Brasil importava mais do que exportava. E, no final do ano, o governo era obrigado a recorrer ao Fundo Monetário Internacional para pedir dinheiro emprestado para poder pagar as nossas contas. Nós, hoje, temos praticamente 67 bilhões de reservas e tomamos uma posição muito ousada de soberania.

Nós tínhamos 15 bilhões e 600, que era uma dívida contraída pelo governo anterior, com o objetivo de pagar a loucura da quebradeira que o Brasil teve em 2000, 1998, 1999. E o que nós fizemos? Devolvemos ao FMI 15 bilhões e 600, porque estávamos pagando 900 milhões de dólares de juros. Não tinha sentido a gente, com dinheiro em caixa, pagando os juros de um dinheiro que a gente não estava utilizando. Devolvemos o dinheiro e dissemos ao FMI: o Brasil, em 1822, proclamou a sua independência política, administrativa, e hoje, no dia que nós fizemos isso, eu declarei, hoje nós concluímos a nossa independência, porque não queremos ingerência de ninguém dizendo o que a gente tem que fazer no nosso país.

Mas não é apenas da questão dos portos e dos aeroportos que estamos cuidando. Vocês viram que no final do ano eu tomei a atitude de fazer, em caráter emergencial, uma verdadeira batalha nas estradas brasileiras. Então, era engraçado porque tinha alguns que criticavam que o governo federal não fazia. Quando nós tomamos a decisão de fazer, aí começaram a criticar que nós estávamos fazendo.

Vocês estão assistindo aqueles capítulos daquele especial sobre JK? Se fosse transportado para hoje, vocês iam perceber que era a mesma coisa. Tem



um tipo de político que quer trabalhar e fazer e tem um tipo que não quer que você faça, isso é como jogar futebol: tem um time que quer marcar gol e o outro que não quer que você marque gol.

Olhe, deixa eu dizer para vocês uma coisa, de coração: eu sei que falta muita coisa para fazer, da mesma forma que eu tenho consciência de que falta muita coisa para eu cumprir dos sonhos que eu e Marisa sonhamos juntos nesses 32 anos e vocês na vida pessoal de vocês. Cada um de vocês sonha fazer uma coisa melhor na casa de vocês, às vezes o marido e a mulher trabalham, se matam de trabalhar e no final do mês não têm as condições objetivas de fazer.

Cada um quer que um filho possa se tornar um doutor em excelência em algum curso importante. Essas coisas a gente sonha, se mata, trabalha, mas as coisas não acontecem com a rapidez que a gente quer. Consertar o Brasil, do jeito que nós pegamos, se não fosse Deus e vocês a gente não agüentaria o que nós pegamos neste país.

Você trabalha em porto, Camacho, você sabe. É como um navio avariado, ou seja, tem um trabalho e eu devo muito, mas muito de tudo que nós fizemos a um homem chamado Antonio Palocci, muito. Não é economista, é médico e é exatamente por isso. Ele ganhou respeitabilidade no mundo inteiro pela sobriedade e pela seriedade no trato das questões econômicas. Muitas vezes o Luiz Henrique deve ter saído de Brasília chateado porque não conseguiu o dinheiro que o estado precisava, muitas vezes um prefeito saiu chateado, muitas vezes os deputados ficam chateados, a senadora, porque vão lá pedir dinheiro para a emenda. E é uma coisa extraordinária, que cada um de nós aprende na vida, aprende no berço. A gente só gasta aquilo que tem, a gente só gasta o tamanho do nosso salário. Se a gente fizer alguma coisa a mais, a gente sabe que vai se encalacrar em algum momento.

Então, todo o nosso problema é fazer com que o Brasil tenha seriedade aos olhos do brasileiro e aos olhos do mundo, que as pessoas percebam que



este país deixou de ser um país de aventuras eleitorais, em que na época das eleições se promete tudo, se gasta o que não tem e depois o povo paga o preço. Eu, por acaso, ontem, cheguei em casa depois que fizemos uma reunião na Confederação Nacional das Indústrias com todo o movimento sindical e com os empresários... porque a partir de ontem eu assinei um Decreto em que os trabalhadores vão participar da administração dos “S”, do Sesi, do Senai, do Senac, de tudo. Ou seja, a partir de agora vai ter 300 trabalhadores na administração e na semana que vem assinarei também a participação dos trabalhadores no Conselho das empresas públicas brasileiras.

Então, eu cheguei em casa ontem por volta das 10, 11 horas da noite e eu nunca tinha assistido e assisti o JK. E eu assisti uma coisa que se a gente transportasse para hoje, seria a mesma coisa. Ou seja, o JK, hoje, depois de 50 anos, é considerado o mais importante presidente que este país teve. Getúlio também foi muito importante mas com outra característica. Então, hoje, todo mundo, seja de direita, de esquerda, de centro, respeita e admira JK e eu pensei, Luiz Henrique, que sempre tinha sido assim.

Quando eu li o livro sobre JK, eu percebi que naquela época, os iguais aos de hoje, daquela época, porque a elite sempre foi mais ou menos a mesma, uma parte da elite política sempre foi a mesma... você pega a família que está há 300 anos na política brasileira, 300, 400 anos na política e eu estou percebendo que o mesmo tipo de gente que acusava de forma peremptória Juscelino Kubitschek de todas as coisas, de todas as infâmias. Não tinha palavrão que faltasse para o Juscelino ser atacado, e a televisão está mostrando honestamente o que foi aquilo. E eles fizeram isso conosco o ano passado. Não são os mesmos, se fizer um DNA político, ideológico, é a mesma coisa, vão perceber que é a mesma coisa. Eu aprendi que a gente tem que ter paciência nessas horas, a gente tem que ter paciência, contar até dez, pensar muito em Deus e sempre acreditar que a verdade vai aparecer.

Agora, resolveram mexer com a economia brasileira. Resolveram mexer



por quê? Eu só posso entender que esse tipo de comportamento é para dizer o seguinte: esses meninos não podem dar certo até o final do ano. Nós temos que chegar ao final do ano no Brasil com uma situação muito ruim, porque senão eles podem, sabe... Eu fico imaginando o seguinte: olhe, eu não quero que as pessoas gostem de mim, ninguém é obrigado a gostar de ninguém. Eu não quero que pessoas gostem do Luiz Henrique, da Ideli, ninguém é obrigado a gostar de nós. Eu não quero que gostem do Palocci, que gostem do Camacho. Gostar é livre. O que eu quero é que as pessoas aprendam, não a gostar do presidente da República ou do ministro da Fazenda, eu quero que as pessoas aprendam a gostar deste país e do povo brasileiro, eu quero que as pessoas aprendam a respeitar o povo brasileiro porque se o Brasil estiver bem, todo mundo vai estar bem, se o Brasil estiver mal, alguns vão estar bem e eu já sei nas costas de quem vai arrebentar, é nas costas do povo pobre deste país, outra vez.

Então, é importante vocês ficarem alertas, é importante o povo ficar analisando corretamente, porque destruir é muito mais fácil do que construir. Plantar uma árvore para ela ficar frondosa e dar uma sombra para a gente descansar, leva dezenas de anos. Aí, chega o cidadão com uma moto-serra, e em meio minuto corta aquela árvore frondosa. Construir um prédio é muito difícil, vem uma enxurrada e derruba em 30 segundos. E nós não temos o direito de destruir as coisas que esse povo construiu, porque cada tijolo que está levantado neste país tem, direta ou indiretamente, uma gota de suor do sangue desse povo que pagou imposto, que trabalhou e que quer apenas que os governantes lhe devolvam em forma de benefício o direito arrecadado.

Vejam que absurdo. Eu proibi, no meu governo, utilizar a palavra gasto, quando se trata de educação e de política social, porque no Brasil habitualmente era assim.

O governador Luiz Henrique vai fazer parceria ou vai dar um terreno para uma empresa se implantar no estado, vai ter financiamento do BESC. A



gente fala assim: “não, porque isso é investimento.” Agora, quando a gente vai dar alguns centavos para o pobre comer um pão, as pessoas falam: “isso é gasto.” Quando a gente fala: “construir um presídio”, temos que investir no sistema penitenciário brasileiro, o sistema prisional. Quando a gente vai colocar uma criança na escola, a gente fala: “vai gastar dinheiro na educação.” Nós precisamos mudar esses conceitos, porque não tem nada mais sagrado na vida da nossa família, na vida de um pai ou de uma mãe, não tem nada mais sagrado do que ele ter a possibilidade de ver o filho dele numa boa escola. Não tem nada mais sagrado. É por isso que nós criamos o ProUni. O ProUni já colocou, entre janeiro do ano passado e fevereiro deste ano, 203 mil jovens da periferia nas universidades brasileiras, que estariam fora. As escolas técnicas estavam paralisadas desde 1998. Não se podia fazer escola técnica no Brasil se a prefeitura não assumisse ou se o estado não assumisse. Até junho vão inaugurar 25 novas escolas técnicas neste país.

Estamos fazendo, só aqui em Santa Catarina, quatro. Já tem três e nós vamos fazer três. Pois bem, só universidade, Governador, estamos fazendo quatro universidades federais novas, estamos transformando seis faculdades em universidades e estamos fazendo 42 extensões universitárias. Estamos pegando braços da Universidade Federal e levando para o interior do país, criando 10 cursos, 15 cursos, 8 cursos para 2 mil, 2 mil e 500 jovens.

Por que estamos fazendo isso? Porque não adianta ter porto bom, Camacho, não adianta ter porto bom, não adianta ter aeroporto bom, se a gente não tiver mão-de-obra altamente qualificada para melhor qualificar os produtos que o Brasil exporta, e mais ainda, eu estou convencido de que o que vai dar a vantagem comparativa para o Brasil nessa relação globalizada do Planeta é a educação, porque vai ser um dia em que a gente vai exportar conhecimento.

O dia em que a gente estiver exportando conhecimento, aí o Brasil não vai ter risco nenhum e aí as pessoas vão começar a fazer investimentos neste



país, porque sabem que aqui as pessoas estão qualificadas profissionalmente. Esse é um sonho que não pode ser feito em quatro anos, em oito anos, em 12 anos, é um sonho que tem que ser construído em 20 anos, em 30 anos, mas não pode parar. Essas coisas têm que continuar, porque senão a gente nunca consegue concluir o projeto.

Vocês sabem, numa cidade, se um prefeito entra, pára todas as obras dos outros e começa outras novas, aí entra outro, pára as daquele e começa outras, a gente vai vendo a cidade cheia de obras inconclusas, quando na verdade tudo é feito com dinheiro do povo e a gente precisa caprichar para fazer as coisas acontecerem.

Então, gente, eu venho a este porto com alegria redobrada. Certamente, no final da tarde, não terei mais a disposição de falar tanto como eu estou falando agora, mas é o primeiro, então, eu posso falar. Eu só quero dizer o seguinte: da mesma forma que nós estamos fazendo este porto, eu quero pedir aos nossos adversários, àqueles que fazem oposição: é justo fazer oposição, é democrático fazer oposição, mas política tem que ser feita com sabedoria, com inteligência, com serenidade. Política não pode ser feita com o esôfago, tem que ser feita com a cabeça. Se as pessoas não gostam do governo, não tem problema, mas pelo amor de Deus, permitam que a gente conclua o nosso trabalho, não atrapalhem, porque quem vai perder vai ser o povo trabalhador deste país.

Eu quero agradecer a presença de vocês. Quero dizer a todos vocês que eu continuo não apenas acreditando, mas trabalhando para que este país nunca mais retorne aos dissabores que nós tivemos em muito tempo e para mim tem uma palavra-chave: seriedade. Seriedade, trabalho e trabalho. Não se importar com o restante, não deixar de fazer as coisas porque alguém não está gostando. Paciência. O que eu quero saber é no dia 31 de dezembro de 2006, quando terminar o meu mandato eu quero comparar o Brasil do meu governo com o Brasil que eu herdei, para a gente saber o que aconteceu neste país.



Até lá, eu só quero trabalhar.  
Muito obrigado, gente.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da cerimônia de posse da Diretoria da ANAC – Agência Nacional de Aviação Civil**

**Palácio do Planalto, 20 de março de 2006**

Ministra-chefe da Casa Civil,

Meu companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,

Meu companheiro Walfrido dos Mares Guia, ministro do Turismo,

Meu companheiro Jorge Armando Felix, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional,

Meu companheiro Waldir Pires, ministro do Controle e Transparência,

Meu companheiro José Fritsch, secretário Especial da Aquicultura e Pesca,

Meu caro almirante-de-esquadra, Roberto de Guimarães Carvalho, hoje exercendo a interinidade do Ministério da Defesa, já que o nosso José Alencar está na China,

Minha cara senadora Serys,

Deputados Francisco Appio, Henrique Fontana, Nilton Capixaba e Robson Tuma,

Deputado Simão Sessim,

Meu caro comandante Bueno, comandante da Aeronáutica,

Meu caro Milton Zuanazzi, diretor-presidente da Agência de Aviação Civil,

Membros da Diretoria Colegiada da Anac, Denise Abreu, Jorge Velozo e Leur Lomanto,

Nosso querido companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Senhoras e senhores representantes do setor aéreo brasileiro,

Trabalhadores,



Eu não recebi aqui na nominata mas, Graziela, faz de conta que falando o seu nome, eu estou falando em nome de todos os sindicalistas que, no Brasil, brigaram tanto para que a gente pudesse ter a Anac. A consolidação da Agência Nacional de Aviação Civil e a posse de seu quadro de diretores marcam um momento importante no aperfeiçoamento do Estado republicano brasileiro, que teve início nos últimos anos. Digo isso porque a Anac, além de ser a primeira agência reguladora criada em nosso governo, já nasce sob uma concepção moderna e muito mais democrática do seu papel no desenvolvimento nacional. Estamos criando uma agência que terá como responsabilidades principais fiscalizar o setor de aviação e criar a regulamentação necessária para que as políticas governamentais para a aviação civil sejam implementadas.

A definição das políticas, em si, ficará a cargo do Executivo, por meio do Ministério da Defesa e da Presidência da República, que já conta com o assessoramento do Conselho Nacional de Aviação Civil, o Conac, com representantes de seis Ministérios e do Comando da Aeronáutica. Um novo marco regulatório que atente tanto para a consolidação econômica da aviação civil quanto para os interesses nacionais e do consumidor já está sendo discutido no âmbito do Conac com diversos segmentos da sociedade civil. Estou falando da interlocução, não só de entidades representativas das empresas de aviação, mas também dos aeronautas, aeroviários e dos usuários do transporte aéreo. Dentro desse quadro, a Anac será a responsável por implementar este novo marco regulatório com o qual todos sairão ganhando.

E por que estamos fazendo uma agência nesses moldes? É porque acreditamos na autonomia das agências reguladoras, mas também temos a convicção de que as políticas setoriais devem atender tanto às regras e especificidades de cada mercado, como também às necessidades e aos anseios da população. Nós sabemos que é no constante diálogo com a sociedade que este tipo de política encontra o melhor ponto de partida e um



caminho seguro para avançar.

Meus amigos e minhas amigas,

A Agência Nacional de Aviação Civil já nasce com uma preciosa bagagem técnica e operacional, mas também com grandes desafios a serem enfrentados. A Anac absorverá as atividades, o profundo conhecimento e o competente quadro profissional do Departamento de Aviação Civil – o DAC, que é subordinado ao Ministério da Defesa. Esse departamento, criado em 1941, foi fundamental para que a aviação civil brasileira conquistasse o grau de excelência com o qual conta hoje. Além de ser uma das maiores do mundo em movimento aéreo, nossa aviação conta hoje com alguns dos melhores índices internacionais de segurança.

Enquanto o uso do espaço aéreo e as funções operacionais e de segurança continuarão sob o comando militar, a Anac focará sua atenção nos aspectos econômicos da aviação brasileira, e é justamente aí que começam os seus grandes desafios. A criação de uma entidade civil e autônoma para a fiscalização e regulamentação da aviação e da infra-estrutura aeroportuária no Brasil é uma pauta antiga dos tratados internacionais dos quais somos signatários. Éramos, afinal, um dos poucos países do mundo onde o órgão que regulava o setor não estava na esfera civil. Agora, com a mudança, nos adaptamos a um critério que é hoje mundial.

O transporte aéreo é um grande vetor pelo qual passa o nosso desenvolvimento. É imprescindível para que nossas exportações possam continuar aumentando. É a bordo dos aviões que a grande maioria dos turistas estrangeiros chega ao país. O atendimento que eles recebem nas aeronaves e aeroportos é o primeiro cartão de visita de nosso país. E é também por meio aéreo que o brasileiro está, cada vez mais, viajando pelo seu próprio país para conhecê-lo melhor ou para fazer negócios. O direito dos consumidores do transporte aéreo, portanto, deve ser cada vez mais respeitado e isso requer um bom atendimento, uma oferta consistente de opções de vôos e as melhores



tarifas possíveis. Requer, também, que as empresas aéreas brasileiras sejam sólidas e competitivas. Todos esses itens estão no topo da lista de prioridades para a nova agência.

Minhas amigas e meus amigos,

O diálogo intenso, respeitoso e produtivo com os mais diferentes segmentos da sociedade tem sido uma marca das ações do Executivo desde o primeiro dia de nosso governo. A criação da Anac é, certamente, um bom exemplo de como esse princípio que nos norteia é também uma das formas mais eficientes de se governar. A agência já era prevista desde 1999 pela Lei Complementar que criou o Ministério da Defesa, mas seu projeto tramitou por anos no Congresso e sofreu muitas alterações, devido às próprias dificuldades enfrentadas pelas empresas aéreas em todo o mundo a partir de 11 de setembro de 2001. Se hoje temos uma agência criada e diretores empossados devemos isso, além do esforço do governo e dos parlamentares, à contribuição das empresas, usuários e funcionários do setor aéreo, que participaram intensamente desse processo.

Eu queria, meu caro Zuanazzi, dizer a você... duas coisas importantes você disse aqui. Primeiro, enaltecer o futuro sem desprezar o passado, os anos e anos de experiência que nós adquirimos, mesmo com os militares administrando a aviação civil brasileira. A segunda, a história da diferença entre vocês. É importante que seja assim.

Eu não sei se vocês se lembram, os homens certamente se lembram das diferenças entre Garrincha, Didi e Pelé e da diferença entre Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe, ou seja, todos jogavam diferente, mas todos com um único objetivo: derrotar os adversários e marcar os gols pelo time em que jogavam. O papel de vocês não é pensar igual, podem pensar diferente. Da mesma forma que uma orquestra tem um maestro, que não precisa tocar bem todos os instrumentos, mas precisa entender de música e reger bem a



orquestra, o papel de vocês é reger, em sintonia, o setor de transporte aéreo no Brasil. Nós temos muito a fazer, porque se o Brasil quiser valer a respeitabilidade conquistada no mundo de hoje, se o Brasil quiser fazer crescer o seu turismo externo, se o Brasil quiser fazer com que mais turistas venham para o Brasil, se o Brasil quiser fazer com que cresçam os nossos negócios em todo o mundo, nós vamos ter que fazer uma pequena revolução na nossa aviação.

Eu, por exemplo, hoje, conversei com uma pessoa de Dakar que veio ao Brasil, são quatro ou cinco horas de distância para atravessar o Atlântico, entretanto, ele demorou 17 horas para chegar ao Brasil. Eu sei que não é um problema que nós sozinhos poderemos resolver, mas nós temos, e o ministro Walfrido e, por conseqüência, você, que trabalhou com o Walfrido, sabe da minha angústia para que a gente resolva o problema do transporte aéreo, porque sem ele o Brasil não dará a mesma respeitabilidade nas suas relações de negócios que dá nas suas relações políticas.

Eu digo sempre, e vou repetir aqui: se um cidadão da América Sul ou da América Central tiver que ir aos Estados Unidos para vir ao Brasil, ou um africano tiver que ir à África para vir ao Brasil, ele vai fazer negócio por lá mesmo, não precisa vir para cá. Nós somos a maior economia do Continente, portanto nós temos interesse em fazer com que as empresas brasileiras se interessem em ter vôos para lá e convencê-los de que eles precisam ter vôos para cá, porque senão nós não iremos fazer o jogo que o Brasil precisa, deve e pode fazer neste momento.



Sabem vocês, ligados à área do Turismo, sabe o Carlos Wilson o que cresce o setor de transporte nos nossos aeroportos. Nós não podemos mais ficar esperando a boa vontade de alguém, um dia, imaginar que vai tomar a decisão para fazer isso. Agora, a bola está com vocês. Pensem diferente entre si. Agora, construam, pelo amor de Deus, um dinamismo maior para que o Brasil seja cada vez maior na sua relação com esse mundo globalizado do qual faz parte.

Eu quero desejar a vocês toda a sorte do mundo, eu sei que é uma experiência nova, mas quem é que não gosta de uma experiência nova, de um desafio novo? E quando vocês tiverem dúvidas, não se façam de rogados, ou seja, procurem os velhos companheiros, peçam conselhos porque, certamente, nós encontraremos a solução.

Boa sorte para todos vocês!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em ato  
alusivo à visita por ocasião da retomada das obras do Metrô de Salvador  
Salvador – BA, 21 de março de 2006**

Primeiro, deixe-me agradecer as palavras carinhosas do nosso querido prefeito João Henrique. Muito obrigado pelas palavras. Eu queria agradecer, também, a presença do Governador do estado, e eu queria apenas que vocês compreendessem que, em vários estados em que eu vou, muitas vezes o governador inventa uma viagem para não me receber, porque tem divergência política. Eu disse agora, em Alagados, e vou dizer na frente de vocês, que o governador Paulo Souto, em nenhum momento em que vim a Salvador, deixou de me receber no aeroporto. Uma demonstração de que é possível a gente fazer política de forma civilizada e que... imagina se o torcedor do Vitória, cada vez que vai ao estádio, vai brigar com o torcedor do Bahia. Imagina se cada vez que o evangélico se encontra com um católico, vão brigar. Então, eu acho que na política é assim. A gente pode pertencer a partidos diferentes, pode ter candidaturas diferentes, mas o povo exige que a gente seja civilizado no tratamento com as pessoas.

Então, eu quero agradecer ao nosso Prefeito e ao Governador. Falar dos ministros Jaques Wagner, Waldir Pires e Gilberto Gil, que são baianos, é desnecessário. Mas eu queria apresentar a nossa companheira Matilde, que é nossa companheira ministra da Igualdade Racial, no país, e o nosso ministro Márcio Fortes, que é o companheiro ministro das Cidades, responsável pelas obras do metrô.

Quero dizer para vocês que, durante esta semana, algumas pessoas tentaram criar intrigas da minha vinda aqui. Então, eu queria deixar um recado para os desavisados: não há nada que me impeça de vir à Bahia e a Salvador fazer qualquer coisa no estado. Eu tenho dito: “eu sou cidadão soteropolitano”.



Mandei escrever aqui, porque falar soteropolitano é difícil. Segundo, eu sou pernambucano, fiz a minha vida em São Paulo, mas não tem nenhum lugar do Brasil em que eu seja tratado, ao longo desses 25 anos, como eu sou tratado neste estado e nesta cidade.

Quero cumprimentar o Secretário de Transporte, quero cumprimentar os nossos vereadores, nossos deputados federais, nossos deputados estaduais, que estão todos aqui atrás, os secretários municipais, os secretários do estado que estão aqui, e queria dizer para vocês o seguinte: primeiro, eu já estou feliz... eu vi uns trabalhadores levantando a carteira profissional para mim. Estou feliz porque tenho um compromisso, não apenas moral, mas um compromisso do Secretário, do Prefeito de que, em todas as admissões que a gente for fazer para o metrô, a gente vai dar prioridade para os trabalhadores que já trabalhavam aqui no metrô, para que eles possam ser empregados novamente. Segundo, quero dizer para vocês que o nosso desejo é gerar os milhões de empregos que o Brasil precisa, porque a gente não pode esquecer que nós tivemos um década perdida, de 1980 a 1990, nós tivemos praticamente 10 anos de desemprego crescente neste país. Depois tivemos, de 1990 a praticamente 2002, uma economia crescendo de forma muito frágil e, portanto, muito desemprego. Graças a Deus, nesses 39 meses, nós já temos mais de quatro milhões de empregos de carteira assinada, o que é uma coisa extraordinária. Porque, quando eu vejo um trabalhador com a sua carteirinha assinada, significa que esse trabalhador deu um passo a diante para conquistar, definitivamente, a sua cidadania.

A terceira coisa que eu queria dizer para vocês é que o metrô, no ano de 2000, 2001, eu não sei quando começaram os metrôs, teve uma megalomania no Brasil, ou seja, começaram a construir quatro metrôs em estados grandes e importantes: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Ceará. Ou seja, uma galinha, por mais que ela saiba que precisa botar ovo para ter mais pintinhos, ela bota um de cada vez. Ou seja, tentar construir quatro metrôs, de quatro



idades importantes, sem levar em conta a definição de prioridades, do que era o mais necessário, e sem levar em conta a necessidade de garantir o dinheiro, já que tinha a contrapartida de bancos internacionais, foi um pouco presunção ou um pouco problema eleitoral.

Veja, aqui eu quero fazer justiça, primeiro ao ministro Jaques Wagner, que ficou no ano passado inteiro, ao pé do meu ouvido: “Presidente, dinheiro para o metrô; Presidente, dinheiro para o metrô”. Quero agradecer ao Prefeito, que tomou posse e já foi a Brasília pedir o metrô. E agora, o que está acontecendo? O governo federal não tem nenhum interesse de ficar, de Brasília, administrando o metrô. O ideal é que a gente consiga passar para uma parceria estado e prefeitura, para que ele seja gerido aqui. Então, nós fizemos isso com a Bahia, nós fizemos isso com o Ceará, com Pernambuco ainda não conseguimos fazer o acordo e com Minas Gerais ainda não conseguimos, porque tem governador que não quer e tem prefeito que não quer. Se não quiserem, a gente vai ter que fazê-los. Mas, primeiro, nós queremos fazer uma parceria, porque é muito difícil, a dois mil quilômetros de distância, o governo federal tentar dirigir um metrô em Belo Horizonte, Salvador, Recife ou Fortaleza.

Então, Salvador topou, e Salvador foi colocado no PPI, portanto nós estamos a alguns dias de votar, no Congresso Nacional, de votar o Orçamento. E votando o Orçamento, Secretário, Governador e Prefeito, o Governador assumiu o compromisso, com o Banco do Brasil, de comprar os trens novos. E este ano, podem ficar tranquilos, até terminar essa primeira fase, não vai mais faltar o dinheiro para o metrô de Salvador. O metrô de Salvador e o metrô de Fortaleza vão ter seqüência, porque os recursos estão garantidos no PPI. Se Pernambuco e Minas Gerais fizerem acordos, eles também vão ter o dinheiro enquadrado.

A quarta coisa que eu queria dizer para vocês, gente, é que no Brasil, normalmente, tem gente que faz e tem gente que tenta destruir. E destruir é



mais fácil do que construir. Vejam uma coisa: uma árvore demora 30, 40, 50 anos para que possa dar uma sombra frondosa para a gente descansar. Mas, hoje, o cara vai com a moto-serra e, em cinco minutos, acabou a árvore. A gente passa a vida inteira construindo uma casinha, pobre sabe o que é isso. Primeiro constrói um quarto e cozinha, depois constrói um banheirinho, depois constrói um outro quartinho, aí vem uma enxurrada e leva a nossa casa em 30 segundos. Construir leva anos e, no Brasil, tem um tipo de político que, não só tenta destruir o que você faz, como ele não quer que você faça.

Vocês são inteligentes, vocês lêem jornais, vêem televisão, ouvem rádio, vocês devem saber o que está acontecendo no Brasil neste instante. Vocês assistiram a alguns capítulos desta novela JK, deste especial. Hoje, 50 anos depois que ele morreu, JK está sendo vendido como herói mas, a novela, o documentário mostra como é que os que estão me atacando hoje atacavam JK em 1950. Vocês estão percebendo. Ora, qual é o papel de um presidente da República, de um governador de estado, de um prefeito? Na hora em que a gente assume o cargo, a gente não pode responder todas as ofensas com que a gente é atacado, porque eu gosto de uma briga, adoro uma briga, quem me conhece sabe que eu adoro uma briga. Agora, eu sou o presidente da República, eu não posso ficar respondendo cada baixo nível que fazem contra mim, não posso. A minha responsabilidade é tentar dar de mim aquilo que vocês acreditaram que eu podia dar e foi por isso que, neste estado aqui, eu tive a votação que tive nas eleições de 2002.

Vejam, eu tenho dito... estou vindo agora de... nós fomos a Cruz das Almas e a Cachoeira. Nós fomos lançar a Universidade Federal do Recôncavo Baiano para tirar esse negócio de as escolas serem apenas nas capitais e levar cursos das universidades federais para o interior. Ao invés de o pobre ficar perambulando atrás de uma faculdade na capital, a capital vai para o interior, o que facilita que as famílias mais pobres coloquem seus filhos nas universidades neste país.



Eu não tenho dúvida nenhuma de que, se pegar a história do Brasil dos últimos 100 anos, não tem metade da política social que nós estamos fazendo. Aqui está o companheiro Walmir, que é da Direção Nacional dos Sem Terra. De vez em quando a Direção Nacional dos Sem Terra tem divergências com o governo e o governo com eles. Agora, eu duvido que, desde que o Sem Terra nasceu, na década de 80, alguém tem tratado os sem terra com o respeito que eu tenho tratado e sei que, no estado, também o Governador tem boa política com os sem terra e sei que o Prefeito trata os sem terra com um carinho muito grande.

O Walmir sabe que o dinheiro do Pronaf, antes do nosso governo, era apenas para o Rio Grande do Sul e para Santa Catarina, que estavam mais organizados e pegavam 80% do dinheiro. O dinheiro não chegava ao Nordeste brasileiro, e hoje o dinheiro do Pronaf chega à Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Piauí, Amazonas, Pará, Amapá, Roraima, Rondônia, chega ao estado do Acre, e chega onde tiver um trabalhador rural precisando de financiamento neste país. É por isso que nós saímos de 2 bilhões e 400 milhões para 9 bilhões de financiamento.

Eu sei que o programa Bolsa Família é um programa pequeno. Eu sei que tem muita gente que fala “isso é esmola”, mas as pessoas que falam que é esmola não sabem o que é uma mãe de família passar dez, 15 ou 20 dias sem ver uma nota de real para comprar sal ou feijão para o filho. Nós já estamos próximos de nove milhões de famílias, e aqui, na Bahia, praticamente um milhão e 100 mil pessoas recebem, mensalmente, sem dever favor para político, porque a pessoa não recebe de nenhum vereador, nenhum deputado, nenhum prefeito, a pessoa recebe o seu cartão na Caixa e vai receber o seu dinheiro sem dever favor a ninguém. Nunca receberam uma carta minha, porque o pobre não tem que dever favor porque recebe um auxílio, o pobre, neste país, precisa ser respeitado.

É por isso que, de vez em quando, sai manchete nos jornais: “Lula está



gastando com pobres, poderia estar gastando em estradas”. Eu quero gastar em estradas, mas eu posso dizer que, entre um metro de asfalto e uma vida humana, eu vou priorizar a vida humana, porque ela é muito mais necessária. Vou fazer isso porque a gente aprendeu desde pequeno: saco vazio não pára em pé. E criança com fome e mulher desnutrida, se a mulher estiver desnutrida, o filho, que estiver no seu ventre, vai nascer com problemas. E se a criança estiver desnutrida, a criança não vai aprender na escola o necessário para poder competir a uma vaga no futuro.

Então, eu quero dizer para vocês uma coisa: podem fazer as críticas que quiserem, porque no campo da política eu sou democrático. Agora, podem me pedir para fazer o que quiser, mas não me peçam para tratar o pobre como um cidadão de segunda classe neste país. Não me peçam, porque eu sei o que é andar dez quilômetros a pé, oito ou seis para ir trabalhar porque não tinha dinheiro para passagem, porque eu já fiz isso. Eu sei o que é um filho agarrado no rabo da saia da mãe, a mãe vendo o filho pedir feijão e não ter, para colocar no fogo para cozinhar, e disso eu não vou descuidar.

Agora, no Brasil é assim: você investe num projeto para fazer uma grande obra, que vai atender muitos empresários, que é importante a gente fazer também, aí tratam aquilo como se fosse investimento. Aí você dá uma coisa, uma ambulância para cuidar de pobre, e falam: “está gastando dinheiro”. Eu acho que, se tem um investimento sagrado na face da terra, é o investimento em gente, é o investimento no ser humano. De um lado, dar a possibilidade de trabalhar, de outro lado, dar a possibilidade de comer e de garantir que o pobre, neste país, vai poder estudar e vai poder sonhar em ser doutor um dia.

Isso não estava na contabilidade política do Brasil e não estava, governador, na contabilidade política do mundo. Eu, por exemplo, fui convidado para ir a Evian, a uma reunião em que estavam os presidentes dos Estados Unidos, da China, do Japão, o primeiro-ministro da Inglaterra, da Itália, da



Alemanha, aquelas figuras que a gente vê na televisão todo dia. Eu lembro que, quando eu introduzi o problema da miséria e o problema da África nessas reuniões, aquilo não estava na ordem do dia, porque eu ali me sentia como se fosse um intruso. Afinal de contas, era a primeira vez na vida que um operário, metalúrgico, torneiro mecânico, participava de uma reunião com as oito potências mais importantes do mundo.

E isso é uma coisa que nos dá autoridade moral. Eu, por exemplo, já visitei 17 países da África, e por que eu estou visitando a África e não a França e a Alemanha? Ora, eles são parceiros comerciais mais importantes para o Brasil! É porque eu acho que o Brasil deve à África, o Brasil não deve outra coisa senão a cor da nossa gente, a alegria da nossa gente, a inteligência da nossa gente. A gente deve ao cruzamento de uma terra sem preconceito, que é o cruzamento do europeu, do índio e do negro, que deu essas mulheres e esses homens extraordinários, que sabem dançar como ninguém, que jogam bola como ninguém, que têm alegria na tristeza. Eu vejo as pessoas, às vezes, sofrendo, mas a pessoa está com o ar alegre, sabe por quê? Porque nós, brasileiros, não perdemos a nossa esperança, não perdemos e não há razão pela qual a gente deva perder. Nós precisamos levantar, todo santo dia, de cabeça erguida, bem erguida e dizer: “hoje eu não estou bem, a situação está mal, mas, primeiro de tudo, eu creio em Deus; segundo, eu sou brasileiro; terceiro, eu sou lutador e eu vou mudar a minha vida”.

Quero agradecer a vocês. Eu vou descer aí para lhe dar um beijo, minha filha, eu vou dar um jeito de descer aí para cumprimentar você. Eu queria dizer a vocês, companheiros e companheiras, que vocês nunca tenham medo de fazer uma crítica a mim ou levantar uma faixa que às vezes me critica. Nunca, sabe por quê? Eu sou filho disso. Metade da minha vida eu passei protestando, metade da minha vida eu passei cobrando e não é agora, que eu virei presidente da República, que eu vou achar ruim quando um companheiro cobra



de mim alguma coisa. Tem que cobrar porque nós, governantes, só fazemos as coisas quando o povo está no nosso calcanhar cobrando, cobrando, cobrando.

E agora vai ser importante, porque tem um tipo de político que só sabe fazer política falando mal do outro, e eu acho que os nossos companheiros, que vão fazer política agora, vão fazer política falando bem das coisas que nós fizemos, porque é isso que interessa ao povo. O povo não quer saber de xingatório, o povo não quer saber de baixo nível, o povo não quer saber de pessoas com leviandades contra as outras. O povo quer saber o seguinte: “você está fazendo alguma coisa por mim? Merece o meu respeito. Não está fazendo? Pode sumir da minha frente, que eu não tenho interesse em respeitar quem não me respeita”.

Muito obrigado a todos vocês e até outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da Cerimônia de Regularização Fundiária – entrega de títulos de posse aos moradores de Alagados**

**Salvador - BA, 21 de março de 2006**

Primeiro, eu quero dizer para vocês, sem fazer discurso, que só o fato de eu ter entregue estas quatro escrituras definitivas para estas três mulheres e para este homem – de 400 títulos que nós vamos entregar, definitivos – eu já poderia voltar para Brasília com a consciência tranqüila do dever cumprido, porque para um chefe de família não tem nada mais importante do que a escritura definitiva da sua terrinha, onde ninguém nunca mais vai pôr a mão.

Eu quero saudar o governador Paulo Souto. Eu quero fazer o reconhecimento de que, às vezes, eu chego num estado e o governador, por ser de outro partido político, às vezes não aparece. E eu quero dizer de público que o Paulo Souto, todas às vezes que vim à Bahia, esteve presente no aeroporto para me receber, numa demonstração de que é possível fazer política de forma civilizada, de que é possível a gente participar de partidos diferentes, de religiões diferentes, torcer para times de futebol diferentes, ter blocos de carnaval diferentes, mas é possível a gente ser civilizado, sobretudo quando não é o interesse do Governador que está em jogo, não o meu interesse que está em jogo, mas o interesse do povo da Bahia, do povo brasileiro que está em jogo.

A segunda coisa que quero dizer para vocês é que a primeira vez que eu visitei os Alagados da Bahia foi, mais ou menos, em 1993, quando eu vim conhecer a situação em que moravam algumas pessoas aqui. Eu voltei para casa com a certeza de que a moradia mais degradante para um ser humano era morar numa palafita, onde não tinha espaço para as crianças brincarem, onde as pessoas tinham que fazer suas necessidades dentro do mesmo



quartinho em que cozinham, em que dormiam. E eu estou dizendo isto porque o tempo passou. O trabalho aqui nos Alagados da Bahia não começou no meu governo, isso vem desde 1996, agora tem muita coisa para fazer ainda. E, graças a Deus, a direção do Movimento por Moradia no Brasil deu entrada num projeto de lei, 13 anos atrás, no Congresso Nacional, a chamada Lei de Moradia Social. Esse projeto demorou 13 anos para ser aprovado, foi aprovado o ano passado, sancionado, e este ano nós colocamos um bilhão de reais para o Fundo de Moradia Social.

O que é importante, prefeito João Henrique – você que está há apenas um ano e pouco na prefeitura – o que é importante, Governador, é que eu determinei ao meu Ministro das Cidades que este um bilhão de reais seja destinado, prioritariamente, para acabar com as palafitas no Brasil e construir casas dignas para o povo. Não é possível... Acabei de dizer ao Secretário agora, Prefeito, e vou dizer o mesmo ao Prefeito porque disse ao Secretário do estado: é preciso, se não tiver projeto, fazer o projeto urgente porque o ano está passando e, no Brasil, quando tem eleições, a partir do mês de junho a gente não pode mais fazer contrato com prefeitura, não pode mais fazer contrato com o estado. E, se a gente não fizer isso logo, o dinheiro vai ficar para as calendas. Na verdade, vai ficar para o superávit primário outra vez. E nós não podemos fazer isso.

Estou vendo isto aqui, agora, diferente de quando eu vim aqui em 1993, e quero dizer para vocês que não vai demorar muito tempo e a gente não vai ter mais uma palafita neste país, porque as pessoas vão morar com dignidade, as pessoas vão morar de forma decente. Nós sabemos que, às vezes, é preciso estabelecer parceria, é preciso que o governo federal cumpra a sua parte, que o governo estadual cumpra a sua parte, que o prefeito cumpra a sua parte. Se não tiver terreno, a gente vai ter que ver se é o estado que tem, se é a União que tem, se é o prefeito que tem. O dado concreto é que, da parte da União, nós já demos títulos de terra a 174 mil famílias, e estamos organizando mais 900 mil famílias para receber títulos de terra, porque não é possível a



União continuar com terrenos e mais terrenos e o povo pobre tendo que, cada vez mais, morar em lugares inabitáveis pelo ser humano.

Quero dizer para vocês que acabou aquele momento na história do Brasil em que colocar dinheiro para fazer política para pobre era proibido porque significava gasto. Hoje, no Brasil, quando a gente investe para o rico, é investimento, quando a gente investe para o pobre, é gasto. E eu quero dizer para vocês que cada real que a gente colocar para acabar com a palafita neste país, não é gasto, é investimento que vai trazer retorno para a sociedade brasileira.

Eu não sei se vocês assistiram o Fantástico, no domingo, na Globo. Pois bem, eu não sei se vocês viram aquela situação degradante em que milhares de crianças, no Brasil inteiro, estão vivendo. Sabem por que aquelas crianças estão vivendo daquele jeito? Porque durante muitos anos neste país não se fez um investimento necessário em educação, não se fez um investimento necessário para cuidar da família brasileira. E quando a gente não investe em educação, quando a gente não investe em habitação, o resultado é que a gente vai ter que investir em cadeia, e cadeia fica muito mais caro e é muito pior para a população brasileira.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu queria dar os parabéns às cooperativas que assinaram, aqui, o contrato do crédito, esse Crédito Solidário que vai fazer o governo federal passar dinheiro direto para as cooperativas para que elas possam ajudar a construir as casas que ainda faltam ser construídas.

Quero agradecer ao Governador do estado, quero agradecer ao Prefeito da cidade e, sobretudo, eu quero agradecer a vocês porque muitas vezes, lá dentro do Palácio da Prefeitura, lá dentro do Palácio do Governo, lá dentro do Palácio do Planalto, quando tem uma manifestação de vocês, quando tem a gritaria de vocês, é muito cômodo para a gente, que não está morando na situação de vocês, achar que vocês estão radicalizando.



Eu vi os jornais, há pelo menos 60 anos tem gente que mora nessas condições. Se vocês moram há 60 anos nessas condições e, apenas há dez ou 12 anos começou-se a cuidar das palafitas, significa que durante muitos anos os governantes viraram as costas para o povo pobre deste país, coisa que não pode continuar a acontecer mais.

Por isso, meus companheiros, esta não é a segunda vez que eu venho aqui. O Márcio falou de vir jogar bola... mas eu sobrevoei de helicóptero aqui, e eu vi que ainda tem muita coisa para a gente fazer. E eu quero assumir o compromisso com vocês de que eu voltarei aqui quando não tiver mais nenhuma palafita, mais nenhuma casa dentro do mangue em condições subumanas.

Muito obrigado, meus companheiros, e até outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, cerimônia de inauguração das residências do Projeto Habitar Brasil (HBB) em Lauro de Freitas**

**Lauro de Freitas-BA, 21 de março de 2006**

Meus queridos companheiros e companheiras de Lauro de Freitas,  
Meus queridos e queridas companheiras da Bahia,  
Minha querida e eterna companheira Moema Isabel Gramacho, prefeita de Lauro de Freitas,

Meus queridos companheiros ministros Márcio Fortes, Gilberto Gil, Waldir Pires e Matilde Ribeiro, nossa secretária especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, ministro da Coordenação Política,

Companheiros deputados federais,

Deputados estaduais,

Secretários municipais,

Prefeitos, eu encontrei pelo menos dois prefeitos aqui, o Frei Dílson, de Itamaraju, e o Caetano, de Camaçari,

Joseildo, de Alagoinhas, está aí, eu também não vi.

A Cecília está aí.

Eu não vi todos os prefeitos. Mas uma coisa eu vi, meu caro, se posso chamá-lo de coordenador, maestro, sei lá o que você é, o chefe da turma, em dois meses você fez essa meninada aprender a batucar, três meses? Até eu vou sair daqui com a esperança de que um dia eu vou aprender a tocar timba. Sabem que eu tenho uma vontade de aprender a tocar timba e não consigo? Acho que eu não tenho coordenação motora. E se você conseguiu pegar essa



meninada numas férias e fazer essa meninada fazer tudo isso, porque eu não posso aprender, se dizem que depois que a gente passa dos 60 anos a gente volta a ser criança? Então, eu posso voltar a aprender muita coisa.

Mas eu queria dizer para vocês da minha alegria de estar aqui, outra vez, na Bahia. Nós fomos a Cachoeira, onde mais, Wagner? Fomos a Cruz das Almas, nós fomos lançar a Universidade Federal lá. Viemos aqui, agora, participar da inauguração das casas e a gente também ia participar da inauguração de uma avenida que ela está fazendo, mas não vamos poder por causa do horário. Eu tenho que ir, ainda, aos Alagados e ao metrô de Salvador. Eu queria ter umas poucas palavras com vocês.

Primeiro, é preciso ter a compreensão de que o Brasil não estava habituado a ver os governantes olharem para a parte mais pobre da população. No Brasil, pobre só era olhado com importância em época de eleição. Fora da eleição, pobre é esquecido até as próximas eleições.

É por isso que, de vez em quando, eu sou criticado porque dizem que eu estou gastando muito dinheiro com pobre, quando deveria estar fazendo estradas, quando deveria estar fazendo outras coisas. No Brasil, toda vez que a gente investe dinheiro em um grande projeto industrial, que a gente constrói uma grande estrada, uma ponte, um viaduto, isso é tratado como se fosse investimento. Toda hora que a gente investe dinheiro no pobre, isso é tratado como gasto quando, na verdade, colocar dinheiro para ajudar os pobres é investimento em ser humano, investimento em mulher, em criança, em homem, que resulta na melhoria das condições de vida da pessoa e na recuperação da auto-estima da sociedade brasileira.

Minha querida Moema, nós saímos, em março de 2003, de um investimento em programas sociais de sete bilhões de reais para, em 2006, investirmos 22 bilhões de reais para cuidar das mulheres, das crianças, dos adolescentes e dos idosos neste país. Nós achamos que o governo tem governar para todos mas, prioritariamente, ele precisa olhar para aqueles que



mais necessitam, que é a parte mais pobre da sociedade. Os ricos já aprenderam a andar com as suas próprias pernas, já conseguem ser donos do seu nariz, a parte pobre da população é que precisa de melhoria de condições de vida. É por isso que a Caixa Econômica, este ano, tem 18 bilhões e 700 – na verdade, não é a Caixa Econômica, é todo o dinheiro que nós temos para investir em habitação –, são 18 bilhões e 700 milhões de reais, dos quais 10 bilhões serão investidos em habitações para quem ganha até cinco salários mínimos, e oito bilhões a gente vai investir para o setor médio da sociedade, que tem muita gente da classe média que também precisa comprar uma casa e nós temos que financiar.

Mas, o mais importante de tudo é que nós estamos provando que, na medida em que o governo dedica uma parte do seu tempo para cuidar da parte mais pobre da população, os resultados aparecem imediatamente. Em apenas dois anos de governo, nós já tiramos três milhões de brasileiros de baixo da linha da pobreza e demos a eles um pouco de cidadania. Quando uma cidade do tamanho de Lauro de Freitas já tem 11 mil famílias recebendo Bolsa Família, significa que tem 11 mil famílias podendo tomar um café da manhã ou almoçar uma coisa a mais que não conseguia almoçar. E, para isso, nós continuaremos pensando em como fazer as políticas públicas do governo atenderem, cada vez mais, a parte mais pobre da população.

Estamos aqui visitando 239 casas que foram construídas. Além destas 239, tem 300 casas que receberam melhorias, como esgotamento sanitário, ou seja, uma série de benefícios, e nós sabemos que isso ainda é pouco diante da necessidade. Eu não sei como é a escola aqui, minha cara Moema, mas essa cidade, pelo que eu vi, tem muita criança. E é por isso que nós mandamos um projeto de lei chamado Fundeb, que é o Fundo Nacional de Educação Básica, para que a gente cuide das crianças da creche até o ensino profissional, para que a gente possa melhorar a formação das nossas crianças.



É por isso que nós aumentamos de oito para nove os anos de permanência de uma criança na escola. Porque hoje, como é que é? Uma pessoa que pode pagar uma pré-escola, a sua criança entra na escola com seis anos; a outra, que não pode pagar e a prefeitura ou o Estado não oferece, essa criança entra na escola com sete. Ora, se uma entra com sete na escola, sem nunca ter ido à escola, e a outra entra com sete, mas já teve um ano de preparação, significa que nós vamos ter na sala de aula duas crianças com graus de conhecimento diferentes: uma já vai saber escrever o nome, já vai saber o abecedário, já vai saber um monte de coisas e, a outra, não. O que nós fizemos? Nós, a partir de agora, vamos ter todas as crianças entrando na escola a partir dos seis anos de idade, para garantir que todas as crianças tenham a mesma oportunidade, que é isso que vai garantir acabar com a diferenciação. Não tem criança burra ou criança inteligente, tem criança que às vezes tem um pai ou uma mãe em casa que sabe ensinar para ela a tarefa de casa, ela parece mais esperta; tem outra que o pai e a mãe são analfabetos e não conseguem ensinar para ela, e ela parece menos inteligente. Mas na hora em que a gente der, dentro da sala de aula, a mesma oportunidade, e o professor tratar essas crianças com carinho e procurar saber se elas estão ou não aprendendo a lição que ele deu, certamente nós vamos nos transformar num país de seres humanos iguais. Não iguais na cor, iguais no tamanho, na beleza, no credo religioso. Iguais nas oportunidades, que é isso que constrói a cidadania, é isso que permite que tenhamos a mesma chance.

Mas eu estou aqui hoje, também, para falar da companheira Moema. Ela está aqui há um ano e três meses, na prefeitura de Lauro de Freitas. Eu sei que já tem gente cobrando dela que ela deveria ter feito o que outros não fizeram em 20 anos, em 30 anos ou em 40 anos. Eu sei porque no Brasil é igual, durante 500 anos uma casta governou este país. Desde que Cabral aqui botou os pés, uma mesma casta governa o país. Aí, nós ganhamos as eleições, estamos com 30 e poucos meses de governo e eles querem que a



gente já tenha feito o que eles não fizeram em 500 anos para ajudar o povo deste país.

A Moema será medida, na sua administração, quando terminar o governo dela. A gente vai medir o que ela fez, o que os outros fizeram. No Brasil, enquanto o povo sofre... Vocês estão vendo, agora, nós não conseguimos aprovar o Orçamento da União. O Congresso Nacional ainda não aprovou o Orçamento da União. Sem o Orçamento, a gente não pode fazer todos os investimentos que precisa fazer. Nós estamos trabalhando para ver se os deputados e senadores votam o Orçamento porque, lamentavelmente, a maior desgraça do ser humano é a inveja, ou seja, eles não conseguiram fazer e eles não querem permitir que a gente faça, não querem permitir. E você pode ficar certa, Moema, que você vai ser vítima, aqui, dessa mesma coisa. Vocês conhecem quem já governou esta cidade ao longo dos últimos 30 anos, vocês sabem. Agora, de repente, essas pessoas vão dizer: “Ah, encheu de água, é por causa da Moema; não choveu, é por causa da Moema; choveu demais, é por causa da Moema; tem gente pobre, é por causa da Moema.” Quando, na verdade, vocês são testemunhas e, graças a Deus, Deus deu a vocês no dia da eleição a maturidade de eleger uma mulher desta competência para governar Lauro de Freitas.

Eu não conheço a Moema da política, não. Não foi na política que eu conheci a Moema, eu a conheci na porta de fábrica, eu conheci a Moema trabalhadora, sindicalista, que lutou para chegar onde está, para poder provar para as pessoas que é plenamente possível fazer mais do que já foi feito. Eu estou vendo aqui esta quantidade de mulheres. As mulheres, até a década de 30, não tinham direito a voto neste país. E, hoje, as mulheres já são capazes de eleger uma mulher deste nível, de eleger uma companheira prefeita. Não é fazer proselitismo da questão de gênero, não, porque tem mulher boa, mulher ruim, homem bom, homem ruim. O ideal seria que os dois fossem bons, esse seria o ideal. Mas, na política, tem gosto para tudo. O que eu quero pedir para



vocês é a compreensão de que esta mulher tem apenas um ano e três meses de governo, ela não pode ser responsabilizada por nada. Ela tem que ser ajudada a provar que a mulher de Lauro de Freitas tem tanto ou mais competência do que qualquer homem para governar esta cidade. É isso que vocês têm que provar.

É por isso – tem uma torcedora sua, ali, que está... Sabem o que acontece no Brasil, gente? Nós precisamos abrir a cabeça das pessoas para as pessoas não terem mais preconceito. O preconceito é uma doença – o preconceito contra o nordestino, o preconceito contra o pobre, o preconceito contra o negro –, ou seja, é preciso acabar com essa doença, isso é uma doença incurável, é preciso muito trabalho para a gente cuidar disso, para a gente poder transformar o nosso país num país mais justo, num país mais humano, num país mais solidário.

Veja, nós estamos inaugurando 239 casas, num país que precisa de muito mais casas, e nós sabemos da importância que a casa tem na vida de cada um de vocês. A casa é para nós como um ninho para o passarinho, ou seja, a casa é o nosso aconchego maior, é onde a gente vai cuidar dos nossos filhos, é onde a gente vai estar perto da escola, é onde eles vão construir amizades, vão estabelecer uma relação social na rua em que moram, por isso a casa é importante, e por isso nós damos prioridade às casas.

Mas a maior conquista, Moema, deste povo foi através do movimento dos Sem-Teto do Brasil. A maior conquista foi a aprovação, pelo Congresso Nacional, no ano passado, do projeto de lei de iniciativa popular que criava o Fundo Social de Habitação. No ano passado foi aprovada a lei, este ano nós colocamos um bilhão de reais para construir casas para as pessoas que não podem pagar absolutamente nada, para as pessoas pobres, definitivamente pobres. E nós resolvemos que, dentre os pobres, tem uma parte ainda mais pobre, que é o pessoal que mora em palafita. A palafita é a degradação maior de habitação do ser humano. Vocês sabem o que é? Aquelas pessoas que



moram em trapiche, na beira do mangue, em cima da água, moram, às vezes, num quarto e cozinha, ou melhor, num quarto só – ali é cozinha, dormitório, banheiro –, as crianças não têm onde brincar, não têm onde correr. Isso não é uma coisa nova, não. Josué de Castro, em 1946, quando escreveu o livro “Geografia da Fome”, já falava da pessoa que convivia, fazendo suas necessidades fisiológicas, o caranguejo comendo, e a pessoa comia o caranguejo e assim ia sobrevivendo.

Nós, então, estamos dedicando esse um bilhão de reais para a gente começar a acabar com as palafitas no Brasil, acabar com esse processo de moradia degradante, que é a palafita, no nosso território nacional. É por isso que nós vamos visitar Alagados, é por isso que nós fizemos em Brasília Teimosa, é por isso que nós vamos ao Maranhão, vamos a Santos, em São Paulo, porque o nosso desejo é, no menor espaço de tempo, garantir que as pessoas tenham o direito à casa.

Mas não é apenas a construção, não. Uma coisa que o Ministro das Cidades deveria falar, ou a Moema, ou a Caixa Econômica, e eu vou falar, é o seguinte: nós temos 900 mil títulos de terra para passar a escritura definitiva para o povo pobre que está num terreno que ainda não tem escritura. Veja, o pobre, quando está num terreno e não tem o documento de propriedade, ele não faz nenhum investimento. Por que ele não faz investimento? Porque ele tem medo de acordar um dia e a prefeitura estar derrubando a casa dele, a polícia estar tirando ele. Então, o que nós queremos fazer? São 900 mil títulos de terra para passar a escritura definitiva para o povo pobre que está num terreno que ainda não tem escritura. Veja, o pobre, quando está num terreno e não tem o documento de propriedade, ele não faz nenhum investimento. Por que ele não faz investimento? Porque ele tem medo de acordar um dia e a prefeitura estar derrubando a casa dele, a polícia estar tirando ele. Então, o que nós queremos fazer? São 900 mil títulos de terra, já demos 174 mil, vamos dar mais 900 mil, totalizando um milhão, 174 mil títulos de terra. Quando a



pessoa colocar o documentozinho da sua terra embaixo do braço, no dia seguinte vai comprar um tijolinho, vai comprar um saco de cimento e vai construir a sua casinha de tijolo para cuidar da sua família com dignidade e com decência. E isso já está acontecendo.

Hoje, nós íamos anunciar – vamos anunciar 400 títulos de terra lá nos Alagados – mas nós tínhamos uma área maior para anunciar, que não ficou pronta a papelada. Aí tem uma parte, Moema, que é da responsabilidade do prefeito, tem um parte que é da responsabilidade do governo do estado, tem uma parte que é da responsabilidade da União, do governo federal. E nós estamos trabalhando, as três partes, para que de forma combinada, prefeitura, estado e União trabalhem juntos. Aí, não importa que a prefeita seja do PT, do PFL, do PSDB, do PMDB, do PRN, não importa. Não importa que o governador seja de qualquer partido político porque, no Brasil, nós precisamos acabar com essa mania de, por conta das nossas divergências partidárias ideológicas... o povo não tem nada a ver com isso e o povo não pode sofrer a irresponsabilidade ou perseguição de um político.

Por isso, meus companheiros e companheiras, saímos daqui já um pouco atrasados para ir para os Alagados. Queria dizer para vocês que há muito tempo eu tinha vontade de vir a Lauro de Freitas. Há muito tempo eu queria vir aqui. Eu me lembro que uma vez eu desci no aeroporto, me colocaram em um carro, eu ia para Salvador, e tentaram me seqüestrar para trazer para cá. Houve um pampeiro ali no aeroporto e eu terminei não vindo para cá.

Mas estou vindo para cá, agora, em uma hora boa. Estou vendo as mulheres com uma cara de mais esperança, apesar do sol, estou vendo a minha companheira Moema feliz, até aprendeu a cantar, decorou para cantar para vocês aqui uma bela moda, e cantou bonito. O Gilberto Gil já me disse, ali do lado, que no próximo show dele já vai contratar a Moema e esta meninada toda. Se continuarem tocando assim logo, logo o Gilberto Gil também vai



convidar vocês para um show, que é para mostrar que a baianidade é uma coisa muito forte no ser humano brasileiro e, se tem uma coisa de que um baiano tem que se orgulhar não é apenas da sua praia, não é apenas da beleza da sua gente, é da riqueza cultural deste estado, é da beleza cultural da sua gente.

Eu digo, em todos os lugares em que vou: tem muitos lugares em que o negro não tem o orgulho que ele tem, de ser negro, na Bahia. Essa é uma conquista que levou muitos anos, muitos e muitos anos e vocês conquistaram praticando as coisas que vocês sabem fazer, enfrentando os desafetos, enfrentando os preconceituosos.

Portanto, eu queria terminar dizendo para vocês uma coisa: essa conquista que vocês tiveram, da baianidade de vocês, do alto nível de cultura deste estado é, possivelmente, o maior patrimônio que um povo pode conquistar. Pelo amor de Deus, não abram mão disso porque isso faz parte da independência de vocês.

Muito obrigado, meus companheiros. Muito obrigado, minha querida prefeita Moema.

Atenção, maestro por favor, atenção. Eu queria chamar aqui a nossa querida Sandra Paiva de Assis. Agora, me deram uma chave e eu acho que é a chave da casa da Sandra. Deixe-me ver se a Sandra está feliz de receber a casa dela. Para ter todos vocês como testemunha: a casa da Sandra é a de número 20, da quadra 1, é isso? Está feliz? Pode falar, já pediu para falar, logo, logo será candidata a alguma coisa aqui.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de instalação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia em Cruz das Almas**

**Cruz das Almas-BA, 21 de março de 2006**

Meus queridos companheiros e companheiras do estado da Bahia,  
Meus queridos companheiros e companheiras de Cruz das Almas,

Eu, na verdade, não pretendo fazer um pronunciamento aqui, até porque toda vez que eu falo um partido entra com um processo contra mim, dizendo que eu estou fazendo campanha. Eu vou apenas dizer para vocês o seguinte: aqui tem muito jovem e vocês, num futuro muito próximo, irão descobrir aquilo que os nossos pais descubrem com muita facilidade: o maior legado que um pai ou uma mãe, por mais rico que seja, ou por mais pobre que seja, o maior legado que ele deixa para um filho é a sua formação profissional, é a sua formação acadêmica.

Da mesma forma vocês podem ficar certos, vocês que são estudantes, não sabem o orgulho que a mãe e o pai de vocês têm de saber que vocês estão cursando a universidade, vocês não têm noção. Da mesma forma que o maior legado que o Estado ou um governo pode deixar para uma nação é a quantidade de escolas que foram criadas no seu governo.

Seria importante que vocês, um dia, fizessem uma meditação para ver, nesses últimos 30 anos, 40 anos, quantas universidades foram criadas no Brasil, quantas extensões universitárias foram criadas no Brasil, quantas escolas técnicas foram criadas no Brasil e vocês comparassem tudo isso com os 36 meses do nosso governo para vocês verem o quanto nós avançamos. São quatro universidades federais novas, são seis faculdades transformadas em universidades, são 42 extensões universitárias. E por que estamos levando



as universidades para o interior? Porque, na verdade, quem tem que andar atrás do aluno é a universidade e não o aluno ficar perambulando pelas capitais atrás de uma vaga na universidade, nem sempre conseguindo a vaga, nem sempre podendo pagar moradia, nem sempre conseguindo estudar. Então, cabe à universidade sair das excelências das capitais e começar a adentrar o interior brasileiro, para que o jovem do interior tenha a oportunidade de ter acesso à universidade.

Mas não é apenas isso, nós não podemos ser um país que tem o faxineiro e o engenheiro. Este país, de 1998 para cá teve, por parte do governo federal, um abandono no ensino técnico, no ensino profissional. Escola técnica não era mais da responsabilidade do governo federal. Pois bem, só neste ano, até junho, vamos inaugurar 25 escolas técnicas neste país.

O que eu acho extraordinário é vocês compreenderem... O discurso do estudante aqui, as faixas são uma coisa extraordinária, uma conquista de vocês, da sociedade brasileira, é a conquista da democracia, em que a gente pode construir se manifestando, exigindo, cobrando. Eu tenho pena dos países em que não existe possibilidade de as pessoas cobrarem, reivindicarem, dizer o que querem.

Eu queria dizer aos estudantes: a reforma universitária não é uma reforma universitária do governo federal. No dia em que nós fizemos a reunião, com mais de 200 entidades de professores, de estudantes, da SBPC e de tantas outras, eu disse: eu não sou estudante, eu não sou professor universitário e eu não sou funcionário de universidade. Portanto, a reforma universitária vai entrar no Congresso Nacional e a sociedade é que tem que dizer que tipo de reforma interessa a este país.

Eu quero que isso fique muito claro porque agora, quando entrar no Congresso Nacional, é o lugar em que a sociedade, através das suas entidades, podem participar conversando com deputados e senadores, porque o que vai sair de lá será o que vai permear o funcionamento das universidades



para os próximos 20 ou 30 anos até que, outra vez, o povo saiba que precisa de uma nova reforma universitária.

Quero dizer para o nosso querido companheiro, eu esqueci o nome... Jason. Quero dizer para ele o seguinte: Jason, a Matilde que é a nossa secretária da Igualdade Racial – essa Bahia extraordinária que é, dentre todos os estados brasileiros, onde reside uma maioria de afrodescendentes – eu quero dizer para vocês que vocês deveriam pesquisar os últimos 100 anos no Brasil, se em algum momento teve a quantidade de meninos e meninas negras estudando na universidade brasileira. Só no ProUni no ano passado, de 112 mil vagas, 40% eram de meninas e meninos afrodescendentes. Este ano, me dizia o ministro da Educação: nós tivemos 91 vagas neste primeiro semestre e vamos ter mais 40 ou 50 no segundo. Nesse primeiro semestre, 40% foram de afrodescendentes.

Eu quero que vocês pesquisem se em algum momento da história do Brasil a gente teve a quantidade de estudantes negros e de indígenas, como nós temos hoje. Nós fomos criticados porque tivemos a coragem de dizer ao jovem da periferia, aquele que não pode entrar numa federal, de dizer para aquele que estudou no ensino fundamental público: você vai ter o direito de entrar numa universidade e nós vamos dar bolsa para você poder estudar neste país.

Da mesma forma que as cotas para negros serão uma realidade neste país. Este país não pode esquecer que nós não somos um país de uma única cor, aliás, eu acho que a beleza do Brasil, a alegria do Brasil está na nossa mistura, está na nossa mistura extraordinária que produziu este povo de múltipla cor, alegre, um povo que não tem preconceito, um povo que conseguiu, na Constituição, estabelecer uma igualdade. E eu estou aqui nesta cidade realizando um sonho porque quando eu passei aqui, em 1993, as pessoas me falavam, na Caravana: “Lula, precisamos de uma universidade”.



Eu não imaginava que fosse no meu governo que eu pudesse estar aqui dizendo: Eis a universidade sonhada por todos vocês.

Obviamente, Jason, que só este mês 4 milhões e meio já foram liberados para que a gente possa resolver os problemas hidráulicos, de energia, porque não tem sentido fazer uma universidade nova com as instalações totalmente deterioradas, ou seja, é preciso cuidar com carinho. No mais, gente, eu tenho 60 anos, vou viver mais 20 e quero voltar aqui daqui a dez anos para que a gente possa ver o que mudou na vida desta região, com a implantação desta Universidade Federal.

A partir de agora, virão aqui pesquisadores, virão aqui mais estudantes, terá mais hotéis, terá mais fábricas, as pessoas vão começar a gerar mais empregos, terá mais conhecimento. Esta cidade aqui será conhecida não apenas como a cidade que produz fumo, ela vai continuar produzindo fumo – olha o tamanho do charuto ali, em homenagem... – esta cidade, dentro de dez ou 15 anos, além de exportar tabaco para o mundo, vai exportar a inteligência do povo baiano, vai exportar o conhecimento do povo baiano, e é isso que vai mudar a cara desta região.

Por isso, eu quero agradecer aos meus companheiros Ministros, ao Prefeito e ao Reitor, quero dizer ao magnífico Reitor que se não fosse o trabalho dele e de outros reitores, nós não teríamos conseguido esse Plano de Expansão da Rede Universitária brasileira.

Eu tinha uma convicção, Reitor, que seria no meu governo que iria acontecer essa expansão universitária, sem nenhum preconceito. Mas eu fiquei analisando o que aconteceu no Brasil nos últimos 40 anos, criou-se uma, duas, três universidades por mandato. E eu compreendo que um cidadão que já se formou, que já foi para fora trabalhar, ele possivelmente ache que as pessoas que ficaram não precisam entrar numa universidade, porque no Brasil não tem uma perspectiva de pobre fazer universidade. Pobre nasceu, segundo a lógica deles, para ser peão, pobre nasceu para ser pobre, esse negócio de ter



diploma de doutor não é coisa para pobre. É assim que as pessoas imaginavam. Se você não é filho de gente de classe média, que pode pagar, você está fora, vai procurar emprego e se virar.

Mas, na nossa concepção, só tem uma coisa que não pode dividir a sociedade entre pobres e ricos, entre pretos e brancos, entre católicos e evangélicos, entre torcedor do Vitória e torcedor do Bahia, só tem uma coisa que não pode dividir, só tem uma coisa que não pode ser diferente: o Estado brasileiro tem a obrigação de garantir à criança mais humilde deste país a mesma qualidade da escola da criança mais chique deste país. É a educação que vai permitir a igualdade dos seres humanos e é por isso que aprovamos no Congresso Nacional, na Câmara, o Fundeb. Agradecemos aos deputados. Está no Senado e, certamente, vai se votar no Senado. Serão mais quatro bilhões e 300 milhões para o ensino básico neste país favorecendo, sobretudo, o povo do Nordeste.

E, aí, tem gente que fala: “esse Lula só pensa no Nordeste.” Eu quero dizer para vocês: eu sou pernambucano, devo a São Paulo tudo o que eu sou na vida, mas sou pai de família e eu sei que dentre os meus filhos, eu adoro todos, mas quando tiver um fragilizado, é aquele que vai merecer a minha atenção. E o Nordeste brasileiro, ao longo de quase todo o século passado, foi tratado como uma região de segunda categoria, o Nordeste brasileiro e o Norte do país. Eu me lembro, quando tomei posse e proroguei o tempo da Zona Franca, de Manaus, de 2013 para 2023, o salto que deu a Amazônia. Eu me lembro, quando (inaudível) discutir e fazer a refinaria lá em Pernambuco, a siderúrgica em Fortaleza, agora a Transnordestina, isso cria ciúmes em outras partes do Brasil.

Eu quero dizer para vocês que eu quero que o Brasil se desenvolva igualmente, só que tem estado que já aprendeu a andar pelas suas próprias pernas, e tem outros estados que, se não tiver a mão do governo, vão demorar



para chegar aonde precisam chegar. Por isso, o Nordeste brasileiro tem a nossa prioridade, por isso o Norte do país tem a nossa prioridade.

Se o Fernando Haddad tivesse falado aqui, ele iria falar para vocês: 90% dos doutores neste país são da região Sul e Sudeste, quase todo o investimento em tecnologia era para o Sul e o Sudeste; 80% do dinheiro do cinema era para o Sul e o Sudeste. O Pronaf, para a agricultura familiar, era Sul e Sudeste. Outro dia eu ouvi uma crítica ao Gilberto Gil e uma defesa. A crítica era porque diminuiu a quantidade, a proporcionalidade de dinheiro para o eixo Rio/São Paulo, mas foi para o Acre, para Rondônia, para o Amazonas, para a Bahia, para Pernambuco, para o Piauí, para Fortaleza. Então, na verdade, nós não estamos pensando num estado ou no outro estado, nós estamos pensando em 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, onde residem mais de 180 milhões de homens, mulheres e crianças. E o papel do Estado não é beneficiar um em detrimento ao outro, o papel do Estado é colocar, na mesa, comida para todos comerem.

Muito obrigado, gente, parabéns ao povo baiano, parabéns ao povo de Cruz das Almas.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 16ª  
Reunião Plenária do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social –  
CDES**

**Palácio do Planalto – DF 23 de março de 2006**

Eu não ia falar porque, com tanta gente especialista em educação, não precisaria o Presidente da República falar sobre educação. Mas eu quero dar uns palpites porque esta é a hora em que a gente dá sugestão.

Eu acho que toda vez que nós vamos discutir um assunto da envergadura que é o assunto educação... eu acho importante, em primeiro lugar, a gente reconhecer os avanços que aconteceram no Brasil nos últimos tempos, não apenas no nosso governo. A decisão de incluir todas as crianças na escola foi um passo extremamente importante. O segundo passo é melhorar a qualidade de todas essas crianças que estão na escola. Desde 2004, o Fundeb transita por este país afora e ainda falta ser votado, para que se tenha 4 bilhões e 300 milhões a mais na educação brasileira.

E a gente não pode falar da ótica da educação apenas pensando na região Centro/Sul do país, é preciso pensar na totalidade do povo brasileiro. E o que nós descobrimos aqui? É que em 2004, estados do Norte e do Nordeste tinham uma coisa impensável: os alunos terminavam o ensino fundamental e não tinham condições de fazer o 2º grau porque não tinham dinheiro. Nós criamos, quase em caráter de urgência, o Fundebinho, para investir 400 milhões de reais, para garantir que as crianças que tivessem terminado o ensino fundamental pudessem fazer o 2º grau.

Com o Fundeb, se aprovado, a gente vai poder garantir que todas as regiões do país possam ter um certo equilíbrio na formação das crianças brasileiras. Quanto mais tempo passar sem se votar o Orçamento, menos



dinheiro a gente vai gastar a cada ano. Já poderíamos estar gastando, aí, alguns milhões e não estamos gastando porque o Orçamento não foi aprovado.

A segunda coisa é que quando a gente fala em melhora na educação, nós temos que nos lembrar que a situação dos educadores brasileiros vem num processo de deterioração que, hoje, não seria mais possível um artista brasileiro cantar aquela música enaltecendo a normalista ou a professorinha. Se antes a profissão era motivo de orgulho, hoje é motivo de sofrimento. Tem muita gente que quando diz que é preciso enxugar o Estado, dar um choque disso, um choque daquilo, a primeira coisa em que se pensa é cortar salário. Nós não vamos nunca motivar uma pessoa a ser um extraordinário educador se a gente não garantir que essa pessoa, no final do mês, tenha como resultado do seu trabalho o mínimo de condições de sobrevivência.

Todos nós só podemos ser produtores de 100% da nossa energia se nós estivermos bem conosco mesmos, e ninguém pode estar bem sendo tão desvalorizado. Se vocês quiserem fazer uma comparação – eu não tenho, mas aqui tem reitores, reitoras e ex-reitoras – podem fazer em dólar, de quanto custava o salário de um professor titular de qualquer área há 15 anos, nas universidades brasileiras, e agora, que vocês vão perceber que está menos da metade.

Eu estava perguntando para o nosso reitor da Bahia: se um professor top de linha, titular absoluto na Universidade da Bahia... para não pegar o reitor e pegar uma figura conhecida, que vocês conhecem, o José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras: ele era professor titular da área de economia e o salário dele era de 5 mil reais por mês. Se você pega um professor em início de carreira, o salário, para tempo de exclusividade total, é 2.300 reais. Os metalúrgicos da Volkswagen, com umas boas greves, estão ganhando mais do que isso. Alguns, não é, Marinho?

Então, se nós não discutirmos esse problema, nós não vamos convencer a sociedade de que é possível aumentar salário, nós não vamos conseguir



convencer a sociedade de que é preciso aumentar, e o Senado votar no Congresso, tirar algumas coisas e colocar outras para aumentar o dinheiro para a educação. Quando vamos fazer o Orçamento da União prevalece o corporativismo que está enraizado na estrutura cerebral de todos nós. É uma briga de puxar fatias, cada um quer um pedaço, e cada um acha que o seu setor é mais importante. Não tentem convencer ninguém da saúde que a educação é mais importante, que não vão conseguir convencer. Não tentem convencer o pessoal da área de transporte que a educação é mais importante, que não vão convencer, e, assim, sucessivamente. É uma política de convencimento da sociedade e nós não vamos conseguir reestruturar o ensino no país se a gente não começar a mexer na essência, que é motivar os nossos educadores a voltarem a ter prazer de serem educadores.

Eu dizia ao ministro Tarso Genro e, depois, ao Fernando Haddad, uma coisa que eu vou dizer para vocês agora. Eu conheço, e aqui outros conhecem a vida de um menino pobre em uma escola pública deste país. A impressão que eu tenho é de que, espalhada por esses oito milhões e meio de quilômetros quadrados, a situação está tão degradante que hoje nós não temos nenhum processo mais forte para saber se os alunos estão aprendendo. Eu me lembro que eu pedi ao Fernando Haddad e ao Tarso Genro, no começo do ano passado: é preciso voltar a fazer prova para a gente saber se as crianças estão aprendendo. Nós temos que fazer um teste. Foi feito um teste na 4ª e na 8ª séries. Eu preciso saber se as crianças estão aprendendo, qual é o grau de conhecimento dessa criança porque, senão, essa criança entra na escola, o professor cumpre o seu compromisso profissional de dar uma aula de 45 minutos ou de uma hora, sai da sala de aula, vai embora e ninguém pergunta para o aluno: você aprendeu?

Então é preciso um sistema de ensino sério, um processo de avaliação sério, para a gente acompanhar o desenvolvimento das crianças brasileiras. Foi feito, mas eu ainda não tenho o resultado. Eu espero ter o resultado,



porque não existe outra condição de nós avaliarmos se as crianças estão ou não aprendendo. Eu tenho um filho em escola privada. Agora, já não está mais, mas todo mês tinha um teste para ele. E todo mês, se ele estivesse fraco em uma matéria, ele era intimado a ficar de reforço naquela escola. Eu até falei para o Fernando Haddad: vamos ver se a gente consegue criar a figura do suplente nas escolas públicas e a figura do professor de reforço. Se você medir uma criança que está fraca em Geografia, aquela criança vai ficar algumas horas para aprender alguma coisa, porque o objetivo não é a criança ficar quatro, cinco, seis, sete ou dez anos na escola. O objetivo é que, no tempo em que ela fique, ela aprenda.

Nós tínhamos um outro problema no Brasil. Nós tínhamos criança – o filho da Gazzola, por exemplo, da nossa reitora da Universidade Federal de Minas Gerais, que poderia pagar uma escola particular para a filha fazer a pré-escola, uma creche com brinquedo, com um monte de coisas, tal. Então, essa filha dela, ao completar sete anos e entrar na escola pública – estou falando de escola pública – junto com uma criança filha de uma família que não teve condições de colocar a criança na pré-escola, vão começar a dizer que a criança pobre é mais burra do que a filha da Gazzola, que chegou sabendo ler, chegou sabendo escrever o nome, chegou sabendo algumas operações, dois mais dois, a montar um joguinho. Quando nós aprovamos aumentar para nove anos o tempo de permanência das crianças na escola, é para tentar reparar uma deficiência que estava ficando crônica. Se não há a preocupação de saber se a criança está aprendendo, e se a criança entrou na escola mais defasada do que a outra, ela vai passar uns anos...

Ontem, eu fui a Lauro de Freitas, na Bahia, e eu perguntei para várias crianças... vocês viram foto minha, agachado, conversando com as crianças... Tem criança que já repetiu três anos. E, certamente, essa criança não é mais burra do que a outra que passou.

Então é preciso que haja, da parte do educador brasileiro, também, a



preocupação de saber se cada aluno seu está aprendendo. De que adianta eu entrar em uma sala de aula, João Felício, dar uma aula... Isso é como comício. Quando você vai fazer um comício – isso a gente aprende perdendo eleição – você, às vezes, tagarela, tagarela, tagarela, mas você não se pergunta: será que eu convenci? Eu conto sempre isso: uma vez, no Rio de Janeiro, eu gritei tanto, fiquei tão nervoso, falei tanto em reforma agrária que quando eu terminei, uma senhora foi na ponta da escada me esperar e falou o seguinte: “Lula, você não poderia falar um pouquinho mais calmo? Porque tudo o que você está falando eu poderia concordar se você não estivesse tão bravo, tão nervoso. As pessoas vão sair daqui assustadas com você”.

O Fernando sabe que é uma preocupação minha, as crianças estão realmente aprendendo? Nós temos condições de avaliar? Agora, isso é uma responsabilidade de cada estado, porque o nosso sistema é um sistema em que os estados são responsáveis pelo ensino fundamental, às vezes algumas prefeituras são. Hoje, isso é uma coisa que é preciso levar a sério. A própria qualidade de muitas escolas produzidas no Brasil hoje... as escolas não pensam em lazer, as escolas não pensam em acesso à cultura, não pensam em nada. Eu não sei se, para ficar mais barato, constrói-se uma caixa de fósforo e metem as crianças lá dentro, não tem uma interação com a necessidade de uma criança. No nosso tempo, tinha. Era rua livre para a gente brincar. Hoje não tem; hoje, saiu da calçada, é um assalto, um carro, ou alguém tentando passar droga para as crianças.

Então, se a escola não tiver essa... as escolas não forem construídas para garantir que as crianças sintam prazer ao sair de casa e ir para a escola. E aí, Fernando, é preciso que a gente coloque os governadores numa mesa e discuta esse tipo de coisa porque eu ouvi, eu não estava aqui mas eu ouvi o pronunciamento das pessoas que falaram antes de mim. O Gerdau disse uma coisa importante: o problema não é de um governo, de um partido, o problema é da nação brasileira.



Nós temos que definir claramente o que nós queremos ser daqui a 20 ou 30 anos, porque nós só vamos resolver o problema da educação daqui a duas gerações, não vai resolver em curto prazo. Você tem que começar a investir agora para que a gente possa colher isso... O seu filho, meu companheiro Peta, quando o seu filho estiver entrando na escola a gente vai ter o problema da educação mais ou menos resolvido mas, para isso, precisa começar a pensar agora no todo, porque senão a gente fica dizendo: falta dinheiro, falta isso, falta aquilo. Falta um monte de coisas e tem que ter uma combinação de fatores para que a gente possa fazer com que dê certo o processo no Brasil.

Vejam, no Brasil tinha se tomado uma decisão, pasmem, de que o Estado brasileiro não poderia mais ser responsável pelo ensino técnico. Com base nisso, decidiu-se que as escolas técnicas só existiriam se uma prefeitura assumisse a gestão ou se uma entidade assumisse a gestão. Aí, começou-se a construir uma coisa chamada Proep, isso em 1998, 1997, sei lá. Então, o dado concreto é que nós temos centenas de Proeps quase prontos, sem funcionar, porque os municípios não têm condições de tocar, muitos porque as entidades que queriam tocar não têm condições de tocar.

Eu já decidi transformar 18 (inaudível) em escolas técnicas e o governo federal assumir a responsabilidade de tocá-las e construir as escolas técnicas que estão faltando no Brasil, porque não adianta falar em desenvolvimento, em política industrial se a gente não tiver mão-de-obra qualificada. Se não tiver mão-de-obra qualificada a gente vai ficar mais atrasado ainda e é por isso que as escolas técnicas são extremamente importantes. Vai custar mais? Vai, mas nós vamos ter que fazer e não vamos ficar lamentando o que não foi feito não sei quanto tempo não.

O dado concreto, meu caro Ministro da Educação, é que nós temos escolas técnicas no Brasil, de tão boa qualidade que as crianças que estão estudando lá, não estão estudando para exercer a profissão, estão estudando para fazer vestibular e ir para a universidade, porque na escola técnica a



qualidade muitas vezes é melhor que nas escolas que fazem o 2º grau. Nós temos que priorizar, para as escolas técnicas, as pessoas que vão exercer a profissão que aprenderam. Tem que ter um critério para que a gente possa dar vazão às necessidades de mão-de-obra qualificada que nós precisamos.

Uma outra coisa que me chamou a atenção. Eu me lembro que uma vez houve uma reportagem no estado do Piauí, há muitos anos, sobre uma criança que não ia à escola, a mãe não deixava ir à escola porque a criança não tinha o que comer. E nós sabemos que é elementar, se as pessoas não tiverem ingerido as proteínas e as calorias necessárias, essas crianças vão para a escola e não vão conseguir aprender.

Bem, isso parece resolvido, em parte. A merenda escolar cresceu no Brasil inteiro, aumentou-se um pouco, em 40%, a verba da merenda escolar que estava há 13 anos sem aumentar. Mas ainda é pouco, o ideal é que a criança possa comer em casa, possa comer o seu anguzinho em casa quando a mãe puder preparar.

Bem, hoje, o que nós temos de paradoxo? Nós temos de paradoxo um problema que os educadores brasileiros chamam... assustador. Eu confesso a vocês que eu sou do tempo da disciplina, eu sou do tempo em que a professora entrava na sala de aula e a gente se levantava, em respeito à professora. Depois o Brasil se modernizou muito, isso ficou sendo chamado de autoritarismo e hoje isso não acontece mais. Mas o que a gente mais vê nos jornais e na televisão são fatos de que professores não têm mais condições de exercer a sua função de mestre dentro da sala de aula, exigir disciplina, exigir cumprimento de tarefa, porque a televisão mostra, os rádios e os jornais, que tem crianças que pegam professor na rua, que batem, tem professor com medo, é aquele negócio... e a gente percebe que isso vem crescendo pelo Brasil afora.

Isso é muito difícil de falar, é muito difícil porque a modernidade exige que a gente seja mais sofisticado na linguagem. Mas esse é um dado concreto



e objetivo das escolas da periferia deste país. Esse é um dado muito objetivo.

Se nós não motivarmos as crianças a irem para a escola e gostarem da escola, tudo o mais estará mais difícil. Nós inventamos um programa, através do Ministério do Esporte, chamado programa Segundo Tempo. Estou indo ao Rio de Janeiro amanhã fazer um convênio com a Ong Viva Rio, para incluir 50 mil crianças lá... me parece que é na Favela da Rocinha. São crianças que vão praticar esporte quando estiverem fora do horário da escola. Se estudar de manhã, pratica esporte à tarde, se estudar à tarde, faz de manhã. Já estamos com 1 milhão de crianças fazendo essa prática.

Mas isso não precisa ser apenas o governo federal. Tem muitas empresas que têm campos de futebol. Eu entro em empresas e tem um campo de futebol extraordinário, nem o Corinthians joga em um campo daquele. E fica fechado o tempo inteiro, até que um dia os funcionários resolvam jogar. A empresa poderia ter a atitude de fazer um convênio e falar: “olha, durante a semana, os trabalhadores têm que trabalhar e não vão jogar bola. Durante a semana, durante o dia, essas crianças vão ocupar esse espaço aqui para praticar o tipo de esporte que quiserem”. Porque, se ficar dependendo do governo federal, do governo estadual ou municipal arrumar dinheiro, aprovar no Orçamento e fazer, todo mundo sabe que vai demorar muito mais.

Então, é preciso descobrir uma palavra mágica: com o que cada um de nós pode contribuir. É bobagem ficar achando que o problema é do governo que está, do governo que passou, do governo que vem. E não é, porque nós somos passageiros, os governos são passageiros enquanto governos. Enquanto cidadãos, nós somos um pouco mais passageiros, mas demoramos um pouco mais na nossa vida. Eu acho que todos nós temos prazer de ligar a televisão e ver uma boa notícia. Aliás, no Brasil, ultimamente as pessoas preferem não dar boas notícias. Eu vi aquele programa do Fantástico, no domingo, e é uma coisa extremamente grave. Agora, vejam, se a gente fosse naquele mesmo lugar, a gente iria perceber que ali está cheio de mães pobres,



está cheio de crianças pobres, e que as crianças não estão no narcotráfico, não estão nas ruas, e estão estudando. Não é apenas a pobreza que leva as pessoas para aquele nível de situação. Se fosse assim, eu estaria, porque eu digo sempre para os meus companheiros: eu estudava no Visconde de Itaúna, lá na Silva Bueno, no Ipiranga, e eu saía na quinta-feira... Naquele tempo, maçã, no Brasil, era uma raridade, o Brasil não produzia, tinha aquelas maçãs argentinas, grandes, e cada vez que eu passava na feira me dava uma vontade de pegar uma e sair correndo. E sabem por que eu não pegava? Eu não pegava, não era por medo de apanhar da minha mãe. Eu não pegava porque eu não queria envergonhar a minha mãe.

Estou dizendo isso porque nós ficamos discutindo, aqui, a economia, a cada dia nós colocamos um tema novo, a cada dia nós fazemos uma coisa, tem sempre um culpado, não sei das quantas, e tal. Há uma coisa, no Brasil, que nós precisamos discutir com profundidade, que é o processo de degradação da estrutura familiar neste país. Essa é uma discussão que nós temos que fazer e encarar os problemas com muita seriedade porque estão intimamente ligados à educação, estão intimamente ligados à saúde. Nós temos que discutir a situação de degradação em que as pessoas não se respeitam mais. E não é apenas por conta da pobreza, a pobreza contribui para isso, obviamente. Mas eu morei muito tempo da minha vida em um quarto e cozinha com 13 pessoas, e nunca nenhum irmão meu foi para a bandidagem. Todos nós fomos criados, porque tinha uma referência. Qual era a referência? A mãe. Minha mãe era a referência.

Eu penso que nós precisamos começar a discutir como recuperar esses valores. A gente fala em violência... muito bem, violência, violência, violência, mas liguem a televisão para a gente ver a quantidade de violência, e vamos comparar com os programas educativos. As chacinas passam às três horas da tarde, ao meio-dia, às cinco horas da tarde, às sete horas da noite, às dez horas da noite. Os processos educativos passam às cinco horas da manhã, às



seis horas da manhã. Quando nós vamos ter coragem de discutir esses assuntos com mais seriedade para ver se a gente encontra uma solução? Aí, sim, eu penso que nós vamos resolver parte do problema da educação.

Uma outra coisa – os educadores aqui – que nós temos que resolver é o seguinte: uma pessoa de classe média coloca o seu filho na escola e quando essa criança tem uma dúvida, chega em casa e fala: “mãe, eu estou com uma dúvida”. Ela tem a mãe, que pode ensinar, porque a mãe tem uma formação. Ela tem o pai que pode ensinar porque tem uma formação. E uma criança pobre, que chega em casa, a mãe tem o terceiro ano de escolaridade apenas, o pai tem o segundo e não sabem nem o que ela está perguntando? Em que espaço essa criança vai recuperar esse tempo? E aí nós vamos resolver muita coisa na educação brasileira.

Eu disse tudo isso para concluir, dizendo o seguinte: companheiros, eu acho que já foi dito aqui, não existe exemplo, no mundo, de nenhum país que se desenvolva se a gente não investir em educação. E, depois de a pessoa formada, tem que ter um salário decente. Muitas vezes eu vejo a iniciativa privada criticar o Estado brasileiro: “não, porque o cidadão ganha demais”. Eu gostaria de saber: os gênios que nós temos na máquina pública ganhando 5 mil reais, quanto o Santander ofereceria para eles trabalharem? Estou cansado de ver gente sair do governo, ganhando 5 reais, para ganhar 30 mil, 40 mil, 25 mil na iniciativa privada. Há um tempo desses, eu vi uma pessoa da Petrobras sair para ganhar 80 mil na iniciativa privada e o Estado não pode competir, porque fez uma opção pela miserabilidade, porque um belo dia alguém inventou que era preciso acabar com os “marajás” neste país e até um trabalhador que ganhava 300 reais se achava “marajá”, porque o padrão de aferição era o padrão da miséria. É como na economia. Eu vi a carta que a Viviane Senna leu, e comparar o Brasil com o Haiti é no mínimo uma heresia porque em nenhuma hipótese, da economia à sociologia, a gente pode comparar as duas nações.



A gente poderia comparar o crescimento do Brasil com muitos países, com os Estados Unidos, com a China, mas nunca comparar do ponto de vista econômico, com debate político, com o Haiti, porque não tem comparação. Eu acho que a gente entra num processo de desinformação que não ajuda, até na educação política do nosso povo. Eu acho que esse é o desafio que nós temos que cumprir.

Agora, toda vez que a gente analisar, eu sei que teve gente que acreditou muito na educação ao longo da história deste país. Eu li um livro muito importante chamado “Geografia da Fome” um livro produzido pelo Josué de Castro em 1946, se não me falha a memória, em que ele descreve a vida do cidadão que mora na palafita, em que ele comia as próprias fezes porque fazia um buraco, criava o caranguejo, defecava ali, o caranguejo comia e ele comia o caranguejo, a história é mais ou menos essa.

Eu fui agora, com o Jaques Wagner, na Bahia, nos Alagados. A situação é a mesma, mas o livro foi escrito em 1946. Nós agora tomamos a decisão de criar o Fundo Social de Habitação e estamos assumindo o compromisso, não é nem político ou financeiro, é moral, de acabar com as palafitas no Brasil, que é o processo de maior degradação de moradia de um ser humano. Mas isso leva tempo, Peta, isso leva tempo.

Eu estava ouvindo um pouco e estava lembrando o seguinte: quando eu fui para a China, antes de ser presidente – eu cheguei lá depois daquela viagem cansativa que a gente faz para ir para a China – os chineses, do aeroporto, já me levaram para uma programação. Tinha uma tempestade de areia e me levaram para visitar a Muralha da China. Aí, toca a subir aqueles degraus, e sobe, aquela areia batendo nos olhos, e eu ficava me perguntando: puxa vida, quem é o louco que resolveu construir essa Muralha desse tamanho? E quanto tempo levou? Quantas vezes alguém desanimou no meio do caminho? Eu estou me lembrando agora que levou 250 anos para ser



construída, mas alguém teve que ter a coragem de colocar o primeiro tijolo, a primeira pedra, e ter paciência de esperar esse tempo todo.

As transformações que a educação brasileira está sofrendo não serão resolvidas no curto prazo. Não tem mágica de alguém chegar aqui e dizer para vocês: companheiros do Conselho, em dezembro do ano que vem está resolvido o problema de educação. Para resolver o problema da educação tem um processo de financiamento, é verdade, mas tem um processo de reciclagem de toda a sociedade educadora deste país para que a gente atinja um novo padrão, o padrão que nós desejamos. E eu quero terminar dizendo para vocês: é uma tarefa de todos, não é tarefa de um.

O que esses meninos fizeram na educação – eu digo esses meninos porque foi ele e o Tarso que fizeram, o Tarso começou e ele continuou – foi uma revolução. Eu não sei se na Rússia, em Cuba ou na China, quando houve a Revolução, em apenas um ano conseguiram aumentar em 203 mil o número de vagas nas universidades para as crianças pobres. Estou dizendo de janeiro do ano passado para janeiro deste ano, 203 mil; e vai chegar a 246 mil este ano. Ou seja, esta é uma revolução. Crianças da periferia que já tinham desanimado, que não tinham mais esperança. Se vocês tiverem oportunidade, colham o depoimento dessas meninas e desses meninos que conseguem uma bolsa para entrar na universidade. E mais ainda, o mais importante: desses todos, mais de 30% são meninas e meninos negros, que antes não tinham... daqui a dez anos, quando vocês precisarem de dentista, de médico vão encontrar médicos e dentistas negros, mas quase não existia neste país. Agora vai ser 40%, me parece, de negros. Obviamente que tem gente contra, porque neste Brasil tem gente contra tudo. Tem gente contra, mas nós vamos continuar teimando porque este país não permite a discriminação nem por origem social, nem por credo religioso, muito menos por cor de pele. Nós vamos continuar fazendo isso e vamos levar as cotas muito a sério porque este



país tem que ser equânime de verdade e não apenas nos discursos que cada um de nós faz.

Por isso eu quero, Wagner, dar os parabéns pelo tema. Os empresários aqui, ligados à ciência e tecnologia, sabem que o que foi feito nesses últimos 15 meses não foi pouco. Nós avançamos muito em ciência e tecnologia. Até doutores, a gente tinha uma meta para atingir, de dez mil, e já chegamos a 10.500 antes do tempo. A Lei de Inovação Tecnológica foi um avanço extraordinário, e outras coisas que eu espero que o Fernando Haddad tenha dito aqui. Mas muita coisa aconteceu, eu acho que vai continuar acontecendo, e vai continuar com a contribuição dos empresários... Eu me lembro que quando nós começamos a discutir o PC Conectado aqui, os pessimistas: “não, não vai dar certo, não vai dar certo”. Olha, nós vamos ter uma surpresa extraordinária.

O tal do comércio cinza, eu acabei de receber a informação, já caiu de 74% para 60%, com previsão de chegar logo, logo a 50%. Eles sabem que (o mercado cinza) é contrabando. Os computadores, que começaram com 1.700, estão sendo vendidos agora a 1.199, não vou fazer merchandising aqui porque tem gente aqui que está vendendo. A prestação, que estava a quase 70, já está a 59, e nós vamos atingir o objetivo. Tem uma fábrica, que todo mundo aqui conhece, que produz, a Positivo... eu vou dar um dado para vocês. Ela tinha 408 funcionários em janeiro de 2005. Agora, já tem 1.147, quase 800 trabalhadores... A fábrica tinha 3.500 metros quadrados de construção, agora já está com 12 mil metros quadrados de construção. Tem 42 fábricas inscritas e eu acho que logo, logo nós vamos poder vir aqui no Conselho e dizer para vocês: finalmente, o computador chegou ao pobre neste país. Finalmente ele deixou de ser um artigo de luxo. E agora estão entrando as grandes cadeias de supermercado, o Extra está entrando agora para valer e tem outras grandes cadeias entrando. Eu acho que logo, logo o computador não vai ser mais um instrumento da classe rica e da classe média brasileira, vai chegar aos pobres.



Tudo o que conta na vida da gente é isso. Quando a gente chega ao padrão de vida que está o Gerdau, ou chega ao reconhecimento político que tem o ministro Jaques Wagner, o que interessa para a gente é saber se nós seremos capazes de trazer, para mais próximos de nós, sem que a gente desça, aqueles que estão excluídos a vida inteira neste país e no mundo. E eu acho que nós poderemos fazer isso, se nós não tivermos vergonha de (inaudível) para pobre.

Eu estou proibido, no governo, de utilizar a palavra gasto quando a gente coloca política social. Se o empresário precisa de um empréstimo de 1 bilhão do BNDES, é investimento. Agora, se você precisa de 50 mil reais para cuidar de crianças, é gasto. Não tem investimento mais sagrado do que investimento em gente. E investir em gente significa dar educação, garantir a saúde e a possibilidade de as pessoas tomarem café, almoçarem e jantarem, além de outros direitos que as pessoas têm. Mas é preciso tirar da cabeça de todos nós a palavra gasto. E é com muito orgulho que eu digo: nós estamos fazendo 22 bilhões de investimento em programas sociais este ano. E, se Deus quiser, será uma política tão perene que nenhum governo, daqui a dois ou daqui a 30 anos, terá coragem de mudar, só terá que aperfeiçoar e melhorar, porque isso não é dádiva, isso não é assistencialismo. Quem toma café de manhã, almoça e janta todo dia, para esses não tem problema, qualquer outra coisa fora disso é assistencialismo. Mas para o pobre que se levanta de manhã e não tem um copo de leite para tomar, uma xícara de café para tomar, se recebe um dinheirinho, seja da Pastoral Operária, seja do MDS, esse dinheiro é tão sagrado quanto qualquer outra coisa que se faça de importante no mundo.

É por isso que nós temos que tirar a palavra “gasto” e colocar a palavra “investimento”, porque aí sim, quando a gente tiver a nossa população bem formada, estruturada, todo mundo com a barriguinha cheia, aí sim, nós vamos estar construindo um Brasil que não vai ter mais aquelas cenas do Fantástico de domingo. Eu não acho que a gente consiga recuperar aquelas crianças sem



recuperar a família, não acho. É a carência afetiva, é a falta de carinho, de amor que faz as pessoas perderem a esperança. Se a criança não tiver pai e mãe como referência, tudo para ela será mais difícil.

Então, quando a gente discutir educação, nós temos que discutir um pouco mais do que a sala de aula, do que o salário, discutir um pouco mais a problemática da sociedade brasileira. Mas, de qualquer forma, eu quero parabenizar os nossos companheiros que colocaram este tema, quero parabenizar o Conselho, que ganhou dimensão internacional. Agora, o Brasil vai presidir, me parece, a instituição mundial de conselhos a partir de 2007, e o reconhecimento da ONU, de levar o exemplo deste Conselho para outros países, é importante.

Muita gente pensa que não vale nada, mas só o fato de a gente se encontrar, convergir ou divergir, já vale muito mais do que o distanciamento que nós tínhamos antes de participar do Conselho.

Muito obrigado, Jaques Wagner, me desculpe pela demora da minha fala, mas é que eu vou me empolgando e vou falando, eu peço desculpas porque eu vou ter que ir ao Ministério dos Transportes fazer a nossa operação “recupera estrada”, que deixou algumas pessoas zangadas, mas nós vamos continuar fazendo porque o que conta são os caminhoneiros e os motoristas de carros.

Obrigado, gente.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento da expansão do Programa Farmácia Popular do Brasil**

**Palácio do Planalto-DF, 23 de março de 2006**

Bem, eu estou lançando a consagração de um trabalho feito pelos nossos companheiros do Ministério da Saúde, da Anvisa e da Casa Civil, e é um projeto que não é em benefício próprio, porque eu não sou hipertenso e não sou diabético. Eu vim com o paletó aberto, aqui, para vocês perceberem que é fácil a gente deixar de ser hipertenso e diabético, com um pouco de esforço físico.

E também não vou falar de outro assunto aqui, porque eu quero marcar os meus agradecimentos aos donos das cadeias de farmácias, que resolveram assumir esta boa tarefa para o povo brasileiro. Nós começamos a construir as farmácias populares e vamos terminar, de tantas que falta a gente construir, mas isso era um pouco incompreendido pela sociedade: por que eu tenho que sair para ir numa Farmácia Popular, se perto da minha casa eu passo em duas farmácias antes de chegar à Farmácia Popular? Porque essa farmácia aqui não pode ter o remédio que eu preciso comprar, a preços compatíveis com as minhas necessidades?

Eu fiquei muito agradecido quando o meu companheiro, ministro Saraiva Felipe, comunicou-me que estava tendo a possibilidade de um acordo com as redes de farmácias. Então, é um avanço extraordinário, porque as farmácias estarão mais à disposição do cidadão, não apenas para comprar esses remédios, mas eu sempre fico torcendo para as pessoas irem à farmácia comprar perfume, comprar outra coisa e menos remédios.

Mas independentemente da minha vontade, as pessoas precisam de remédio. E eu penso que é uma marca que vai ficar para a história da saúde no



Brasil. Nós, hoje, estamos atingindo, como disse ali na televisão, 1.213 farmácias. O importante é o que o nosso companheiro disse, do Ministério da Saúde, que qualquer farmácia pode ser conveniada: a farmácia da periferia mais longínqua, do lugar mais longínquo do Brasil, se tiver energia elétrica e um computador, se estiver cumprido as exigências do Ministério da Saúde ou da Anvisa para funcionar, essa farmácia poderá estar conectada ao sistema e poderá fazer o mesmo que faz uma farmácia que está encostada ao Ministério da Saúde, aqui em Brasília.

Então, prestem atenção no que pode acontecer. Em poucos meses... vejam, nós estamos saindo de 121 para 1.213, e em pouco tempo a gente pode sair de 1.213 para 15 mil, para 20 mil, para 30 mil farmácias, chegando à totalidade das farmácias brasileiras e, portanto, atendendo à totalidade das pessoas que precisam desse remédio.

E por que durante muito tempo eu pensei nisso? É porque nas minhas andanças pelo Brasil, ao longo de muitos e muitos anos, a coisa que mais me preocupava – e aqui eu estou vendo companheiros médicos – era uma pessoa sair do médico com uma receita na mão, passar numa farmácia, olhar o preço do remédio e dizer para o farmacêutico: “depois eu venho buscar.” Levava a receita para casa, colocava a receita dentro do armário ou no criado e muitas vezes não ia buscar, ou porque não tinha o dinheiro para buscar ou porque, muitas vezes, morria antes de ter o dinheiro. Essa é uma realidade visível nos dias de hoje.

E nós temos farmacêuticos espalhados por este país afora que, muitas vezes, dão até remédio de graça para um coitado que não pode pagar. Muitas vezes, quando você vê uma mãe ir atrás de um remédio ou um senhor de idade, ou uma senhora, aí você sabe que ele não vai voltar, porque quando a gente pergunta o preço e não compra é porque a gente não tem dinheiro. Isso vale para remédio, para sapato, para roupa, ou seja, se a gente perguntou o preço e não mandou embrulhar, é porque a gente não vai levar. E, sobretudo,



remédio, porque quando você sai do médico e não conseguiu receber aquele remédio, o médico te deu aquela receita para você começar a tomar ontem, não para você começar a tomar daqui a um mês. E, lamentavelmente, não há possibilidade ainda, os médicos e a tecnologia não avançaram tanto, a ponto de a gente falar para a doença: olhe, espere um pouco, quando eu tiver dinheiro você volta a me atacar que eu vou tomar o remédio para lhe combater. Não chegamos a esse ponto ainda, espero um dia chegar.

Então, o que está sendo lançado hoje aqui, eu sei que foi muito duro, sei de muitas horas de reuniões, de conversas, foi um trabalho que, eu tenho certeza, as pessoas que têm hipertensão e diabetes, nesse primeiro momento, serão eternamente agradecidas ao esforço que cada um de vocês fez. E, obviamente, que nós temos muito para avançar.

Eu vi, ali, na exposição, um remédio que custa na farmácia 111 reais, e que o seu pai, Marinho, vai poder comprar por 11 reais. Uma coisa grave é que muitas vezes as pessoas gastam uma parte do seu salário nesse remédio, sobretudo nas cidades em que as pessoas vivem com o salário da Aposentadoria Rural. Quando a pessoa recebe os seus 300 reais, uma parte... Veja, se ela tiver que gastar 111 reais num remédio, foi um terço do seu salário. Ela agora vai poder, com 11 reais, comprar um remédio que comprava por 111, ou vai poder comprar com três reais o remédio que comprava com 37.

Possivelmente, no meio de nós, quem nunca teve esse problema não tem sequer a menor dimensão da alegria e de quanto as pessoas vão abençoar vocês, quanto entrarem na farmácia, pedirem aquele remédio e perceberem que estão pagando 90%, 80% mais barato do que pagavam antes, é um ganho extraordinário. Nós, seguindo a orientação dos nossos especialistas, pegamos alguns tipos de remédio que são mais utilizados por um tipo de doença, que envolve um contingente muito grande de pessoas. E, hoje, no caso da hipertensão, não são apenas as pessoas da terceira idade, como habitualmente 20 anos atrás a gente imaginava que era. Eu estou vendo um



monte de pessoas, novas ainda, já tomando a pastilhinha, colocando debaixo da boca para abaixar a pressão.

Eu sonho – já tinha falado com o Humberto, falei com o Saraiva – que um dia a gente vai conseguir, além de tudo isso, fazer com que cada um de nós assuma o compromisso de andar uma hora por dia. Não tem horário, não tem que ser cedo, não tem que ser à tarde, não tem que ser à noite, é na hora que pode. Da mesma forma que você atende outras necessidades do corpo humano, você tem que atender essa necessidade. Eu, inclusive, acho que esse é um processo de educação. Ontem, eu até brinquei com os nossos companheiros da Saúde, que a gente deveria fazer uma cartilha para a escola e dar para as crianças cobrarem dos avós e dos pais. A gente pode ter divergência entre ministros, entre deputados, entre irmãos, mas quando um filho pede para um pai fazer uma coisa, ou pede para um avô ou avó fazer uma coisa, eu duvido que a gente recuse, sobretudo se for neto. Se tem uma coisa que avô sabe fazer é ser dengoso, com os netos, como ele não foi com os filhos dele. E será ainda mais ainda com os tataranetos, com os bisnetos.

Então, o lançamento deste Programa... tem estado que ainda não tem, não é, Saraiva? Nós temos estados que não têm farmácias ligadas à cadeia que está conveniada agora, hoje. Mas os estados que ainda não têm poderão ter, a partir de amanhã. Na hora em que for publicado no Diário Oficial, se o cidadão tiver um computador, tiver cumprido as regras para criar a farmácia e tiver um telefone, ele faz a ligação, entra direto aqui e já está pronto, aí ele já pode vender em qualquer estado, em qualquer cidade do Brasil.

Neste momento, para não dizer que é só Minas Gerais, Dr. Rosinha, eu vou dizer o seguinte: o estado do Paraná vai começar com 102 farmácias populares, das quais 70 serão em Curitiba. Na capital serão 70 e, depois, mais 12 municípios fora da capital, terão Farmácia Popular, porque estão nessa rede de farmácias conveniadas. Mas se você fizer um trabalho lá de incentivo, a



gente pode ter, em dois meses, todas as farmácias de todas as cidades do estado do Paraná conveniadas e participando disso aqui.

O Rio Grande do Sul vai começar com 142 farmácias, das quais 68 estão na capital e 49 em outras cidades do interior. Minas Gerais vai começar com 103 farmácias, das quais 57 na capital e 30 em outras cidades. Rio de Janeiro vai começar com 176 farmácias, das quais 138 serão na capital, e 21 em outras cidades. E São Paulo vai começar com 490 farmácias, porque parece que as redes estão mais fortes em São Paulo. São Paulo vai começar com 490 farmácias, a capital vai ter 287 farmácias, e o interior vai ter 60.

Isso significa o quê? Isso significa que vai ficar muito mais fácil a pessoa que mora numa cidade grande, que tem uma periferia grande, encontrar, próxima da sua vila, da sua casa, uma farmácia que está conveniada, porque outras poderão entrar. Ao invés de a pessoa sair, pegar um ônibus para localizar uma farmácia que vende remédio mais barato, a farmácia vai procurar a pessoa na sua vila e dizer: “estou aqui, por favor, compre de mim.” Aí o cidadão vai poder tomar o seu remédio mais barato.

Eu acho que tem determinadas coisas num programa como esse, que é a realização de um sonho. Essa é a realização de um sonho porque somente quem guardou uma receita no armário, no criado-mudo, sabe o valor disso. Somente quem guardou é que sabe o valor disso aqui.

Quando eu viajava muito, as pessoas entregavam para mim assim: as pessoas pegavam um papelzinho deste tamaninho, entregavam assim, dobrado na mão, como se fosse um segredo de estado. Quando eu pegava, abria, estava escrito lá: “por favor – eu não era Presidente, estava longe ainda de ser – Lula, me ajuda a comprar esse remédio.” Às vezes a gente ajudava, às vezes não ajudava, porque também não podia ajudar. Eu acho que agora o governo, através das nossas políticas de saúde, encontrou um jeito de começar a dizer: para a grande parte das doenças de uso contínuo, para as pessoas que precisam comprar remédio todo mês, não vai precisar mais ficar com a



receitinha na mão, porque vai poder entrar em qualquer farmácia e comprar o remédio a preço barato. Este é um fato importante.

Os nossos companheiros da Fiocruz sabem da relevância dos investimentos que estamos fazendo para a gente produzir mais remédios, porque a gente pode aumentar o número de remédios. A gente só não vai produzir remédio para vender na Farmácia Popular se for remédio para não cair cabelo, por exemplo, não vamos fazer. Mas a gente vai ter que avançar, porque tem outras necessidades.

Então, eu estou feliz. O Ceará, Secretário – Vossa Excelência que acaba de ser eleito hoje Secretário-Presidente da entidade que representa os secretários de Saúde – o seu estado, o Ceará, vai ter 49 farmácias populares, das quais 32 serão em Fortaleza. Isso, um dia só que você ganhou, já ganhou tudo isso aqui de farmácia.

A Bahia, Jaques Wagner, para você saber, a Bahia vai ter 29, começa hoje com 29. Amanhã já tem, se quiser comprar. Vai ter em 21 Salvador. Deixa eu ver quem mais está aqui? Rio de Janeiro, já falei. Alagoas, deixa eu ver Alagoas aqui. Rio Grande do Norte? Alagoas vai ter sete, as sete na capital, mas pode, daqui a um mês, se você trabalhar um pouco, João Caldas, ter 80, ter 100, porque não é ficar esperando o Ministério.

Este Programa é importante, porque se uma pessoa sair à noite para comprar o remédio, chegar na farmácia e não tiver aquele selinho, ali, de Farmácia Popular, o cidadão vai falar: “escuta aqui, por que você não se inscreveu? Por que você não entrou em contato com o governo para vender esse remédio para a gente? Então, a própria sociedade... Eu quero ver um farmacêutico, por mais esperto que seja, quando uma cidadã de 70 anos entrar na farmácia com a receita e não tiver o selinho lá, e ela falar: “escuta aqui, porque você não fez o convênio ainda?” E podem ficar certos que o farmacêutico vai falar: “não, espere aí, que eu vou fazer, eu vou fazer porque eu não quero três ou quatro desses aqui... deixando de fazer”.



Rio Grande do Norte, 11, das quais nove na capital e três... Mas, nossa prefeita de Mossoró, nossos deputados do Rio Grande do Norte, é o seguinte: podem chegar amanhã, procurar e reunir todos os farmacêuticos da cidade e falar: vocês cumprem as exigências? Têm aquilo lá? Têm telefone? Têm computador? Podem entrar hoje e na semana que vem já estarão inauguradas. E é uma coisa interessante, porque não vai precisar nem de inauguração nem de político lá, fazendo discurso. É direto entre a sociedade e o farmacêutico, não vai ter ninguém lá, palanque, não vai ter nada disso.

Saraiva, o Humberto Costa, que começou a Farmácia Popular, não está aqui, mas eu quero terminar dizendo o seguinte – companheiros da Saúde, todos vocês, companheiros empresários do setor de farmácia que pertencem a essa rede que fez o convênio com o governo, ministros –, eu quero dizer para vocês: guardem esta data. Deputados, vocês que fazem parte da bancada de médicos da Câmara, porque a Câmara tem um partido próprio – o partido dos médicos, da saúde, é um partido próprio – a única coisa que dá unanimidade lá é não mexer na saúde.

Eu quero dizer que vocês estão de parabéns. Podem ficar certos de que, a partir de amanhã, depois de amanhã, quando as pessoas entrarem numa farmácia e tiverem acesso àquilo que para elas é mais sagrado, mesmo que elas não conheçam vocês, mesmo que elas nunca tenham visto vocês, vocês vão dormir mais leves, porque vocês fizeram um bem incomensurável para um ser humano, sem pedir cartão de visita, sem pedir nada. Ela não conhece ninguém, ela fez, ela vai comprar. Então, é uma coisa realmente importante. Eu tinha muita coisa para falar, mas não vou falar mais. Eu só vou falar do Farmácia Popular, porque quando nós pensamos no dentista, a coisa que também mais me incomodava no Brasil, Nilcéa, você que é médica, doutora, reitora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a coisa que mais me incomodava no Brasil é que a unha do dedão do pé era tratada como uma questão de saúde pública e a boca não era. O que mais me incomodava, neste



país, era isso.

Então, nós fizemos o Brasil Sorridente, que eu acho que é uma revolução neste país. Eu fui diretor do departamento médico do Sindicato. Lá, Greenhalg, às vezes, segunda-feira, isso 30 anos atrás, o trabalhador chegava ao Sindicato e falava: arranca um dente. Não adiantava o dentista dizer: não, não vou arrancar, eu posso recuperar. Não, arranca porque eu ganho o dia, eu não vou trabalhar na segunda se eu levar o atestado de que arranquei, e ganho o dia. Tratamento de canal era uma coisa tão chique que pobre não fazia. Eu ficava vendo um determinado tipo de brasileiro, com aparelho na boca, todo bonitinho, consertando, com arame, elástico, e as coitadas das meninas de 16... Meninas de 16, 17 anos, meninos no Brasil inteiro, não podiam mais rir porque não tinham um dente na boca. Que é do Nordeste, do Norte, da periferia de São Paulo, do Rio de Janeiro, sabe do que eu estou falando. Então, não é justo que essa pessoa não possa tratar o seu dente.

Agora, Saraiva, eu preciso fazer um pouco de publicidade, porque esses dias eu me deparei com uma pessoa se queixando que queria ajuda para tratar de dente, ela mora num lugar que tem e ela não sabia, Se a gente não falar que existe, as pessoas não sabem. E hoje nós estamos dando, através do Brasil Sorridente, Silas, para você e para qualquer pessoa pobre deste país, o direito à ortodontia. Eu demorei muito para aprender esse nome, porque ele é chique, é difícil de falar, isso era coisa para rico, não era para pobre, não.

Então, o que nós estamos fazendo, na verdade é o seguinte, é dizendo a todos os brasileiros e brasileiras: independentemente da sua origem social, independentemente do berço em que você nasceu, na medida em que você virou cidadão ou cidadão deste país, você tem que ter os direitos elementares garantidos. E o direito de tomar o seu remédio e o direito de sorrir são dois direitos sem os quais a Humanidade não seria essa coisa boa que é.

Portanto, parabéns, que Deus abençoe todos vocês por este dia de hoje.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura do Acordo de Cooperação Técnica para a reabilitação da área portuária do Rio de Janeiro**

**Rio de Janeiro – RJ, 24 de março de 2006**

Meus companheiros e companheiras,

Vocês sabem que eu tinha pensado... eu estava vendo o pessoal com as faixas abaixadas e eu falei: o ato está tão demorado que até o pessoal da faixa se cansou e baixou um pouco as faixas.

Eu queria começar dizendo ao pessoal da Marinha que levantou a faixa aqui, que eu, na verdade, imaginei que o problema estava resolvido e agora fiquei sabendo que não está resolvido. Eu me lembro que quando eu vim aqui, visitar, na inauguração do Tikuna, o pessoal me pediu isso, eu disse que ia fazer. Na segunda-feira retomarei esse assunto para ver se faz.

A segunda coisa é que tanto o Sirkys, quanto o Guido Mantega, a Raquel Rolnik e o Márcio, falaram todos os números e todas as coisas que estão no meu discurso, e eu não vou repetir. Mas tem uma coisa – meus companheiros que trabalham aqui na coordenação deste Porto, empresários – que me chamou a atenção: tem um conjunto de trabalhadores que está dizendo que faz dez anos que não tem reajuste de salário. Vejam, eu estou chamando a atenção pelo seguinte fato: o Porto vai ficar bonito, o Píer vai ficar bonito, o povo do Rio vai se orgulhar de forma extraordinária de tudo que vai ser feito aqui, alguns prédios vão ser transformados em residência para o pessoal de vários bairros que foram citados, navios com passageiros terão melhores condições de atracar aqui e serem melhor recebidos, tudo maravilhoso. Mas se o povo que trabalha aqui não estiver satisfeito, trabalhando prazerosamente, a gente só fez o bem pela metade. Então, eu



queria pedir aos nossos companheiros do Porto que olhassem com carinho essa situação. Queria pedir a vocês que dessem um tratamento, Antonio Carlos, chamassem as empresas que trabalham aqui no Porto. Vamos discutir a situação porque se tem um segmento da sociedade que pede pouco para o governo e pede muito para Deus, são as pessoas que ganham menos salário neste país.

Então, eu acho que nós temos que tentar fazer esse ajuste. Eu já recebi aí umas cinco ou seis cartas, todas falando de salário, já recebi documento de que pessoas estão há muito tempo sem reajuste. Então, eu gostaria que você tentasse coordenar para que a gente solucionasse esse grande problema que é melhorar a vida das pessoas.

Veja, reparar, fazer conserto em alguma coisa é, muitas vezes, mais difícil do que fazer uma nova. Nós, um dia desses, tivemos que fazer a anistia de dois mil carteiros que foram mandados embora, muito tempo atrás neste país; nós já fizemos anistia de 653 trabalhadores da Petrobras que tinham sido mandados embora na greve de 1995; nós acertamos o problema dos nossos companheiros “mata-mosquito”, que andaram pelo Rio de Janeiro anos a fio, nós tivemos que reparar. Lógico que não dá para fazer o reparo de tudo de uma única vez, mas nós temos que ter o compromisso moral e político de ir fazendo os reparos na medida do possível, porque tudo que nós estamos fazendo de embelezamento de qualquer cidade, só tem sentido se for acompanhado do embelezamento do povo brasileiro. E todo mundo sabe que comer bem deixa todo mundo mais bonito, todo mundo mais satisfeito, todo mundo melhor com a vida. Então, eu queria pedir esta vez a você, querido, para a gente cuidar com carinho.

A segunda coisa é dizer a vocês que, em 2004, nós tivemos uma decisão e criamos um grupo interministerial para cuidar dos portos brasileiros. Visitamos 11 portos, e nesses portos resolvemos, então, dar prioridade, porque da mesma forma que um porto exporta riquezas, ele também recebe as



riquezas que nós compramos. E, agora, no Brasil, nós estamos recebendo muita gente. Então, os portos podem ser eficazes para aumentar a nossa produção, diminuir o custo-Brasil e fazer com que o país possa ganhar muito mais dinheiro e aumentar a suas reservas em dólares.

Agora, o que a gente percebe é que durante muito tempo se falou que durante muito tempo os portos brasileiros estiveram abandonados. Vocês se lembram como que era este Porto, aqui. E, agora, quando a gente resolve fazer a recuperação deste Porto, quando o governo resolve colocar 232 milhões de reais num convênio com a prefeitura para fazer um conjunto de obras, a gente está dizendo para o companheiro Gilberto Gil, a gente está dizendo para os artistas brasileiros... Aqui no Rio de Janeiro tem uma música muito famosa, dizendo que o Rio de Janeiro continua lindo, o Rio de Janeiro que é, possivelmente, a cidade mais abençoada por Deus pela sua beleza natural. A geografia deu ao Rio de Janeiro o que não deu a nenhuma outra cidade no mundo, e o Rio de Janeiro vai perdendo isso na medida em que as pessoas não cuidam daquilo que a natureza nos deu. Então, a gente lê notícias de praias poluídas, a gente lê notícia de violência, lê notícia de coisas se degradando.

E esta parte do Porto pode virar um grande ponto de encontro cultural do povo do Rio de Janeiro, tornar isto aqui um cartão de visita do Rio de Janeiro, é isto que nós estamos tentando fazer. E não é uma coisa do presidente Lula, do prefeito César Maia, não é uma coisa do Ministro da Cultura, uma coisa do Presidente do BNDES ou da Caixa Econômica. Essas coisas nós temos que fazer em função de quem virá depois de nós, nós temos que fazer essas coisas sabendo que ou nós fazemos agora ou daqui a um tempo não tem mais conserto, teremos que fazer tudo novamente.

Por isso, meus companheiros, minhas companheiras – estou vendo aí a faixa do pessoal da “Polícia Portuária” –, nós temos muita coisa para cuidar, não é apenas consertar o prédio, não é apenas consertar a estrutura, não é



apenas fazer a doação de apartamentos, mas cuidar daquilo que está defasado do ponto de vista de relação de trabalho no Brasil. Eu vou cuidar disso com carinho.

Eu queria dizer para vocês que eu não ia nem falar. Estou vindo do Porto de Vitória, em que nós fomos inaugurar o Porto novo, 100 anos de existência do Porto. Nós tiramos uma pedra que atrapalhava entrar navio maior, agora vão entrar navios grandes. Aqui, no Rio de Janeiro, com essa dragagem, a gente vai permitir que navios de calado maior possam entrar no Porto do Rio de Janeiro. E tudo isso só dá prazer porque significa gerar mais empregos, mais salários, mais renda e melhor qualidade de vida.

Eu só posso dizer a vocês, companheiros do Rio de Janeiro, que eu espero estar vivo e, num futuro muito recente, poder vir aqui visitar esta obra pronta. Eu vou parar de falar por duas razões: primeiro, porque vocês percebem que estou encharcado, molhado. Se nós tivéssemos feito o ato lá fora, possivelmente estivesse menos calor do que aqui dentro, apesar do sol. Segundo, porque tudo que tinha que ser falado já foi falado. Nós agora precisamos sair da área do discurso e entrar na área da concretização daquilo que aqui foi firmado entre o governo federal, BNDES, Caixa Econômica e Prefeitura do Rio de Janeiro.

Muito obrigado, meus companheiros, e boa sorte a vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de comemoração dos 100 anos do Porto de Vitória**

**Vitória - ES, 24 de março de 2006**

Eu ganhei de presente dos companheiros do Porto, uma... eu nunca tinha visto isto aqui. Isto aqui chama-se casaca. Eu ganhei uma casaca do mestre Vitalino. Agora, eu nunca toquei isto aqui. Eu também não aprendi a tocar reco-reco, mas... O mestre Vitalino não está por aí não? Se estivesse... Parece que ninguém sabe tocar casaca aqui, não é? Você sabe tocar casaca? Então vem aqui, eu quero ver. Pode subir aqui.

Vocês vão ler na imprensa, amanhã, que alguns partidos vão entrar com um processo contra mim, por causa deste cachorrinho. É verdade, porque a todo lugar que eu vou agora eles dizem que eu estou em campanha, então me processam. Como que é o nome dela? Anote aí, eu vou ser processado por causa da Princesinha. Vão dizer que a Princesinha estava fazendo campanha.

Deixa eu entregar a casaca e dizer para vocês o seguinte. Primeiro, a alegria de estar outra vez aqui no estado do Espírito Santo. Segundo, a alegria de estar aqui com os companheiros que têm nos ajudado ao longo desses 36 meses. Terceiro, dizer para vocês, antes de falar do Porto, meu querido governador Paulo Hartung, que ontem nós lançamos um programa que eu acho muito importante para muita gente que está aqui.

Ontem nós lançamos o programa Farmácia Popular em convênio com as farmácias que têm rede. Por enquanto são 1.213 farmácias, e esse Programa vai permitir que os brasileiros e brasileiras que tenham diabetes ou que tenham hipertensão, possam comprar remédios a 90% (de desconto) do preço do remédio da farmácia.

Eu já disse ao Governador e já disse ao Prefeito e quero alertar todos os prefeitos que estão aqui, vereadores e o povo, que qualquer farmácia pode entrar na rede; qualquer farmácia que estiver legalizada, tiver um computador,



pode se interligar ao sistema, e qualquer farmácia, de qualquer lugar do Brasil, de qualquer periferia, vai poder se conectar com o Ministério da Saúde e vai poder vender esse remédio a 90% (de desconto) do preço.

Ontem, eu vi dois exemplos, um remédio que custa... inclusive, insulina para os diabéticos será vendida por 10% do preço. Ontem me deram dois exemplos: um remédio que custa 111 reais vai ser vendido por 11 reais. Um remédio que custa 37 reais vai ser vendido por 3 reais e 70 centavos. Isso foi feito porque eu sei que as pessoas que são da minha idade para a frente, eu tenho 60, eu sei que as pessoas precisam comprar, às vezes, remédio para hipertensão, e comprar remédio para diabetes, e metade do salário vai para o remédio. Então, agora, vai baratear.

Eu só quero dizer, e já disse aos prefeitos de todas as cidades aqui, João Carlos, procurem, façam uma reunião com os farmacêuticos da cidade. Eles não pertencem àquelas redes de farmácia, mas eles podem entrar no sistema e pegar autorização para vender remédio mais barato para as pessoas não gastarem o seu ganha-pão. É melhor gastar o dinheiro fazendo alguma coisa melhor, se divertindo, do que gastar com remédio. Então, essa é uma coisa importante.

Eu quero cumprimentar os meus companheiros, todos os companheiros aqui, ministros, deputados, senadores, e dizer que eu queria fazer um pedido para vocês, pedido de companheiro para companheiro. Quero fazer um pedido de coração.

Eu sei que, às vezes, as pendengas políticas na cidade ou no estado criam rivalidade entre vocês. Nós estamos entrando num ano delicado, mas eu queria que vocês prestassem atenção em quem é que ajuda o governo federal, lá em Brasília. Por exemplo, eu preciso de pelo menos 40 votos no Senado e só tenho 14 senadores, então eu preciso fazer apoio com outros senadores e quero reconhecer aqui, de público, que o senador Magno Malta tem sido um aliado do governo federal em Brasília. Eu só quero que a disputa local não atrapalhe as alianças em nível nacional. Da mesma forma que eu só tenho,



entre os partidos aliados, cento e poucos deputados, e nós precisamos de 270 deputados para votar as coisas.

Vocês estão percebendo que o Orçamento da União ainda não foi votado, porque no Brasil é assim: o governo quer trabalhar e tem uma banda que não quer que o governo trabalhe. Então, eu fui eleito para a gente trabalhar, é o que a gente está fazendo e, portanto, eu queria que nos estados, vocês não permitissem que as disputas locais pudessem atrapalhar as coisas em nível nacional, porque aí, quando eu for pedir apoio a um senador, ele vai dizer para mim: por que eu vou votar nas coisas do governo se lá no estado o seu partido me destrata, ou coisa parecida? Então, eu queria que levassem isso em conta, porque com uma mão a gente lava a outra e com as duas a gente até toma um banho, se for o caso.

Segundo, meu querido Governador, Prefeito, é uma decisão, desde 2003, que a gente precisaria recuperar os portos brasileiros, o Paulo Hartung sabe. Ele me ligou uma vez dizendo que o Porto de Vitória tinha problemas de funcionamento e que as coisas demoravam muito. Eu disse ao Paulo Hartung: montei uma comissão interministerial, com seis ou sete ministros, que visitaram todos os principais portos do Brasil, inclusive o de Vitória. E eu dei a seguinte determinação: eu não quero saber se o administrador do porto é do PT, é do PL, é do PC do B, é do PSB, é do PMDB, eu não quero saber de que partido ele é, eu quero saber se ele tem competência para gerir o porto. Se tiver competência, fica, se não tiver sai, porque o que nós precisamos, na verdade, é fazer as coisas funcionarem bem, porque quanto melhor funcionarem mais a gente vai poder gerar empregos aqui no estado, mais vocês vão poder exportar, mais vocês vão poder importar. Ora, se nós não tivemos a preocupação de tirar uma pedra que estava aí no canal atrapalhando e nós tiramos essa pedra, o que permitiu que aumentasse o calado em quase três metros de profundidade, fazendo com que navios maiores pudessem entrar aqui, por que é que a gente vai ficar com um administrador que não tem



competência? Quem não tem competência, vá primeiro adquirir para depois, então, querer administrar porto neste país.

Hoje eu posso dizer para vocês que o Porto de Vitória é um exemplo de porto que funciona bem neste país. Posso dizer para vocês que é um porto modelo para este país. E pode melhorar ainda mais, porque essa coisa de que as pessoas, às vezes, estão em um lugar e ficam tentando atrapalhar, não permitem que a coisa funcione, demoram para tomar decisão... Essas coisas demoram, então nós precisamos ir mudando e aí, vocês, meu caro, é que são a energia para que a gente possa fazer isso. Vocês são a energia para que a gente possa fazer as transformações que o Brasil precisa que sejam feitas.

Eu queria dizer para vocês o seguinte: há um século o Porto de Vitória era só um conjunto de cais de madeira, com ancoradouro e trapiches, tão precário que apenas pequenos barcos podiam aportar neste Porto. Ele nasceu pequeno, mas já nasceu importante: era pelo Porto de Vitória que a então província do Espírito Santo escoava café, a principal riqueza do país que nós, durante muito tempo, chamamos de “ouro verde” do Brasil. Um século depois, o Brasil cresceu, diversificou e ampliou suas exportações, agregou valor ao que produz e hoje vendemos para o mundo inteiro. Só para vocês terem uma idéia, quando chegamos ao governo, o Brasil exportava 60 bilhões, levamos 500 anos para exportar 60 bilhões. Em três anos nós já estamos a quase 120 bilhões. Em três anos nós fizemos o que foi feito em 500 anos no que se trata de exportação. Isso, pela melhoria da capacidade produtiva do nosso país.

A província do Espírito Santo também cresceu, virou estado, e hoje já é o sétimo colocado no ranking brasileiro de exportação. Foram 5 bilhões e 600 milhões de dólares em produtos capixabas vendidos para o exterior. Eu vou repetir, 5 bilhões e 600 milhões de dólares de produtos capixabas vendidos para o exterior. Um crescimento de 37,9% em relação ao ano passado. O saldo comercial também teve um crescimento extraordinário: de 1 bilhão de dólares em 2004 para 1 bilhão e 500 mil dólares em 2005, um crescimento de 50%. Quanto ao outrora pequeno Porto de Vitória, agora é este gigante que, no ano



passado, movimentou o segundo maior volume de produtos exportados do Brasil.

Veja que o Espírito Santo, é um estado pequeno se a gente olhar o mapa do Brasil, mas o Porto foi o segundo maior em volume de exportação de todo o nosso querido país. Foram 7 milhões e 500 mil toneladas de mercadoria e 11 bilhões e 300 milhões de reais em vendas para o mercado internacional. E no ano de seu centenário, o Porto de Vitória continua crescendo. E ganha de aniversário o maior conjunto de obras de toda a sua história.

Somente em 2005, o governo investiu 46 milhões e 500 mil reais na modernização do Porto de Vitória. Acabamos de visitar as obras do acesso rodoviário ao cais de Capuaba, que deverão estar concluídas até o final deste ano. Já está funcionando o Laboratório Fitossanitário e o Complexo Administrativo. É um grande volume de obras, mas eu quero destacar a dragagem, que acabamos de concluir. Trata-se de um marco histórico.

O acréscimo de dois metros de profundidade no canal de acesso à baía, este dado é importante, prestem atenção neste dado, o acréscimo de 2 metros de profundidade ao canal de acesso à baía permitirá que 80% dos navios em circulação na costa brasileira atracarem no Porto de Vitória. Antes da dragagem, apenas 20% poderiam atracar aqui. Eu vou repetir este número. Depois da dragagem, 80% de todos os navios que circulam no Brasil podem atracar aqui. Antes daquela pedra que a gente tirou e da dragagem, apenas 20% dos navios poderiam parar aqui. Governador, Prefeito, deputados, senadores, eu quero dizer para vocês que comecem a imaginar a dimensão do que pode crescer este estado, porque se com 20% dos navios podendo atracar aqui, vocês já são o segundo maior exportador do Brasil, imaginem na hora em que 80% dos navios puderem chegar aqui, o que este estado não pode crescer, o que este estado não pode gerar de riqueza. Conseqüentemente, com o estado gerando riqueza, vai gerar mais empregos, mais salários, mais dinheiro, portanto vai melhorar a vida das pessoas.



Isso significa maior movimentação de carga, aumento da capacidade de exportação e geração de mais e mais empregos. Mas o Porto de Vitória não é o único a receber a atenção do governo. Desde o início do governo, mais do que triplicamos o volume de recursos destinados à infra-estrutura portuária brasileira. Nós passamos de 198 milhões de reais para 670 milhões de reais, que estão previstos este ano. Tudo isso, apesar das dificuldades que nós enfrentamos com aqueles que ficam remando contra para que a gente não consiga fazer a travessia. Pois bem, mais do que a melhoria e a modernização desses portos, trata-se quase de uma reconstrução, parte importante do combate às condições que levaram ao apagão sofrido pela infra-estrutura do Brasil, sucateada ao longo do tempo.

Meus companheiros, minhas companheiras, meus amigos e minhas amigas,

O Espírito Santo tem crescido muito e vai continuar a crescer. O nosso governo tem se empenhado, e muito, para dotar este estado da infra-estrutura que ele precisa para continuar se desenvolvendo. Alguns exemplos: construída em tempo recorde, a subestação Viana, que o Governador me convidou para vir inaugurar, tem a capacidade de gerar 36% de todo o consumo de energia do estado. Eu quero, aqui, olhar na cara de vocês e dizer: “por falta de energia, o Espírito Santo nunca mais vai parar de crescer”.

No ano passado, a Petrobras investiu no estado cerca de 1 bilhão de dólares. A previsão é de investir mais 6 bilhões de dólares até 2010. Portanto, eu acho que este estado não só foi abençoado por Deus pela sua beleza, não só foi abençoado por Deus por muita coisa, mas eu acho que a Petrobras também está abençoando este estado, reconhecendo o potencial de riquezas que tem o nosso querido Espírito Santo. Um estado com tamanho potencial de crescimento econômico, com belas praias e montanhas, além da inimitável moqueca capixaba, porque como vocês dizem aqui: “moqueca é capixaba, o resto é peixada”. Aliás, faz tempo que eu não como uma moqueca aqui.



Quando eu era um cidadão comum, eu chegava aqui, e todas as noites ia comer uma moqueca, hoje o Lula não é convidado nem para tomar café.

Pois bem, este estado não poderia continuar dependendo, também, de um aeroporto pequeno, capaz de atender apenas 560 mil passageiros por ano. Por isso, o novo aeroporto terá capacidade para receber, com todo o conforto, mais de 2 milhões de passageiros por ano que, certamente, virão não só para fazer turismo, mas também para fazer negócios, uma vez que o Espírito Santo está recebendo o maior fluxo de investimentos privados de toda a sua história. Este estado está recebendo a maior concentração de investimentos de toda a sua história. Parece que, finalmente, os investidores descobriram, não a praia, mas descobriram o Espírito Santo como um lugar para os seus investimentos.

Mas estes são apenas alguns exemplos da merecida atenção que estamos dispensando ao Espírito Santo, um estado que sempre trabalhou e que agora, finalmente, tem motivos de sobra para confiar, cumprindo o que determina a sua bandeira: trabalhar e confiar, confiar e trabalhar.

Volto a lembrar, meu caro companheiro Paulo Hartung, que há 100 anos, esta maravilha que estamos aqui hoje comemorando seu aniversário, este gigante em permanente crescimento, era um simples conjunto de cais de madeira. Hoje, é uma porta permanentemente aberta para o desenvolvimento econômico e social do Espírito Santo e do Brasil.

Eu não poderia deixar de dizer que, se todo governador brasileiro tivesse a compreensão, a relação e o comportamento que tem o Paulo Hartung com o governo federal, tudo poderia ser melhor, porque o presidente da República, como uma mãe, como um pai, não tem filho predileto, gosta de todos. Mas lógico que, mesmo a gente gostando de todos os filhos, tem alguns que são mais atenciosos, gostam mais de uma coisa. E quem é que não gosta de ser tratado com respeito? Respeito é uma coisa boa, a gente dá, a gente recebe. Vejam, eu duvido que um cidadão brasileiro, de zero a 100 anos, tenha visto uma declaração minha falando mal de um governador, falando mal de um prefeito, falando mal de um deputado ou de um senador. Mesmo quando eu fui



atacado da forma mais rasteira, eu não deixei de me comportar como presidente da República do Brasil, porque não farei jogo rasteiro. Jogo rasteiro é para outro tipo de gente, jogo rasteiro é para quem não respeita o povo quando a gente se dirige ao povo.

Eu digo sempre: eu não ganhei a Presidência da República como alguns ganharam. Eu comi muito pó, durante muitos anos, percorrendo este país para ganhar uma eleição e nunca lamentei, nunca chorei às vezes em que eu perdi. Chorava sozinho, mas não contava para vocês. Muitas vezes eu perdi uma eleição e, em janeiro, já estava saindo pelo Brasil, outra vez, para conversar com a tropa, para levantar o moral da tropa, porque tropa com moral baixo não ganha guerra.

Nós chegamos lá e a única coisa que eu peço é que eles tenham paciência e permitam que eu possa fazer uma comparação, Governador, entre quatro anos meus e dez, 15 anos deles. Eu quero que eles permitam, eu quero apenas quatro anos meus contra 15 ou 20 deles. Eu quero saber quem cuidou mais da agricultura familiar neste país, eu quero saber quem gerou mais empregos neste país, eu quero saber quem cuidou mais da educação neste país, do que estamos fazendo agora. Eu quero saber quem cuidou mais dos pobres deste país, porque antes do nosso governo, Governador, qualquer dinheiro que a gente colocasse para ajudar o pobre era tido como gasto. E qualquer dinheiro que a gente gastasse com projetos que não funcionavam era investimento. E eles não gostam quando eu digo: o dinheiro que a gente coloca para os pobres não é gasto, é investimento em ser humano, é investimento em gente. E é isso que incomoda uma parte dessa gente que governou este país desde que Cabral aqui colocou os pés. Eles não se conformam. E eles sabem que eu não perderei, em nenhum momento, a ternura que vocês me ensinaram a ter na nossa relação humana.

Podem ficar tranquilos que este é um ano em que, se depender de alguns, não de todos, o jogo vai ser muito baixo. Podem ficar certos. Agora, toda vez que vocês estiverem com suas famílias, lembrem-se do seguinte: o



Lula assumiu um compromisso de que, em nenhum momento, por mais que seja leviana a denúncia, por mais que seja grave o xingamento, vocês tem que ter a certeza de que eu estarei me comportando como um pai ou como uma mãe se comporta com os filhos, tentando não perder de vista, nunca, que a razão pela qual eu fui ser Presidente e a razão pela qual eu ganhei, não foi para governar para eles, foi para governar para vocês.

Por isso, meu querido Governador, meus queridos companheiros, eu quero dizer que saio daqui feliz – não sei se voltarei aqui até o final do ano – mas quero dizer aos prefeitos, quero dizer ao Governador, quero dizer aos meus companheiros: todas as vezes em que a coisa estiver bem por aqui, não precisam me telefonar, não precisam me ligar. Agora, Paulo Hartung, João Carlos e demais prefeitos, todas as vezes que vocês tiverem um problema, saibam que lá em Brasília, além do Presidente, vocês têm um companheiro.

Muito obrigado e meus parabéns pelo Porto de Vitória.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia alusiva à visita às obras da Vila do PAN e ao lançamento do Programa Segundo Tempo**

**Rio de Janeiro-RJ, 24 de março de 2006**

Meus queridos companheiros trabalhadores da Vila Pan-Americana, Já viraram companheiros, porque toda semana estão lá na porta do Torto,

Nossos queridos companheiros “mata-mosquitos”,

Queridos e queridas crianças do Rio de Janeiro,

Meu caro Agnelo Queiroz, ministro do Esporte,

Meu caro Furlan, ministro do Desenvolvimento e Comércio Exterior,

Meu caro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Deputados Antonio Carlos Biscaia, Alexandre Cardoso, Jorge Bittar, Júlio Lopes, Luiz Sérgio Simão Sessin,

Meu caro Paulo Sérgio de Oliveira, secretário-executivo do Ministério dos Transportes,

Deputados estaduais,

Prefeito Artur Messias, de Mesquita; Lindberg, de Nova Iguaçu; Godofredo, de Niterói; Aparecida Panisset, de São Gonçalo,

Meu caro companheiro Nuzman. Eu digo companheiro porque o Nuzman está nessa vida há muitos anos e eu nem o conhecia, a não ser da televisão, e eu duvido que em toda a trajetória dele, cuidando de esporte, ele tenha sido recebido tantas vezes por um presidente da República como foi recebido por mim, nesses 30 meses de governo.

Meu querido Rubem César, presidente da Organização Não-Governamental Viva Rio. Quero aproveitar e, de público, te dar os parabéns



pelo trabalho extraordinário que a ONG tem feito pelo bem do Rio de Janeiro e como exemplo para o Brasil.

Meu querido José Domingos Vargas, superintendente institucional da Caixa Econômica Federal,

Meu caro Sérgio Goldberg, presidente da Agenco, a empresa que está fazendo a Vila Pan-Americana,

Meus queridos companheiros jornalistas,

Homens, mulheres do meu Brasil,

Aqui está a nossa companheira Benedita da Silva,

Está o nosso companheiro Orlando, do Ministério,

Está o nosso companheiro Vivaldo Barbosa,

Está o nosso companheiro, que eu não estou vendo aqui... Francisco Dorneles, não está aqui,

Eu já falei do Artur Messias.

Tem um companheiro aqui que vocês precisam conhecer. É um cidadão, como dizem vocês, um cara chamado Bernard, que está aqui – levanta aí, Bernard. Este cara, possivelmente vocês, sobretudo as crianças, não tenham noção do que ele representou para o esporte do Brasil. Inclusive, errava muito, mas ele tinha um saque chamado “jornada nas estrelas”, que ficou conhecido mundialmente. De vez em quando a bola era tão alta que não dava certo. Mas, de qualquer forma, aquele menino de 1984 ganhou medalha de prata em Los Angeles, depois foram vice-campeões mundiais. E foi a partir da geração dele... Eu me lembro do Nuzman num programa de televisão dizendo que foi exatamente a partir da preparação da meninada que foi para a Olimpíada de Los Angeles, que o Brasil resolveu profissionalizar de verdade o treinamento, o tratamento e a relação com os jogadores de vôlei do Brasil. Por isso, hoje o Brasil é quase imbatível na modalidade vôlei, e eu espero que a gente ganhe



aqui, no Pan-Americano, outra vez, o vôlei. Meus parabéns por estar presente aqui, Bernard.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é que nós estamos aqui, hoje, para dois assuntos básicos. Um deles é porque eu estive aqui em agosto do ano passado visitando o terreno em que ia ser construída a Vila Olímpica. Subi ali naquela torre para dar uma olhada no terreno. E, passados alguns meses, eu volto aqui e percebo que praticamente 60% das coisas já estão prontas. E o que é mais importante é que esses apartamentos vão ser vendidos depois que terminarem os Jogos Pan-Americanos. Já foram vendidos, até agora, 96% dos apartamentos, portanto a Caixa Econômica não pode chorar, pode fazer novos financiamentos, porque quando a construção é de qualidade – e esta é de qualidade –, as pessoas se interessam em comprar mais rapidamente. Por isso eu quero parabenizar a agência que está construindo esta obra. Essa é a primeira coisa.

Depois, quero dizer para vocês que os Jogos Pan-Americanos no Brasil são tão importantes, que a gente não pode ficar brincando de quem é responsável por isso ou por aquilo. Quando se começou a discutir a questão das obras da Vila Olímpica e de todo o complexo esportivo para fazer os Jogos Pan-Americanos, a responsabilidade do governo federal era, então, de 17%. Hoje, meu caro Nuzman, os 17% já chegaram a 50%. Portanto, da parte do governo federal, nós já estamos comprometidos com mais de um bilhão de reais para proporcionar os Jogos Pan-Americanos no Brasil. E por que estamos fazendo isso? Porque a gente aprende, desde pequeno, que cachorro de muito dono morre de fome, porque todo mundo pensa que deu comida e termina não dando comida.

Esta Vila... os Jogos Pan-Americanos são da responsabilidade do governo federal, da prefeitura do Rio de Janeiro e do governo do estado. Eu disse ao Nuzman, disse ao Ministro do Esporte: a gente precisa ter uma programação, um cronograma do que vai acontecer a cada mês, a cada dia,



para que a gente possa acompanhar, e não permitir que chegue próximo do Pan e a gente tenha que correr, fazer coisas mal-feitas, de forma atabalhoada, para que a gente possa fazer o Pan.

Quero dizer a você, Nuzman, e a todos os envolvidos nos Jogos Pan-Americanos, que na minha cabeça os Jogos Pan-Americanos no Brasil são um cartão de visita para algumas coisas que nós sonhamos em trazer para o Brasil. O Brasil precisa trazer para cá, outra vez, uma Copa do Mundo, e o Brasil precisa trazer para cá, pela primeira vez, uma Olimpíada, porque até agora só os países ricos é que conseguiram, os países pobres não conseguiram. Eles, talvez, não acreditem muito em nós, mas quando vierem aqui, virem a qualidade do resultado do trabalho dos operários brasileiros, o sorriso das nossas crianças e o carinho com que o povo brasileiro vai tratar todos que vierem aqui, eles vão dizer: nós precisaremos inventar uma outra desculpa para não levar uma Olimpíada para o Brasil, porque tem qualidade, tem esporte e tem competência para realizar uma Olimpíada aqui.

E por que nós queremos um dia trazer uma Olimpíada para o Brasil? Porque uma Olimpíada muda a cara da cidade, muda a cara do estado, porque é muito investimento do Comitê Internacional e muito investimento do próprio governo do país. E uma Copa do Mundo, porque não é possível? A Alemanha já vai ter três agora, o México teve duas, e nós já cansamos de ganhar fora, queremos ganhar uma aqui, porque perdemos a de 50. Queremos ganhar uma aqui. Nós estamos cansados de ganhar no terreiro dos outros. Agora precisamos ganhar uma aqui, porque quando teve aqui, em 50, vocês não tinham nem pensado em nascer, os pais de vocês não tinham nascido ainda.

A gente fez a Copa do Mundo aqui, a maior festa, uma alegria, o Brasil era imbatível. Todo mundo achava que o Brasil ia ganhar de 4 a 0, 5 a 0 do Uruguai. Tínhamos batido a Espanha de sete ou de cinco. Então, era aquele negócio do “já ganhou”: “já ganhamos, está no papo”, as pessoas já tinham bebido, no sábado, o que deviam beber no domingo à noite. Conclusão:



entramos em campo com a mania do “já ganhou, está tudo resolvido”, e o Uruguai... E ainda fizemos 1 a 0. Quando fizemos 1 a 0, então: “Ah, já ganhamos, agora estraçalhamos.” Aí os uruguaios vieram, fizeram dois gols em nós e perdemos a Copa do Mundo. Foi, certamente, o dia mais triste que este país viveu na área do esporte.

Então, nós queremos fazer e é por isso. Essa é a segunda razão pela qual eu estou aqui, porque nós estamos hoje com o Viva Rio, numa parceria com o Ministério do Esporte, anunciado o programa Segundo Tempo, a inclusão de 50 mil crianças, no Rio de Janeiro, crianças e adolescentes para, se estiverem estudando de manhã, praticarem esporte à tarde; se estiverem na escola à tarde, praticarem esporte de manhã, porque nós precisamos ocupar o tempo da criança com coisa sadia e não tem nada mais sadio do que fazer esporte. Essas crianças vão treinar, vão aprender algumas atividades esportivas e, quando chegarem em casa, estarão tão cansadas que não vão ter tempo de fazer arte, vão dormir que nem uns anjos para, no dia seguinte, acordarem com disposição de ir para a escola.

Tem duas coisas no mundo que podem encaminhar as pessoas para o bom caminho: uma delas é a educação e a outra é o esporte, duas coisas sagradas. Se a pessoa estiver estudando, a gente tem a certeza de que essa pessoa está com o seu futuro mais ou menos garantido. E nós, que somos pais, e eu tenho cinco, sabemos que não tem legado, não tem herança mais importante para um pai deixar para o filho que a formação profissional do seu filho, que o seu filho vire doutor, tire um diploma universitário e possa garantir o seu direito de trabalhar para o resto da vida. Essa é uma coisa sagrada.

E é por isso, meu caro Nuzman, e é por isso meus companheiros, que eu, toda vez, reconheço que nós devemos à engenharia do ministro da Educação, Tarso Genro, e do ministro da Educação, Fernando Haddad, porque com esses dois homens, de janeiro do ano passado até fevereiro agora, nós já conseguimos colocar na universidade brasileira privada, com bolsa de estudo...



numa engenharia de que o nosso compromisso é fazer uma isenção de imposto para a empresa, e o equivalente ao imposto a escola nos dá, em bolsa de estudo, e nós damos a bolsa de estudo para jovens da periferia, jovens que estudaram em escola pública. Até agora, já temos 203 mil jovens na universidade. E vamos chegar, até junho, a 243 mil jovens, meninas e meninos. E desses, o que é importante, 38% são meninas e meninos negros que antes eram marginalizados e não entravam em universidade neste país.

Da mesma forma, meus companheiros, que nós estamos recuperando o papel do Estado brasileiro, estamos fazendo quatro universidades federais novas, estamos transformando seis faculdades em universidades e estamos fazendo 42 extensões universitárias, levando as universidades das capitais para o interior do país, porque não é o aluno que tem que correr atrás da universidade, gente do Piauí vir estudar no Rio de Janeiro. O que nós queremos é que o interior do Brasil tenha também o direito de ter universidades brasileiras. Por isso estamos fazendo 42 extensões universitárias, inclusive aqui, uma na cidade deste moço, o Lindberg, e outra em Volta Redonda, que não tinha e agora já tem. Estamos fazendo uma escola técnica lá em São Gonçalo, uma cidade que tem um milhão e 300 mil habitantes e que não tinha uma escola profissional para formar os nossos filhos. Este país não podia dar certo, porque você tinha o cidadão que podia ser engenheiro e o cidadão que ficava faxineiro, não tinha o ensino médio. Então, nós estamos assumindo para nós, outra vez, a responsabilidade.

Está no Senado, para ser votado, o Fundeb, Fundo Nacional de Educação Básica. Vão ser mais quatro bilhões e 300 milhões na educação, neste país, para a gente poder garantir o ensino fundamental de qualidade. Aumentamos de oito para nove anos a permanência das crianças na escola, porque no Brasil era assim, meu caro Nuzman, uma parte da sociedade, que podia pagar, colocava a criança numa pré-escola com seis anos de idade. A outra parte da sociedade, que não podia pagar, colocava o seu filho na escola



aos sete anos de idade. Acontece que essa criança de sete anos, que não tinha feito nada na escola, iria encontrar na sua sala uma criança que já tinha feito um ano. Obviamente que essa criança já tinha tido contato com as letras, com os números, com os cadernos, com os livros então, essa criança sempre estaria mais adiantada do que aquela que nunca tinha ido à escola e entrou com sete anos. O que nós fizemos? Agora, as crianças vão entrar na escola com seis anos de idade, todos juntos, para que elas possam aprender, porque não tem criança burra, tem criança que não tem oportunidade de provar a sua inteligência.

Se toda criança tomar café de manhã, almoçar, jantar, chegar numa sala de aula e tiver um professor preocupado com a formação dela... e não é aquela formação de entrar, dar aula e ir embora, não. É dar a aula e depois fazer uma aferição para saber se a criança aprendeu. Qual é o problema nosso? É que outra vez nós temos criança na escola, que chega em casa, o pai tem uma formação, a mãe tem uma formação, a criança chega com a tarefa de casa e o pai, que tem um curso superior ou ensino médio, vai ajudar o filho a fazer a tarefa de casa porque ele sabe. Mas a criança cujo o pai não sabe, porque é semi-analfabeto, essa criança vai ficar sempre mais atrasada. Por isso nós queremos, não apenas melhorar a condição de ensino, mas melhorar, também, a condição dos educadores brasileiros, porque ser professor é uma profissão nobre.

Houve um tempo, aqui, no Brasil, que o Nelson Gonçalves cantava uma música chamada "A Normalista"; houve um tempo em que Ataulfo Alves cantava uma música, "A Professorinha", porque ser professora e professor era uma coisa nobre. O que aconteceu? A profissão de professor foi se deteriorando, se deteriorando, e hoje você tem professor, na escola pública, ganhando 300, 400 ou 500 reais por mês. Você tem professor titular, top de linha na Universidade Federal do Rio de Janeiro, ganhando 5.500 reais. E você tem professor, em tempo integral na universidade, ganhando 2.500 reais. Ora,



por que isso aconteceu durante décadas e décadas? Porque permeava a cabeça dos dirigentes deste país que colocar dinheiro na educação era gasto. E nós mudamos. No meu governo, é proibido utilizar a palavra gasto para educação. A gente precisa saber que não tem investimento que dê retorno ao país como o investimento em educação, porque nós estamos produzindo conhecimento, produzindo inteligência, isso significa valor agregado para este país. E nós seremos muito mais ricos, ao invés de exportarmos só soja ou minério de ferro, se a gente estiver exportando a inteligência do povo brasileiro. E, para isso, a escola tem que ser de muito boa qualidade.

Os pais vão perceber que essa combinação do Segundo Tempo com a educação vai mudar a vida das crianças, porque elas vão chegar no dia seguinte com muito mais vontade de estudar, porque elas vão perceber que vai melhorar a saúde delas, vão ter que ter uma alimentação mais adequada. E essas crianças vão estar muito mais motivadas a estudar.

Então, meu companheiro Agnelo, meu companheiro representante do nosso Viva Rio, eu queria dizer o seguinte: quando a gente começa um projeto desses, a gente, muitas vezes, não tem dimensão do que ele pode desencadear em nível de motivação de outras pessoas. Eu tenho dito para o Agnelo que a gente precisa trabalhar cada vez mais para que os clubes que estão fechados por aí, empresas que têm campo de futebol, empresas que têm piscina que não é utilizada porque não abrem para essas crianças terem lugar para brincar, para praticar esporte... Se a gente fizer isso, podem ficar certos que os “falcões” irão desaparecer do Brasil, não morrendo, mas tendo esperança outra vez e voltando a se transformar em crianças recuperáveis para a sociedade brasileira. Embora tenha aparecido violência, aquilo que a Globo mostrou no domingo passado, a verdade é que o que a gente mais ouvia da boca das crianças é que elas estavam precisando de carinho, estavam precisando de oportunidade.



Por isso, eu quero dizer, meu caro Agnelo, estou esquecendo de falar o que você queria que eu falasse, de propósito. Mas eu quero que você saiba, companheiro Agnelo – ele quer ser candidato, Nuzman, se dependesse de mim não seria, mas ele quer, desobediente, quer ser, paciência, o PCdoB está impondo a ele, mas eu sou contra, eu acho que ele deveria ficar. Eu estou falando de público, porque já falei para ele muitas vezes, pessoalmente. E vou dizer o porquê: Bernard já foi secretário de Esporte, Pelé já foi, Zico já foi. Este companheiro é magrinho desse jeito, não é esportista não, é médico. Agora, eu duvido que o Brasil tenha tido, em algum momento da sua história, alguém com a sensibilidade para o esporte em geral como o companheiro Agnelo tem, e parceiro de todas as atividades. Duvido, porque além de tudo, ele é um político muito hábil. Eu, toda vez que ligo a televisão para ver uma coisa, quando eu vejo está o Agnelo sentado lá, não perde uma. É de graça, ele está entrando.

Mas ele também tem brigado, ele também tem pedido, tem insistido para a gente criar uma coisa. Veja, vocês percebem que o Brasil já não é mais o país do futebol. E por quê? Porque antigamente você olhava os times do Rio de Janeiro e você via o Vasco com um time que dava uma seleção; você via o Botafogo com Garrincha, Didi, Paulinho, Amarildo, Zagalo; você via o Flamengo com Zico. Cada time aqui... o Fluminense, teve um tempo que fazia rodízio de jogador, até o Rivelino ele conseguiu trazer para jogar aqui, no Fluminense, num tempo áureo. Em São Paulo era a mesma coisa, em Minas Gerais era a mesma coisa.

Hoje, os times brasileiros não conseguem mais segurar um jogador aqui, porque quando o menino faz 17, 18 anos, e marca dois gols, já vem um time lá de fora, pega aquela criança e leva embora. Ele vai embora. Veja o Ronaldinho, o Ronaldinho quase vai embora de graça. Hoje, na Bolsa, está valendo 180 milhões de reais. Quanto está valendo o Kaká, o Robinho, todos aqueles que estão lá? Por isso eu disse que o Brasil é o país celeiro do futebol, é a maior fábrica de produção de atletas de futebol do mundo. Mas, quando



eles ficam com bigode, no futebol, alguém vem e leva os jogadores embora e nós, se quisermos vê-los jogar, ou temos que vê-los quando a Seleção Brasileira convoca, ou temos que assisti-lo na televisão, em canais que transmitem jogo da Espanha, da Itália, da Alemanha e assim por diante.

É por isso que este companheiro tem insistido para a gente criar uma coisa chamada Lei de Incentivo ao Esporte. Sabem o que acontece? Os times estão todos falidos, quase todos devem à Previdência Social, quase todos devem. Agora vejam, ninguém é louco de fechar um Flamengo, um Botafogo, um Vasco, um Fluminense, ninguém é louco. Ou fechar um Corinthians, um Palmeiras, um São Paulo. Sabem por quê? Porque já não são mais times de futebol, isso já faz parte da cultura do Brasil. A gente não imagina o Brasil sem o futebol, a gente não imagina o Rio de Janeiro sem as pelezas de Flamengo e Vasco, Botafogo e Fluminense.

Hoje eles estão fraquinhos, os times pequenos estão batendo em todos eles, mas já foram muito fortes. Está todo mundo quebrado, e as empresas privadas, também, não incentivam jogador que não é famoso. As empresas são mais espertas, ou seja, elas só vão incentivar e só vão garantir financiamento para o atleta que já volta da Seleção Brasileira, porque quando ele é bagrinho, ninguém aposta em bagrinho.

Então, o que nós temos que fazer? E eu estou com o compromisso de fazer isso antes do Agnelo deixar o Ministério. É mandar para o Congresso Nacional um projeto de lei para que um clube possa fazer parceria com uma empresa, e a empresa possa investir dinheiro no clube. Nós poderemos colocar um limite para que não tenha picaretagem, poderemos colocar um limite de uma empresa financiar um clube e, depois, isso ser descontado quando a empresa tiver que pagar Imposto de Renda.

A gente pode ajudar a salvar o esporte neste país, a gente pode facilitar o esporte amador, a gente pode ajudar todas as camadas. E tudo isso passa por acreditar que esporte não é só competição, não é só Olimpíada. Esporte é,



sobretudo, a gente cuidar da cabeça e do corpo humano, e nada é mais eficaz que o esporte.

É por isso que eu vim hoje, aqui, para dar os parabéns aos companheiros da ONG Viva Rio, ao ministro Agnelo, visitar a nossa extraordinária Vila Olímpica, visitar as nossas crianças que estão com essa camiseta bonita do Segundo Tempo e visitar os nossos trabalhadores, os nossos mata-mosquitos, as nossas mulheres, os nossos homens e dizer para vocês: podem ficar certos que eu continuo acreditando que não está longe o dia em que o Brasil não terá mais criança vivendo na marginalidade. Na hora em que prefeitos, governadores e presidente da República, na hora em que deputados e senadores, e na hora em que toda a sociedade brasileira, todos nós amadurecermos, criarmos juízo e definirmos na nossa cabeça que o dinheiro que a gente gasta numa escola hoje, é muito pouco, diante do que a gente pode gastar numa cadeia amanhã, se a gente não investir na educação, enquanto é tempo de investir, na oportunidade de trabalho.

Portanto, vamos ver, meus companheiros, quanto é que custa uma criança dessas na escola e vamos ver quanto é que custa uma criança presa. Vamos ver quanto custa um prisioneiro no Rio de Janeiro. Deve custar, por mês, o que valem dez crianças na escola. Então, ao invés de a gente cuidar de uma pessoa depois que virou bandido, vamos cuidar das nossas crianças enquanto nós temos oportunidade de salvá-las.

Muito obrigado, gente, que Deus abençoe todos vocês e meus parabéns pelo trabalho do Pan-Americano.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura do segmento de alto nível da Oitava Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica (COP 8)**

**Curitiba-PR, 27 de março de 2006**

Meus amigos,  
Minhas amigas,

Eu queria, em primeiro lugar, fazer um agradecimento a pedido da minha companheira, ministra Marina, ao governador Requião e ao prefeito Richa, pelo tratamento acima de carinhoso, segundo a Marina, excepcional, que foi dado a todos os nossos convidados nestes dias que estão aqui em Curitiba.

Quero agradecer aos membros do meu governo, liderados pelo Ministério do Meio Ambiente e pelo Ministério das Relações Exteriores, que tão bem se dedicaram e compreenderam a importância deste evento.

Quero cumprimentar os secretários-executivos de todas as entidades,  
Cumprimentar embaixadores, embaixadoras,  
Jornalistas,

E quero dizer a vocês que não é fácil fazer um pronunciamento por escrito, depois de oito pronunciamentos por escrito. Não sei se vou repetir, aqui, coisas que foram ditas pelos que me antecederam mas, de qualquer forma, já está escrito, e vamos fazer o nosso pronunciamento.

Em nome do povo brasileiro, quero exprimir nossa satisfação de sediar esta 8ª Conferência das Partes, da Convenção das Nações Unidas sobre Diversidade Biológica.

O Brasil se orgulha de poder abrigar este encontro da maior relevância



para a comunidade internacional. Orgulha-se, também, de ter sido o berço da Convenção sobre Diversidade Biológica, a “Convenção da Vida”, nascida durante a Rio 92. A Convenção retorna finalmente à casa, para nossa alegria.

Não se trata, nestas palavras, apenas de uma gentileza protocolar. Tampouco se resume à alegria de ouvir vozes distintas de todo o Planeta, unidas pelo idioma comum da busca de um destino sustentável. Nosso sentimento é de que algo maior está em jogo aqui.

Em que pese a dificuldade política de traduzir em jurisprudência planetária os avanços da História, o que se respira na agenda ambiental, atualmente, já não é apenas o frescor da esperança. A impressionante capilaridade alcançada pela consciência ambientalista, nas últimas décadas, deu um salto para se incorporar às dinâmicas incontornáveis que renovam a cultura e o desenvolvimento humano no século XXI.

A cultura não precede a experiência. A experiência acumulada é que transbordou nesse gigante mutirão planetário do qual fazem parte a COP-8, assim como a recém-concluída Reunião das Partes no Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança, MOP 3, realizada também nesta acolhedora cidade de Curitiba. Trata-se, em ambos os casos, de uma mobilização para colher os frutos dessa mudança historicamente amadurecida, que se traduz agora na construção de normas e acordos demarcatórios de novos paradigmas para o desenvolvimento sustentável.

A biodiversidade, o conjunto das diferentes formas de vida, é o maior tesouro do nosso planeta. Tudo o que possa ameaçá-la ou conspirar contra a repartição eqüitativa dos seus recursos deve ser rejeitado como ameaça à sobrevivência da Humanidade e da Terra. Esse entendimento orientou a posição brasileira de preservar nesta Conferência o espírito da COP-5, realizada em Nairobi, de proibição do uso de sementes estéreis. Nada que ameace a vida ou monopolize o acesso aos seus recursos serve à causa comum da humanidade. É necessário extrair conseqüências políticas e



jurídicas desse paradigma. A primeira, e a mais importante, é evitar retrocessos nos avanços conquistados. É exatamente isso que esperamos dessa COP-8. Ao mesmo tempo, trata-se de trabalhar pela implantação dos marcos reguladores que protejam a biodiversidade e as legítimas aspirações de desenvolvimento dos países pobres, principais detentores do patrimônio natural do mundo.

O que a COP-8 está dizendo é que a biodiversidade não é a fronteira devoluta do século XXI. Sua exploração adequada, ao contrário, é o grande rumo para a construção de novos paradigmas de progresso, que vão enlaçar, de uma vez por todas, o cálculo econômico à qualidade de vida e ao equilíbrio ambiental. A luta pela adoção de um regime internacional de repartição dos benefícios, que resultam do acesso aos recursos genéticos e aos conhecimentos tradicionais associados, é parte desse percurso.

Esse regime, de um lado, disciplinará e controlará o acesso a recursos genéticos; do outro, assegurará a justa e eqüitativa repartição de ganhos obtidos com o seu uso. Ao mesmo tempo, protegerá o saber tradicional das populações indígenas e das comunidades que vivem no seu entorno.

Minhas senhoras e meus senhores,

Uma lógica ambiental sustentável é incompatível com uma engrenagem econômica que se apóie em desigualdades sociais crescentes e asfixiantes. Hoje, 25% dos habitantes mais ricos do Planeta consomem 80% dos recursos disponíveis na Terra. Um bilhão, novecentos e cinqüenta milhões de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza, com menos de 2 dólares por dia.

Em 1960, a diferença entre a renda dos 20% mais ricos e os 20% mais pobres era de trinta vezes, hoje é superior a setenta vezes. Um em cada três habitantes do mundo urbano mora em favelas e 150 milhões de imigrantes abandonaram seus países porque foram deixados de lado pelo Estado e por mercados locais espremidos pela globalização.

As economias industrializadas gastam, aproximadamente, 900 bilhões



de dólares por ano para proteger suas fronteiras. Mas destinam menos de 60 bilhões de dólares para ajudar as nações mais pobres, onde a fome se transformou numa silenciosa arma de destruição em massa.

A cumplicidade da injustiça social com o consumo extravagante de poucos marcou o rosto do século XX e atingiu um limite de saturação. Não é aceitável que os países mais pobres continuem a sofrer o principal ônus da degradação ambiental, resultante de padrões insustentáveis de produção e consumo determinados pelas nações industrializadas.

Hoje, a busca de consenso democrático converge para uma agenda incontornável de regeneração humanista e ambiental do desenvolvimento, diante da qual o governo brasileiro não tem poupado esforços e colhido frutos encorajadores. Vou destacar alguns: No período de 2004-2005, logramos uma redução de 31% nos índices de desmatamento da Amazônia, a primeira queda em nove anos. Aprovamos uma Lei de Gestão de Florestas Públicas, que vai promover o uso sustentável de 13 milhões de hectares na região, criando 140 mil novos empregos diretos, além de gerar receita e impostos que serão aplicados na gestão florestal. Das 58 mil 373 famílias assentadas pela reforma agrária na região amazônica, em 2005, grande parte já vive em projetos de desenvolvimento sustentável, em assentamentos florestais e agroextrativistas.

Não negligenciamos o entrelaçamento virtuoso da conservação ecológica com a diversidade cultural e os direitos dos povos indígenas, fortalecendo o arcabouço regulatório interno e de ações de combate à biopirataria. A área indígena no Brasil equivale a mais de um milhão de quilômetros quadrados, quase uma França e uma Alemanha juntas.

Nossa matriz energética, predominantemente baseada em fontes limpas e renováveis, já inclui o etanol e agora ganha um projeto socialmente inovador, com o biodiesel.

O Plano Nacional de Recursos Hídricos, recém-lançado, coloca o Brasil entre os primeiros países do mundo na definição de diretrizes e metas que vão



garantir o uso racional da água, um compromisso assumido em Joanesburgo, em 2002.

Coerente com essa trajetória, na MOP 3, o Brasil defendeu uma solução prudente e progressista para a identificação dos organismos geneticamente modificados, no comércio internacional. O resultado marcou importante avanço em termos internacionais.

O que buscamos, portanto, é construir um equilíbrio dinâmico entre nossas responsabilidades internacionais como potência ambiental e as urgências sociais do nosso povo.

Estamos convencidos de que as pendências do nosso tempo, em relação à natureza e à sociedade, têm origem comum e soluções convergentes. As finanças, a tecnologia e o comércio mundial podem levar a globalização o mais longe possível. Mas caberá à democracia, com participação social cada vez mais intensa, e à consciência ambientalista cuidar da sua trajetória para evitar a contínua colisão entre as nossas carências e os nossos excessos.

Repartir para preservar. Repartir para equilibrar. Repartir para prosperar. Repartir para ter paz. Esse é o horizonte da mudança que ilumina a alma do nosso tempo. Nosso governo reconhece que esta responsabilidade recai não somente nos ombros do setor ambiental, mas sobre o governo inteiro. Estamos fazendo com que todos os setores do governo e da sociedade compartilhem essa responsabilidade.

Chamamos essa idéia de “transversalidade”. Sua implementação na prática, é muitas vezes, difícil. Mas esta é a melhor alternativa. Trata-se, como já foi dito aqui, de um desafio que requer grande dose de vontade política de todos os países. Requer, também, o cumprimento das promessas dos países desenvolvidos com a cooperação internacional.

No momento em que os esforços pela conservação e uso sustentável crescem em todo o mundo, nos preocupa a redução dos recursos financeiros



destinados a apoiar essas iniciativas, bem como as dificuldades para uma efetiva transferência de tecnologia entre nossas nações.

E como bem disse a nossa querida ministra Marina Silva, na abertura desta Conferência, o momento é de implementar, de fazer, de mudar. Hoje temos forças de consenso para avançar nessa caminhada que vai além do sonho.

A Conferência sobre Diversidade Biológica e a reunião do Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança fizeram de Curitiba um novo marco para a Humanidade nessa travessia. Não poderia terminar não pedindo a compreensão do intérprete, já que é mais difícil o trabalho sem a leitura, e dizer a todos vocês: a luta pela preservação ambiental, a luta pela manutenção da qualidade de vida no Planeta não é uma luta fácil. O que tem que nos mover é a consciência dos avanços que já conquistamos.

O que era discutir meio ambiente na década de 80? Era meia dúzia de pessoas espalhadas pelo mundo afora, sendo chamadas e achincalhadas de tudo quanto é nome, até que na Rio/92, a questão ambiental, pelo menos no meu Brasil, adquiriu uma dimensão maior.

De 1992 até agora, o que avançamos? É verdade que muitas vezes assinamos muitos protocolos em muitos lugares do mundo e que esses protocolos não deixam de ser meros protocolos, até porque muitas vezes os proponentes desses protocolos estão subordinados a uma pressão ainda maior do que aquela que os ambientalistas podem fazer, que é a pressão do desenvolvimento, do poder econômico local e internacional.

Mas, ao invés de ficar desanimados, nós precisamos olhar para trás, fechar os olhos, abri-los depois de 5 segundos, e vamos ter dimensão do que seria o Brasil, do que seria o mundo hoje se nós não tivéssemos começado há 30, 40 ou 20 anos atrás, sem medo de termos sido chamados de populistas e demagogos, de sectários, de loucos, de irresponsáveis, de seres humanos contra o desenvolvimento. Se nós tivéssemos aceito a pressão e não



tivéssemos seguido em frente, nós não teríamos transformado aquele movimento inicial – que parecia de um grupo de jovens alucinados – em políticas de Estado, levadas a sério por muita gente no mundo.

Ainda estamos aquém, mas ao invés de ficarmos reclamando o que não conquistamos ainda, aproveitem este encontro para que a gente possa comemorar o que nós já conquistamos. Os nossos fracassos serão reparados por quem vier depois de nós.

Boa sorte neste encontro.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de posse do novo ministro da Fazenda, Guido Mantega**

**Palácio do Planalto-DF, 28 de março de 2006**

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República e ministro da Defesa,

Meu caro Guido Mantega, agora empossado ministro da Fazenda,

Meu eterno companheiro Palocci,

Meu caro senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,

Meu caro Aldo Rebelo, presidente da Câmara dos Deputados,

Ministros de Estado aqui presentes,

Deputados,

Senadores,

Familiares do Palocci, de Ribeirão Preto,

Jornalistas,

Empresários,

Meus amigos e minhas amigas,

Não é de praxe um presidente da República falar cada vez que sai e entra um ministro, porque se assim for, no dia 31 eu terei que fazer dez discursos aqui, pelo que eu conheço de gente que quer ser candidato a deputado, senador ou governador.

Mas este, para mim, é um momento especial. Eu estava vendo agora a tensão que sempre acontece num ato como este, e eu estava lembrando a tensão da véspera da eleição de 2002, a tensão depois da vitória de 2002 e a tensão para montar o governo, que não foram momentos de facilidade. Foram momentos de muita dificuldade, em que alguns companheiros aqui presentes



ajudaram muito para que nós conseguíssemos construir a equipe que governou praticamente todo esse período junta.

E foi uma coisa muito estranha, para muita gente o fato de eu ter trazido o Palocci para ministro da Fazenda. E muita gente me perguntava: “mas puxa vida, um médico de Ribeirão Preto, um prefeito para ser ministro da Fazenda?” Eu posso dizer que até o próprio Palocci estranhou quando eu o convidei. Só não estranhou o Aloizio Mercadante que, durante todo o período, era o ministro da Fazenda, e depois agraciado, com 10 milhões de votos, disse: “eu não quero mais ser ministro da Fazenda, eu quero ser senador da República.”

E o Palocci, eu tenho certeza, para muitos empresários, para muitos deputados, para muitos senadores, para muitos economistas, o Palocci estava fadado ao fracasso. Não era da área, nunca tinha escrito um artigo sobre economia, não participava dos debates sobre economia, quando muito participava das equipes de saúde de Ribeirão Preto, para criar o SUS, ou seja, era um homem que não tinha a tradição na área da economia.

O que aconteceu, de fato? O que aconteceu é que o Palocci, junto com outros companheiros, foram os autores da engenharia da Carta ao Povo brasileiro. A carta que possibilitou nós ultrapassarmos a barreira dos 30, ou seja, eu dizia para todo mundo que eu não tinha mais interesse em ser candidato, porque 30%, eu não precisava de ninguém, ou seja, eu já tinha 30%, eu precisava era chegar a 50%. E trabalhamos para chegar a esses 50%. E a Carta ao Povo brasileiro, sem dúvida nenhuma, foi o marco na campanha de 2002. A sensação antes dela e depois dela foi a sensação de um divisor de águas que permitiu à gente apontar para outros segmentos da sociedade brasileira e para outros segmentos no mundo dos negócios, de que nós estávamos dispostos a fazer o que tinha que ser feito para que o Brasil não caísse definitivamente no abismo.

O que aconteceu é que aqueles que não tinham esperança de que as coisas pudessem dar certo num primeiro momento ficaram surpresos. Primeiro,



com a solidez do nosso comportamento, não houve, em nenhum momento, da parte do companheiro Palocci, qualquer vacilação em tomar qualquer medida, por mais dura que ela fosse.

E isso permitiu, num curto espaço de tempo, ao Palocci conquistar a confiança internacional, ganhar a confiança interna. Num primeiro momento, muita gente do nosso próprio partido fez muitas críticas à política econômica, muita gente que hoje critica, defendendo o Palocci. Hoje, aqueles que criticavam no partido defendem o Palocci, aqueles de fora que elogiavam, criticam o Palocci. Ou seja, o dado concreto é que o Palocci conseguiu, com o seu jeito de ser, com o seu jeito de falar, com o seu jeito de agir, angariar, certamente, alguns adversários, mas, eu não tenho dúvida, que por onde andamos neste mundo afora, e quem já conversou com Palocci sabe perfeitamente bem que nós estávamos diante não de um ministro da Fazenda, não apenas de um economista, mas de um homem em que o seu grande conhecimento econômico era a fineza política que dava aos debates econômicos.

Eu penso que nunca – poderia aqui evocar o nosso companheiro Armando Monteiro, presidente da CNI, não sei se tem prefeitos aqui –, mas eu nunca vi alguém discutir a economia com a fineza política, eu nunca vi alguém dizer não e as pessoas saírem tão satisfeitas como quando se reuniam com o Palocci, às vezes mais satisfeitas do que com um sim meu ou um sim de outra pessoa qualquer. Essa arte a gente não aprende na universidade, essa arte a gente não aprende no Ministério da Fazenda, essa arte se aprende praticando essa arte, que foi o que Palocci fez a vida inteira. De menino Trotskista, a vereador, a deputado estadual, a deputado federal, a prefeito, a prefeito outra vez e a ministro da Fazenda.

Eu acho, meu querido companheiro Palocci, que a vida nossa é marcada por momentos extraordinários, de acúmulo de prazeres e alegria, e a vida nossa é marcada por dissabores, por acusações, às vezes por leviandades, às



vezes acusações que nós temos que humildemente provar que não são verdadeiras, mas eu penso que tudo isto, Palocci, significa para um jovem como você, apenas mais uma lição, mais um aprendizado, que certamente encaixou na sua consciência e, mais do que qualquer um de nós, você sabe quais os passos que você dará daqui para frente.

Eu ontem ouvi os discursos de alguns senadores, de alguns deputados, e me surpreendi quando um senador, até então muito crítico seu dizia: “o Palocci é o maior ministro da Fazenda da história do Brasil”. É o caso de perguntar: nem tanto! Mas, de qualquer forma, para quem é achincalhado num dia, no outro dia receber um elogio dessa envergadura, termina sendo gratificante. Eu queria te dizer, Palocci, que possivelmente você não tenha sido o melhor ministro do Brasil, não sei quem o foi, eu não sei se o Brasil teve o melhor ministro da Fazenda, eu não sei. Normalmente quando as pessoas morrem ficam melhor do que quando estão vivas, é assim no mundo. Mas eu vou te dizer uma coisa, de sentimento de presidente da República, de brasileiro, de cidadão comum: eu penso que você, mais do que milhões e milhões de pessoas, tem motivo para se orgulhar, porque se hoje nós estamos vivendo uma situação na área econômica que estamos vivendo, se hoje nós somos reconhecidos no mundo como somos reconhecidos - e quem viaja sabe do que eu estou falando - se hoje nós conquistamos a confiança na área econômica e podemos mostrar à sociedade brasileira uma política econômica com dados muito sólidos, se hoje nós podemos dizer que poucas vezes se criou uma quantidade de empregos como nós criamos nesses últimos anos, não existe um único mês negativo no nosso governo, um único mês, todos os meses são empregos positivos, se pudemos melhorar substancialmente a recuperação do salário mínimo, se hoje o trabalhador consegue comprar praticamente o dobro do que ele comprava antes com o mesmo salário, se pudemos criar o Bolsa Família, se pudemos melhorar na área da educação, e na área da saúde – obviamente que você não era o Ministro de tudo – mas,



certamente, todos nós aqui, os mais críticos, os menos críticos, os apoiadores, todos nós sabemos que um pouco disso nós e o Brasil devemos a você, pela serenidade com que você conduziu o teu período no Ministério da Fazenda, a equipe que você montou.

E você sabia que não era uma coisa fácil, você sabia pelos jornais, sabia nas reuniões, o quanto de divergência... Eu penso que foi assim também na história do Brasil. Não é um mérito nosso ter, dentro do governo, o desenvolvimentista, o economista, aquele que pensa, o monetarista, ou seja, a história do Brasil é assim. O que é importante é que de todas as discussões que houve, nós conseguimos construir esse momento para dizer exatamente no momento da tua saída que nós, certamente, entregaremos ao povo brasileiro um Brasil infinitamente melhor que aquele que nós recebemos, infinitamente melhor.

Quero dizer ao companheiro Guido Mantega, companheiro que já esteve junto contigo no Conselho Monetário Nacional, como ministro do Planejamento, companheiro que trabalha comigo há mais de 20 e poucos anos, companheiro que era presidente do BNDES e que assume agora o Ministério da Fazenda. Dizer para ele, Palocci, o mesmo que eu disse para você no começo: não existe mágica em economia. A economia não depende da vontade apenas de uma pessoa, depende de um conjunto de acertos que a pessoa fizer e de um conjunto de pessoas que estiverem convencidas daqueles acertos.

Portanto, meu querido companheiro Guido, se você continuar fazendo o que precisa ser feito, mostrar seriedade, fazer acontecer a política de desenvolvimento que todos nós queremos que aconteça, sem oferecer para a sociedade nenhum milagre, mas oferecendo apenas a oportunidade de mais empenho, de mais sacrifício, de mais trabalho, porque termina sendo o trabalho que pode resultar na economia com crescimento acima do que nós crescemos até agora, ao longo de tantos e tantos anos. E eu não tenho dúvida nenhuma de que você está, não só qualificado para fazer o que o Palocci fez, como está



qualificado, com o aprendizado que todos nós tivemos com o Palocci, de fazer mais e melhor, como disse o companheiro Palocci.

Da minha parte, Guido, eu sou o companheiro de todas as horas, ou seja, quando tiver bons ventos, bons momentos. Eu dizia sempre para o Palocci: quando a coisa estiver boa, não precisa me procurar, aliás, ninguém procura quando as coisas estão boas. O gabinete do Presidente só é visitado quando tem alguma encalacrada, ou seja, a notícia boa a pessoa anuncia pelo próprio Ministério, a notícia ruim, com exceção do Furlan, que toda vez que aumenta a balança comercial, vai lá me dizer: “olha, exportamos um bilhão a mais, 500 milhões a mais.

Mas é verdade. Eu quero te dizer, Guido, na hora em que as coisas estiverem indo bem, você não precisa nem pedir audiência comigo. Na hora em que precisar tomar alguma atitude que implique enfrentamentos políticos, que implique posições que possam parecer duras para alguns, você não tenha dúvida que tomaremos a posição, sem vacilação, porque o legado que todos nós precisamos deixar para a futura geração é a seriedade com que a gente trata a coisa pública neste país.

Não foi nem uma, nem duas, nem três vezes que, neste país, se apresentou à sociedade um modelo econômico que ia salvar o Brasil. Ele durou, às vezes três meses, às vezes um ano, às vezes dois anos, e nós queremos garantir ao povo brasileiro um ciclo, quem sabe uma década, quem sabe duas décadas, quem sabe três décadas de crescimento virtuoso, para que a gente possa recuperar, em alguns anos, a dívida social que foi acumulada durante séculos e séculos neste país.

Portanto, meu querido Guido, boa sorte e, a partir de hoje, quem quiser falar mal da economia, por favor não fale mais mal do Palocci, fale mal do Guido Mantega.

É importante lembrar que também nós fizemos mudança na Caixa Economia Federal. A Maria Fernanda vai assumir a Caixa Econômica, a partir



do momento em que o Conselho da Caixa decidir. Já indicamos o nosso presidente do BNDES, que é o Demian Fiocca, que está aqui presente, e em algum momento o Guido vai dar posse para ele.

E no mais Palocci, terminar dizendo o seguinte: meu caro eu não confundo a minha relação política com a minha relação de amizade pessoal. Eu acho que a única coisa que um ser humano leva depois da sua passagem pela terra é a sua relação de amizade, é quantos companheiros nós criamos na vida. Tem muita gente que tem muito amigo para isso, muito amigo para aquilo, mas eu quero ver quem consegue colocar nos dedos da mão, 10 verdadeiros companheiros. Eu quero saber quem consegue falar – eu só tenho nove, a minha está com a valorização do dedo aqui. Mas eu gostaria de saber porque a gente pensa que tem muito companheiro, a gente pensa que tem muita amizade, mas na hora em que a gente encosta a cabeça no travesseiro, tenta colocar no dedo da mão quem é companheiro de verdade.

Eu posso terminar dizendo, Palocci, uma coisa que eu já falei a vida inteira e vou dizer para você: todo mundo tem família, em toda família tem briga, Eu digo sempre o seguinte: nem todo irmão da gente é um grande companheiro, até porque você não escolhe irmão, mas companheiro você escolhe. E eu posso te dizer, Palocci, que se é verdade que nem todo irmão é um grande companheiro, é verdade que um bom companheiro é um grande irmão. É por isso que posso te dizer, Palocci, independente deste momento que estamos vivendo agora, eu posso lhe dizer: a nossa relação é de companheiro, possivelmente mais do que a relação de irmão.

Muito obrigado, querido.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de encerramento do Fórum Brasil-Itália: Relações Bilaterais**

**São Paulo – SP, 29 de março de 2006**

Senhor Cláudio Scajola, ministro para Atividades Produtivas da Itália,  
Ministro Luiz Fernando Furlan,  
Ministro Fernando Haddad,  
Ministro Dulci,  
Embaixador Michele Valencise, embaixador da Itália no Brasil,  
Embaixador Adhemar Gabriel, embaixador do Brasil na Itália,  
Meu caro Presidente da Confindústria,  
Meu caro Presidente da Fiesp,  
Empresários brasileiros e empresários italianos,  
Meus amigos e minhas amigas,  
Convidados, jornalistas,

Toda vez que eu venho aqui eu sou o último a falar. Eu ouço o Furlan, ouço o Paulo Skaf, ouço outros convidados e vou percebendo que cada um vai falando um pouco das coisas que estão no meu discurso escrito. Toda vez que eu chego aqui eu me deparo com a dificuldade de ler um discurso que já foi lido em parte e que vai tornando vocês mais cansados, prestando menos atenção ao que a pessoa está falando, e saindo do Brasil com uma má impressão do Brasil. Se um líder empresarial pôde vir aqui fazer um discurso de improviso, como Confindústria, por que eu não posso, como político, falar no meu improviso?

Na verdade, eu não queria e não quero fazer um discurso. Eu quero fazer uma conversa com vocês. Uma conversa de um dirigente de uma nação que compreende que só falta uma definição para que nós saíamos da eternidade de ser um país emergente, para nos transformarmos numa grande



nação. E o que falta somos nós, brasileiros e brasileiras, acreditarmos que esse passo depende única e exclusivamente de nós. Não depende de ninguém, depende de nós.

E vou dizer o porquê. Logo que eu resolvi ser candidato a presidente da República, em 2002, eu disse a vocês, eu disse aqui, disse na CNI, numa grande reunião, que eu tinha o desejo de criar uma Secretaria Especial de Comércio Exterior que tivesse um ministro como se fosse um mascate. Aquele mascate que sai de manhã com pacotes de produtos embaixo do braço, que anda batendo palma de casa em casa e que volta à noite, sem nenhum dinheiro, mas com um monte de recibos de dinheiro para o futuro.

Por coincidência foi aqui, nesta casa, que eu encontrei o companheiro Furlan. Depois de conversar com o Furlan um tempo eu falei: puxa vida, como Deus é generoso comigo. Me deu um ministro e um mascate ao mesmo tempo. Então, eu penso que a gente vai conseguir fazer negócio.

A primeira viagem que eu fiz, de grande impacto, foi à Espanha, tivemos uma reunião com os empresários, eu ousei desafiar os empresários brasileiros a não terem medo de ser empresários multinacionais. Para minha surpresa, alguns setores da imprensa brasileira viram aquilo como uma crítica, dizendo que eu estava criticando os empresários brasileiros, quando eu estava desafiando os empresários brasileiros a não terem medo de virar empresários multinacionais.

Depois, eu fiz alguns desafios em várias outras federações das indústrias no Brasil e dentro da sede da CNI, de que era preciso que nós definíssemos uma estratégia para saber quais os mercados que o Brasil iria querer disputar, com quem iríamos disputar e que nós saíssemos para cativar esse mercado.

Quando fomos aos Países Árabes e gastamos lá, por volta de 500 mil dólares, num processo de promoção que culminava com uma Semana Brasileira nos Países Árabes, ao invés de as pessoas esperarem o resultado



daquilo que nós estávamos fazendo, as pessoas criticavam os 500 mil dólares sem saber quantos 500 mil dólares nós íamos ganhar por conta daquele evento. E o resultado é que na trajetória de todas as caminhadas que nós fizemos, ou antes da minha chegada, nós tínhamos tido grupo de empresários viajando, ou tínhamos grupos de empresários viajando conosco ou depois, da nossa volta, um grupo de empresários, ora com o Furlan, ora com o Roberto Rodrigues, ora com o Celso Amorim, visitando aqueles países e aquela região.

E nós fomos nos apresentando ao mundo com a nossa cara, com o nosso jeito, e fomos percebendo que tínhamos um espaço enorme para crescer. Eu fui a Angola, fui a muitos países africanos, e muita gente no Brasil fala: “mas o Presidente, viajando para a África? O Presidente teria que viajar para a Itália, para a Alemanha, mas para a África?” E quando eu chegava em um país desses e via um carro japonês – nada contra o carro japonês – eu perguntava: puxa vida, não poderia ser um carro japonês produzido no Brasil, com mão-de-obra brasileira, ou um carro italiano, ou um carro francês? Nós estamos tão próximos. Temos uma identidade com muitos e muitos países, o que está faltando? Na verdade, nós tínhamos lá, também, o comprador do carro, o que faltava era o Brasil se apresentar e dizer: “eu vim aqui para vender carro, eu quero competir”. E fazer a disputa política neste mundo em que ninguém dá nada a ninguém, neste mundo globalizado, onde cada palavra, cada gesto vale um bom negócio ou um bom fracasso.

Da mesma forma, meu caro Montezemolo, eu fui criticado porque tomei a decisão de reconhecer a China como economia de mercado. E tomei essa decisão porque tenho consciência de que, ou nós colocamos a China no âmbito da OMC e passamos a envolvê-la nas discussões que faz o resto do mundo, ou nós deixamos a China de lado e ela vai ocupando os espaços que ocupa sem pedir licença a quem quer que seja. É preciso, portanto, colocá-los dentro dos foros em que nós decidimos as nossas coisas para que a gente possa comprometê-los como queremos comprometer todos os países e a nós



mesmos, brasileiros, porque se não for a discussão nos foros internacionais que nós criamos, a coisa começa a acontecer em paralelo às decisões que nós fazemos.

E hoje, no mundo dos negócios, nós temos duas grandes novidades que temos que levar a sério: de um lado, a China, de outro lado, a Índia. Juntos, são quase 2 bilhões e 400 milhões de habitantes, mais de um terço da população mundial que, nos últimos 20 anos, deixaram de ser marginais da Humanidade e passaram a ocupar um espaço importante, a ponto de ser um presidente americano que restabeleceu, não apenas a relação com a China, mas reconheceu a China como parceiro preferencial e estratégico dos Estados Unidos.

O que nós estamos fazendo aqui? Neste momento em que recebemos a visita do ministro da Itália, de uma delegação importante de empresários da Itália chefiada pela Confindustria, que se encontram com um conjunto importante de empresários brasileiros, o que nós queremos fazer, concretamente? Apenas estabelecer um acordo entre alguma empresa brasileira ou alguma empresa italiana, ou nós temos que pensar um pouco maior e pensar do ponto de vista estratégico o que nós queremos, enquanto empresários italianos e empresários brasileiros, produzir de efeito no mundo da indústria e no mundo dos negócios nos próximos 15 ou 20 anos, porque se são 60 milhões de habitantes, e se somos quase 190 milhões de habitantes, se somado o nosso potencial tecnológico, se somado o potencial do nosso PIB, nós teremos muito mais força para negociar em qualquer foro internacional.

E nós temos que ousar dizer, claramente, o seguinte: se nós, brasileiros, fomos tão generosos no século XIX para receber, não investidores, mas pobres italianos que vinham a este canto do mundo à procura de uma oportunidade que lhes faltava na Itália, e aqui foram tão bem recebidos e construíram o patrimônio que construíram neste país, cultural, econômico, político, nós, agora, não temos que fazer mais do que fizemos naquela época. Nós temos



que dizer aos empresários italianos que, da mesma forma, que os nossos irmãos brasileiros, no século XIX, receberam os italianos aqui de braços abertos, nós, no século XXI, no começo de um novo século, estaremos recebendo vocês de braços abertos para dizer a vocês que queremos construir uma parceria de longo prazo, queremos que as empresas brasileiras cresçam junto com as empresas italianas, queremos que empresas italianas e brasileiras ganhem mercados internacionais, queremos disputar, juntos, parcelas de mercado em outras partes do mundo em parceria com a Itália. Tudo isso pode ser construído se houver disposição de construir.

O Brasil, e eu posso dizer isso aos empresários italianos, vive hoje um momento auspicioso da sua vida. Obviamente que temos muitas deficiências ainda, mas podem procurar qualquer analista econômico, e nós vamos poder lhes afirmar que em poucos momentos da história do Brasil nós tivemos uma posição tão sólida como nós temos hoje. Primeiro, porque não estamos dispostos a fazer mágica em economia. Não existe mágica, existe tomada de posição e seriedade. Segundo, porque não vamos permitir que a inflação volte para resolver os problemas de caixa de alguns e do próprio Estado brasileiro. Terceiro, porque nós acreditamos piamente que a credibilidade conquistada pelo Brasil ao longo dos últimos anos e a solidez da nossa política de comércio exterior e a solidez da nossa macroeconomia permitem dizer a vocês, empresários italianos, que se em momentos em que a gente não tinha todas essas condições favoráveis, vocês acreditaram no Brasil, agora, meus caros, vocês precisam aportar definitivamente neste país. Aportar com projetos, com disposição política, e que a mesma disposição política que vocês demonstrarem aqui, que os nossos empresários demonstrem quando forem visitar a Itália e conhecer a região da Emilia Romana e ver como aquilo chegou ao ponto em que chegou. E a gente só consegue chegar a esse ponto se a gente pensar de forma positiva, se a gente acreditar que é possível, porque muitas vezes nós temos um prato de comida para comer, com tudo bem feito,



tempero bom e, ao invés de agradecermos a Deus por aquele prato, a gente prefere ficar reclamando do que não tem no prato.

Eu, durante muito tempo, fiz reuniões e mais reuniões com os mais importantes economistas deste país. De vez em quando, eu saía da reunião e dizia: “espere aí, acho que eu estou sendo enganado. Essas pessoas querem que eu seja candidato e colocam a situação do Brasil na situação que está, ou seja, aquela história de que o Brasil acabou.” Eu falava: então para que eu vou ser candidato, se o Brasil acabou? Eu descobri que este país é tão grande, este país tem uma dinâmica tão própria que não há análise negativista que possa fazer com que deixe de acontecer aquilo que está para acontecer neste país.

Da mesma forma que, muitas vezes, nós conversamos com muitos empresários, aqui tem muitos com quem já me reuni muitas e muitas vezes, e nós estamos sempre cobrando alguma coisa que falta e nós sabemos que a vida inteira é assim mesmo, a gente vive se cobrando. É o filho que cobra do pai, é o pai que cobra da mãe, é a mãe que cobra do avô, vocês estão sempre procurando alguém para cobrar alguma coisa e é bom que seja assim a Humanidade.

Eu poderia dizer: “é assim que caminha a Humanidade”, mas isso não pode evitar que a gente construa os projetos necessários a serem construídos ontem e hoje, e não apenas o que nós vamos construir para um futuro longínquo. O Brasil está preparado em vários ramos da atividade econômica para receber os empresários italianos.

Você, meu caro Montezemolo, pode conhecer na Fiat o que é a qualidade da mão-de-obra brasileira, você pode conhecer na Fiat o que é a criatividade do povo brasileiro. Por muito tempo nós aceitamos a idéia de que éramos um país apenas exportador de produtos *in natura*. Às vezes eu ia a um debate e a gente falava: nós somos o maior exportador de soja, o maior exportador de suco de laranja, o maior exportador de minério de ferro e a gente



esquecia que exportava avião porque a nossa cabeça ainda não tinha chegado no avião, estava nos produtos primários.

Nós somos tudo isso que foi mostrado aqui no filme, aliás, meus parabéns, Paulo, pelo documentário, você me disse que está em todas as línguas, você vai perceber como a gente vai exportar muito mais na medida em que a gente não ficar esperando que eles venham aqui para ver. Nós temos que colocar para as nossas embaixadas convidarem empresários de todos os países do mundo e mostrar essas coisas, porque a embaixada do Brasil, lá fora, não pode ser mais uma embaixada de reflexão, ela tem que ser uma embaixada de produção. Produção política, produção econômica, produção cultural, porque depende só de nós. Esse é o meu convencimento e os resultados estão aí para todo mundo ver.

Na hora em que acreditarmos em nós, nós vamos perceber que tem um espaço no mundo, extraordinário, na nossa relação conjunta Itália e Brasil, na relação com a China, na nossa relação com a Índia, na nossa relação com o Oriente Médio, na nossa relação com a África, com a América do Sul. O Furlan, em algum momento, pode te dizer o crescimento que aconteceu no comércio Brasil/América do Sul porque nós acreditamos que Deus... como é possível a Venezuela ficar comprando um carro produzido nos Estados Unidos se pode comprar um carro produzido aqui no Brasil? Até o Fiat italiano ela pode comprar aqui. Agora, se a gente não tiver a desgramada da estrada, o porto, o aeroporto, a telecomunicação, eles preferem ir comprar lá.

Então, de coração, meu caro Montezemolo, meu caro Paulo Skaf, eu acho que isso é um feito inusitado, eu quero dizer para vocês que nessas conversas que vocês vão ter aqui... no meu discurso tinha uma coisa que nós vamos criar as condições para quando um empresário italiano vier ao Brasil, ele já receba lá mesmo, na Itália, todos os documentos necessários... eu vou dizer o que eu ia dizer aqui, que eu vou... por isso é que caiu o risco-Brasil na Itália.



Desejamos que o investidor italiano sinta-se em casa quando chegar aqui. Razão pela qual, ao sair de seu país, ele já terá em mãos um visto de residência para que possa se movimentar e tomar decisões em nosso mercado como se fosse em sua própria terra. Mesmo que nós, brasileiros, quiséssemos tratar o italiano como estrangeiro, em alguns bairros deste país, possivelmente vocês estejam mais em casa do que nós, que somos o estranho naquele bairro.

Nós somos capazes de produzir uma relação que dura quase um século e meio. São 25 milhões de homens e mulheres, neste país, em que correm o sangue italiano e brasileiro nas mesmas veias. Aqui, os italianos se misturaram com japoneses, com espanhóis, com chineses, com índios, com negros. Este é o país multirracial, este é o país sem preconceito, este é o país que conseguiu, desse seu jeito de ser, permitir que os seres humanos não fossem tratados como segunda classe pela cor, pela religião ou pela origem. Não tem lugar do mundo em que árabes e judeus vivam melhor do que no Brasil. Duvido que tenha um país no mundo em que os italianos vivam tão bem como vivem aqui no Brasil.

Em outras, em todas as nações, porque desde que aqui aportou o primeiro italiano, o nosso coração cresceu em generosidade. Nós aprendemos muito a respeitar os italianos. Eu acho que cada um de nós que vai à Itália, desce no aeroporto... até um pouco da bagunça é parecida com a nossa. A gente se sente mais próximo, mais feliz, e eu tenho certeza de que vocês também aqui, até no jeito de falar. Está certo que o Furlan homenageou o Baggio, que perdeu o pênalti, mas eu tenho atravessado o Paolo Rossi, que nos tirou de uma Copa. Nem isso, meus caros, nem isso é motivo para que a gente não possa acreditar nesse ressurgimento das relações, não diplomáticas, das relações políticas, econômicas e comerciais entre Brasil e Itália.

Eu quero te agradecer por ter aceito o desafio que eu fiz em outubro na sede da sua entidade em Roma, e quero te dizer que também acertei quando



te disse, e o Paulo Skaf estava presente, que você seria recebido neste país com muito carinho, com muito fervor, com muito entusiasmo e com muita possibilidade de negócios. Este número que você me deu, de que teve 600 encontros bilaterais em Minas Gerais, 1.700 aqui, e não sei quantos mais em Porto Alegre, me obriga a dizer aos empresários italianos: vocês, que na década de 40 e 50, vieram muito para o Brasil e vocês, depois de meio século, tanto dedicado à Europa, vocês agora descobriram que poderiam ter vindo ontem. Não vieram, não tem problema. Venham amanhã e serão tão bem recebidos quanto aqueles que chegaram ontem.

Muito obrigado, bons negócios e boa sorte a todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita às futuras instalações do campus da Universidade Federal do Estado de São Paulo**

**Guarulhos-SP, 29 de março de 2006**

Meus queridos e minhas queridas companheiras da cidade de Guarulhos e região,

Meu querido companheiro Elói Pietá e minha querida companheira, companheira do Elói Pietá, Janete Pietá,

Minha querida Eneide Moreira Lima, vice-prefeita e secretária de Educação de Guarulhos,

Meu querido dr. Ulysses Fagundes Neto, reitor da Universidade Federal de São Paulo,

Meu caro Gilberto Penido, presidente da Câmara de Vereadores,

Nosso querido companheiro Petta, presidente da UNE,

Nossos companheiros prefeitos,

Deputados estaduais,

Deputados federais,

Eu queria dizer para vocês da alegria de poder voltar a Guarulhos. Eu não sou um visitante de Guarulhos porque virei presidente da República e porque vim aqui no lançamento de uma universidade. Eu vim a esta cidade muitas vezes como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, fiz muitas assembléias na porta de fábrica, conheci muitos companheiros aqui, disputando eleições no Sindicato. E esta cidade, meu caro Elói, em 1986, foi esta cidade que me deu o orgulho de ser o deputado federal mais votado na cidade de Guarulhos, em 1986. Eu vim aqui, não para receber elogios.



Minhas amigas, deixa eu explicar uma coisa para vocês. Eu não ia falar, porque eu tenho um compromisso 8h30 da noite em Brasília, e eu tenho que sair, de certa forma, correndo para chegar em Brasília e cumprir o compromisso.

Eu estive aqui quando o Elói foi candidato a prefeito pela primeira vez. Os mais velhos estão lembrados. Aqui, no Bairro do Pimenta, o companheiro Elói me comunicava, no palanque, em 1998, em 2000, o Elói me comunicava, que o Bairro do Pimenta era uma região com quase 500 mil habitantes e que era um bairro que não tinha quase nenhuma coisa que pudesse melhorar a vida do povo. E ele falava da necessidade de um hospital aqui no Bairro do Pimenta. Pois bem, eu não posso prometer e depois não cumprir, mas se Deus quiser e tudo andar de acordo com o que nós estamos prevendo, até junho, se estiver pronto, eu pretendo vir inaugurar o hospital no Bairro do Pimenta. Principalmente depois que o nosso Reitor assumiu o compromisso de que o hospital vai ser gerenciado pela Universidade. Aqui vai ter vestibular agora, mas as aulas começarão em agosto. É isso Ulysses? Então, vai ter um vestibular no começo do segundo semestre, e no mês de agosto já devem começar as aulas aqui, nesta Universidade.

Eu quero dizer para vocês que não tem alegria maior para um presidente da República, não tem alegria maior para um pai ou para uma mãe saber que o seu filho vai poder entrar numa universidade. Eu posso dizer para vocês que nem um pai nem uma mãe, têm a preocupação de deixar herança material para os filhos, nós não temos preocupação de deixar casa, apartamento, carro ou dinheiro. O que nos dá mais orgulho é deixar como legado, para os nossos filhos, a educação que a gente possa garantir que essas crianças e que esses adolescentes recebam.

A formação de um jovem, a formação de uma menina, permite a eles ter independência. Uma mulher com uma profissão, não fica subordinada ao seu marido, ela não agüenta desaforo, ela não precisa ser maltratada. Uma mulher



que vive às custas do seu trabalho, uma mulher que ganha o seu salário, nós, os maridos, temos que tratá-la com muito respeito, porque na hora em que falarmos uma bobagem, ela vai dizer para nós: “olhe, meu caro, eu sou dona do meu nariz, não dependo do seu dinheiro, vou cuidar dos meus filhos e você, ou muda de comportamento ou não tem espaço nesta casa para você”.

Por isso a educação é importante. É por isso que nós formamos os nossos jovens, é quase uma coisa sagrada, e para os jovens também. Eu quero dizer para vocês que quando a gente tem uma profissão ou a gente tem um diploma superior e a gente vai procurar emprego, a gente é mais respeitado. Quando a gente não tem profissão e vai procurar emprego, o que a gente ouve nos escritórios, nas lojas, na porta de fábrica, é uma única coisa: “tem profissão? Não tem, então, não tem vaga.” Mas na hora em que tiver uma profissão, mesmo que não tiver a vaga, o empregador vai dizer: “meu filho, deixe eu fazer a sua ficha, que amanhã nós vamos precisar e vamos na sua casa lhe chamar”. E essa pessoa terá muito mais facilidades de ter um emprego.

Por isso que esta Universidade, meu querido ministro da Educação, Fernando Haddad, meu querido Prefeito, esta Universidade vai ter 1.800 alunos. Mas não é apenas isso, Fernando. O ProUni, aqui, já está com mil alunos que ganharam bolsa de estudos e que estão estudando nas universidades privadas desta cidade. Então, já são 2.800 alunos que Guarulhos vai ganhar este ano. É pouco, nós precisamos mais, mas, lamentavelmente, durante muitos anos não se cuidou da educação corretamente neste país, porque algumas pessoas que governaram o Brasil já tinham conquistado o seu diploma e, por isso, esqueceram dos milhões e milhões de brasileiros que ainda não tinham conquistado um diploma neste país. Pessoas que imaginam que filho de pobre não tem direito à universidade, pessoas que imaginam que a vida dos pobres é apenas trabalhar, ganhar mal ou ficar desempregado. Essas pessoas não percebem que os pobres são feitos de carne e osso como eles,



têm alma e coração, têm consciência, sonhos e desejos, e que são até mais inteligentes do que eles, só precisam ter oportunidade para provar que têm competência para vencer na vida.

É por isso que nós estamos apostando na educação. São mais de 42 extensões universitárias levando as universidades para as cidades do interior, porque todas elas ficam nas capitais. E é preciso que a universidade vá até a pequena cidade para que o jovem do interior não seja obrigado a sair da sua região e vir perambular na cidade grande atrás de uma oportunidade. Mas, da mesma forma, nós estamos apostando no ensino técnico. Até junho, vamos inaugurar 25 escolas técnicas que desde 1998 não se fazia porque o governo federal achava que não era da sua responsabilidade.

Meus companheiros e minhas companheiras, eu falo aqui, falo com o sentimento de um homem que não conseguiu cursar uma universidade. Mas, ao mesmo tempo, falo com o sentimento de um homem que conseguiu que os seus cinco filhos pudessem fazer uma universidade neste país. E esse sentimento que eu tenho como pai, é um sentimento que eu tenho para cada menina ou para cada menino deste país, porque acabou, definitivamente acabou, no Brasil, aquele tempo, quando a gente ia discutir educação e dizia que não podia gastar. E o gasto com educação não é gasto, é investimento. Porque formar uma menina ou formar um menino é dar a ele cidadania, é dar a ele dignidade, é dar a ele decência, é dar a ele um emprego, é dar a ele a chance de ter cidadania.

E disse bem o nosso querido Petta, da UNE, cada centavo que a gente evitar gastar numa escola ou na formação de uma criança, esse centavo vai se transformar em milhares de reais que a gente vai ter que cuidar da pessoa quando virar bandido e estiver preso, e o Estado tiver que cuidar dessa pessoa. Gasto é cadeia, não escola; gasto é, na verdade, a gente sustentar criminosos, ao invés de apostar na sua recuperação ainda quando criança ou quando adolescente.



Eu quero dizer para vocês, meus queridos companheiros e companheiras, homens e mulheres de Guarulhos, que saio desta cidade com o sentimento de que ainda temos muito por fazer, muito. Possivelmente tenhamos muito mais para fazer. Tudo que o nosso companheiro Elói agradeceu é pouco diante da riqueza que vocês produzem para este país. Mas, também, vocês têm consciência de que, como na vida da gente, em quatro anos a gente não consegue fazer tudo que quer, na vida política também a gente não consegue fazer tudo que a gente quer. O que é importante é que vocês tenham consciência de que vocês têm, em Brasília, um presidente da República que não conhece Guarulhos através do mapa, que não conhece Guarulhos através das páginas policiais, que não conhece Guarulhos por notícia de televisão, conhece Guarulhos porque visita esta cidade desde 1975. Conheci Janete, Elói, ainda muito meninos, ainda muito jovens, porque já faz 30 anos que eu vim aqui. Trinta anos não são 30 dias. E quero dizer para vocês que eu conheço Guarulhos, não apenas porque vim aqui.

Eu fico olhando na cara de cada mulher, fico olhando na cara de cada homem, fico olhando na cara de vocês e fico dizendo: o ser humano, quando tem bons ideais, quando tem bons propósito, ele não se comunica pela voz, ele se comunica pelos olhos, pela alma e pelo coração. E é essa comunicação feita de palavras, mas feita de muita compreensão, de muito carinho e de muito amor, que eu posso dizer ao prefeito Elói Pietá: pode ficar certo, Elói, que não estamos fazendo nenhum favor a Guarulhos, estamos apenas devolvendo, da forma mais honesta possível, parte da riqueza que o povo de Guarulhos produziu aqui e mandou para o governo federal e para o governo estadual. Portanto, estamos apenas cumprindo com a nossa obrigação, é isso me faz sair daqui mais alegre e mais feliz com a cidade de Guarulhos.

Quero dizer para vocês, quero agradecer aos meninos da União da Juventude Socialista, quero agradecer ao Petta, quero agradecer o papel que a UNE está cumprindo no Brasil, porque essa UNE, quando foi preciso ir às ruas



enfrentar o Regime Militar, ela soube ir. A UNE, quando teve que ir à rua para derrubar o Collor, ela soube ir, mas a UNE também sabe discutir coisas que ela considera importante. A UNE sabe que há muitos e muitos anos o governo federal não cuidava da educação como este governo está cuidando. E o que o Petta está dizendo não é para vocês ficarem agradecidos, o Petta está dizendo: “estudantes do Brasil, vamos cobrar, cada vez mais, porque quanto mais a gente cobrar, mais o Lula, que está acostumado com cobranças porque nasceu na vida política cobrando, vai atender às nossas reclamações, às nossas reivindicações.”

Que Deus abençoe cada homem, cada mulher, cada adolescente e que Deus abençoe o povo de Guarulhos. E até outro dia, se Deus permitir.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura do decreto que regulamenta a Lei sobre Sistema Unificado de Atenção à Saúde Agropecuária e da mensagem encaminhada ao Congresso Nacional de Projeto de Lei sobre Previdência Rural**

**Palácio do Planalto, 31 de março de 2006**

Meus queridos companheiros ministro Miguel Rossetto, ministro Jaques Wagner, ministro Patrus, ministro Nelson Machado,

Meu caro Guedes, nosso secretário-executivo do Ministério da Agricultura,

Deputados Orlando Desconsi, Assis do Couto e Anselmo de Jesus,

Meu querido companheiro Manoel dos Santos, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura,

Meu caro Rolf, nosso querido presidente do Incra,

Funcionários dos Ministérios que compuseram essa engenharia para podermos fazer este projeto e o decreto,

Trabalhadores e trabalhadoras,

Só foi possível estarmos hoje aqui anunciando tanto esse projeto de lei, que muda a questão da aposentadoria para dar garantia definitiva aos trabalhadores assalariados, quanto o decreto que cuida de permitir que os nossos produtores rurais possam comercializar os seus produtos fora das fronteiras municipais, por uma coisa chamada transversalidade, que foi uma proposta surgida da companheira Marina Silva. A proposta permitiu que a gente não definisse uma coisa no Ministério e, quando aquele Ministério concluía, passava para o outro, quando aquele outro concluía, passava para o outro, ou seja, muitas vezes, por desconhecimento ou por falta de conversa, as



coisas demoravam um ano num Ministério, depois demoravam um ano no outro, um ano no outro e terminava o mandato de um presidente e as coisas não estavam concluídas. Só foi possível porque nós colocamos juntos, na mesma mesa, todos os Ministérios envolvidos com a solução do assunto. E podemos apresentar o resultado final agora.

Lógico que esse projeto de lei vai em caráter de urgência para o Congresso Nacional. Se no começo de julho não tiver sido votada ainda a parte que diz respeito à aposentadoria dos assalariados, nós vamos ter que fazer uma medida provisória para garantir que os trabalhadores não percam os seus direitos.

Essa é uma coisa extremamente importante e eu queria agradecer aos ministros que se envolveram nisso diretamente. Não posso mais agradecer ao Graziano, porque ele já está, a esta hora, em Roma, preparando-se para ir para Santiago do Chile, porque ele passou a ser o representante da FAO para a América Latina, o que foi uma conquista enorme de toda a dedicação que o Graziano teve no governo e fora do governo, e a dedicação que ele tem na discussão da questão da segurança alimentar.

A segunda coisa, Manoel, é que é sempre gratificante, nem todo governo gosta de ver um dirigente sindical reivindicar. Veja, se nós fôssemos reparar bem, a nossa vida é um eterno reivindicar. De quando a gente nasce, até quando nós morremos, não tem um dia em que a gente não reivindique alguma coisa de alguém, em algum momento. Não tem um dia. Na relação familiar nós reivindicamos todo santo dia, na relação de companheiros nós reivindicamos, até jogando bola – de vez em quando o cara grita: “passa a bola”, ou seja, não deixa de ser uma reivindicação. Se todo mundo entendesse assim, seria muito mais fácil estabelecer a relação com o movimento social, que cobra sistematicamente dos governos as coisas todo santo dia. É normal e tem que ser visto assim, para que a gente possa criar um novo padrão de relação entre o Estado brasileiro e a sociedade brasileira.



E houve um avanço excepcional na confecção das pautas de reivindicações. Aqui, possivelmente, o Wagner e eu, como dirigentes sindicais, o Miguel Rossetto, de uma turma mais nova do que a nossa, estávamos habituados sempre, naquele tempo nós definimos o sindicato como um órgão de contestação. Quanto mais a gente contestava, melhor. E eu digo que, a última vez que eu contestei muito fortemente, foi uma pauta de reivindicação que eu fiz em que a gente colocava 83% ou nada. Ficamos sem nada, quando, na verdade, entre o nada e os 83% tinha uma quantidade enorme de possibilidades da gente fazer um acordo. Onde é que eu acho que houve a evolução? A evolução, Manoel, aconteceu porque hoje o movimento sindical não está preocupado em apenas reivindicar e apresentar uma pauta. O movimento sindical já não tem mais proibição de entrar no Palácio. Você, o Urbano – o Urbano está aqui, foi presidente da Contag também – quantas vezes, na história de vocês, vocês conseguiram trazer um trabalhador para entrar dentro do Palácio para reivindicar, para discutir com ministro, para fazer pauta, para aprovar pauta, para contestar? Raras as vezes. Isso, agora, se tornou um hábito normal. Muitas vezes eu procuro um ministro, quando eu chego lá, não tem ministro, tem um dirigente sindical – ainda não sentado na mesa do ministro, mas está próximo à mesa do ministro.

Então, a evolução é porque além de preparar a pauta de reivindicação, oriunda do acúmulo da experiência de luta de vocês no movimento social, vocês muitas vezes têm ajudado o governo a construir a solução para o problema. Não é mais aquele tempo, comodismo da minha época em que a gente reivindicava e pronto. Não! Muitas vezes eu tive a oportunidade de participar de muitas reuniões contigo, de participar de reuniões com outros movimentos, é que a preocupação, além de entregar a pauta de reivindicação, é sentar para tentar encontrar uma saída, seja junto com o ministro, seja junto com o presidente, seja junto com o Congresso Nacional, ou seja, vocês não se negam a ficar batendo na mesma tecla: eu quero isso, e só isso. Vocês, não.



Vocês evoluíram para compreender o limite da reivindicação, mas também o limite das possibilidades do entendimento, levando em conta que, muitas vezes, não depende de um único fator, depende de vários fatores para você conseguir aprovar uma coisa importante.

E, possivelmente, os nossos amigos da imprensa, fotógrafos, câmeras e jornalistas já viajaram muito o interior, já colocaram mochila nas costas, e muitas vezes a gente chega numa cidade pequena do interior: “ah, que queijo gostoso, eu vou comprar um queijo”. Pára numa barraquinha, daquelas na beira da estrada, come um queijo, come um pé-de-moleque, come uma goiabada, ou seja, tem sempre um chouriçozinho para a gente experimentar e você sai dizendo: por que isso a gente não encontra em Brasília? Por que não encontra lá na capital de São Paulo, de Minas Gerais, de Salvador, por que a gente não encontra? Por causa disso. Porque a autorização era só municipal. Então, você via aquele salame delicioso, porque toda vez... Eu ganho muitas cestas de alimentos de presente. Eu, se fosse guardar tudo, era capaz de ter mais dinheiro que a Conab, tudo junto. Ou seja, eu ganho muita cesta de alimento, salame, mortadela, presunto, queijo, e a gente fica pensando: por que eu entro num supermercado importante e não vejo essas coisas que a gente adora, que a gente gosta, até aquela cuca gostosa que faz lá pelos italianos do Rio Grande do Sul, por que você não tem? Por causa dessa maluquice de entendimento de tomar as decisões aqui de Brasília, achando que Brasília pode enxergar a complexidade com que se dá a dinâmica produtiva brasileira e as necessidades das pessoas.

Então, com isso que foi feito agora, o que vai acontecer? Uma vez aprovado no município, obviamente com a fiscalização do Ministério da Agricultura, um companheiro pode pegar as coisas que ele produz no seu município e vender em qualquer lugar. Aquele queijinho de minas, Patrus, não vai precisar vender só em Guaxupé ou Santos Dumont. Qual é a tua cidade? Bocaiúva, Ituiutaba. Não, agora, o cidadão que produz lá e estiver reconhecido,



pode vir vender aqui em Brasília para os mineiros de Brasília comerem o queijinho que eles podiam comer lá. Isso tem uma gratificação pessoal para mim, porque em todas as caravanas que eu fiz, essa era uma das reivindicações que as pessoas mais faziam à caravana. E agora estamos conseguindo concretizar essa coisa que eu acho que é um avanço extraordinário. Lógico que o avanço não vai se dar do dia para a noite, ou seja, é um processo dos trabalhadores irem ocupando agora os seus espaços e ocupando as prateleiras dos supermercados, dos shoppings, ou seja, eu acho que a gente vai colher resultados extraordinários nos próximos anos.

A última coisa que eu queria dizer para vocês é que hoje, por conta da legislação, que não fui eu quem fez, termina o prazo para que os companheiros que são ministros e querem ser candidatos a alguma coisa deixem o governo. Eu não sei se a lei é certa ou não, mas ela existe, então hoje eu tenho dois companheiros aqui que... já recebi a carta deles, o Wagner e o Miguel Rosseto. Obviamente que são companheiros da maior grandeza, companheiros por quem eu tenho um apreço enorme, e outros que vão sair, que já vai ser publicado no Diário Oficial. E eu acho importante porque os companheiros definiram ir à busca de nova disputa, de enfrentamento de novos obstáculos. Eu tomei por bem não ficar pedindo, até pela amizade pessoal que eu tenho com cada um, para continuarem. Eu só posso desejar a eles toda a sorte do mundo naquilo que eles se propuserem a fazer a partir de agora. Certamente uns ganharão, certamente outros perderão, mas, independentemente disso, nós seremos gratos pelo trabalho que todos prestaram, aqui, nesse tempo que estiveram servindo ao povo brasileiro como ministros.

Não pensem que é fácil a despedida de um companheiro, é sempre muito difícil, é sempre muito complicado. Eu tomei como decisão, na maioria dos casos, manter os secretários-executivos, para que a gente não perca a continuidade, porque nós não estamos mais na época do plantio, nós estamos na época da colheita. Então, nós não temos que comprar nenhuma máquina



nova, nós não temos que ficar mais fazendo, como chama, o manejo da terra, ou seja, nós plantamos há três anos, adubamos essa terra, agora estamos em época de colheita. Então, se o pessoal já está trabalhando lá, já plantou, já capinou, já tirou todos os carrapichos que tinha, aquele matinho baixo que não deixa... já que nós limpamos a área e agora está na hora de fazer a colheita, nós, na maioria dos casos, manteremos a continuidade do processo, para que a gente não comece tudo de novo.

Se a gente colocar em determinados Ministérios pessoas que vêm de fora, até montar toda a equipe, até tomar pé de tudo que está acontecendo, nós vamos ter alguns problemas sérios. Obviamente que tudo isso que eu estou falando não vale para a política, porque é para o cotidiano da relação com o Congresso Nacional, com os partidos políticos, que tem que ter um ministro com a visibilidade muito grande para isso.

Com relação ao discurso do companheiro Manoel dos Santos, Mané na intimidade, dizer ao Manoel o seguinte: Manoel, um presidente da República, ele não tem o direito de reivindicar ser candidato, até porque ele já é presidente, ele não tem que reivindicar. Essa coisa, ela pode ser ou não construída e nós temos muito tempo pela frente ainda. Eu poderia te dizer o seguinte, Manoel: é que um sonho que eu tenho e o meu grande desejo não é o de ser candidato outra vez, o meu grande desejo é poder, ao terminar o meu mandato, comparar o que nós fizemos para o povo pobre deste país com tudo que foi feito antes. E medir para ver se houve ou não uma evolução.

O que aconteceu na agricultura familiar? Eu que a conheço há muitos anos, porque percorro este Brasil há muitos anos, eu acho que nós, certamente, teremos muita coisa para fazer, Manoel, mas já fizemos uma pequena revolução na agricultura familiar. Não apenas no atendimento das reivindicações mas, sobretudo, na relação de irmandade, de confiança que nós estabelecemos entre nós, a ponto de nós nos tratarmos como companheiros. Não tem nada mais sagrado na relação humana do que alguém ser eleito presidente da República e perceber que depois de três anos e quatro meses de



exercício da Presidência, ainda não deixou de ser a referência de companheiro que nós éramos antes de eu ser presidente da República. Esse é um valor que eu considero incomensurável, extraordinário, porque demonstra que o poder não subiu à minha cabeça e muito menos o poder fez com que houvesse distanciamento meu e dos companheiros que, no fundo, no fundo, é para onde eu vou voltar quando sair daqui. No fundo, no fundo, eu posso espremer daqui, espremer de lá, mas quando eu for olhar os meus companheiros, eles estarão no meio de vocês. Então, é para lá que eu tenho que retornar, não mais para fazer caravana, porque a idade não permite, mas certamente nós temos muita coisa para construir no Brasil.

Então, eu fico feliz, Mané, quando você fala: “bom, já atendeu algumas coisas nossas.” Eu acho que já atendemos algumas coisas, faltam outras, e é um processo de eterna conquista, de eterna reivindicação, nós vamos atendendo na medida do possível, mas eu quero que vocês saibam o seguinte, quero que vocês compreendam o seguinte: mesmo quando nós tivermos que dizer não a uma reivindicação, será dito com a mesma lealdade e com o mesmo grau de companheirismo se estivéssemos dizendo sim, porque se não for assim a gente não mantém essa relação de confiança.

Eu sei do discurso que vocês têm que fazer quando voltarem para a base de vocês, porque eu também já fiz muito discurso. Eu sei que às vezes nós temos que prestar contas para a nossa gente, mas esse prestar contas para a nossa gente também significa a oportunidade para a gente poder ir politizando as pessoas, ir fazendo as pessoas compreenderem os limites das possibilidades que cada um tem.

Quero te dizer que termino esta semana feliz pelo que aconteceu hoje, aqui, e vou deitar a cabeça no travesseiro hoje tendo consciência de que demos mais um passo para melhorar a vida do povo trabalhador e das mulheres trabalhadoras deste país.

Muito obrigado e boa sorte para vocês.